

Escaneado por Bruesh.

Somos a favor de disseminar e
compartilhar o Conhecimento.

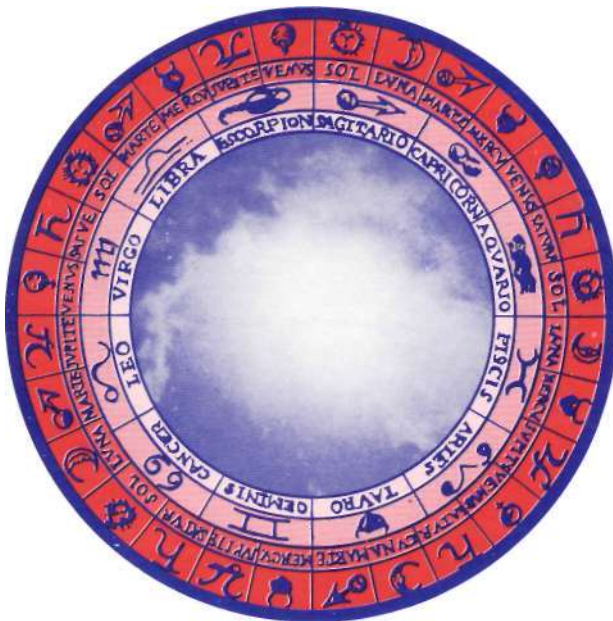
Faça a sua parte também;
ponha os seus livros na rede!

E boa leitura! ;-)))

Dane Rudhyar

AS CASAS ASTROLÓGICAS

O Espectro da Experiência Individual



PENSAMENTO

Título do original:
The Astrological Houses

Copyright© 1972 by Dane Rudhyar

Sumario

PRIMEIRA PARTE

Por que Casas?
As Casas Astrológicas Como Base de Referência
As Casas Como Campos de Experiência

SEGUNDA PARTE

A Primeira Casa
A Segunda Casa
A Terceira Casa
A Quarta Casa
A Quinta Casa
A Sexta Casa
A Sétima Casa
A Oitava Casa
A Nona Casa
A Décima Casa
A Décima Primeira Casa
A Décima Segunda Casa
O Ciclo Tríplice das Experiências Individuais

Edição

2-3-4-5-6-7-8-9

Ano

90-91-92-93

Direitos reservados

EDITORA PENSAMENTO LTDA.

Rua Dr. Mário Vicente, 374 — **04270 São Paulo, SP** —

Impresso em nossas oficinas gráficas.

TERCEIRA PARTE

Os Quatro Ângulos e Suas Polaridades Zodiacais	165
Os Planetas nas Doze Casas	189
Epílogo	217

Primeira Parte

Por que Casas?

A maioria dos astrólogos provavelmente concordaria com o enunciado genérico de que a astrologia é o estudo das correlações que se podem estabelecer entre as posições dos corpos celestes em redor da Terra e os acontecimentos físicos e as mudanças psicológicas ou sociais na consciência do homem. Os movimentos dos corpos celestes, com poucas exceções, são cíclicos e previsíveis. Tanto quanto podemos ver, o nosso universo é bem ordenado, muito embora essa ordem não seja tão visível de perto, já que, devido à nossa posição na Terra, em meio aos acontecimentos, envolvidos com esses acontecimentos e reagindo emocionalmente a eles, estamos impossibilitados de perceber o grande quadro da existência cósmica. Mas quando consideramos os acontecimentos celestes que ocorrem a uma distância imensa de nós, podemos de imediato experimentar os ritmos majestosos traçados nos bastidores do céu: o nascimento e o ocaso do Sol, da Lua e das estrelas, a lua nova e a lua cheia, a conjunção dos planetas e outros fenômenos periódicos. Assim é que a astrologia, ao relacionar as experiências aparentemente imprevisíveis e aleatórias do homem em seu ambiente terrestre com as alterações rítmicas e previsíveis da posição e das inter-relações dos corpos celestes, deu à humanidade um valioso sentido de ordem que, por sua vez, produziu uma sensação de segurança, ainda que transcendental.

Há muitas maneiras de reagir à idéia de que se podem estabelecer correlações definidas e ao menos relativamente confiáveis entre o que acontece no universo em torno da Terra, de um lado, e as alterações externas e internas nas vidas humanas, de outro, como há também muitas maneiras de interpretar essa idéia. É óbvio que essas reações e interpretações dependem basicamente do estágio da evolução da pessoa, em termos de sua capacidade sensória de perceber o que acontece nos céus, e do estado de desenvolvimento de sua consciência, de suas faculdades psíquicas e de seu equipamento intelectual e físico, para medir e interpretar o que experimenta. Isso tudo encontra expressão no ambiente social, religioso e cultural, que proporciona ao observador dos astros um certo tipo de linguagem, suas crenças básicas e um modo de viver sócio-cultural.

Dissociar a astrologia do estado da cultura e da sociedade na qual o astrólogo vive e efetua seus cálculos e interpretações não tem sentido. *Todo sistema conceitual tem de ser compreendido em termos das condições de vida - sociais e pessoais, além de geográficas - de pessoas que agem, sentem e pensam. A "verdade" ou, antes, a validade de uma ação ou de um pensamento só pode ser aferida em função do quadro sócio-cultural mais amplo e, mais profundamente, com referência a uma fase específica da evolução da humanidade ou, pelo menos, de parte da humanidade.*

Como em geral isso não se faz, ou só é feito com a distorção resultante de se projetar nosso presente estado de consciência sobre as mentes e os sentimentos dos homens antigos e de outras raças, daí resulta muita confusão. A astrologia é um campo particularmente fértil para a confusão e a proliferação de opiniões dogmáticas, seja sob a forma de análises supostamente científicas e de erudita compilação de textos ou de palpites psíquicos ou "comunicações". Muitas teorias complexas e interpretações confusas se desenvolveram em razão de se conceber a astrologia como uma coisa em si mesma, uma "ciência" misteriosa dotada de uma terminologia intrigante e inalterada desde os antigos caldeus e presumivelmente ainda válida até hoje. Entretanto, essa terminologia obviamente não tem levado em conta as mudanças radicais ocorridas na consciência humana e em sua percepção da posição da Terra e de sua própria posição no universo durante muitos séculos.

Com conseqüência disso, a atual onda de interesse pela astrologia está se defrontando com toda sorte de obstáculos e se escoando confusamente para vários canais. Em grande parte isto significa que se perdeu de vista a

função básica da astrologia, que é a de levar um sentido de ordem e de desdobramento harmonioso e rítmico aos seres humanos - não a seres humanos como eram no velho Egito ou na antiga civilização chinesa, mas *tais quais são hoje*, com todos os atuais problemas emocionais, mentais e sociais.

A ASTROLOGIA CENTRADA NUMA LOCALIDADE NOS TEMPOS ANTIGOS

Até o fim da era "antiga", no século VI a.C, quando Gautama Buda viveu e ensinou na Índia e Pitágoras no mundo helênico, a consciência das pessoas - talvez com raras exceções - girava fundamentalmente *ao redor de uma localidade*. Grupos relativamente pequenos de seres humanos viviam, sentiam e pensavam em termos do que melhor se poderia definir como valores "tribais". Agrupamentos tribais, que eram os elementos básicos da sociedade humana na época, estavam tão ligados à terra da qual tiravam sua subsistência quanto um embrião está ligado ao útero materno. A tribo constituía um organismo; todos os seus membros estavam totalmente integrados nesse organismo multicelular. Cada membro da tribo era dominado psiquicamente pelo modo de vida, pela cultura, pelas crenças e pelos símbolos do grupo, cujos tabus não podiam ser desobedecidos. Não havia verdadeiros "indivíduos" nessa fase da evolução humana; todos os valores em que a cultura e as crenças do grupo se baseavam eram expressões de condições geográficas e climáticas específicas e de um tipo racial particular. A comunidade tribal buscava no passado o símbolo, se não o fato, de sua unidade; ou seja, um ancestral comum ou algum rei divino que lhe tinha dado uma espécie de conhecimento revelado e uma coesão psíquica especial.

A astrologia que se desenvolveu nesse estágio também girava em torno dessa localidade, muito mais do que ao redor da Terra em geral. Toda aldeia tribal tinha um centro que era considerado o próprio centro do mundo ou o limiar de um caminho secreto que levava a esse centro. O que hoje chamamos de horizonte era o que definia os limites da vida. Acima dele, o céu era a morada das grandes hierarquias criativas dos deuses. A região escura abaixo do horizonte constituía o misterioso mundo subterrâneo para onde o Sol se retirava todas as noites a fim de recobrar as energias neces-

sárias para tornar a trazer a luz ao mundo horizontal do homem. É bem possível que alguns sacerdotes iniciados estivessem cientes de que a Terra era um globo a girar em volta do Sol; mas se havia uma tradição secreta comunicada oralmente através de *ritos* de iniciação, o certo é que tal fato aparentemente nada tinha que ver com a astrologia.

Para o homem tribal primitivo, a astrologia era parte integrante do simbolismo religioso, bem como um meio de prever as ocorrências naturais periódicas que afetavam a vida da comunidade e em especial suas atividades agrícolas ou o cruzamento de seus rebanhos. Em tais condições de vida e com a consciência humana focalizada no solo e no bem-estar total da comunidade orgânica, a astrologia era bastante simples. Ela se baseava essencialmente no aparecimento, culminação e ocaso de todos os corpos celestes - as "estrelas" e os dois "luminares", Sol e Lua. Duas categorias de "estrelas" foram prontamente diferenciadas. A maioria das estrelas no seu nascimento e ocaso mantinha inalterada suas relações mútuas; isto é, ao viajarem pelo céu, a *ordem* configurada por esses pontos de luz permanecia "fixa". Outros corpos celestes, ao contrário, se moviam independentemente uns dos outros e às vezes pareciam regredir; foram chamados de "errantes", e é isto o que a palavra *planeta* significava originalmente. Alguns desses planetas pareciam ao observador adestrado pequenos discos, e não pontos de luz, e pensava-se que constituíam uma categoria de objetos celestes muito diferentes das estrelas. Suas conjunções periódicas eram observadas, e seu movimento cartografado, de modo a poderem ser medidos e suas conjunções, preditas.

Cartografado em relação a quê? O fundo ou quadro de referência óbvio era a *configuração* permanente das estrelas distantes. Mas precisamos entender que para a mente antiga as estrelas não eram fixas. Seu nascimento e ocaso eram observados. A única coisa realmente fixa era o horizonte. Não obstante, a ordem geométrica geral que as estrelas compunham no fundo escuro do céu claro das regiões subtropicais e desérticas permanecia a mesma durante séculos. Podia, portanto, servir de *quadro de referência*, se fosse subdividida para maior conveniência das medições.

Para compreender como o conceito de constelação zodiacal apareceu e que forma simbólica assumiu, só precisamos entender que todas as sociedades tribais, ao que sabemos, usavam *totens*. Esses totens estavam associados a clãs da tribo; e esses clãs, de certo modo, representavam órgãos funcionais do organismo total da tribo. Com mais frequência, os

totens eram animais com que os membros de um clã se sentiam especialmente relacionados. Mas também podiam ser objetos naturais, como plantas, por exemplo.

Quando os homens das eras pretéritas quiseram imprimir uma forma mais definida e permanente à sua sociedade, procuraram modelá-la sobre princípios de uma ordem orgânica funcional. Eles achavam que o cosmo era um todo orgânico animado por uma força vital bipolar universal, simbolizada na astrologia pelos dois luminares; na filosofia chinesa, pelos princípios *yang* e *yin*, ativos em todas as formas de existência. Na verdade, o Céu e a Terra eram concebidos como duas polaridades; o primeiro, criativo e divino; a outra, receptiva e fértil mas cheia de energias contraditórias que tinham de ser integradas e domesticadas - de *domus*, que significa "casa". O homem sábio - o "celeste" na China - situava-se, por assim dizer, no meio dessas polaridades, participando tanto do Céu como da Terra. Sua tarefa era imprimir uma ordem criativa na natureza terrena e organizar a sociedade de acordo com os ritmos e princípios cósmicos. Em alguns casos, operava também o processo inverso, e se projetavam totens no céu a fim de acentuar a íntima conexão que o clã acreditava ter com seus equivalentes celestes. Assim, as constelações receberam nomes de acordo com os vários totens tribais. Mais tarde, o símbolo do Grande Homem no Céu, cada órgão do qual correspondia a uma constelação, foi estabelecido.

Esse tipo de pensamento prevaleceu na Grécia, onde os heróis eram transferidos para o céu após a morte, e seus nomes dados às constelações. Posteriormente, na Europa medieval, nos círculos alquímicos e ocultistas, passou-se a referir ao Céu como *Natura naturans* e à Natureza terrestre como *natura naturata* - as polaridades criativa e receptiva da vida.

Em regiões como o Egito e a Mesopotâmia, o fator sazonal não é tão óbvio, como nas regiões mais setentrionais da Europa; mas as inundações do Nilo assinalavam o momento mais decisivo do ciclo anual. Ali, os astrólogos eram antes de mais nada observadores de estrelas, e é seguro presumir que seu zodíaco se referisse às constelações. Volto a insistir em que a astrologia, a essa altura, estava concentrada na localidade muito mais do que na Terra em geral. Nenhum astrólogo egípcio se preocupava com o que pudesse ser observado no céu das regiões polares ou do hemisfério sul. Esses problemas inquietantes só começaram a aparecer quando se soube que a Terra era um globo girando em torno do Sol, de par com os outros planetas - quando os ocidentais passaram a viajar e a contemplar céus muito diferentes dos da Europa.

Quando isso aconteceu, a velha astrologia tornou-se, se não de todo obsoleta, pelo menos carregada de conceitos obsoletos e de uma terminologia arcaica que em muitos casos já não faz sentido. Na verdade, grande número de correlações longamente observadas e tabuladas entre ocorrências no céu e acontecimentos na biosfera *terrestre* permaneceu válido. Essa validade, entretanto, pertence agora a uma nova ordem de realidade humana. A consciência de pessoas que pensam em termos de sistema heliocêntrico e que viajam por todo o globo perdeu pelo menos boa parte de sua estrita relação com uma determinada localidade geográfica, e a sociedade já não opera em nível local ou tribal. Os homens ficaram livres da tribo, "individualizados" e desenraizados, e mesmo que alguns ainda estejam ligados à sua localidade, em teoria e em termos das novas religiões universalistas - budismo, cristianismo, islamismo -, eles se sentem e são considerados "indivíduos".

Se os astrólogos não levarem em consideração esses fatos históricos, espirituais, intelectuais e sócio-culturais, permanecendo cegos para as realidades básicas, a confusão decorrente do uso de termos e de conceitos obsoletos se perpetuará, e as questões mais fundamentais permanecerão mal compreendidas.

Os parágrafos precedentes formam uma base indispensável para o estudante que começa a se familiarizar com o conceito de *Casas astrológicas*. Para que servem essas Casas? Como nasceu esse conceito e o que foi feito dele na moderna astrologia? Quantas Casas deve haver e quais são os complexos problemas com que nos defrontamos ao determinar os limites, ou as "cúspides", dessas Casas?

Responder essas questões em detalhe está além de nosso propósito neste livro. Mas alguns pontos básicos precisam ser enunciados com a maior clareza e simplicidade possíveis antes de passarmos ao estudo dos quatro ângulos nos mapas astrológicos e dos diferentes níveis de significação que se deve atribuir às doze Casas, como são usadas atualmente.

ZODÍACOS E CASAS

Do ponto de vista da astrologia arcaica, o conceito de Casa é muito simples e suscita poucos problemas. Como vimos anteriormente, o astrólogo

precisava de um quadro de referência ou de uma base em que pudesse marcar com exatidão a posição do Sol, da Lua e dos planetas, e a distância angular entre uns e outros quando vistos de uma determinada área em que o agrupamento tribal vivesse. Mas o astrólogo provavelmente compreendeu, mais cedo ou mais tarde, que havia duas bases de referência possíveis. Uma delas eram as configurações inalteradas compostas por aqueles grupos de estrelas - as constelações - que se encontram próximas da eclíptica, isto é, próximas da faixa estreita do céu ao longo da qual o Sol, a Lua e os planetas se movem. Essa base de referência é obviamente *espacial*: corpos celestes movendo-se ao longo de formas espacialmente extensas das constelações zodiacais.

A outra base de referência era mais especificamente *duracional*, pois definia o tempo levado pelos corpos celestes para surgirem no Oriente, alcançarem o zênite, ou ponto de culminância, e desaparecerem no Ocidente. Tudo o que está envolvido nesse tipo de medição é, em termos modernos, a rotação diária da esfera celeste acima e abaixo do horizonte. Essa rotação sugeriu ao antigo astrólogo o conceito de *horas* e igualmente o de *relógios*, pois, especialmente durante a noite, os homens tinham de estar vigilantes contra possíveis intrusões, fosse de animais predatórios ou de inimigos humanos. As sentinelas vigiavam em períodos de duas ou três horas.

Durante o dia, o fator básico era o movimento do Sol em torno do céu visível, pois sua elevação variável produzia alterações de temperatura, que por sua vez influíam em todas ou em quase todas as atividades humanas das sociedades agrícolas. As alterações da elevação solar podiam facilmente ser reduzidas ao cruzamento, por parte do Sol, de várias seções, em seu caminho diário em torno do céu visível; assim, o fator tempo podia também ser analisado como fator espacial - o que, aliás, é a base do *relógio de sol*, que mede o tempo em termos de espaço. Mas esse tipo de espaço podia ser interpretado como estritamente "terrestre", ao passo que o espaço definido pelas constelações era "celeste"; essa diferenciação era, sem dúvida, muito importante numa época em que a polaridade Céu-Terra constituía a base de um vasto número de conceitos com infinitas aplicações. Essa diferença ainda é importante para muitos astrólogos, como logo veremos.

Quando o astrólogo moderno fala dessas duas bases de referência para medir o movimento do Sol, da Lua e dos planetas, menciona desde logo que a primeira se refere ao movimento anual aparente do Sol em torno do

zodíaco - que hoje compreendemos ser na verdade a revolução da Terra em sua órbita, a eclíptica -, e a segunda se refere à rotação diária de nosso globo em torno de seu eixo polar; mas, evidentemente, não era assim que os antigos concebiam as coisas. E o que importa não são os chamados *fatos* - como os vemos hoje em dia - mas o *significado* que o homem atribuía a suas experiências imediatas e diretas. A astronomia trata dos fatos observáveis, ao passo que a astrologia é o estudo das reações significativas, racionais ou irracionais, que a pessoa tem a esses fatos em termos de sua concepção da natureza e do caráter do universo.

Mas, voltando às duas bases de referência utilizadas para medir as posições, as relações angulares e os ciclos do Sol, da Lua e dos planetas: a primeira é o que hoje chamamos *zodíaco* ; a segunda, o círculo das Casas astrológicas. Mas esses termos e o modo como são definidos e usados são muito ambíguos. Pode-se conceber qualquer número de "zodíacos", dependendo do que queiramos medir; da mesma forma, nossas Casas astrológicas modernas e as "vigílias" da astrologia antiga são muito diferentes - diferentes no número, no tamanho e na significação. Tentaremos esclarecer essas ambigüidades e definir a posição assumida pela astrologia no mundo ocidental.

Primeiro, é preciso compreender que os primeiros zodíacos foram provavelmente *lunares* , divididos em 27 ou 28 seções, geralmente chamadas *asterismos* ou Casas lunares. Obviamente, não se pode ver, normalmente, os grupos de estrelas pelas quais o Sol passa em qualquer época do ano; tem-se de deduzir essa posição solar com base nas estrelas que nascem ou se põem logo após o ocaso do Sol. É muitíssimo mais simples aferir a posição da Lua à noite em relação às estrelas. Assim, um quadro de referência estelar para o ciclo mensal da Lua é realmente o mais lógico, sobretudo para tribos nômades que criavam rebanhos que precisavam ser vigiados durante a noite.*

* Os zodíacos lunares parecem ter sido divididos em 27 ou 28 seções evidentemente, porque a Lua leva ± 27 dias para percorrer a esfera celeste das "estrelas fixas". O dia é a medida básica de tempo porque se refere à alternância de luz e escuridão, de consciência desperta e de sono - o fato mais fundamental da experiência humana. Os zodíacos lunares se referem a um tipo de consciência humana em que tudo quanto a Lua simboliza é básico - uma consciência que encontrou expressão no matriarcado e que depende de fatores biológico-psíquicos e de respostas sensoriais. O zodíaco solar presumivelmente ganhou proeminência quando os tipos patriarcais de organização suplantaram os sistemas matriarcais. Na antiga Índia, houve longas guerras entre dinastias solares e lunares. O

Também é preciso considerar que o ciclo anual do Sol pelas constelações podia, igualmente, ser medido de outro modo. Falamos hoje do movimento anual do Sol em *longitude* ao longo do caminho do zodíaco; mas ele também pode ser medido igualmente bem em termos das alterações de *declinação* . O que isto significa é simplesmente que os ocasos do Sol nunca ocorrem exatamente no mesmo ponto no horizonte ocidental. Só por ocasião dos equinócios de primavera e de outono é que o Sol se põe em linha reta para o Ocidente. No solstício de verão, ele se põe cerca de 23 graus e meio a noroeste; no solstício de inverno, cerca de igual número de graus a sudoeste. De mais a mais, há também alterações na elevação do Sol no céu ao longo do ano, fato que determina o ângulo sempre variável em que os raios solares incidem sobre a superfície da Terra e, conseqüentemente, as mudanças sazonais de clima e temperatura.

Houve grandes culturas que erigiram grandes pedras no horizonte ocidental para medir a posição do Sol em seu ciclo anual de mudanças de declinação - o que por sua vez estava relacionado a mudanças sazonais. A questão de saber se essas culturas também usavam um zodíaco de constelações pode não ser muito fácil de determinar, embora ambos os tipos de medição possam ter sido conhecidos - o tipo zodiacal referindo-se principalmente à Lua, o da declinação ou tipo sazonal, ao Sol.

O conceito de zodíaco tornou-se ambíguo e prestou-se a muita confusão quando os astrólogos tomaram plena consciência do movimento chamado *precessão dos equinócios* , que introduziu uma discrepância sempre crescente entre a medida sazonal e a estelar. Com o reaparecimento do zodíaco *sideral* (constelações) na tradição astrológica ocidental, que por muitos séculos usou exclusivamente o zodíaco *tropical* de signos referentes à *configuração fixa* de equinócios e solstícios, essa confusão se acentuou ainda mais.

Não tratarei aqui em detalhe os valores desses dois zodíacos solares, que infelizmente usam os mesmos termos - Áries, Touro, Gêmeos etc. - para indicar os dois conjuntos diferentes de fatores. Direi apenas que enquanto o zodíaco sideral divide a faixa das doze constelações cujos limites são muito incertos e já foram alterados por várias vezes - a última alteração há uns quarenta anos -, o zodíaco tropical se refere a um fator

desenvolvimento do teísmo no tempo do *Bhagavad-Gita* na Índia, depois com Akhnaton no Egito e finalmente com Moisés, estava indubitavelmente relacionado com a ascendência de um tipo "solar" de consciência, e posteriormente com o desenvolvimento do individualismo.

bom conhecido e já mensurado com precisão: a órbita terrestre: Ele depende também de fatores igualmente claros, como, por exemplo, os equinócios e solstícios, com implicações sazonais definidas e muito significativas na vida dos seres humanos que habitam as regiões temperadas do hemisfério norte - é nossa civilização ocidental que hoje em dia domina o mundo inteiro.*

Ao que parece, há pouca dúvida de que as antigas civilizações de que possuímos registros usassem zodíacos - lunar e/ou solar - que eram "siderais", ou seja, baseados nas constelações; mas essas civilizações não concebiam ou imaginavam o universo como nós o temos feito desde o período helênico e sobretudo desde o princípio da Renascença européia. Além do mais, essas civilizações primitivas se encontram em regiões um tanto diferentes do globo e sob condições climáticas diferentes. E nunca é demais acentuar a importância básica desses fatos quando se trata de discutir e avaliar dados e técnicas de astrologia.

AS OITO "VIGÍLIAS"

Consideremos agora a segunda base de referência que pode ser e realmente foi usada para medir as posições do Sol, da Lua e dos planetas, ou seja, o círculo das Casas astrológicas.

É, com efeito, muito provável, como o falecido Cyril Fagan assinalou ainda recentemente, que na astrologia antiga o que hoje chamamos Casas fossem períodos de tempo - "vigílias" - que se baseassem no levante, na culminação e no ocaso do Sol. Assim, se dividia o dia solar em quatro períodos básicos, postulando-se o quarto momento significativo do ciclo como uma contraparte da culminação do Sol ao meio-dia, ou seja, à meia-noite.

É preciso entender o sentido filosófico-psicológico, tanto quanto o cosmológico, desse modelo quádruplo que domina o pensamento astrológico. A divisão quádrupla de qualquer ciclo repousa na compreensão do dualismo inerente a toda existência e à consciência humana. Já

mencionei a polaridade de dia e noite, luz e escuridão, atividade consciente e sono, *yang* e *yin*. Nas filosofias da Índia encontramos constantes referências aos estados de "manifestação" e "não-manifestação". No *Bhagavad-Gita*, Krishna como encarnação do Ser universal (*Brahman*) declara que ele é o começo, o meio e o fim de todos os ciclos. Mas esses ciclos existenciais são apenas "meios-ciclos", pois todo período de manifestação cósmica (*manvantara*) é contrabalançado por um período de não-manifestação (*pralaya*) - um dia cósmico por uma noite metacósmica.

Os períodos de transição entre esses dias e noites - seja no cosmo ou na experiência humana - são os momentos mais significativos da existência. São simbolizados em termos humanos pelo horizonte, porque esse horizonte divide o movimento diário do Sol em dois períodos básicos, separados pelo seu nascimento e pelo seu ocaso. Nas regiões próximas aos trópicos, os crepúsculos são breves. O dia irrompe depressa e a noite cai rapidamente - fato que é de grande importância quando se deseja, a meu ver insensatamente, transferir certas idéias (como, por exemplo, o conceito de *cúspide*) pertinentes a uma astrologia subtropical para a astrologia válida em países da zona temperada e de grande latitude.

O despertar da vida consciente - a alvorada, o ponto *alfa* do ciclo do dia - e a conclusão da atividade do dia por ocasião do poente - o ponto *ômega* - são e sempre foram básicos na astrologia, bem como no simbolismo religioso e cultural. O meio-dia é o ponto de culminância do esforço, levando - especialmente em climas quentes - a uma fase de nutrição e repouso. Em oposição polar a ele, a meia-noite é o tempo do mais profundo mistério, um tempo muito mágico.

Uma outra divisão desse modelo quádruplo no tempo era lógica, especialmente quando associada à necessidade de definir a duração das vigílias noturnas. Um período de três horas é perfeitamente adequado a essas vigílias, e calcula-se facilmente o ângulo de 45 graus quando o avanço do Sol no céu é cartografado no plano horizontal do relógio de sol. Essa medida de 45 graus tem tido muita significação no ocultismo e aparentemente é muito significativa no atual estudo de campos de força eletromagnéticos.

A divisão em oito também está provavelmente relacionada à atribuição desse número ao Sol. Na Índia, o carro do deus Sol era puxado por oito cavalos brancos, e o símbolo numérico que os gnósticos atribuíam ao Cristo como Princípio Solar - Rudolph Steiner falou de Cristo como um grande

* Para uma análise dos dois zodíacos, das épocas precessionais e do início da chamada *Era de Aquário*, ver meu livro *Birth Patterns for a New Humanity* (1969).

"Arcanjo Solar" - era 888, ou 8 operando nos três níveis de consciência: biológico, mental e espiritual.*

Cyril Fagan afirmou recentemente que a divisão óctupla de um mapa astrológico é a mais antiga de que se tem registro, e assinalou que essas oito "vigílias" adquiriam sentido em termos do progresso do Sol no céu em sentido horário - e também em termos dos tipos de atividades mais características das quatro vigílias decorridas entre o levante e o ocaso do Sol. Ele provavelmente está certo nessa afirmação, mas só no que diz respeito ao tipo de sociedade agrícola dos tempos antigos, muito embora evidentemente esse modelo de atividade ainda exista onde quer que o homem viva junto ao solo que cultiva ou a animais que cria. É um modelo *vitalista*, e o Sol deve sempre ser considerado na astrologia como a fonte da Força Vital. Mas, à proporção que o homem se divorcia, na verdade se aliena, do solo e dos ritmos instintivos sazonais da vida - à medida que ele desenvolve uma mente individualista e um ego ambicioso -, os modelos vitalistas perdem muito de sua significação. Desenvolve-se uma nova série de problemas, e hoje a solução desses novos problemas é que constitui a principal tarefa da astrologia. Por quê? Porque é nesse nível de individualização psicamental que as necessidades mais cruciais do ser humano moderno se situam. E tudo tem valor em termos de sua capacidade de responder à *necessidade* da humanidade - seja a astrologia, a medicina ou a ciência e o conhecimento em geral.

O ritmo psicamental individualista do homem moderno opera *em contraponto* com os dos seres humanos ligados ao solo e centrados em sua localidade. Isto fica claramente demonstrado pelo fato de que, em termos de consciência contemporânea, é sabido que o planeta Terra gira sobre seu eixo, e não que o Sol se move diariamente em torno dela. Nessas condições, todo o quadro fica alterado, e vemos a seqüência das modernas Casas astrológicas numeradas e interpretadas em sentido *anti-horário*. A consciência, a mente e o sentido de identidade do indivíduo se desenvolvem e se desdobram a partir da potencialidade, por ocasião do nascimento, para

* Cf. meu livro *O Ciclo de Lunação* (Ed. Pensamento, São Paulo, 1985) para um estudo ulterior dos padrões óctuplos em termos da lunação e dos oito tipos de personalidades solilunares. Uma série de artigos que escrevi há tempos para *American Astrology*, "The Technique of Phase Analysis", também usa de um modo especial mapas divididos em oito setores.

um estado gradualmente mais completo de realização *em oposição* ao ritmo da Força Vital. Isso, inevitavelmente, causa problemas, conflitos e complexos psicológicos individuais. Mas representa o caminho do ser humano rumo à maturidade, à confiança própria e à realização criativa como "pessoa".

DOIS ENFOQUES BÁSICOS DO SOL

Do ponto de vista da antiga astrologia, a determinação das "vigílias" era bastante simples, pois não eram nada mais que divisões do tempo que o Sol levava para se movimentar pela abóbada celeste, do levante ao poente. Quando os astrólogos puderam definir a posição do Sol em qualquer momento com referência às estrelas e constelações zodiacais, foi relativamente fácil determinar as posições zodiacais aproximadas do início das oito vigílias com intervalos de três horas. Não havia nisso nenhum problema especial, e quanto mais próximo do equador se vivesse, mais harmonioso era esse quadro.

Quando, porém, se considera a Terra como um globo a girar em torno de seu próprio eixo e em torno do Sol, e se procura construir um sistema astrológico que já não seja "localmente centrado" mas "centrado no globo" e ainda seja relevante às pessoas individualmente consideradas que experimentem o universo de um ponto de vista particular sobre a *superfície* desse globo, aparece toda sorte de dificuldades. Ora, fatos tridimensionais precisam ser projetados de algum modo sobre uma folha de papel bidimensional. Ao menos três séries de coordenadas podem ser utilizadas: locais, equatoriais e eclípticas. Para piorar as coisas ainda mais, a atitude conservadora da maioria dos astrólogos, orientada segundo a tradição, os tem impellido a continuar usando muitos termos e figuras de linguagem ajustados à perspectiva que os antigos tinham do mundo mas que já não fazem sentido hoje em dia em termos de nosso conhecimento astronômico. Os próprios astrônomos não se têm saído muito melhor, em certos casos, ao usar os mesmos termos para identificar dois conjuntos de fatos - por exemplo, longitude e latitude - e conservar os velhos nomes.

Aqui não há espaço para entrarmos nos detalhes técnicos da geometria esférica e dos vários sistemas de divisão de Casas, isto é, a *domificação*. Mesmo assim, é importante que o moderno estudioso de

astrologia compreenda que aquilo que ele normalmente tem como favas (ontndas ao tratar das Casas de um mapa astrológico está sujeito a várias interpretações basicamente diferentes. Cyril Fagan, que reintroduziu o conceito de zodíaco sideral, procurou não só promover a divisão de um mapa em oito Casas como também interpretar-lhes a seqüência em sentido horário. Essa era, provavelmente, a antiga prática, ao menos em algumas regiões. Mas o erro de Fagan, segundo creio, foi tentar impor crenças vitalistas arcaicas aos indivíduos modernos. Poderíamos igualmente aceitar a mitologia caldaica como base para uma renovação no campo religioso! Cada época, cada cultura tem suas próprias necessidades características, e hoje necessitamos de uma astrologia que satisfaça às necessidades de egos psicologicamente orientados, confusos e alienados - e particularmente às necessidades de um grande número de jovens modernos que, talvez pela primeira vez na história, ficaram fascinados pela astrologia, e isso por razões muito definidas, ainda que muitas vezes, em grande parte, inconscientes.

O significado das Casas astrológicas, como têm sido usadas na cultura europeia cristã, está intimamente relacionado com o zodíaco, e esta é pelo menos uma das razões pelas quais a astrologia de estilo ocidental tem usado um sistema de doze Casas. Portanto, devo novamente referir-me ao zodíaco.

Analisandó-se horóscopos registrados na Grécia, em Alexandria ou em Roma, pode-se apresentar uma boa defesa do argumento de que a mudança de um zodíaco sideral para um zodíaco tropical - isto é, de constelações para signos que representem divisões iguais de 30 graus da eclíptica - se deveu a um conhecimento imperfeito de fatos astronômicos, a uma confusão geral no espírito dos homens que viveram durante um período turbulento da história - período que, de certo modo, se equipara aproximadamente, em níveis diferentes, aos tempos atuais. Mas conclusões desse tipo costumam ser artificiais e não fornecem, acredito eu, as razões filosóficas mais profundas para a adoção desse zodíaco. Fica muita coisa por conta do acaso e dos enganos de um ou mais indivíduos. Algo muito mais profundo está em jogo, e continua sendo uma questão fundamental hoje em dia, conquanto de modo diferente. Essa questão é metafísica e cosmológica e diz respeito ao significado que se deve atribuir ao Sol.

Páginas atrás ficou dito que as constelações foram originalmente divididas para proporcionar um fundo conveniente sobre o qual se pudesse

cartografar os movimentos do Sol, da Lua e dos planetas. Esse pode ter sido o modo pelo qual a relação do Sol com as constelações era concebida em certo período da história, mas há uma grande soma de indícios de que nos tempos antigos também se dava a essa relação um sentido diferente e quase dramaticamente oposto - um sentido que ainda tem muita importância em termos de um tipo de pensamento metafísico que desenvolvi alhures. Segundo esse enfoque, o Sol deve ser considerado apenas como um canal ou lente *através* da qual as energias do Espaço cósmico são focalizadas e dirigidas sobre a Terra e sobre todo organismo vivo nela existente.

De um ponto de vista, o Sol é o fator dominante, e as constelações formam meramente um fundo para medir seu movimento e sua relação ciclicamente alterada com a Terra. No segundo caso, o fator ativo é *o próprio espaço* - e diríamos hoje espaço galáctico. O Sol é apenas um instrumento de focalização - alguns ocultistas falam numa "janela" através da qual emanam, dia e noite, as imensas energias de um espaço que é muito mais que tridimensional e físico.

Esses dois conceitos da natureza fundamental da Força Vital podemos chamá-los, respectivamente, de *monoteísta* e *panteísta*. Qualquer estudioso de religião sabe quão ferozmente a igreja cristã tem combatido tudo o que se relacione com o panteísmo. Haja vista a condenação pela Igreja Católica Romana, alguns anos atrás, da perspectiva que Teilhard de Chardin teve do mundo, apesar de seus esforços no sentido de desmentir qualquer influência panteísta.

Na antiga astrologia, ao menos em alguns países, as doze constelações eram compreendidas como corpos coletivos de "hierarquias criativas" pertencentes a um "Mundo de Formação" cósmico - o que, em sua totalidade, poderíamos hoje chamar de *Mente Divina*. Sob esse ponto de vista, o Sol - e de forma secundária a Lua e os planetas - era concebido como agência que mobilizava e liberava as energias criativas dessa *Mente Divina*. Outras constelações também poderiam ser aspectos criativos dessa *Mente Divina*, mas porque elas não tiveram no Sol e nos planetas *canais diretos para derramar suas energias no plano das vibrações e da consciência humanas*, só raramente foram eficazes num sentido humano. As doze hierarquias zodiacais foram portanto as únicas verdadeiramente encarregadas do processo vital sobre a Terra.

Um tal quadro cósmico era essencialmente "panteísta", ainda que o observador metafísico fosse capaz de obscuramente vislumbrar, para além dessa "esfera de estrelas fixas", um plano ainda mais transcendente, o

reino do *Primum Mobile*, ou em termos mais filosóficos, o reino do Absoluto eternamente incognoscível, o *Ain Soph* da Cabala. Em contraste com ele, temos o quadro "monoteísta" do mundo, em que o Único Deus manifestando-se vivida e pessoalmente ao homem é representado pelo Sol, o Eu Sou solar, o egípcio *Aton*.

Sob esse ponto de vista monoteísta, o que é básico à existência humana é a relação entre o homem como criatura e seu Criador, entre o humano e o divino. Essa relação, em termos de simbolismo astrológico, torna-se a relação entre a Terra e o Sol; e essa relação é expressa na *órbita* da Terra. Cada mês do ano - o ponto alto do mês é a lua cheia ou, para alguns povos, a lua nova - representa o desenvolvimento de uma de *doze respostas básicas* da natureza humana a seus doze tipos essenciais de consciência anímica, doze canais através dos quais a única Vida divina pode encontrar meio de expressão.

Desse ponto de vista, portanto, o zodíaco é lógica e inevitavelmente um fator "orbital". É a órbita da Terra, a que continuamos dando o nome antigo e não muito revelador de *eclíptica* - um nome que pouco tem que ver com o que ela representa, tanto concreta como simbolicamente. As estrelas, portanto, constituem um fundo sobre o qual se leva a cabo o grande "diálogo" entre os tipos básicos de seres humanos e o único Deus. Elas representam o maravilhoso cenário cósmico no palco do universo. Não obstante, algumas *estrelas individuais* podem ficar significativamente envolvidas nos assuntos humanos, mas se o fazem referem-se a Visitações supranormais que, com mais freqüência, se imiscuem procurando perturbar o diálogo entre o homem terrestre e seu Criador - ou seja, o Sol.

Como os planetas, sob esse ponto de vista orbital e heliocêntrico, também são criações do Sol, e como a luz ou os raios que refletem sobre a Terra têm sua fonte no Sol, eles simplesmente diferenciam ou modulam o Poder solar original, o poder divino de criação. É, portanto, lógico interpretar suas posições e relações mútuas em termos da órbita da Terra. Na verdade, as órbitas dos planetas - algumas interiores, outras exteriores à órbita da Terra - podem ser consideradas campos de força que atuam sobre a relação existente entre a Terra e o Sol. Assim, a Lua é especialmente significativa porque, ao girar todo mês em torno da Terra, ela distribui - ao menos simbolicamente - as energias liberadas pelo Sol por ocasião da lua nova e sempre refletidas pelos planetas.

Devido à enorme importância da relação entre a Terra e o Sol, era quase inevitável que se aplicasse ao círculo das Casas a classificação

duodécupla básica dos principais aspectos da ordem cíclica anual de mudanças nessa relação. Acreditava-se que doze Casas correspondessem e estivessem intimamente relacionadas aos doze *signos* - não constelações - do zodíaco. Mas é preciso entender daramente como isso se fazia.

A velha perspectiva astrológica centrada localmente tornou-se geocêntrica - centrada no globo. A relação orbital-zodiacal Terra-Sol transferiu-se para todo o globo terrestre, não se limitando mais aos horizontes de uma localidade específica. Podemos ver isto claramente no fato de que aquilo a que chamamos hoje em astrologia *horizonte* - o horizonte "racional" da astronomia - é um grande círculo que passa pelo centro do globo. Não é o horizonte local da região para a qual se faz um mapa; é unicamente paralelo ao horizonte local.

Esse horizonte local deve ser compreendido como um "horizonte médio", que não leva em consideração se uma pessoa nasceu num vale profundo ou no cimo de uma montanha - diferença que, afinal, é ínfima em comparação com as dimensões do globo, de forma que quando se vê a superfície da Terra a vários milhares de milhas acima dela, até as montanhas mais altas parecem insignificantes. Além disso, toda a astrologia de hoje lida com "posições médias" e não com posições reais, o que faz sentido desde que consideremos a astrologia como uma linguagem composta de símbolos arquetípicos e como essencialmente "numerológica" na atribuição de significados específicos aos fatores separados que constituem uma série cíclica - isto é, a série dos signos zodiacais, das Casas, e até dos planetas em termos de sua distância em relação ao Sol.

Mas, voltando à relação entre os doze signos do zodíaco e as doze Casas, o que está subentendido na maneira segundo a qual o tipo europeu de astrologia tradicional ou clássico interpreta essa relação é a idéia de que os signos zodiacais se referem à substância de energia do processo vital, ao passo que as Casas dizem respeito aos meios existenciais, concretos e circunstanciais em que esses processos operam durante o período de vida de um indivíduo ou de uma entidade social coletiva. Pelo menos para alguns astrólogos europeus de hoje, o zodíaco - dos "signos" - é o campo de força positivo do qual fluem todas as energias que operam na biosfera terrestre; o círculo das Casas, por conseguinte, representa o plano terrestre receptivo e sensível. Isto, em termos mais modernos, é a diferenciação teísta de Deus criador e homem criatura.

As duas polaridades, a divina e a humana, são simétricas, em princípio. O "destino" da pessoa está escrito *não* nas estrelas, mas sim no

zodiaco tropical, que se refere à natureza dinâmica celestial do homem, *natura naturans*. As verdadeiras "circunstâncias", segundo as quais esse destino celeste opera no cotidiano do indivíduo, são indicadas nas Casas e pela posição dos planetas, do Sol e da Lua nessas Casas. As duas séries cíclicas, os signos e as Casas, estão portanto progredindo na mesma direção, ou seja, na direção anti-horária.

Essa tem sido a atitude básica da astrologia ocidental que ainda encontramos ensinada - com variações individuais - na maioria dos compêndios. Infelizmente, a terminologia usada costuma ser desconcertante, porque muitos conceitos "panteístas" arcaicos ainda estão em evidência. A divulgação da "astrologia sideral" está piorando essa confusão. *Do ponto de vista histórico*, o Sr. Fagan e seus seguidores talvez estejam certos, desde que falem do passado arcaico - um passado que ainda está influenciando sobre as múltiplas e conflitantes escolas de astrologia na Índia, terra de tradições espiritualistas. Mas *do ponto de vista psicológico* eles não entenderam a profunda mudança ocorrida na mentalidade humana durante parte do período greco-latino e ainda mais durante a Renascença européia. Eles não compreendem, a meu ver, a necessidade crucial dos seres humanos de hoje; e seu envolvimento em técnicas científicas e sua declaração de que a astrologia tem valor como uma entidade em si mesma - isto é, *como um sistema* que precisa ser reconhecido pela "comunidade científica" - parecem irrelevantes em termos das atuais necessidades de nossa sociedade em crise - a não ser, é claro, que creiamos que o futuro da humanidade será determinado por uma dependência ainda maior em relação à tecnologia e ao intelecto analítico e seus processos.

Isso não quer dizer que não haja validade no enfoque sideralista, ou que as técnicas clássicas da astrologia européia sejam, de muitas formas, desconcertantes e obsoletas. Nunca há um questionamento nítido entre "bom" ou "mau" em assuntos sócio-culturais, religiosos ou científicos, pela simples razão de que todas as mentes humanas não operam todo o tempo com um único comprimento de onda. No mundo ainda existe um grande número de pessoas arcaicas, centradas em sua própria localidade, limitadas pelos horizontes de sua própria raça, e indivíduos nacionalistas que veneram mais ou menos dogmaticamente a "grande herança" de seu país específico e/ou de sua cultura. A demanda de leitura de sorte em termos de acontecimentos específicos é tão grande quanto sempre foi, se não ainda maior; e a busca de conforto, de felicidade egocêntrica, de prazer sensual e de prestígio social ainda constitui o impulso a acionar a maioria dos se-

res humanos e nossa sociedade rica, neurótica e profundamente polarizada.

A astrologia se ajusta à mentalidade e às expectativas emocionais da pessoa que a ela vem como praticante ou cliente - tanto quanto o fazem a psicologia e a própria medicina. A pessoa obtém aquilo que ela dá. Conforme a pergunta que fizer, assim será a resposta. Aquilo que desejamos saber e, em situações mais construtivas, o que *precisamos* saber condicionam - se não determinam totalmente - o tipo de conhecimento que obteremos.

A ASTROLOGIA CENTRADA NA PESSOA

Estamos vivendo numa era de extremo individualismo, e o enfoque "humanista" da astrologia que venho formulando durante muitos anos busca levar as pessoas a adquirir uma compreensão mais consciente do significado mais profundo de suas experiências, de modo que possam ser capazes tanto de cumprir sua individualidade essencial como seu destino, ou seja, seu lugar e sua função no universo. Nesse tipo de astrologia, o ser humano não é concebido como sendo *exterior* a seu mapa astrológico; ele não é tido como "gestor" desse mapa, empenhado em reprimir seus "maus" aspectos e tirar proveito dos "bons". O mapa astrológico é encarado como a fórmula estruturalmente definidora da "natureza fundamental" de uma pessoa. É um complexo símbolo cósmico - uma palavra ou *logos* revelador do que a pessoa potencialmente é. É o "nome celeste" de uma pessoa e também um *conjunto de instruções* sobre como ela pode realizar melhor aquilo que por ocasião de seu nascimento era potencial puro - "potencialidade germinal". O mapa astrológico é uma *mandala*, um meio para alcançar uma integração todo-abrangente da personalidade.

Desenvolvi essas idéias extensamente em muitos livros e num grande número de artigos. Uma vez que elas sejam bem entendidas e assimiladas, tanto emocional como intelectualmente, tornar-se-á óbvio que todo o enfoque da interpretação dos fatores básicos em astrologia tem inevitavelmente que mudar - do contrário os resultados psicológicos para o cliente, e para o astrólogo, podem ser infelizes ou mesmo desastrosos. Essencialmente, o enfoque não deve ser "ético", isto é, baseado numa atitude dualista - bom-mau, feliz-infeliz. Nenhum mapa astrológico deve ser considerado "melhor" que qualquer outro, mesmo que obviamente alguns mapas indiquem vidas "mais fáceis" que outras - mas as pessoas grandes e criativas bem raramente têm existência fácil, seja interior ou exteriormente.

Tal tipo de astrologia, visando atender às necessidades de homens, mulheres e adolescentes em nossa sociedade individualista, precisa lançar uma nova luz sobre a maioria dos velhos conceitos astrológicos, sobretudo quando a juventude inconformista procura construir um novo modo de viver. Uma astrologia humanista deve centralizar-se na pessoa porque sua preocupação básica é o desenvolvimento da pessoa como indivíduo - desenvolvimento no campo da consciência e dos sentimentos tanto quanto desenvolvimento através das ações externas. E essa centralização tem implicações muito definidas e conseqüências técnicas e práticas, pois o que uma astrologia desse tipo busca definir e interpretar é a relação direta da pessoa como indivíduo com todo o universo, o que, em termos práticos, significa sua relação com nossa galáxia considerada como "organismo" cósmico.

A astrologia antiga era, como já disse, centrada na localidade. A astrologia européia em sua forma clássica centrava-se na Terra, sendo esta estudada como um globo. O que precisamos agora, num sentido mais definido e consistente do que o que foi tentado durante as décadas passadas deste século de orientação psicológica, é um enfoque, centrado na pessoa, de todo o conteúdo de nosso universo galáctico. Esse enfoque, de certo modo, está talvez mais próximo da antiga astrologia centralizada na localidade do que da astrologia centrada no globo de algum tempo atrás; mas o papel da *localidade* - cujo caráter afeta um grupamento tribal de seres humanos ainda não individualizados, movidos por impulsos vitalistas - deve agora ser assumido pela *pessoa como indivíduo*, ao menos parcialmente capaz de desenvolver um enfoque independente, totalmente aberto, criativo e consciente de seu ambiente total, tanto cósmico quanto biosférico e social.

Essa mudança de ênfase ficará particularmente evidente quando tratarmos dos tópicos das Casas natais a que este livro se refere. Procurarei definir as conseqüências práticas da nova perspectiva; mas quero acentuar, de saída, que a mudança ainda não pode ser efetuada plenamente com os dados astronômicos de que dispomos. Ainda temos muito que aprender com relação à galáxia e a seus milhões de estrelas. Ainda assim, podemos começar a reorientar nossas interpretações no sentido daquilo que se deverá desenvolver plenamente nos séculos vindouros. Na verdade, essa reorientação não altera muito o significado tradicional das Casas natais, ou pelo menos da maioria delas, mas introduz novos níveis de significado e, sobretudo, transfere sua ênfase principal, no que respeita às posições dos

planetas, dos signos do zodíaco, para as Casas. A desvantagem, claro está, é que essa transferência exige que se conheça o momento preciso da primeira respiração de uma pessoa. Mas as técnicas hospitalares modernas e o interesse dos pais estão agora diminuindo a dificuldade de atender esse requisito.

As Casas Astrológicas Como Base de Referência

Quando nasce um ser humano numa hora determinada e em dado lugar da superfície da Terra, ele está cercado de todos os lados por corpos celestes, visíveis no céu ou invisíveis abaixo da linha do horizonte. Diz a astrologia que as posições desses corpos celestes, *quando relacionadas com o recém-nascido* e se essa relação for interpretada significativamente, definem o *caráter estrutural* básico do organismo biológico e psíquico dessa criança, bem como a maneira pela qual seu potencial por ocasião do nascimento será ou deveria ser realizado ao longo de uma série de *experiências pessoais*.

A palavra "pessoa" pode referir-se a pessoas coletivamente consideradas, como uma empresa, uma nação ou até uma seqüência muito definida de atividades sociais organizadas - o reinado de um soberano ou o desempenho de uma administração presidencial -, mas neste livro só tratarei de questões relativas à pessoa como indivíduo. É este o campo da astrologia "natal", e a meu ver nenhum sistema de astrologia natal faz sentido hoje em dia se não for efetivamente "centralizada na pessoa".

Uma astrologia centralizada na pessoa trata das relações entre a pessoa e o universo que a cerca - seu ambiente cósmico. Quando tratamos de uma relação, temos de considerar pelo menos dois fatores: no caso da astrologia centralizada na pessoa, o organismo humano individual que, ao

tomar seu primeiro hausto de ar, passou a ficar independente, direta e organicamente relacionado com o universo, e *todos* os corpos celestes que se movimentam em torno dele de acordo com padrões cíclicos.

Nada no universo é "fixo"; tudo se movimenta. Mas esse movimento não terá sentido se não for observado e interpretado com relação a uma pessoa consciente. Vivemos num mundo de relacionalidade, mas só podemos dar a essa relacionalidade um significado conscientemente definido em termos de um determinado ponto de referência e segundo um foco de percepção ao menos *relativamente estável*. Uma pessoa como indivíduo é uma entidade relativamente estável, pois embora seu corpo esteja obviamente em estado de constante transformação elétrica e química, e sua consciência, igualmente, nunca seja a mesma, ainda assim o modelo genético de suas células - ou o que quer que esses genes biologicamente representem - permanece sendo o mesmo do nascimento à morte. Ela normalmente conserva o seu nome original e fala a sua língua natal cujo vocabulário e sintaxe representam um papel fundamental na formação de sua mentalidade; ela é uma unidade social relativamente permanente, que pertence a uma cultura que só raramente experimenta mudança radical, mesmo a despeito das crises revolucionárias.

A ciência moderna tem suas "constantes universais". Elas provavelmente só são constantes e universais relativamente, mas servem como base de referência, sem a qual dificilmente se poderia considerar confiável qualquer "lei da natureza". Filósofos de tendências religiosas - cf. Aldous Huxley - falam de uma "filosofia perene", e os ocultistas mencionam uma "tradição universal" ou uma "revelação original", representando uma e outra um fundamento estável, sólido, seguro para crenças consideradas essenciais ao bem-estar mental, espiritual e emocional da humanidade. O misticismo oriental, e até alguns tipos de misticismo ocidental, pode parecer uma renúncia a todo sentido de segurança e solidez, mas os místicos buscam uma total identificação com Deus ou uma completa absorção num "estado unitivo", e falar de Deus, Brahman, Nirvana ou Tao é referir uma condição imutável, absoluta, que constitui em si mesma um supremo estado de estabilidade, ainda que implique constante alteração no que diz respeito a pontos de vista parciais e formações existenciais particulares.

A astrologia, em seu sentido ocidental tradicionalista, também tem sua base de referência "relativamente estável": o zodíaco. Esse zodíaco pode ser entendido em termos de constelações - *configurações fixas* de estrelas

que parecem fixas porque em relação a nós se movimentam com extrema lentidão - ou em termos de doze divisões da órbita terrestre, órbita cuja forma se altera levemente durante longos períodos de tempo: o zodíaco tropical. Qualquer desses sistemas satisfaz à idéia de quadro de referência relativamente estável. O que venho sugerindo em vários trabalhos é a possibilidade de outro tipo de quadro de referência - que seja centrado na pessoa e mais adaptado às necessidades e ao caráter do indivíduo moderno. A princípio, referir-me-ei a ele como a interseção entre horizonte e meridiano.

O leitor familiarizado com compêndios de astrologia ou mesmo com artigos astrológicos publicados em revistas provavelmente pensará que não há nada de novo nesse quadro de referência. Todo mapa astrológico moderno, dirá ele, contém uma linha chamada "horizonte" e uma linha vertical, que é o "meridiano". Mas os nomes são ambíguos e podem induzir a erro. Como já disse, o horizonte astrológico - e astronômico - é um círculo que passa pelo centro da Terra. Não se refere nem ao horizonte "sensível" - que pode ser muito limitado quando se está no fundo de um desfiladeiro - nem ao que chamo de horizonte "médio!" - que se refere ao círculo do espaço que seria visível a um olho situado na superfície de um oceano calmo. Quanto ao meridiano de um mapa astrológico, ele é a projeção bidimensional de um "grande círculo" perpendicular ao horizonte astronômico - "racional" - e passa pelos pontos norte e sul. Ao meio-dia local, precisamente, o verdadeiro Sol cruza o meridiano, mas o chamado Meio-do-céu num mapa de nascimento não é o ponto acima de nossa cabeça - o zênite - mas sim o grau do zodíaco em que se encontra o verdadeiro Sol ao meio-dia. O meridiano é um círculo com uma longitude que passa do ponto sul, pelo zênite, até o ponto norte do horizonte.

Perpendicularmente a esse círculo, mas ainda na dimensão vertical, vemos o que se chama "vertical principal". Esse é também um grande círculo; passa do ponto leste, pelo zênite, até o ponto oeste do horizonte, e, é claro, passa também pelo nadir.

Esses três grandes círculos - horizonte, meridiano e vertical principal - são perpendiculares entre si em espaço tridimensional. Suas interseções determinam seis pontos fundamentais: no nível horizontal leste, oeste, norte, sul - e no vertical, zênite e nadir. É claro que podemos pensar em qualquer número de pontos no horizonte pelos quais passassem grandes círculos que também cruzassem o zênite e o nadir, e os pontos nordeste, noroeste, sudeste e sudoeste são de referência constantes. Não obstante, o conceito de seis direções do espaço - leste, oeste, norte, sul, acima e abaixo - é básico.

Num mapa de nascimento bidimensional só aparecem quatro direções básicas. O sul e o zênite estão integrados de algum modo, e bem assim o norte e o nadir. A razão disso, além da bidimensionalidade do mapa, é que aquilo que o mapa ainda considera essencial é o - aparente - movimento diário do Sol. O zodíaco se move diariamente junto com o Sol porque, em nossa astrologia ocidental clássica, o zodíaco é a "criação" do movimento do Sol - o que quer dizer, em termos astronômicos modernos, a órbita da Terra. E, é claro, a Lua e os planetas também acompanham o Sol.

Como já dissemos, na astrologia do passado que girava em torno de uma localidade, a única base de referência verdadeiramente "fixa" era o horizonte do local onde a tribo vivia ou, posteriormente, onde se situava a cidade. Quando atingimos o estágio de desenvolvimento em que, ao menos em teoria, o indivíduo se torna a unidade básica - independente, livre, criativa -, a astrologia, tendo-se tornado centrada na pessoa, deve logicamente usar como sua base de referência a estrutura geométrica tridimensional produzida pelas seis direções do espaço *no centro do qual se situa o indivíduo*. Os três grandes círculos acima mencionados - horizonte, meridiano, vertical principal - constituem, portanto, a estrutura básica do espaço de um indivíduo. Aonde quer que essa pessoa vá, ela continua sendo o centro desse espaço. *Tudo* quanto se movimenta no céu - estrelas, Sol, planetas, cometas etc. - tem seu lugar nessa estrutura espacial. Pode-se aferir a posição de qualquer corpo celeste com referência a ela.

Alguns corpos celestes, como o Sol, talvez sejam muito mais importantes que outros. Ele certamente é mais importante, por exemplo, do que uma pálida estrela que se move numa trajetória sem relação geométrica com a faixa do zodíaco, isto é, o plano da eclíptica. Mas, numa astrologia centrada na pessoa, não há razão para dar um valor quase absoluto ao Sol ou ao zodíaco. Como símbolo da fonte de energias vitais, o Sol é essencial, da mesma forma que o coração de uma pessoa - ligado ao fator solar - é essencial à continuidade da vida. Se o coração deixar de palpitar por mais de alguns poucos minutos, o cérebro sofre avarias irreversíveis e o organismo perde sua consciência individualizada e sua existência biológica.

Mas, embora o Sol e tudo quanto se refere ao zodíaco possam ser muito importantes e fundamentais, isso tudo não precisa ser o *único quadro de referência essencial* numa astrologia centrada na pessoa. É a estrutura tridimensional do espaço, que todo indivíduo leva consigo aonde quer que vá - ao menos enquanto se encontra sobre uma superfície sólida - o que se deve considerar como seu quadro de referência *fixo*.

Simplificando: quando uma pessoa atravessa os Estados Unidos da costa atlântica à costa do Pacífico, o que ela vê passando no horizonte a cada passo se transforma constantemente. Mas o fato de ser ela o centro do horizonte permanece inalterado. O viajante sempre leva o horizonte consigo, e sempre existe um zênite diretamente acima de sua cabeça. As estrelas vêm e vão nesse ponto do zênite; nenhum corpo celeste é "fixo", mas o zênite está sempre na mesma direção acima de nossa cabeça. A circunstância de um dado signo zodiacal se elevar às 21 horas e outro às 2 não altera o fato de que o indivíduo, em ambas as ocasiões, fixa seu olhar no mesmo horizonte - em termos astrológicos, no Ascendente.

Se algumas pessoas acham difícil seguir essa linha de pensamento é porque elas tendem a confundir uma estrutura com o que acontece em certos pontos dessa estrutura. Essa é uma tendência quase universal, porquanto as pessoas reagem a um acontecimento em vez de reconhecer o lugar onde o acontecimento ocorre. Entendo por "lugar" o papel que esse acontecimento representa na "estrutura" total do ser individual da pessoa e no processo de realização de seu potencial, isto é, o seu destino.

Em termos astrológicos simples, se um fenômeno celeste específico - digamos, uma conjunção de Júpiter e Saturno - ocorreu na décima Casa de um mapa astrológico, isso indica que a conjunção desses dois planetas caracteriza a *qualidade* da consciência social da pessoa que animará - e aliás *deveria* inspirar - sua participação na vida e na obra de sua comunidade. Digo que "deveria" porque penso num mapa astrológico como numa série de instruções para a realização do papel que o indivíduo deve desempenhar para cumprir seu destino. Chamem-no de "carma", se quiserem.

Resumindo: numa astrologia que gira em torno da pessoa lidamos com dois fatores essenciais: 1) a estrutura geométrica básica do espaço de que a pessoa individual é o centro; e 2) *todos* os corpos celestes que *passam por* essa estrutura em inter-relacionamentos ou "aspectos" sempre variáveis. Cada um desses corpos tem características diferentes porque cada qual se movimenta de diferentes modos e com velocidades diferentes e também porque cada um deles aparece para nós com características distintas de tamanho, cor e, em termos da moderna astronomia, de lugar em séries ordenadas - sobretudo a série dos planetas dentro do sistema solar.

Deve ficar claro que o segundo fator inclui não só os dois luminares e os planetas, mas também todas as estrelas que nos rodeiam, porque, repito, as estrelas de fato se movem em nossa experiência humana - embora o

façam mantendo, na prática, uma ordem de relação permanente entre si, e foi isso o que no passado lhes deu o caráter de "fixas". Quanto ao primeiro fator, ele se refere às Casas como divisões do espaço tendo como centro a pessoa. Em nossa astrologia tradicional do Ocidente, porém, essas seções do espaço centrado na pessoa são não só reduzidas a duas dimensões, como também são consideradas como existentes *no* zodíaco, e é aí que se situa a confusão, pois há pelo menos dois zodíacos solares, além de zodíacos lunares, e pode-se inventar novas espécies de zodíacos. De outra parte, não há nada de ambíguo com relação a leste, oeste, norte, sul, zênite e nadir. Esses pontos e a estrutura espacial que eles definem são *fatos universais da experiência humana* e nos proporcionam uma base estrutural universalmente válida para a interpretação de nossas relações individuais com o universo.

Atualmente, é claro, uma astrologia tridimensional que use "esferas natais" em vez de mapas astrológicos não é prática, embora eu creia que venha a ser a astrologia de um futuro mais ou menos distante. Temos de lidar com aquilo de que dispomos *agora*, isto é, com mapas bidimensionais. Não obstante, podemos, e devemos, reorientar nossa compreensão do significado desses mapas, e particularmente nossa interpretação das Casas. Devemos considerar essas Casas como projeções estritamente bidimensionais do espaço tridimensional do qual o indivíduo é precisamente o centro.

POR QUE DOZE CASAS?

Como nos mapas bidimensionais, as seis direções básicas do espaço tridimensional devem reduzir-se a quatro, ou seja, à cruz constituída pela horizontal e pela vertical, ficando quatro seções de espaço estabelecidas; o como uma astrologia centrada na pessoa trata essencialmente de problemas ligados à experiência pessoal e às modificações da consciência, cada uma dessas quatro seções deve subdividir-se em três subseções, pela razão de que a consciência se desenvolve segundo um esquema dialético trinitário. O conceito de doze Casas deve, pois, ser conservado. Em sentido lato, podemos falar da seqüência tese-antítese-síntese, mas (orno esses termos são um tanto ambíguos e estão sujeitos a várias interpretações, talvez seja melhor falar de sujeito e objeto e da relação entre

sujeito e objeto, ou, metafisicamente, substância e forma, ou de ação, meio de ação e avaliação dos resultados da ação.

Todas essas trindades são experimentadas pela consciência individual em termos das quatro realidades básicas da existência humana, que correspondem aos quatro "ângulos" do mapa: Ascendente e Descendente, zênite e nadir. Mas, devo acentuar uma vez mais que, do modo tradicional que os astrólogos ocidentais interpretam e definem esses ângulos, eles *não* correspondem à efetiva estrutura do espaço de que uma pessoa como indivíduo é o centro. O horizonte desses modernos mapas astrológicos passa pelo centro da Terra, ao passo que o homem vive num ponto sobre a sua superfície. O Meio-do-céu não é o zênite real, mas apenas um ponto no zodíaco. Assim, se uma estrela se localizar no grau do Meio-do-céu ela não precisa ser a estrela diretamente acima de nossa cabeça no verdadeiro zênite - e isto se aplica também, é claro, ao *Imum Coeli*, ou cúspide da quarta Casa, que não é o *verdadeiro* nadir.

Isto, repito, porque nossa astrologia tem como centro a Terra, e não a pessoa. Praticamente em todos os casos, ela só considera a relação da Terra como um globo com o Sol, e secundariamente com os planetas que se movimentam ao longo do caminho aparente do Sol. As estrelas e as constelações não têm nenhum lugar astrologicamente significativo na astrologia européia clássica, salvo como vago resquício de uma tradição arcaica. Não obstante, apesar de relativamente inadequados em termos de um enfoque verdadeiramente centrado na pessoa, nossos mapas de nascimento têm de ser usados; eles podem *ser* usados de modo eficaz se tivermos em mente as realidades básicas por eles simbolizadas. Podemos usar qualquer conjunto de símbolos consistente e significativamente estruturado se tivermos consciência do que ele representa e do nível em que foi designado para operar.

A astrologia é uma linguagem simbólica - do mesmo modo que o / *Ching*, quando relacionado com seus conceitos metafísicos mais profundos, e as cartas do Taro, com seu fundo cabalístico, constituem, também, uma linguagem semelhante. Todos esses conjuntos "funcionam" se forem usados adequadamente. Eles funcionam em termos da relação entre o intérprete e o consulente, pois só o caráter dessa relação e os níveis em que as mentes de ambas as pessoas operam é que podem definir adequadamente o modo pelo qual o conjunto de símbolos deva ser interpretado.

A religião e a ciência também devem ser compreendidas de uma forma humanista. (.) cristianismo, como conjunto de grandes imagens e símbolos

dotados de potencial para transformar o ego, "funciona"? Sem dúvida, mas funciona tanto destrutiva quanto construtivamente. A ciência também tem seu lado destrutivo - prova disso são a poluição e a destruição dos elementos naturais, assim como a despersonalização e a monstruosa proliferação dos seres humanos nas cidades decadentes. É claro que podemos explicar satisfatoriamente os resultados negativos e lançar a culpa sobre a natureza humana. O valor de um símbolo decorre do modo pelo qual ele é usado, o que, em geral, quer dizer pelo modo como ele *será inevitavelmente usado* pelos seres humanos levando-se em consideração o estágio particular de sua presente evolução. Mas mesmo um uso obviamente destrutivo pode acabar tendo resultados construtivos. Nas mãos de um santo, os meios mais enganosos e normalmente injustificados podem produzir mudanças espirituais, ao passo que nas mãos de um criminoso ou de um tolo podem levar à destruição ou à pura escravização.

É o que acontece com os métodos hoje em dia usados na astrologia. Entretanto, estamos num ponto decisivo da história da civilização. Friedrich Nietzsche, o trágico poeta e filósofo do século XIX, proclamou a necessidade de uma "reavaliação de todos os valores". Essa necessidade é hoje universalmente muito mais imperiosa do que há um século. É imperiosa em *todos* os campos do pensamento humano, em todas as respostas-sentimentos codificadas e tradicionais que se enquadram na categoria de moralidade sobretudo moralidade social - e em todo o comportamento interpessoal ou entre grupos. Falei alhures da necessidade de uma transformação em todos os níveis de um enfoque "atomista" para um enfoque "holista" da realidade.* A transformação que agora estou delineando em termos do conceito de Casas astrológicas faz parte dessa grande "reavaliação de todos os valores".

Tal transformação pode parecer relativamente insignificante, pois em muitos casos não transforma demasiado radicalmente o sentido atribuído a cada Casa de um mapa astrológico. Mas pode e deve ser considerada como um símbolo do que está acontecendo em todos os campos da atividade humana, porque se refere à relação entre a pessoa como indivíduo e o universo como um todo; isto é, implica uma reavaliação fundamental do significado dessa relação. Nesse sentido, ela constitui uma transformação profundamente "religiosa". É comparável à diferença existente entre a

*CF. a série de artigos sobre astrologia humanista (1969-70-71) a sair em breve sob forma de livro.

atitude dos devotos de alguma religião organizada - com sua hierarquia de sacerdotes intermediários entre a criatura e o Criador - e a atitude do místico prático, que se relaciona, sem intermediários, com a totalidade da existência.

Em termos astrológicos mais simples, o fator "posição no zodíaco", tal qual é compreendido hoje em dia, é intermediário entre o planeta e o indivíduo. Júpiter, como símbolo de uma função básica na personalidade humana - expansão e assimilação, companheirismo social e prestígio ou riqueza etc. -, *permanece sempre sendo Júpiter em qualquer signo do zodíaco*. O que é essencial conhecer é o campo de experiência no qual essa função opera mais significativamente em termos do cumprimento da individualidade e do destino de uma determinada pessoa. É essencial se considerarmos o mapa de nascimento - ou qualquer outro mapa em diferentes níveis - como um "conjunto de instruções celestes". Se, por exemplo, tenho Júpiter na sétima Casa natal, devo buscar expansão, e qualquer outro resultado jupiteriano, em termos de minha relação com associados e parceiros, seja em que nível for. A sétima Casa se refere à relação e à parceria de todos os tipos, e a palavra parceria inclui não só nossos colegas mas também nossos inimigos, pois uns e outros *constituem ou conduzem* a uma polarização, quase sempre necessária, de valores.

O astrólogo moderno pode concordar com isso até certo ponto; mas, em geral, a primeira coisa que ele procura conhecer é o chamado "vigor" do planeta em termos de sua posição zodiacal. Ele ainda acredita, consciente ou semiconscientemente, que um planeta concentra as energias que fluem de um signo ou constelação zodiacal e que essas "energias" são o que faz, na verdade, a astrologia funcionar. Que há energias solar, planetárias e cósmicas pelo espaço e que a *Terra como um todo* é afetada por elas é evidente. Mas isto realmente nada tem que ver com a astrologia tal qual é praticada hoje em dia com referência à vida e à personalidade de um indivíduo. Algum dia, sem dúvida, aparecerá uma ciência baseada no estudo dessas energias - que talvez se chame "cosmo-ecologia" - mas não tratará da pessoa como indivíduo. Não será mais astrologia do que a alquimia medieval ou asiática é a química moderna.

Creio que Cyril Fagan fez um trabalho valioso ao definir conceitos astrológicos em termos de uma astrologia arcaica, centrada na localidade. Mas não estamos vivendo nos tempos antigos nem na época da Renascença européia. Vivemos num século psicológico numa época de total revolução e, no melhor dos casos, no limiar de uma nova era, em que os indivíduos serão capazes de se defrontar abertamente com o universo e

com toda a experiência *sem intermediários* que lhes imponham categorias sociais, religiosas ou éticas. Utopia? Talvez, mas todos os novos empreendimentos do homem se baseiam numa concepção que parece utópica do ponto de vista antiquado e estabelecido. Todas as eras começam em confusão e incerteza. Alguns indivíduos talvez sejam a pura fonte, no alto das montanhas, de uma nova torrente. Suas mentes e seus sentimentos talvez brilhem com liquidez clara, límpida, não adulterada; mas eles são uma seleta minoria. Os ideais por que vivem ou só vislumbram em grandes momentos de iluminação atuam sobre as massas como um poderoso fermento, e onde atuam há caos. Hoje em dia, quase tudo está realmente em estado caótico - e a astrologia não é exceção.

SISTEMAS DE DIVISÃO DAS CASAS

O método usado na astrologia moderna para determinar as cúspides das doze Casas é particularmente caótico. Literalmente, o termo *cúspide* se refere ao *começo* de uma área do espaço ou de um período de tempo. Entretanto, alguns astrólogos contemporâneos pensam que o termo se deva aplicar ao meio de uma Casa. Cyril Fagan também chegou a essa conclusão, mas ele teve suficiente lucidez de espírito para sugerir, na sistematização que defendeu, que o termo devia ser substituído por "mediana". O que costuma levar um astrólogo a pensar na cúspide como a seção média de uma Casa astrológica é a crença de que as características de uma Casa são reveladas mais explícita e eficientemente depois que um planeta alcançou o meio dessa Casa.

Estão aqui envolvidos dois conceitos. O primeiro, que é de importância fundamental, se refere à própria natureza da astrologia. Marc Edmund Jones há muito tempo definiu a astrologia como "a ciência de todos os começos". Num sentido metafísico, isso significa que um mapa astrológico pode ser considerado a fórmula arquetípica ou "germinal" que estabelece o *conjunto de potencialidades* liberado no primeiro ato de manifestação - no criativo *Fiat*, o Verbo do princípio - que é a origem de todo o ciclo existencial. O que a astrologia estuda é, portanto, o ponto de origem e, nele revelada, a forma arquetípica de um começo particular da vida ou, em geral, de todo acontecimento significativo e originador do qual procede uma determinada série de desenvolvimentos. Se assim for, todo fator astrológico deve,

igualmente, relacionar-se ao começo de alguma série de acontecimentos ou de uma determinada fase de desenvolvimento. Isto se aplica ao primeiro grau de um signo do zodíaco e de uma Casa, tanto quanto à conjunção de dois planetas assinalando o início de sua relação cíclica. É no primeiro momento de qualquer ciclo que o caráter arquetípico desse ciclo se revela ao astrólogo.

O outro conceito, relacionado com o primeiro, é o de que, se o momento mais característico de uma Casa está no seu ponto médio, isso quer dizer que as Casas são concebidas em termos de tempo, e não de espaço. O astrólogo pode achar que leva algum tempo para uma pessoa que inicia um processo compreender plenamente e se identificar com as características desse processo. Mas, ainda assim, isto só seria válido em termos dos *resultados existenciais* e não das *causas formativas* arquetípicas. A meu ver, a astrologia trata essencialmente de causas formativas, ou melhor ainda, de conjuntos de potencialidades que estão sendo liberadas, e só secundariamente de acontecimentos externos. Isto é certo, seja como for, a respeito do que chamo de astrologia humanista, centrada na pessoa. Nesse caso, as Casas podem ser encaradas como representantes de áreas de espaço centrados na pessoa através das quais os corpos celestes se movimentam. Esses movimentos celestes, claro está, representam um fator temporal; mas o que é arquetípico e formativo é o *campo espacial* através do qual o movimento ocorre. Da mesma forma, enquanto os planetas estão em movimento constante a longo dos dias e dos anos, o que de mais importante os mapas astrológicos revelam não é o movimento de cada planeta, mas a *configuração* que esses planetas compõem por ocasião do início de uma vida individual, ou seja, o momento de sua primeira respiração. Os movimentos são "existenciais"; a ordem planetária total é "arquetípica". Ela estabelece a forma estrutural de individualidade e do destino.

As cúspides mais importantes das Casas são os quatro ângulos - Ascendente, Descendente, zênite e nadir. Esses ângulos iniciam os quatro setores do moderno mapa bidimensional. Os fatores formativos essenciais operam nesses quatro pontos. O horizonte define claramente a separação entre o lado de cima e o lado de baixo, entre o visível e o invisível; ele não pode ser o ponto médio de alguma coisa. Só quando o astrólogo o concebe antes de tudo como um movimento ascensional do Sol é que ele pode ampliar o conceito de horizonte para fazê-lo incluir o período da alvorada. O conceito espacial de horizonte é o de uma linha nítida de demarcação; o Sol a está cruzando, do mesmo modo como um corredor cruza a linha de partida e a de chegada.

A ambigüidade relacionada com a mistura de conceitos de tempo e espaço pode ser testemunhada por todo o campo da astrologia. Ela fica particularmente evidente quando se enfoca o problema de determinar a longitude das cúspides. Vários sistemas têm sido ideados e empregados, mas os de uso mais freqüente dão os mesmos graus do zodíaco para o horizonte e o meridiano. O ponto em que diferem é nos cálculos das cúspides intermediárias - isto é, a cúspide da segunda, terceira, quinta e sexta Casas e seus opostos polares. O sistema mais amplamente usado hoje em dia é o de Plácido, que encontra as cúspides das Casas intermediárias dividindo em três segmentos iguais os semi-arcs do Sol e todos os fatores zodiacalmente expressos - ou seja, o *tempo* que o Sol leva para ir do ponto do nascente para o ponto do meio-dia. O sistema de Campano e o de Regiomontano dividem de dois modos diferentes o *espaço* entre o horizonte e o meridiano. O sistema de Porfírio divide em três o número de graus que separa o horizonte e o meridiano.

Existem outros sistemas, particularmente o das "Casas iguais", que só leva em consideração o horizonte e divide os dois hemisférios criados por esse horizonte em seis Casas, cada uma das quais contendo o mesmo número de graus zodiacais. Esse sistema, a meu ver, é totalmente indefensável, porque não leva em conta o fato de que tanto o eixo vertical como o horizontal são absolutamente necessários à interpretação da existência humana. Usar só o horizonte como base de referência equívale hoje a considerar a posição deitada como sendo a única significativa para o indivíduo.

A dificuldade suscitada por praticamente todos esses sistemas é que no círculo ártico e acima dele - bem como no antártico - os mapas astrológicos assumem uma forma muito peculiar, e em muitos casos nem podem ser feitos, porque durante vários meses o Sol não se levanta nem se põe. Visto que o zodíaco na astrologia tradicional do Ocidente é o caminho do Sol, como se poderia graduar o zodíaco nas cúspides das Casas acima do horizonte quando o Sol e os planetas não se erguem acima do horizonte? Se as Casas forem seções iguais de *espaço* - não do zodíaco - em torno do indivíduo, sempre haverá leste, oeste, zênite e nadir, e o horizonte sempre separa o lado de cima do céu de seu lado de baixo; mas em algumas ocasiões só há estrelas e não planetas no hemisfério acima ou abaixo do horizonte.

O astrólogo de antigamente, centrado em sua localidade, que vivia em regiões semitropicais ou mesmo em zonas temperadas, não tinha de

enfrentar esses problemas. Para ele, o Sol se elevava todos os dias, e sua astrologia se baseava nesse *fato da experiência*, fato primordial e tido como favas contadas. Mas hoje a situação é diferente. Temos de edificar nossa astrologia em novas bases, e precisamos levar em consideração que cada hemisfério da Terra e as regiões polares precisam ter seu próprio tipo de astrologia. Quando nada, temos de reinterpretar alguns dos fatores astrológicos básicos na relação das situações astronômicas em cada uma dessas regiões.

A astrologia que tem como centro a pessoa, entretanto, baseia-se em conceitos fundamentais que são válidos em qualquer parte; pois em qualquer lugar de nosso globo o homem tem consciência do horizonte e do zênite. Toda criança nasce no centro de sua própria estrutura espacial, que ela levará consigo para onde for. O único problema, do ponto de vista astrológico, é verificar tudo o que ela possa observar e experimentar, à medida que os planetas e as estrelas percorrem os doze setores dessa estrutura espacial.

As Casas Como Campos de Experiência

A astrologia é o estudo dos movimentos cíclicos dos corpos celestes, mas esse estudo não seria mais que um ramo da astronomia se não implicasse também um quadro de referência *em relação ao qual esses movimentos cíclicos possam ser interpretados*. Esse quadro de referência não é hoje o mesmo de quando o ser humano vivia uma existência puramente tribal e agrícola dentro de limites geográficos estreitos. Hoje em dia, na astrologia natal, ou na que chamo de astrologia centrada na pessoa, o quadro de referência mais importante é a pessoa como indivíduo. Esse tipo de astrologia diz respeito à orientação especial de um ser humano como indivíduo consciente de sua própria individualidade - ou pelo menos que procura tornar-se consciente dessa individualidade e de tudo quanto ela implica em termos de relação com o ambiente total. Esse ambiente, do ponto de vista astrológico, é toda a galáxia e sobretudo o sistema solar. O que a astrologia postula é que a orientação de um indivíduo em relação a esse ambiente solar e galáctico - ou seja, em relação aos "planetas", inclusive o Sol e a Lua, bem como em relação às estrelas - pode definir sua orientação relativamente ao seu ambiente *biosférico e social*.

Um indivíduo vive tanto dentro da biosfera terrestre como dentro de uma sociedade - isto é, um agrupamento de pessoas, uma comunidade e uma nação dotados de características raciais, culturais e político-econômicas

definidas. Ele é, antes de tudo, um organismo biológico, mas é também uma pessoa cuja consciência, mente, emoções e comportamento foram condicionados, e em geral rigidamente determinados, pelos valores coletivos que prevalecem no seio de sua família e de sua sociedade.

Viver, em termos humanos individualizados, significa *experimental*. É tomar consciência, refletir sobre aquilo de que se tomou consciência e relacionar a experiência atual com as experiências passadas - sejam estas experiências pessoais ou experiências sobre as quais a sociedade refletiu, registrou e generalizou, convertendo-as numa tradição - social, científica, religiosa, ética, cultural etc. Em sentido estrito, só se pode falar de "experiências" em termos das alterações no relacionamento entre um indivíduo e seu ambiente - eventos externos ou alterações na relação sempre cambiante entre os diversos componentes orgânicos e psíquicos da pessoa como um todo - corpo, mente, sentimentos, "alma". Onde não há consciência, não há experiência. Uma experiência exige um experimentador.

O experimentador é modificado pela experiência, ainda que, tendo tomado consciência do que ocorreu, se recuse a aceitar essa ocorrência dentro do *campo de consciência* sobre o qual, na maioria das vezes, seu ego tem domínio. Essa recusa modifica o experimentador de uma maneira negativa; e se o processo de recusa se repetir assume a forma de um complexo e talvez acabe em distúrbio neurótico ou psicótico. Seja como for, se houver consciência de modificações internas e externas haverá experiência; mas essa experiência é, quase sempre, em parte condicionada por fatores biológicos externos, em parte por pressões intelectuais e emocionais da família, da cultura e da sociedade. Quando isso ocorre, a experiência não é "pura" em termos da individualidade essencial da pessoa. O que nosso atual "treinamento da sensibilidade" - assim como muitas técnicas antigas de meditação e de relação interpessoal - procura produzir é uma purificação de experiências individuais. O indivíduo precisa aprender a ver, a sentir, a ouvir, a tocar como se todas as suas sensações estivessem alcançando a consciência pela primeira vez e como se todas as respostas fossem espontâneas, novas e "inocentes" por serem puramente *naturais*.

Essa qualidade de naturalidade pode referir-se à natureza *biologia* dos instintos do ser humano e de seus impulsos emocionais, ou, igualmente, à natureza *individual* da pessoa. O que é "natural" para uma certa pessoa pode não ser de modo algum para outra. Entre esses dois níveis da natureza, modelos sociais e morais, modos tradicionais de ver, tocar, onírontar o reagir estão, na maioria dos casos, operando, confundindo toda:

as situações da existência e distorcendo, desorientando ou mesmo pervertendo as experiências. Todas essas pressões deformantes podem relacionar-se filosoficamente ao "carma". Mas como lidamos com esse carma? Como esclarecemos, purgamos e reorientamos, primeiro, as percepções de uma pessoa e, depois, suas reações?

Há muitos modos de enfrentar essa dificuldade, e muitas disciplinas espirituais, ocultas e místicas têm sido idealizadas com essa finalidade. A astrologia, como a concebo, nos apresenta um outro método. Esse método pouco tem a ver com o uso popular atual da astrologia, ou com seu uso análogo em Alexandria e em Roma, mas não era desconhecido dos alquimistas, dos rosa-cruzes e de outros grupos. O que está envolvido nesse uso da astrologia é a concepção de que o universo em torno de qualquer pessoa como indivíduo apresenta a essa pessoa, de forma simbólica, uma imagem do que ela *necessita* para se reorientar adequadamente em termos de *sua própria verdade* individual - na filosofia hindu, o *dharma* - relativa a todo tipo básico de experiência que possa tor numa vida. Falei do mapa de nascimento como de um "conjunto de instruções" dadas por "Deus" - ou Princípio Universal de harmonia - a tudo que nascer no momento e no lugar para os quais se levanta o mapa.

De acordo com essa concepção, toda Casa astrológica simboliza um lipo básico de experiência humana. O signo do zodíaco na cúspide da Casa e qualquer planeta que aconteça encontrar-se nessa Casa - e no futuro as estrelas individuais que efetivamente ocupam esse espaço - indicam o modo pelo qual cada um desses doze tipos básicos de experiência deve *ser enfrentado*, e com efeito *será enfrentado*, se não houver interferências, nenhuma pressão cármica que desorienta, confunda e altere o processo de experimentação. O mapa astrológico em seu conjunto representa o *dharma do* indivíduo, aquilo para que ele foi designado - desde que, é claro, esse mapa seja interpretado de modo holístico, não-dualista e não-ético, isto é, em termos, do bom-mau, feliz-infeliz. Cada Casa do mapa simboliza um aspecto específico desse *dharma*, uma das letras da palavra originalmente de doze letras do Verbo, *logos*, que é a "verdade" do indivíduo, ou seja, sua idealidade espiritual - e, portanto, em sentido individualizado, sua identidade natural como pessoa.

Esse *dharma* refere-se a algum conjunto integral de atividades requeridas pelo ambiente em que o indivíduo nasce. Um ser humano nasce em resposta a essa necessidade. O universo - e, mais especificamente, o planeta terra e a humanidade em geral - é, em sentido amplo, um organismo;

e assim como um glóbulo branco é produzido e enviado a uma parte avariada do corpo humano para combater uma possível infecção - isto é, para satisfazer à necessidade dessa parte do organismo -, assim também a pessoa nasce em determinado tempo e lugar para atender uma *determinada necessidade* da humanidade. Esse é o *dharma* dessa pessoa, sua "verdade ôntica", sua identidade essencial. E seu mapa de nascimento é o símbolo potente, ou a *mandala* dessa identidade. É seu Nome celestial, a "assinatura" de seu destino.

Como a natureza é pródiga e cautelosa, vários seres humanos podem nascer num grande agregado popular tendo exatamente o mesmo mapa. Eles são formados para atender à mesma necessidade. E como essa necessidade de sua sociedade pode ser complexa e operar em vários e diferentes níveis, suas vidas podem ser - em termos de ocorrências e de resultados exteriores - muito diferentes. Eles podem diferir, primeiro, porque sua bagagem genética e seu ambiente social são diferentes e, segundo, porque alguns podem conseguir satisfazer suas "instruções", ao passo que outros só obtêm um sucesso parcial ou até fracassam completamente. Esse sucesso ou fracasso nada tem a ver, essencialmente, com o mapa. O que o mapa representa é *um conjunto de potencialidades*. Toda liberação de potencialidades, em qualquer parte e a qualquer tempo, contém a possibilidade bipolar de êxito e fracasso, de realização e frustração seguidas de desintegração. Essa é a lei mais fundamental da existência -, simplesmente porque a existência implica dualidade e todas as energias são bipolares.*

O que isso quer dizer em termos de uma completa compreensão do significado das Casas é - repito - que cada Casa representa um tipo básico de experiência humana. O ser humano, durante sua existência, se defronta com esses doze tipos. Aquilo que ele fizer com eles é o que lhe tornará a vida, ao menos relativamente, um sucesso ou um fracasso - e, na maioria dos casos, uma mescla de ambas essas coisas. Ele é, no sentido mais profundo, livre para se movimentar ao longo do caminho positivo ou do negativo. As posições dos planetas - agora sempre incluindo o Sol e a Lua - não lhe *determinam* essa escolha. Elas indicam apenas o *tipo de energia* de que ele melhor se poderá valer para enfrentar satisfatoriamente o tipo de experiência simbolizado por cada Casa.

* Para o desenvolvimento desse conceito metafísico, cf. *The Planetaryization of Consciousness*, capítulos 5 e 6.

Nem Marte nem Saturno indicam coisa alguma que seja "má" ou "infeliz" em termos do *dharma* de um indivíduo. Se Saturno estiver localizado na Casa que se refere à atitude de uma pessoa em relação ao que ela possui e ao uso de suas posses, isso significa simplesmente que tal pessoa precisa administrar e conservar cuidadosamente o que possui com um senso de responsabilidade. O fato de uma pessoa ser tida como rica ou pobre segundo os padrões sociais de sua sociedade não tem nada a ver realmente, ou digamos espiritualmente, com essa posição de Saturno, porque aquilo com que deve lidar uma astrologia centrada na pessoa não são os acontecimentos exteriores nem qualquer fato *quantitativo*, mas unicamente, ou ao menos essencialmente, as *qualidades* de ser, sentir, pensar e de se comportar. O fato essencial, não só do ponto de vista psicológico mas também em termos da avaliação mais fundamental de qualquer aspecto da experiência humana, não é *o que* uma pessoa faz, sente ou pensa, mas a qualidade de suas ações, sentimentos e pensamentos; e essa qualidade, claro está, se relaciona com a motivação do indivíduo, mas não necessariamente com a sua motivação *consciente*.

DOZE CATEGORIAS DE EXPERIÊNCIA

Poder-se-á perguntar, é claro, por que dentre a imensa variedade de experiências humanas só selecionamos doze categorias básicas. Existem, sem dúvida nenhuma, razões metafísicas e "numerológicas" para esse número doze, e já mencionei algumas delas. O número básico é o quatro, e ele se refere à cruz formada por horizonte e meridiano em nossos mapas astrológicos bidimensionais de estilo ocidental. A divisão do círculo em quatro setores e todos os padrões que podem se basear no princípio quádruplo - o qual é, em si mesmo, uma expressão do dualismo inerente a toda experiência - são típicos de todas as mandalas.

Carl Jung dedicou muita atenção às mandalas devido ao seu uso em todo o mundo em todas as culturas antigas e porque elas simbolizam o que ele chama de "processo de individuação", ou de totalização. A tarefa básica do homem é tornar-se *conscientemente* um ser total em todos os níveis de sua existência; e ele só pode se tornar uma totalidade por efeito de relacionar todas as suas experiências a um centro comum, que também é projetado como a circunferência de sua pessoa como um todo. Em outras

palavras, ele precisa compreender conscientemente o lugar que cada experiência ocupa em sua pessoa como um todo.

Nesse processo de integração, dois fatores se destacam: consciência e poder. Todas as experiências e valores humanos podem ser avaliados em termos de consciência e de poder. Sem a consciência, o poder se exprime de forma subumana; sem o poder, a consciência é uma abstração, uma essência ou um alento insubstancial, sem nenhum referente existencial. Em astrologia, a consciência é concebida como operando em termos do eixo horizontal da existência; o poder e a capacidade para uma existência integral relacionam-se com o eixo vertical.

Em um todo existencial a consciência opera inevitavelmente de uma forma dualística: consciência do ser, consciência de estar relacionado com os outros. A existencialidade e a relacionalidade são os dois termos fundamentais de todas as realidades da existência, mas há vários níveis de ser, e as relações também operam em vários níveis, exteriorizando diferentes qualidades de ser.

O poder também opera de um modo dualístico: o poder de continuar como uma entidade, de manifestar plenamente as potencialidades inerentes de um ser individual, de se integrar concretamente na existência, e o poder de atender à necessidade de seu ambiente, grupo ou sociedade, isto é, de cumprir o próprio *dharma*, o próprio lugar e a função na esfera determinada por suas capacidades individuais.

A existencialidade refere-se ao ponto leste no mapa de nascimento, o ponto de origem da Luz - e a Luz é uma expressão cósmica tanto quanto o substrato da consciência em seu aspecto existencial. A relacionalidade pertence ao ponto oeste do horizonte - o simbólico reunir-se dos seres humanos para o fim de refletir sobre a experiência partilhada.

O poder em termos de integração *pessoal* é representado pelo nadir do mapa, o que em mapas astrológicos modernos está próximo da cúspide da quarta Casa - *Imum Coeli*. O poder em termos de integração *social e comunitária* é representado pelo zênite, que na moderna astrologia está próximo do ponto do meio-dia ou Meio-do-céu.

Segundo Carl Jung, o homem tem quatro funções básicas: intuição, sensação, sentimento e pensamento. A *intuição* se relaciona com o Ascendente astrológico - o simbólico nascer do Sol - porque a intuição é consciência, percepção de si mesmo operando. Na direção oposta, a *sensação* estabelece a relação de uma pessoa com outras entidades que a cercam; referimo-la, portanto, ao Descendente ou à cúspide da sétima

Casa. O *sentimento* é simbolizado obviamente pelo ponto do nadir por ser a manifestação mais imediata da resposta de um organismo integrado a tudo quanto experimente como mudança de estado. A princípio, é uma mudança da condição biopsíquica interna; posteriormente, refere-se às variações de atitude ou de humor, que experimentamos e que alteram nosso sentido básico de ser, de segurança e de poder como pessoas. O *pensamento* é um processo baseado em palavras e numa sintaxe, que por sua vez constituem expressões simbólicas de uma determinada cultura e forma social de *inter-relacionamento* humano. É, pois, representado pelo zênite - ou, nos mapas modernos, pelo Meio-do-céu - porque nesse ponto a pessoa toma consciência de estar vivendo dentro de uma organização comunitária.

O mapa, em conjunto, é dividido pelo horizonte em duas metades - ou hemisférios na projeção bidimensional. A metade situada abaixo do horizonte pode ser caracterizada pelo verbo *ser*; a metade acima do horizonte pelo verbo *funcionar*.

Ser uma entidade consciente implica a descoberta de si próprio como o "sujeito" da existência e, gradativamente, compreensão dos próprios poderes, exprimi-los e por fim aumentá-los, reformá-los ou transformá-los. No plano situado abaixo do horizonte, uma pessoa essencialmente pensa, age e sente de forma subjetiva; ela existe num mundo centralizado em torno de si própria, e seu enfoque das experiências se orienta no sentido da auto-realização e da auto-expressão - tanto quanto no sentido de ela lidar com os resultados dessas atividades *subjetivamente avaliadas*, é claro.

No plano situado acima do horizonte, o relacionamento é a tônica; portanto, a parceria e os resultados de cooperação e/ou comunhão são acentuados. A tônica é a participação - participação num processo em que ao menos duas e por fim muitas pessoas estão envolvidas. O "funcionamento" existe quando existe a percepção de se fazer parte de um todo - de se ter um lugar determinado dentro de um processo organizado e estruturado, seja ele orgânico, no sentido biológico, ou sócio-político-cultural.

Em cada hemisfério deve-se considerar dois pontos básicos: os "ângulos" criados pelo horizonte e pelo meridiano. O Ascendente se refere ao impulso criativo original que exterioriza uma forma arquetípica, um Verbo criativo. Esse impulso precisa ser "encarnado" num organismo substancial concreto. É preciso atingir uma condição *estável e integral* de ser, através da qual o ser individual possa usar a "força" - isto é, energias biológicas e psíquicas - não só conscientemente, mas também com eficiência. E isto se refere ao nadir e à quarta Casa.

Podemos, pois, dizer que aquilo que era uma liberação de potencialidades no Ascendente torna-se realizado, *num sentido subjetivo e estritamente centrado na pessoa*, na quarta Casa. Esse processo de concretização ocorre em três etapas. Cada uma das três primeiras Casas representa um tipo de experiência que, se for enfrentada eficazmente, levará o processo a um ponto de culminância. Essas três etapas se repetem em termos de cada ângulo, e desse modo manifestam a seqüência astrológica das Casas *angular, sucedente e cadente*. A primeira, a quarta, a sétima e a décima Casas são angulares porque representam a criação ou exteriorização do significado dos quatro ângulos. A segunda, a quinta, a oitava e a décima primeira são sucedentes, e as outras são cadentes.

Podemos definir o caráter básico dessas três categorias de Casas usando os seguintes verbos-chave:

Casas angulares: *ser*

Casas sucedentes: *usar*

Casas cadentes: *entender ou transformar*

Por conseguinte, a primeira Casa refere-se à descoberta subjetiva do ser, ou entidade individual. A segunda Casa refere-se ao uso do que o ser individual encontra disponível a fim de se exteriorizar; no sentido mais amplo, seu patrimônio por ocasião do nascimento, incluindo todas as capacidades inatas do corpo e da psique. A terceira Casa é o campo de experiência que nos traz uma compreensão da relação entre ser e usar, entre o sentido subjetivo de ser e a realidade objetiva dos meios de ação, isto é, as posses do ser.

Quando principiámos do nadir, principiámos com o verbo "ser" - uma personalidade estável, mais ou menos bem integrada, operando a partir de alguma espécie de "lar" ou de fundamento básico da existência orgânica. Isso se refere ao tipo de experiência representada pela quarta Casa - angular. A quinta Casa - sucedente - simboliza aquelas experiências que facultam a uma pessoa o uso das energias biopsíquicas geradas por qualquer totalidade organizada estável. A sexta Casa - cadente - é o campo de experiência que lhe permite compreender os resultados desse uso auto-exteriorizante de energia, enfrentar os resultados negativos, aperfeiçoar sua técnica de ação e transformar seus motivos.

Veremos em breve como os verbos-chave para as três categorias de Casas agem no plano acima do horizonte, que diz respeito a funcionamento em termos de relações humanas e a participação nas atividades de um todo maior - um grupo, uma sociedade, uma nação. Mas, examinando as

seis primeiras Casas - do plano abaixo do horizonte -, podemos ver uma configuração mais ampla tomar forma, e que também se repetirá na seqüência de Casas acima do horizonte. Podemos definir seis operações básicas que, abaixo do horizonte, se referem à consciência subjetiva do ser. Acima do horizonte, essas mesmas operações básicas se referem ao desenvolvimento do tipo de consciência resultante de relacionamento, de cooperação, e de se encontrar o próprio lugar na sociedade. Essas seis operações podem ser definidas pelos verbos: *ser, ter, informar, manter, exprimir e transformar*.

A experiência de "ser" na primeira Casa leva à experiência de "ter" e nela se consubstancia - ter um corpo, ter posses, ter talento, ou, negativamente, estar privado de tudo isso em qualquer sentido satisfatório. Na terceira Casa, instaura-se um processo de formação mediante seleção, classificação e organização. Isso significa adaptar-se ao ambiente, relacionar sensação com sensação, desenvolver a habilidade e o intelecto e formular e comunicar as próprias respostas ao ambiente.

A quarta Casa refere-se a tudo quanto mantém as características individuais do ser de uma forma estável; a quinta Casa diz respeito a toda experiência através da qual o ser pessoal procura exteriorizar seu poder; a sexta refere-se a experiências que impelem a pessoa a transformar, reformar ou ampliar a consciência de ser - ou, em muitos casos, apenas do "ego" - e, portanto, a crises pessoais em todos os níveis lidando com possíveis soluções de problemas pessoais.

Pode-se ver em operação a mesma seqüência no plano de experiências acima do horizonte, do qual o Descendente - cúspide da sétima Casa - é o ponto arquetípico de origem. A sétima casa diz respeito ao "ser" das relações, ou seja, à qualidade de nosso modo de abordar as relações - como nos defrontamos com o mundo e, particularmente, com "o outro", seja ele parceiro ou companheiro -, e acima de tudo, como *devemos* aprender a nos defrontar e trabalhar com os outros independentemente da força com que nossa sociedade, religião e cultura têm procurado nos condicionar mediante imagens, ideais e tabus coletivos. A oitava Casa refere-se ao uso que fazemos das energias vindas do relacionamento - isto é, do patrimônio adquirido em comum - que obviamente precisa levar em conta as normas coletivas de negócios, investimento, transferência de bens etc. Esse uso, em certas circunstâncias, pode implicar uma reformulação de atividades autocentradas, uma transformação da "auto-imagem" - sobretudo sempre que ocorre algum conflito entre essa auto-imagem e a "imagem do

relacionamento" - aquilo que Carl Jung descreve como a *anima* na vida de um homem e como *animus* na de uma mulher.

A nona Casa é especificamente o campo de experiências que nos inspira uma compreensão mais profunda e uma maior expansão da consciência. Essas experiências dão forma a nossa apreciação e avaliação dos processos social e cósmico. Elas lidam com nossas tentativas de generalizar e de comunicar, não mais assuntos e questões pessoais e ambientais, mas aquilo que afeta todas as pessoas e o universo em geral. E quando alcançamos o Meio-do-céu, revela-se-nos o meio mais profícuo de "vencer", de levar a cabo matérias de importância comunitária, de cumprir nossa função de seres individuais através da participação no trabalho do mundo.

A décima primeira Casa sugere o melhor meio de empregar, e desfrutar, aquilo que conquistamos, de exprimir-nos como membros de uma comunidade, mais do que como indivíduos - e também de imaginar melhores modelos de inter-relacionamento, novas formas de negócios ou de organização social. Então a décima segunda Casa finda o processo cíclico da experiência, essencialmente de uma dentre duas maneiras: pode significar uma realização em matéria de entendimento e de sabedoria da vida interior, que se estende no sentido do esvaziamento do conteúdo da vida, isto é, a "morte" no sentido simbólico que, por sua vez, leva ao início de uma fase nova e superior - ou, por outro lado, pode levar a uma perturbação de todos os relacionamentos e a um trágico sentido de malogro, que se prolonga além do término do ciclo como lembranças espectrais não resolvidas.

E então o ciclo recomeça.

COMO USAR AS CASAS

Toda nova experiência representa um desafio para a capacidade de o indivíduo ser ele próprio, estabilizar sua personalidade, assimilar o que o fará desenvolver-se e amadurecer de modo a poder participar melhor de sua comunidade e, de forma ainda mais ampla, da evolução da humanidade. Ele é desafiado e posto à prova pela experiência. Precisa descobrir sua verdade individual de ser e desenvolver todas as suas capacidades inatas *através* da experiência, aceitando-a plenamente e prontificando-se a assumir a respon

sabilidade por seus frutos, enquanto, ao mesmo tempo, permanece o mais possível "livre de apego a esses frutos" - como Krishna prescreve a seus discípulos no *Bhagavad-Gita*.

A primeira grande experiência é, obviamente, o nascimento, mas toda experiência pode ser vista e enfrentada como um novo nascimento. A verdadeira vida é um ato de renascimento incessante. O problema de toda pessoa que realmente procure viver como indivíduo, e não só como uma réplica de algum protótipo social, moral ou religioso, é o de *como lidar melhor* com esses renascimentos sempre renovados - como enfrentar todo tipo de experiência que os filósofos existencialistas chamam maneira "autêntica" ou em termos hindus, como realizar o próprio *dharma*. Quando uma pessoa realiza seu *dharma*, ela neutraliza um antigo carma e responde à necessidade humana que o suscitou.

Para o astrólogo humanista que aceita a atitude fundamentalista que aqui esbocei, como o tenho feito em todos os meus trabalhos, a astrologia é um meio destinado a esse fim, a saber: a realização do indivíduo. O mapa astrológico e outros tipos de mapas relacionados com o princípio dos ciclos da existência, pequenos ou grandes, devem ser usados de acordo com esse objetivo. Eles são "instruções" que formulam, num código celeste, os melhores meios de obter a realização do próprio *dharma* através de respostas autênticas a toda experiência individual básica.

Toda pessoa procurará decifrar esse código de acordo com o conhecimento ou capacidade de iluminação intuitiva que tiver adquirido. Deverá decifrá-lo por si mesma e para si mesma. Mas, como em geral vivemos sob condições sociais confusas ou opressivas, e nossas psiques estão cheias de conflitos e dúvidas, quase sempre precisamos ou queremos consultar um intérprete versado em decifrar símbolos celestes. Mesmo assim, trata-se de nossa própria vida, de nosso próprio passado e de nosso próprio *dharma* - e devemos procurar fazer, nós mesmos, essa interpretação, pois toda interpretação é, ela própria, ao menos potencialmente, um renascimento da compreensão, que pode abrir uma nova fase no ciclo total do desdobramento de nossa consciência.

O mapa de nascimento de um indivíduo lhe diz como cumprir melhor o seu destino. É claro que estudar nosso próprio mapa de nascimento e meditar sobre ele não é o único meio de obter essa compreensão. Há muitos outros métodos possíveis, mas a astrologia tem grande validade universal quando abordada de maneira apropriada. Tudo num mapa se refere ao melhor meio de enfrentar as experiências da vida de uma maneira autêntica.

E as Casas constituem o quadro de referência básico de acordo com o qual devemos interpretar as instruções celestes.

Como já disse, há muitos sistemas de determinação de Casas, especialmente quanto às cúspides das Casas intermediárias, isto é, situadas entre o horizonte e o meridiano. Isso obviamente gera muita ambigüidade e confusão, e atualmente não há meio de solucionar o problema de modo completamente satisfatório. Talvez isso seja uma fatalidade em nossa sociedade altamente individualista, pois sugere que hoje em dia há *alternativas* para tudo, que nenhuma verdade é "absoluta" e que temos de aprender o que pudermos e depois esquecer, dando ocasião a que a intuição - o Deus interior ou guia interior - nos mostre a alternativa mais significativa para nós como indivíduos, aqui e agora.

Alguns astrólogos procuram fugir à ambigüidade não fazendo caso das Casas e baseando-se unicamente nos planetas. Mas uma ambigüidade semelhante existe, como vimos, no tocante a qual dentre dois ou mais zodíacos é o melhor, e se nos basearmos unicamente na relação angular entre os planetas e idearmos vários sistemas a fim de aperfeiçoar *ad infinitum* a análise de um modelo assim, global, das relações planetárias, é possível que escape a questão mais fundamental: *Quem* sou eu? - que não é a mesma coisa que: *O que* eu sou?

O *quê* se refere à configuração de todo o sistema solar visto da localidade do nascimento, porque esse *quê* diz respeito à organização particular das funções vitais básicas e impulsos psíquicos da pessoa, ou seja, ao modo pelo qual as energias vitais operam numa determinada pessoa. Por outro lado, o *quem* se refere ao cruzamento das linhas horizontal e vertical em nossos mapas modernos, já que é essa cruz que define a orientação específica do indivíduo com relação ao universo que o cerca. Se pensarmos em estrelas em vez de em graus do zodíaco, esse *quem* seria simbolizado por uma estrela elevando-se exatamente no ponto leste, e por outra culminando no zênite exatamente no momento em que o ar chega aos pulmões do recém-nascido. As estrelas no ponto oeste e no nadir revelariam o aspecto polar complementar desse *quem* essencial.

Hoje, a astrologia ainda baseia-se principalmente no zodíaco, e o fator Sol ainda domina seu aspecto popular. Temos de nos arranjar com aquilo de que dispomos, da mesma forma que um pianista precisa lidar com o sistema de escala dodecafônica temperada ocidental se quiser tocar, compor ou improvisar ao piano. Porém, um novo sentido de tom está se desenvolvendo lentamente no âmbito da música e originando novos instrumentos e um novo

enfoque da combinação de sons. O mesmo está ocorrendo na astrologia. Há "classicistas" astrológicos que veneram os modelos do século XVII, assim como há músicos que seguem a música barroca. Alguns astrólogos, bem como alguns músicos, entretanto, estão mirando o futuro e não o passado - a pessoa individual e não a "maioria silenciosa" escravizada à tradição. Devemos sempre decidir *onde nos situar*.

Em outras palavras, se quisermos usar o material astrológico hoje disponível - porque realmente temos de fazê-lo! - precisaremos determinar o caráter das Casas pelos signos e graus do zodíaco em suas cúspides. Podemos também considerar o "regente planetário" do signo do zodíaco na cúspide e, é claro, todo planeta que aconteça localizar-se na Casa.

O signo da cúspide refere-se aos tipos de experiências que melhor podem capacitar o indivíduo a realizar seu potencial inato no âmbito estruturalmente definido pela Casa em questão. Se vemos que Sagitário está na cúspide da primeira Casa, isto é, o Ascendente, podemos deduzir que a busca do indivíduo por "ser" será mais bem-sucedida em termos das experiências que envolvam características sagitarianas: expansividade, ampla compreensão, consciência social, o estudo de princípios gerais, ensino, talvez viagens, talvez buscas religiosas etc. Se Sagitário estivesse na cúspide da segunda Casa, as características desse signo se aplicariam a "ter" - isto é, às posses e ao seu uso.

No caso de uma cúspide sagitariana, Júpiter é o "regente" da Casa. O planeta regente da Casa está relacionado com o *tipo de energias mais necessárias* para satisfazer eficazmente o tipo de experiência próprio da Casa.

Quando um planeta se localiza numa Casa, isso indica que a função representada por ele encontra sua *melhor área* de expressão no campo de experiência referente a essa Casa. Inversamente, para esse tipo de experiência ser enfrentado eficazmente, a espécie de atividade funcional representada pelos planetas será *mais eficiente*.

Convém acentuar uma vez mais que, segundo esse novo enfoque centralizado na pessoa, não há planetas "benéficos" nem "maléficos". Todo planeta representa tipos valiosos e necessários de energia vital e de atividade funcional. Marte e Saturno são tão bons e benéficos quanto Vênus e Júpiter. E o mesmo se aplica aos aspectos interplanetários, que não são mais considerados "benéficos" ou "maléficos", mas, antes - para usar a terminologia corrente -, "leves" e "pesados", ou, diria eu, *edificadores de forma e liberadores de energia*.

Portanto, é assim que um astrólogo humanista enfoca a interpretação das Casas. Na segunda parte deste volume, tratarei mais especificamente do significado de cada uma das doze Casas. Ao concluir esta primeira parte, talvez convenha acentuar ainda mais um ponto já formulado.

A astrologia é uma linguagem. Ela usa símbolos, e esses símbolos precisam ser decodificados e interpretados. Nenhum sistema de interpretação é absolutamente "verdadeiro" - tanto quanto nenhuma teoria da ciência ou qualquer sistema de moralidade social é absolutamente "verdadeiro". Tudo depende, para sua *validade*, do tempo, do lugar e da pessoa, ou da personalidade integrada e estável no grupo. Ao cumprir seu destino da melhor forma possível, uma pessoa tem de usar aquilo que seu ambiente e sua cultura, incluindo a língua que ela fala, lhe oferecem na ocasião. Ela pode alterar seu ambiente, mas em essência não pode modificar o tempo e o lugar de seu nascimento - isto é, sua estrutura de ser arquetípica. Essa estrutura é sua própria "verdade"; tudo deve tomá-la por referência, não autocentradamente, mas em termos de consciência e de participação efetiva em alguma totalidade maior.

Só podemos participar eficazmente de um todo se estivermos dispostos a aceitar pelo menos alguns de seus meios de expressão e formas de pensamento e de conhecimento. Nessas condições, para trabalhar no mundo ocidental em termos de astrologia, há coisas que devemos aceitar. Elas existem para ser usadas. Precisamos usá-las na proporção em que elas nos pareçam, em qualquer tempo, *satisfazer melhor os requisitos especiais de nossa filosofia de vida e as necessidades das pessoas com que queremos nos comunicar.*

Assim sendo, se acreditamos na validade de um sistema de Casas e de um determinado zodíaco, são esses os que devemos usar - e devemos usá-los do modo mais coerente possível. Estamos familiarizados com eles. Identificamos nossos processos mentais e nossas respostas emocionais; com eles. E, se o fizermos com honestidade e lógica em qualquer situação com que nos defrontamos, ou com qualquer pessoa que nos procure, seremos bem-sucedidos. A coisa "funcionará".

A ciência e a tecnologia "funcionam" porque a humanidade, sob a liderança cruel e agressiva das raças do Ocidente, precisou do tipo do resultados que elas proporcionam em termos de expansão, conforto, domínio do meio ambiente, orgulho egoísta etc. Esses resultados nos são caros, e conquistamos grandes coisas com eles. Mas já estamos começando a compreender que esses resultados podem ter aspectos muito negativos e,

com efeito, destruir-nos a todos. Muitos dentre nós, sobretudo jovens, têm reconhecido esses aspectos negativos e estão reagindo vigorosamente contra esta civilização em que nascemos. Todavia, ainda que procuremos vislumbrar um mundo novo, temos de usar os meios de que dispomos para promover-lhe a concepção e o nascimento.

Isto sempre ocorre. Ninguém nasce só e sem passado. Tudo o que se pode fazer é repolarizar esse passado, primeiro em nossa própria natureza, a seguir em nosso meio ambiente. Nenhuma pessoa pode *transformar* uma cultura sem estar informada de seu conteúdo; ela não pode influir em coisa alguma de que não participe de algum modo.

Segunda Parte

A Primeira Casa

De acordo com o ponto de vista da astrologia centrada na pessoa, o ato de respirar define o primeiro momento da existência individualizada. Por ocasião do primeiro hausto de ar inspirado, uma válvula no coração se fecha, o sangue corre para os pulmões, e os dois ritmos essenciais à vida do organismo humano - o ritmo do sangue e o da respiração - se estabelecem de um modo específico. Um terceiro ritmo, do qual quase nada sabemos, talvez também tenha início: o ritmo referente às pulsações do fluido cérebro-espinhal, relacionado com correntes eletromagnéticas, "etéricas".

A identificação da "vida" com a respiração é tão velha quanto o pensamento humano. Os termos sânscritos *prana* e *atman* referem-se, em dois diferentes níveis, à respiração. O mesmo ocorre com a palavra grega *pneuma*, que tanto significa respiração como espírito, e com a palavra latina *anima*, que significa alma. Em sentido mais amplo, a própria existência implica movimento, dinamismo, mudança rítmica.

No livro bíblico do Gênesis conta-se que toda a existência começou com a ordem divina "Faça-se a luz". Mas essa luz não é a do Sol, como se pode ver nas sucessivas declarações bíblicas. É movimento, vibração e, portanto, ritmo. O feto ainda por nascer sente os ritmos, mas essa sensação ocorre num ambiente *fechado* dominado pelos ritmos da mãe. Só quando o

organismo humano emerge no ambiente aberto do universo é que passa a operar ativa e positivamente como "pessoa individual". Nascer como pessoa individual em potencial é respirar. É por isso que o iogue que aspira a fundir sua individualidade com o Todo universal pratica o *pranayama* - literalmente, morte da respiração. Ele voluntariamente desindividualiza e despersonaliza seu ser total ou, pelo menos, sua consciência.

Respirar é, portanto, o primeiro ato de existência independente dentro do ambiente aberto do universo. É a primeira afirmação do *ser*. A primeira Casa de um mapa astrológico começa com o Ascendente, o símbolo do nascer do Sol, do começo da atividade sobre nosso planeta e, em geral, de todos os começos. Cada experiência pode ser um novo começo. Todo indivíduo pode renascer em qualquer momento. Ele pode relacionar-se com o *seu* universo de uma forma nova, de um modo exclusivo - a seu próprio modo. Esse modo constitui ou pelo menos manifesta existencialmente a sua identidade - o que também significa a maneira pela qual ele está orientado no universo.

O que quero dizer aqui com *universo* é simplesmente a existência tal como essa pessoa individual a pode ver, sentir, conhecer e experimentar. Podemos falar desse universo em três níveis principais. O ser humano nasce dentro da biosfera terrestre - primeiro nível. Nasce também dentro do sistema solar - segundo nível. Pode relacionar-se conscientemente com a galáxia, da qual o sistema solar é apenas uma pequena parte - terceiro nível - e dela participar. Além da galáxia, podemos imaginar ou um universo finito, à maneira de Einstein, ou um espaço infinito; provavelmente, há alguma verdade em ambas essas concepções. Mas, para qualquer propósito realista de vivências devemos parar na galáxia. Na verdade, é sempre válido saber onde e quando parar em nossas especulações intelectuais, para não naufragar a consciência num oceano de pura indiferenciação e de abstrações existencialmente vãs.

Esses três níveis - a biosfera terrestre, o sistema solar e a galáxia - são muito reais, ao menos potencialmente. Eles podem ser vividos por nós e, portanto, podem ser usados como símbolos de um processo tríplice de desenvolvimento do ser individual. Esse desenvolvimento ocorre teoricamente em três fases - quando chega efetivamente a ocorrer - em termos da experiência humana e do desenvolvimento do tipo de consciência que se pode formular e traduzir em ação. Esse processo de três níveis também pode ser relacionado, ao menos no sentido arquetípico, com os três períodos básicos de uma vida humana realizada individual e consciente-

mente: do nascimento à idade de 28 anos, dos 28 anos aos 56 e dos 56 aos 84. O ciclo de 84 anos é o da revolução de Urano em torno do Sol e, como Urano é essencialmente o símbolo de transformação e metamorfose, esse ciclo diz respeito ao homem que age no nível em que transformações constantes são possíveis. Por outro lado, o ciclo tradicional de 70 anos de existência - três vintenas e dez - refere-se a uma vida humana dominada por tradições biológicas e sócio-culturais, e pelos ciclos de vinte anos da relação Júpiter-Saturno, e deve ficar claro que a maioria das pessoas ainda está operando nesse nível de existência e de consciência.

O número 28 tem sido considerado "o número do homem". Ele relaciona 4 e 7, e desse modo representa as operações *concretas* plenas do ciclo de 7 anos, sendo 4 o símbolo de concretude. Os três ciclos que somam 84 anos compreendem doze períodos de 7 anos, e leva esses ciclos de 7 anos à manifestação cósmica potencialmente plena. Num sentido mais oculto, esse ciclo de 84 anos se refere à edificação do imortal Corpo de Cristo, ou, na terminologia budista, o Corpo Diamantino, o produto do "Matrimônio entre o Céu e a Terra".*

Em capítulo posterior, ainda voltarei a esses ciclos, pois o que nos interessa aqui é o fato de que as experiências a que cada uma das doze Casas se refere podem ser enfrentadas, ao menos potencialmente, e interpretadas em três níveis fundamentais. Um indivíduo pode nascer e renascer em cada um desses níveis. Da mesma forma, ele pode experimentar o que possui, e lidar com isto, em termos de vários conjuntos de valores - segunda Casa -, e correlacionar e resolver suas experiências, bem como desenvolver seu enfoque particular do ambiente - terceira Casa - em três diferentes níveis também. Depois, quando procurar uma base sobre a qual construir um sólido e seguro sentido de atividade pessoal, poderá encontrar essa base ou nos relacionamentos superficiais e nas tradições de sua família ou nos níveis mais profundos da sua cultura nacional, coletiva - simbolizada pelas raízes principais das grandes árvores. Pode também alcançar o núcleo simbólico da Terra, o que quer dizer o próprio centro de seu ser "global" - quarta Casa.

* Cf. meus livros *Astrologia da Personalidade* e *Tríptico Astrológico*, Ed. Pensamento, São Paulo - para referências a esses processos - e obras como *The Secret of the Golden Flower*, traduzido do chinês por Richard Wilhelm.

Voltando agora à primeira Casa, fisicamente, o ser humano nasce do útero materno. Psicologicamente ele pode - mas não precisa - ter a vivência de um "segundo nascimento" como pessoa individualizada que gradativamente se torna mais consciente de seu lugar e de sua função na comunidade. Esse é o seu nascimento para a individualidade, ao passo que o primeiro nascimento foi para a "organicidade". Alguns indivíduos alcançam o nível de um terceiro nascimento - um nascimento para a Luz ou para a realidade espiritual.

Se considerarmos esse três níveis do processo de nascimento como uma seqüência temporal de desenvolvimento, poderemos então relacioná-los com os *princípios* dos três ciclos de 28 anos da existência individualizada consciente: teoricamente, com o nascimento, com o período entre as idades de 27 anos e meio e 29 anos, e com a idade entre 56 e 59 anos. Mas pode-se, igualmente, pensar nesses três níveis de nascimento como não tendo referentes temporais, pois - ao menos potencialmente - os três níveis existem o tempo todo; a pessoa pode operar em cada nível e em todos os níveis se sua consciência se afinar com os ritmos vibratórios desses níveis e tomar consciência de seus horizontes específicos. Toda pessoa vive ao mesmo tempo na biosfera, no campo solar e no universo galáctico, mas poucas estão realmente conscientes de tudo o que isto implica.

A primeira Casa do mapa astrológico de uma pessoa indica essencialmente o tipo de experiência através da qual ela descobrirá melhor quem ela é como indivíduo. Ela poderá fazer essa descoberta em três *níveis* básicos de *consciência*, que podemos chamar de instintivo, mental-cultural e espiritual-cósmico. Esses níveis podem ser alcançados num estado de consciência ativo, dinâmico, ou reflexiva e passivamente. Aliás, toda indicação astrológica tanto pode ser interpretada positiva quanto negativamente, o que aqui significa reflexivamente. A primeira Casa e sua origem ou cúspide, o Ascendente, indica como esses níveis podem ser alcançados mais eficaz e significativamente, a fim de melhor liberar o conjunto de potencialidades de um indivíduo que caracterizam uma pessoa específica. Mais adiante veremos como se pode interpretar a presença de cada signo zodiacal e de cada planeta na primeira Casa.

Falei no parágrafo anterior de níveis de consciência. Toda experiência pode ser vista como uma prova de autoconsciência tanto quanto como uma prova de nossa presteza e disposição para nascer de novo. Mas a maioria dos seres humanos - implícita, se não explicitamente - se recusa a nascer

de novo. Uma pessoa pode fechar os olhos mentais e espirituais para o sentido potencial de uma experiência - isto é, para o que ela lhe pode trazer e que a impulsiona no sentido de realizar um ato de autolibertação. A filosofia hindu refere-se constantemente à libertação de *maya*, dos desejos enraizados na "ignorância" básica da condição humana. Mas o essencial não é tanto a libertação quanto a promoção do nascimento de uma nova forma de consciência, de um novo modo de existência num novo nível.

Toda experiência vivida de forma profunda e total pode suscitar no indivíduo uma vontade de renascimento, de transformação ou de transcendência, mas certos tipos de experiência constituem meios mais adequados, significativos e eficazes do que outros para esse fim. Devemos olhar para a primeira Casa e em especial para o Ascendente para descobrir esses meios. Os processos naturais de desenvolvimento não podem, ou melhor, não devem ser forçados, mas consciência não implica ação voluntária. Podemos "vigiar e esperar" - e, dirão alguns, orar - sem pedir à vida que venha a experiência mágica, sem ansiar com impaciência por ela.

O inesperado costuma ser o mais revelador, mas pode-se polarizar a consciência para o inesperado. Pode-se criar e *manter* - o que é mais difícil! - uma qualidade de pronta expectativa - acerca do que podemos falar, de novo, em sentido lato, de "prece" -, o que evita a armadilha de exigir *um certo acontecimento*, externo ou interno, da vida. Mas o que precisamos compreender antes de tudo é que não se pode tomar um hausto de ar realmente profundo e vitalizador sem *primeiro* esvaziar os pulmões e, em outros níveis da existência, nosso ser psíquico e nossa consciência.

Estar vazio, encher-se, responder ao influxo de tudo o que se experimenta, essas são três etapas essenciais de um processo quase dialético. Mas, em termos da existência humana, devemos compreender que o que vem primeiro é o estarmos cheios - cheios de conteúdo inautêntico, não-individualizado, cheios do carma do *homo sapiens*, de uma raça, cultura e família específicas e, poder-se-ia acrescentar, dos vestígios residuais inconscientes de encarnações anteriores. O recém-nascido está cheio do conteúdo materno; a criança que se torna adulta está cheia do conteúdo sócio-cultural. Para viver um segundo nascimento, ela precisa emergir dessa matriz sócio-cultural coletiva. Precisa descobrir o tom individual de seu ser, seu próprio *mantram*, seu Nome celeste. E agora que não há usualmente nenhum iniciador que lhe dê seu Nome secreto, ela precisa descobri-lo em algum profundo surto de consciência. No entanto, esse Nome celeste é o seu mapa astrológico.

O poder desse Nome, enquanto individualiza, também *isola*. Quanto maior a intensidade, a agudeza, a precisão das características desse Nome - reveladoras do destino do indivíduo - tanto mais vigoroso e inevitável será o sentido de isolamento que se seguirá à revelação. Jesus exortou seus discípulos a se apartarem. Os aforismos iogues de Patanjali acentuam o que se tem traduzido como "isolamento". Nos tempos antigos, aos discípulos hindus era vedado tocar em qualquer outro ser humano; eles dormiam em colchões inflados com seu próprio hálito, de modo a ficarem isolados até do magnetismo do solo.

Hoje operamos em nível diferente. Na velha Índia, o que se tinha a vencer era o profundo apego inconsciente à tribo e ao solo, ao passo que neste século, sobretudo nos Estados Unidos, há uma sensação pungente de não se pertencer a nada, de desenraizamento e de alienação psíquica. O foco do novo modo de vida é, portanto, o da *relacionalidade total*, e o ideal é viver numa comunidade com formas totalmente abertas de relacionamento. Nessa situação, o símbolo do Descendente - cúspide da sétima Casa - pode ser mais validamente acentuado do que o do Ascendente. Todavia, a verdadeira "comunidade" do futuro deve ser tal que nela os *indivíduos* consciente e voluntariamente se ajuntem para transcender seus egos sócio-culturais e para experimentar a harmonia da interdependência holista, cada qual pronto e disposto a cumprir seu próprio destino dentro do todo.

A palavra *isolamento* está etimologicamente relacionada não só com *solus*, "só", mas também com *sol*, o "Sol". Todo Sol está isolado no espaço, é o centro de um grupo de planetas sobre os quais irradia sua energia vitalizadora; no entanto, um Sol é também uma estrela, e como estrela é uma companheira dentre muitas numa Fraternidade de estrelas na galáxia. Este é, na verdade, um símbolo muitíssimo revelador. Como sóis, as pessoas individuais são, ou parecem ser e se sentem, isoladas. Esse é o preço que se tem de pagar pela individualização - e em geral é um preço alto necessário a um processo intrinsecamente trágico. Mas estar isolado não significa necessariamente *sentir-se solitário*, e muito menos alienado.

Nenhum Sol irradia vida a seus planetas no espaço vazio; nenhum indivíduo nasce numa Terra alienígena. Todo Sol é essencialmente uma estrela na galáxia, e todo indivíduo nasce para cumprir uma função, para responder a uma necessidade da humanidade e da Terra, a única pátria da humanidade. Mas em tempos como estes nossos, para uma pessoa viver significativamente o seu *dharma*, ela precisa separar-se, ao menos temporariamente, daquela parte da humanidade que a originou. Um velho

ditado ocultista diz: "Quando o filho deixa a mãe, ele se toma pai". A somente precisa deixar a planta que lhe deu forma e substância antes de poder tornar-se a origem de uma nova planta, talvez em solo distante para onde os ventos do destino a impeliram.

A pessoa que assim experimentou um segundo nascimento como indivíduo gradualmente mais consciente de seu destino deve ser, em algum sentido, *diferente* das outras pessoas ainda presas à matriz de sua sociedade. Entretanto, diferença pode ser uma palavra negativa, pois muitos indivíduos tendem a acentuar e glorificar sua diferença em relação à coletividade. O mandamento "Apartai-vos!" só é válido como meio necessário para atender a um fim; uma vez que se tenha alcançado esse fim, os meios perdem sua razão de ser. A consciência não mais poderá focalizar validamente sua atenção nesses meios.

A sensação de diferença produz o sentido de separatividade, de distância, de incompatibilidade e talvez de fanatismo por aquilo que se descobriu. A contraparte positiva de "diferença" é *diferenciação*. Ser diferenciado é destacar-se em meio a um grupo - não porque se deseje isto ou para se orgulhar de tal fato, mas simplesmente porque enquanto os outros membros do grupo podem operar confusamente e de uma maneira inautêntica, disforme, não-característica, o indivíduo diferenciado vive uma vida autêntica e formada, que revela o caráter ímpar de seu ser e do lugar que lhe é destinado. Sua vida é uma série de "assinaturas" com que marca tudo aquilo em que toca com seu próprio gênio, qualquer que seja a área de atividade em que desempenhe seus feitos diferenciados.

Tal pessoa constitui uma origem, ao passo que a pessoa cujo grande desejo é ser "original" está principalmente preocupada em acentuar, talvez além dos limites do bom gosto e da propriedade, a diferença de que ela, como ego, tanto se orgulha. A ânsia de originalidade embalsama e mumifica as diferenças, mas sob todas as diferenças está a base da humanidade comum de todos os homens.*

O segredo do renascimento - do renascimento no núcleo de cada experiência - é estar vazio de si, e todavia manter com fé e silenciosamente um receptáculo formado, em que o espírito possa infundir seu influxo e depois transfundi-lo. Uma fonte é um lugar através do qual a água,

Cf. D. Rudhyar, *The Planetaryization of Consciousness* (Segunda Parte) para as bases metafísicas e cosmológicas desses enunciados.

escondida na vasta expansão do solo, jorra. Toda experiência pode ser a fonte de desenvolvimentos vitais novos e transformadores, vale dizer, criativos. Toda experiência encontra-se revelada no Ascendente do momento em que ela acontece.

Falar do Ascendente e da primeira Casa como representantes da "personalidade" concebida como um fato evanescente e, em grande parte, ilusório da existência, como muitos astrólogos com inclinações teosóficas têm feito, e glorificar o Sol no mapa astrológico como símbolo do "Ser espiritual", ou da Individualidade, é perder de vista o fato central da vida espiritual como hoje pode ser vivida por pessoas como indivíduos. O Ascendente é, com efeito, o fator mais vago e difícil de conhecer num mapa astrológico, mas, *precisamente* por ser ele o mais fugidio e o mais individual, é também o ponto de manifestação do espírito universal - ou Deus. Deus só atua através de pormenores. As generalidades e o mero poder vital pertencem aos planos intermediários, ao plano da edificação cósmica e das atividades formativas. O Divino só *encarna* no indivíduo. Ele *despreza o grupo*. A suprema responsabilidade sempre recai no indivíduo. No momento exato, da maneira mais definida, o Destino fala e age *através* do indivíduo.

A primeira Casa de um mapa astrológico se relaciona à área de experiência dentro da qual o Destino pode falar em momentos definidos para promover a realização de atos específicos. O que é necessário à pessoa individual, que poderia ser um instrumento de focalização para o Divino, é prontidão total, total receptividade a toda e qualquer circunstância e demanda da existência. É a perfeita disponibilidade, mas disponibilidade *orientada para* esse aspecto da vida do mundo que, para esse indivíduo específico, tem o caráter de autenticidade.

Pode-se, em geral, descobrir qual signo zodiacal estava em ascensão por ocasião do nascimento de alguém estudando-se as características dessa pessoa, especialmente a estrutura de seu rosto e sua expressão facial. A cabeça simboliza o caráter essencial da individualidade da pessoa como um ser consciente. Tudo "aflora" ao rosto da pessoa, ao menos em circunstâncias normais, pois o rosto exterioriza a forma da individualidade. Tem-se dito que os olhos são as janelas da alma, mas a cabeça é o lar construído pela individualidade. Ela reflete o Verbo criativo do princípio.

O signo zodiacal no Ascendente, normalmente, nos diz muito com relação ao *dharma* do indivíduo - isto é, a potencialidade central que a pessoa deve conscientemente procurar realizar como um vaso ou uma lente através da qual o Divino possa agir. Se houver planetas na primeira Casa,

eles indicam o tipo ou os tipos de função mais úteis no processo de descobrimento de nosso ser autêntico.

Ser, respirar, começar e sempre e eternamente recomeçar, encontrar e revelar a presença de Deus e o poder da identidade criativa em toda experiência, falar com autoridade em termos de nosso próprio *dharma*: tudo isso são palavras. A meditação sobre elas pode levar o indivíduo inteligente à verdadeira fonte do seu ser.

A Segunda Casa

Tradicionalmente, a segunda Casa está relacionada com as posses e, em nossa sociedade, com o dinheiro - símbolo da capacidade de adquirir tudo o de que se necessita ou que se deseja. O conceito de posse, porém, é muito complexo; ele tem vários níveis de significado, e a maioria dos astrólogos, infelizmente, tende a interpretar esse conceito e os "assuntos referentes à segunda Casa" de maneira superficial e marcadamente social. O que está realmente em questão no tipo de experiências individuais que se pode relacionar à segunda Casa de um mapa de nascimento é o problema da *propriedade*, o que se quer dizer quando um indivíduo usa a palavra "meu".

Logo que aprendem a pronunciar algumas palavras, as criancinhas descobrem o emprego da palavra *meu*. Isso pode acontecer de repente, e durante algum tempo a criança ainda muito nova, ao tocar vários objetos, proclama toda excitada "meu!" Na verdade, a existência consciente implica um tipo básico de propriedade e um sentido rudimentar de posse - isto é, a concepção de algumas substâncias materiais como sendo "suas". A pessoa que diz *Eu sou* precisa ter uma laringe e uma língua para dizê-lo. O *eu* não passa de uma abstração sem o *sou*, que implica a existência de um corpo físico. Esse corpo é a primeira e fundamental posse do ser. Ele lhe proporciona os meios para a gradual efetivação das potencialidades

Inerentes ao campo da individualidade. Ele contém no interior de suas células e átomos um imenso reservatório de energia em potencial. Como está sendo *usada* essa energia? Como *ela deve* ser usada para que o recém-nascido possa cumprir sua *função na biosfera terrestre e na humanidade*? Essas são questões para as quais a segunda Casa de um mapa astrológico deve estar capacitada para dar algumas respostas válidas.

Como já ficou dito, a segunda Casa é uma Casa "sucedente", e o lema desse tipo de Casa é *usar*. O processo de nascimento impele um novo organismo humano para o ambiente externo da biosfera; o que quer que esteja por detrás dessa impulsão precisa considerar como usar os poderes inerentes a esse organismo. No plano estritamente biológico, a vida é o fator causai no nascimento - a vida que opera segundo o modo específico de operação da espécie *homo sapiens* e que é focalizada através dos pais. Esses pais atuam meramente como portadores do espermatozóide e do óvulo. Como pessoas individuais, o papel deles é mínimo, embora tradicionalmente se acredite ser possível afetar, antes e durante a gestação, o tipo de entidade espiritual que se incorporará no útero.

A vida opera através do que chamamos *instintos*. O novo organismo é "programado" para satisfazer às necessidades e emergências existenciais de maneiras definidas. Os instintos lhe dizem como usar suas várias partes componentes. Em animais, esse programa é eficaz e não admite desvios, e quanto mais avançada a espécie na escala evolucionária, maior a possibilidade de se ajustar a alterações radicais do ambiente, desde que não sejam demasiado radicais ou repentinas. Nos seres humanos, essa possibilidade é admiravelmente bem desenvolvida. Quanto mais avançado o processo de individualização - processo que depende do estímulo e da complexidade das faculdades mentais - maior o potencial para transcender as reações instintivas. Quando a mente começa a refletir sobre si própria - isto é, a tomar consciência de ser consciente -, o sentido do "eu sou" passa a operar na consciência do organismo, polarizando ou realizando o que podemos conceber como um fator transcendente - uma mônada ou Alma - ou como um ritmo imanente da existência - o ser.*

No momento em que uma criança toma consciência de que é uma entidade distinta das demais entidades que a cercam, compreende

* Para uma definição mais completa dos termos *ser*, *alma* etc, ver meu livro *The Planetaryization of Consciousness*.

inevitavelmente que há certas coisas que pode chamar de "suas". Sua consciência logo se destaca o bastante dos vários órgãos e funções do corpo para ser capaz de falar acerca de "minhas" mãos, "minha" cabeça ou barriga etc, especialmente quando alguma dor aí se localiza. O fato de Pedro *ter* um corpo forte e Jane *ter* um rosto bonito pode ser enunciado pelos pais e por outros parentes. A criança *tem* um nome, um corpo, um temperamento específico, capacidades especiais. Essas coisas a caracterizam; elas constituem suas posses no nível mais pessoal e íntimo da existência.

Segundo certa linha de pensamento, essas posses são o que são devido ao condicionamento genético e ao passado ancestral da criança. Elas representam suas primeiras e mais básicas posses herdadas. Se aceitarmos o conceito de reencarnação de uma entidade transcendente, a alma, o corpo e tudo quanto está nele latente - faculdades, caráter, tendências, poderes inatos da mente, predisposições psicológicas etc. - constituem tudo aquilo com que essa alma encarnante terá de lidar, o que ela possui e pode chamar de "seu". O problema dessa *alma* é como usar, administrar, efetivar e mesmo gozar esse patrimônio básico.

Esse é o primeiro nível de propriedade. Um segundo nível diz respeito a objetos de posse, eventualmente o dinheiro, a capacidade de multiplicar as próprias posses para satisfazer necessidades, caprichos e venetas, e depois a capacidade de dar um valor positivo a nosso relacionamento com outras pessoas e com a sociedade em geral. Esse é o nível social de propriedade, entendendo-se o termo *social* em seu sentido mais amplo, que inclui o relacionamento de uma criança com sua família e com seus amiguinhos ou companheiros. Nesse nível, a aquisição de coisas torna-se a força impulsionadora; e, em sua forma exagerada, corresponde à cobiça do bilionário pelo poder que uma enorme riqueza pode proporcionar.

Tudo quanto uma pessoa chega a possuir é, de um modo ou de outro, o resultado da atividade de organismos vivos e de grupos sociais do passado. Toda pessoa, num sentido muito real, herda o passado da natureza e da sociedade humana. Sua herança pode ser pequena e inadequada para a verdadeira auto-realização, ou pode ter um âmbito potencial esmagador, mas sempre representa o passado. A crença na reencarnação dá maior dimensão a esse passado, isto é, as tendências, faculdades e o carma produzidos nas vidas pregressas e trazidas à atual. O que fazer com todo esse passado *agora* é o que representa a questão básica da segunda Casa. A resposta está no conceito de *administração*, ou

seja, no uso inteligente, eficaz e bem-sucedido que promove a melhor ofetivação possível de nosso potencial inato, e portanto de nossa Individualidade.

O uso adequado das posses leva à revelação, exteriorização e realização, no que respeita aos outros seres humanos e à nossa própria sociedade, de nossa individualidade, isto é, de *quem* somos. Uma pessoa compreende o que ela é em consequência de usar o que possui; ela demonstra o que é, a si mesma e a todas as outras pessoas, pelo uso daquilo que recebeu por ocasião do nascimento juntamente com o que veio a adquirir posteriormente. O ideal seria que transformasse esses bens em termos de sua finalidade individual e de seu destino. Mas isso dificilmente pode acontecer se a pessoa não for além do uso tradicional dos seus bens, pois então ela atua meramente como serva do passado, como um agente de fantasmas, do carma - sejam eles individuais ou sociais. Sua vida, portanto, é vivida por seus ancestrais, ou em termos de perpetuar os privilégios sócio-culturais deles herdados ou de ser impelida por antigos ódios e temores sociais e religiosos.

Os instintos animais são condicionados pelas experiências passadas da espécie, e também as respostas dos seres humanos primitivos. Até pessoas mais individualizadas estão programadas por modelos tradicionais de comportamento nelas impressos pelos pais e pelo estado ou pela religião. Modelos de possessividade e de demandas de propriedade exclusiva ainda são básicos em nossa sociedade. "Isto é meu; ninguém mais pode tê-lo" é o grande clamor de nossa moderna sociedade individualista e capitalista. O grande impulso é o impulso do lucro, da riqueza e o dos bens mais intangíveis relacionados com o prestígio, influência social, fama e até "amor". Quase todo mundo se apega a algum tipo de privilégio - o aspecto negativo da propriedade. Ele é negativo porque se baseia no passado, e em geral na insegurança, no medo e no orgulho. O aspecto positivo da propriedade, por outro lado, é a capacidade de levar as energias da Natureza e os valores do passado a um novo nível de eficiência e produtividade - eficiência e produtividade *não* em termos de indivíduos, grupos ou classes sociais privilegiados e especiais, mas em termos da humanidade toda.

Os bens devem ser usados. Capacidades ou riquezas não usadas - como, por exemplo, terras - constituem embaraços ao desenvolvimento humano, seja desenvolvimento individual ou comunitário. Mas o indivíduo não deve se *identificar* com aquilo que possui, pois então será usado pelos seus bens - que automaticamente demandam expansão - em vez de usá-

los. O indivíduo deve imprimir o ritmo de sua individualidade sobre aquilo que possui; deve dar-lhe um *significado* individual e não meramente social coletivo. Deve tomar sua propriedade significativa em termos de seu caráter e destino individuais. Deve dedicar aquilo que *tem* àquilo que ele *é*, pois somente *é* o que dá sentido a *ter*. Nada é mais fútil e espiritualmente vão do que ter sem ser, e isso é válido para todo tipo de posse. Uma sociedade sadia deve estabelecer como princípio básico o seguinte: *Nenhuma propriedade sem uso individualmente significativo*. O que *é* ou não significativo é um problema pessoal, mas a comunidade pode exigir do indivíduo que dedique consciente e deliberadamente aquilo que ele possui a um propósito que *para ele* seja significativo. A finalidade que se dá aos bens é a única coisa que lhes dá valor e que dá significado à propriedade.

Não há nada de sagrado no simples fato da propriedade. Só uma sociedade essencialmente não espiritual, como nossa sociedade ocidental de hoje, e talvez mais precisamente dos últimos séculos, pode glorificar o fato da propriedade independentemente do modo como as posses são usadas, ou de serem ou não usadas. No terceiro nível da existência humana, em que os valores espirituais e essencialmente humanos são aceitos como modelos do viver, todas as posses são natural e espontaneamente consagradas ao processo da evolução humana - o que quer dizer, em sentido mais restrito, ao bem-estar da comunidade a que essas posses estão relacionadas, pois a riqueza surge da cooperação humana, implícita ou explícita, conforme o caso.

Acumular uma fortuna originária de alguma nova invenção ou da descoberta de recursos naturais em nossas terras é, tanto na prática quanto espiritualmente, um crime contra a harmonia social e a saúde da comunidade. O patrimônio de uma pessoa representa o resultado direto de séculos de inter-relações e de esforços humanos; todos os bens são o resultado de processos naturais e sociais do passado. O proprietário herda tudo quanto possui da história da biosfera e da sociedade humana. A única coisa que pode dar valor e sentido a seus bens é o uso que ele lhes dá. O que dele se requer é que esse uso dê um novo valor e um novo significado criativo à vasta maré da vida na Terra e da sociedade humana.

Em última análise, o indivíduo que vive de acordo com valores espirituais compreende que ele mesmo, como pessoa viva, é a última posse a ser sacrificada à humanidade no altar da evolução humana. Nessa oferenda, ele se realiza libertando-se da possessividade dos bens. Por nada possuir ele pode afinal fundir seu ser com os grandes ritmos do universo.

Ele se deixa levar pelo universo, e sua consciência pode se tornar um espelho mágico em que todo acontecimento adquire importância e valor. Ele é possuído pelo universo para servir o propósito fundamental de toda a existência: a revelação do Significado.

Deus é o Significado todo-abrangente de todas as possibilidades da existência.

A Terceira Casa

Quando um livro de astrologia fala da terceira Casa como sendo a dos "irmãos, irmãs e dos parentes próximos", quer realmente indicar o primeiro ambiente do recém-nascido e a relação da criança em desenvolvimento com esse ambiente. Tudo nele afeta a criança e é no contato com ele que ela começa a descobrir a extensão de suas faculdades e a diferenciar o que ela é, como organismo vivo dotado de um tipo especial de consciência, do mundo externo. Esse mundo contém objetos e talvez animais e coisas em desenvolvimento, assim como membros de sua família. Aliás, as referências astrológicas aos membros da família - pais, irmãos e parentes em geral - dizem respeito ao tipo de vida que ainda está estritamente envolvida nos relacionamentos tribais ou de parentesco. Numa sociedade em que os modelos familiares do passado perdem muito de sua importância, será preciso considerar outros valores mais fundamentais, valores que digam respeito a tudo quanto o ambiente como um todo apresenta perante a consciência em desenvolvimento da criança.

A relação da criança com seu meio ambiente é básica para a formação de seu caráter e de suas respostas para a vida. Tal relação existe simplesmente porque nenhum organismo vivo nasce no vazio. Ele nasce sob a influência de tudo que preenche o espaço em torno das fronteiras de seu mundo interior, ou seja, em torno de sua "pele" ou, poder-se-ia dizer,

em torno do campo de forças que lhe permeia todos os órgãos e suas atividades celulares. Todo organismo deve primeiramente conquistar seu "espaço vital". Em muitos casos essa conquista implica uma luta, ainda que seja só a luta para atrair e manter a atenção do provedor materno do alimento necessário - e o amor da mãe, que proporciona uma sensação de segurança e bem-estar.

Irmãos e irmãs talvez representem ou pareçam representar um obstáculo para a obtenção dessa atenção, e portanto podem vir a ser considerados concorrentes. Mas outras pessoas, objetos e a atividade - para a criança, incompreensível - do provedor de alimento e de carinho, quando longe dela, também concorrem para privá-la de uma atenção exclusiva. Pode até não ser a atenção da mãe que a criança requer e pede instintivamente. O verdadeiro parentesco físico pode ser muito *menos* importante do que tradicionalmente se acredita, e em casos em que o bebê foi nutrido por uma ama-de-leite que também se encarregou de cuidar dele completamente, esse elo de parentesco representou um papel secundário. Entretanto, pode haver um instinto profundamente inconsciente em ação ligando o organismo de uma criança à sua família, embora indubitavelmente a importância desse instinto, se ele existir, é por certo magnificada e valorizada por todas as culturas que dão à relação de parentesco e a todos os ideais enraizados no tipo tribal de consciência e de organização social um significado sacrossanto.

Esse instinto tem seu principal campo de manifestação na quarta Casa, mas *antes* de poder afetar a consciência da criança, esta precisa aprender a lidar com seu ambiente, e o impacto do ambiente sobre ela existe como um desafio. É nesse desafio que se baseia o desenvolvimento do sistema nervoso, pois o sistema nervoso de todo organismo vivo constitui a manifestação orgânica concreta da capacidade de se lidar com o meio ambiente.

Na criança, esse "chegar a um acordo" é a princípio totalmente inconsciente, ou pelo menos instintivo, e não requer aquilo que chamamos, em sentido humano, *consciência*. Ele opera originalmente como "sensações" e como respostas musculares espontâneas. O primeiro choro do recém-nascido é uma resposta muscular à sensação de ar entrando em suas membranas respiratórias. Gradativamente estabiliza-se um sistema definido de conexões entre células nervosas, que é a base para a inteligência humana. Por *inteligência* entendo a capacidade de chegar a um acordo em qualquer ambiente - primeiro físico, depois também psíquico - e

portanto de ajustar-se às suas demandas inexoráveis e, por fim, transformá-lo na medida do possível. Em seu nível mais baixo, a inteligência é a habilidade dos animais tanto quanto dos homens primitivos e das crianças. A habilidade é a capacidade de opor um fator do ambiente a outro - por exemplo, quando a criança opõe um dos pais ao outro.

Em certo sentido, isso constitui um "jogo", e o jogo da vida torna-se cada vez mais complexo e sutil à proporção que o ambiente social cresce em complexidade - e também à medida que as pessoas procuram sobreviver em ambientes muito diversos do seu *habitat* nativo, como, por exemplo, na superfície da Lua. Todo jogo subentende regras, e a natureza estabelece as regras no jogo biológico normal da vida. Os seres humanos fazem suas próprias regras, porém em jogos sociais refinados, e mesmo na política nacional ou internacional. Para progredir, é preciso conhecer e compreender as regras, isto é - no ambiente biosférico e no sistema solar - as "leis" do universo. Do ponto de vista hindu tradicional, o universo é o *lila* (jogo ou brinqueado) do Criador. Os seres humanos precisam portanto descobrir as regras do jogo universal estabelecidas por Deus. Eles pedem indicações a Deus por meio de invocação e prece, ou procurando afinar sua inteligência com a mente de Deus. Deus, por sua vez, recompensa bondosamente o que o busca, e a humanidade em geral, com vários tipos de "revelações".

A terceira Casa refere-se, portanto, não só à natureza do ambiente e às pessoas que atuam nele - parentes próximos etc. - mas ao desenvolvimento da inteligência e, por fim, do intelecto analítico e da ciência empírica. O que diferencia essa Casa de sua oposta, a nona, é que a terceira se relaciona com experiências que envolvam contato pessoal direto com o ambiente próximo do indivíduo, ao passo que a nona Casa lida com experiências que só podem ocorrer em termos de cooperação entre seres humanos. As experiências da nona Casa implicam linguagem, uma base cultural e aquilo que Korzybski* chamou *faculdade humana de ligação ao tempo*. Essas experiências postulam uma transferência de conhecimento de geração para geração. Elas se baseiam num tipo complexo e socialmente estabilizado de entendimento. Na terceira Casa, o "entendimento" é ainda muito rudimentar; ele é caracteristicamente empírico; reúne observações pessoais, classifica-as e ajusta-as num conjunto prático de regras. No entanto, essas regras são simples e não constituem leis universais. O tipo

mental característico da terceira Casa generaliza o mínimo possível. Ele se baseia no comportamento, na pragmática, na técnica. Quer simplesmente conhecer o processo de fazer as coisas por razões práticas. Ele pode ser muito curioso e inventivo, mas também sutil e habilidoso para desenvolver experimentos - haja vista os experimentos incrivelmente complexos ideados por cientistas de laboratório, sejam físicos ou psicológicos. Mas não é filosófico e menos ainda metafísico ou religioso. É a mente do especialista, não do "generalista".

Ainda assim, para controlar ou transformar seu ambiente, o homem precisa formular suas descobertas, ao menos de maneira primitiva e pragmática-técnica. Ele aprende a se comunicar com outros homens, mas essa comunicação se refere essencialmente a objetivos práticos, a como sobreviver e por fim a como sentir-se feliz e pessoalmente satisfeito no próprio ambiente.

Devemos considerar a terceira Casa como uma seqüência inevitável da primeira e da segunda. Na primeira Casa, a questão básica é a de *ser* - ou seja, descobrir o que somos e quem somos e afirmar nossa individualidade. Na segunda Casa descobrimos e experimentamos o tipo de substância material - primeiro, substância biopsíquica, sócio-cultural e financeira - que possuímos e, portanto, nos é dado *usar*. Na terceira Casa passamos a conhecer o *melhor* meio de usá-la no ambiente em que ela tem de ser usada; e esse conhecimento só pode vir a nós, ao menos nesse estágio, se procurarmos representar aquilo que somos e usar nossas posses - vale dizer antes de tudo, nossos corpos - *até o ponto em que sejamos bloqueados pela resistência dos objetos e das pessoas circunjacentes*.

Toda criança, desde o momento do nascimento, procura instintivamente descobrir até onde pode ir em qualquer direção, tanto física como psicológica, antes que seu gesto ou sua ação sejam barrados por alguma coisa ou pessoa. Ela aprende que não nasceu num vazio. Está cercada de obstáculos e de forças e vontades opostas; ela precisa definir seu próprio "espaço vital" e conhecer o que está disponível para satisfazer suas necessidades e o que é permissível dentro dos limites da sua atividade.

A necessidade de tal conhecimento se repete em nível mais elevado, e o adulto também precisa aprender até onde pode chegar com segurança no campo social e intelectual. Normalmente, o indivíduo se recusa a admitir limitações pessoais ou perigos no uso do que veio a possuir; e o resultado

* Alfred Korzybski (1879-1950), polonês fundador do Instituto de Semântica Geral.

disso pode ser neurose, psicose ou tragédia social. A humanidade hoje está se defrontando com tal tipo de tragédia potencial porque o homem do Ocidente se recusa a aceitar as limitações do que ele possa fazer em seu ambiente planetário e para esse ambiente planetário. Temos de aprender a verdadeira extensão de nosso poder como seres humanos físicos e mentais, e o verdadeiro valor do que possuímos - nossa tecnologia e nossa riqueza - e o único meio de aprender talvez seja, infelizmente, encontrar objetivamente quais possam ser os resultados finais do uso que fizermos dessas posses. Uma auto-imagem megalomaniaca que procura se projetar por meio de enormes poderes arrancados violentamente da natureza inevitavelmente provocará, com toda probabilidade, uma reação violenta de nosso meio ambiente planetário ou cósmico.

Precisamos aprender depressa se quisermos evitar *uma* castástrofe, O conhecimento no nível da nona Casa tende a ser teórico e muito geral, mas as experiências da terceira Casa têm um caráter de urgência. A sobrevivência pode estar em jogo. A busca de conhecimento no campo de experiência da terceira Casa é, ou deveria ser, condicionada pela necessidade de conhecer em termos práticos como tudo funciona, para que o indivíduo possa mais eficazmente demonstrar o que ele essencialmente é. Mas quando a pessoa é impelida nessa busca de conhecimento por metas e pressões socialmente determinadas, o conhecimento que ela adquire deixa de ter uma real significação para ela própria como indivíduo. Seu intelecto pode tornar-se inchado, cheio de dados sem sentido que ela não pode assimilar. Se ela não voltar atrás ou "sair" do ambiente que substitui sua verdadeira identidade individual por um ideal falso, então alguma tragédia pode ser inevitável.

A terceira Casa chama-se, muito significativamente, Casa cadente, pois implica a possibilidade de um desvio do que é indicado na Casa angular, que veio antes. Uma Casa cadente pode significar integração e síntese, ou pode acabar em desintegração e colapso, ou em perversão. Um processo de transformação pode atuar, e as experiências relacionadas com todas as quatro casas cadentes podem ser - e devem ser - prelúdios da reorganização num novo plano de existência. Mas o processo pode surtir efeito contrário quando as experiências relacionadas com as Casas angulares - primeira, quarta, sétima, décima - não têm sido sólidas e saudáveis, e/ou os poderes usados nas Casas sucedentes - segunda, quinta, oitava, décima primeira - têm sido abusados ou mal utilizados. Isso é particularmente óbvio quando se trata da sexta e da décima segunda Casas,

mas não o é menos em termos dos processos mentais relacionados com a terceira e a nona. Nossa atual sociedade glorifica o conhecimento, sobretudo a tecnologia e todos os tipos de informação relativa a *know-how*. Com os computadores, ela adquiriu a capacidade de armazenar, correlacionar e tornar disponíveis enormes quantidades de informação. Essa capacidade é assunto da terceira Casa. Ela pode ser uma bênção ou uma maldição, dependendo do vigor e da validade da imagem que o homem tem de si próprio e do universo. Desgraçadamente, a imagem que o homem ocidental tem feito no nível oficial de seu pensamento é, em sua essência, rude e megalomaniaca. A não ser que seja alterada fundamentalmente, uma queda parece inevitável. Talvez não seja tarde para alterá-la, mas o tempo é curto, extremamente curto.

A Quarta Casa

Com a quarta Casa atingimos uma das seções mais importantes, conquanto em geral menos compreendida, dos modernos mapas astrológicos. A razão para considerar a quarta Casa só em seu sentido mais superficial - como relacionada com o lar e com todos os bens de raiz - é que a maioria de nós ainda vive numa Terra que, em nossa experiência direta básica, continua sendo *chata* apesar de tudo quanto os nossos intelectos afirmam saber em contrário. Grande parte do simbolismo e do significado da astrologia ainda está ligado à concepção ptolomaica do mundo: assim, por exemplo, ela ainda associa a quarta Casa à idéia de que abaixo da superfície da Terra não há nada além de substância sólida que se estende infinitamente em profundidade e sem outro significado, *salvo o de ser sólido e de ser um fundamento sobre o qual se constróem casas e no qual crescem as colheitas e do qual se extraem as riquezas do subsolo.*

De fato, a quarta Casa tem esse significado, mas como passamos a conhecer não só com o cérebro mas a *sentir* com toda a nossa personalidade - corpo e psique - que a Terra é uma esfera e que estamos vivendo na sua superfície curva, a quarta Casa assume um sentido novo e muito mais profundo; assume uma importância global, pois não só passa a representar o solo produtivo, a base para o lar, e a terra onde cavar sepulturas - o "fim" de todas as coisas -, mas também assume o signifi-

cado, sobretudo, de *centro do globo*. Na quarta Casa a pessoa pode e deve atingir a experiência do centro - o centro de sua própria personalidade total, bem como o centro da humanidade global, de uma fraternidade humana firmemente estabelecida e concretamente real. Sem essa experiência de *centro*, um indivíduo nunca pode demonstrar plenamente sua estatura *humana*. Ele permanece uma criatura da camada achatada produtiva do solo, que constitui a superfície da Terra, quer ele erre sobre ela como um animal superior ou se estabeleça num rigoroso enraizamento vegetal em dado ponto que considere "seu lar" ou "sua pátria".

A quarta Casa, portanto, pode-se dizer que tem dois sentidos básicos, de acordo com o nível em que opere a consciência do homem. Num sentido básico e biológico-psíquico, ela se relaciona ao sob em que o "homem-planta" (termo usado em antigas tradições esotéricas) se *enraíza*. A cúspide da quarta Casa é o ponto mais profundo de sustentação e do mais seguro fundamento para a edificação de qualquer coisa que se eleve acima do solo. Relaciona-se, pois, à tradição ancestral e às grandes imagens e símbolos sobre os quais se constrói uma cultura - os "símbolos primordiais" de Spengler e os "arquetípos do inconsciente coletivo" de Jung - na verdade, a tudo o que uma pessoa considere líquido e certo como verdades evidentes, incluindo-se os postulados da ciência e suas constantes.

Para sobressair eficazmente da matriz de sua cultura específica e de sua tradição religioso-ética, um ser humano precisa de sustento mais profundo e mais individualizado. Simbolicamente, suas raízes atingem o centro do globo. A individualidade só pode ser experimentada como centralidade no próprio ser, e quando digo *ser* não me refiro a algum princípio transcendente, que tudo abrange, mas sim a um poder rítmico que se situa no próprio centro da existência concreta. Esse poder tem sido representado como estando situado no "coração", porque as pulsações cardíacas constituem o ritmo mais fundamental do organismo vivo. No simbolismo rosa-cruz, esse centro é representado como a Rosa que desabrocha no centro da Cruz - uma cruz formada no corpo humano pela linha vertical da espinha dorsal e pela linha horizontal dos braços estendidos.

Em tal centro, onde quer que ele se localize exatamente, o místico hindu e iogue sentiram e viram a presença do *atman*, o centro de toda a realidade. No *Bhagavad-Gita*, Krishna, a Divindade encarnada, diz: "No coração de toda criatura habita o Mestre, Ishvara, que por seu poder mágico faz que todas as coisas e criaturas se revolvam na roda universal do tempo. Refugia-te Nele somente, com toda a tua alma; por sua graça obterás

a suprema bem-aventurança, o lugar eterno..." (tradução de William Q. Judge.)

É, com efeito, no nadir simbólico - que também é o ponto da meia-noite da consciência - que se pode ter a "experiência de Deus". Aí habita o Deus imanente, o Deus das profundezas que polariza o esplendor do Deus das alturas, o resplandecente Deus do meio-dia cuja face não pode ser vista sem cegar o observador. Toda pessoa verdadeiramente individualizada "sabe", por um saber íntimo, existencial e irreduzível, que não pode haver fundamento seguro senão quando se atingir um estado de inabalável centralidade. Enquanto não experimenta esse estado, o ser humano permanece ligado a alguma matriz. Pode até não ser a mãe real ou uma imagem materna substituta, mas a tradição cultural, a igreja organizada ou mesmo o partido, para os comunistas do passado, podem continuar representando um útero psíquico ou ideológico envolvente. Todos os fundamentos "sólidos" podem ruir, a árvore firmemente enraizada pode ser abatida, mas o globo conserva para sempre seu centro. O "homem global" está seguro na centralidade de sua existência individualizada.

Podemos levar um pouco mais longe o simbolismo da raiz capaz de alcançar o centro da Terra. A linha vertical do mapa de nascimento (zênite-nadir) aponta para o céu tal qual ele é visto pelos antípodas. Se todas as pessoas estivessem de pé sobre a superfície da Terra, as linhas prolongadas de suas espinhas dorsais se encontrariam no centro do globo e, prosseguindo, alcançariam os antípodas. Olhando exatamente acima para o céu, todo homem pode contatar uma estrela diferente. As cabeças das pessoas estão dirigidas para diferentes pontos do céu; seus pés estão orientados para o centro, onde todas as coisas terrenas são unidas. A unidade situa-se no centro da Terra, não no céu. A comum humanidade do homem é experimentada nas profundezas; são as funções da cabeça que diferenciam e dividem.

Eis por que aquilo que se chama *psicologia profunda* é tão importante hoje em dia, em nossa era de individualização baseada no superficial pseudocentro de consciência e de desejo a que chamamos *ego*. A psicologia profunda usa o conceito e a experiência da profundidade para atingir o centro. Quando um ser humano atinge seu próprio centro, descobre também que está unido a todos os outros seres humanos, pois todas as coisas convergem para o centro. Na tradição maçônica, isto está simbolicamente relacionado com uma meditação sobre o Sol da Meia-Noite, pois à meia-noite o Sol está na cúspide da quarta Casa, iluminando os anti-

podas. O indivíduo compreende aquilo que ele é por efeito de se unir com seu oposto, e os filósofos têm falado freqüentemente, em sentido abstrato, da conciliação dos opostos. Todo valor e toda qualidade podem ser definidos referindo-se ao que ele não é. O conceito de *bom* repousa no de *mau*. A famosa frase de Shakespeare "Ser ou não ser: eis a questão" é uma expressão típica da trágica dualidade inerente à sociedade ocidental. Todavia, ser e não-ser, vida e morte, *yang* e *yin* são inseparáveis. Uma consciência global, holista - simbolizada pelo *Tao* - inclui esses opostos mas em proporções variáveis.

Livros de astrologia, inspirados por declarações feitas em livros teosóficos, costumam afirmar que a primeira Casa é a Casa da "personalidade". Isso, a meu ver, pode ser muito desorientador, se com o ambíguo termo *personalidade* se pretende indicar a pessoa como um todo e aquilo que ela radia. O que o Ascendente e a primeira Casa efetivamente representam é o *impulso original do ser individual* ou, poder-se-ia dizer, o ser como uma vibração ou um ritmo particular, e o destino único do indivíduo sempre tão pouco diferente de todos os outros indivíduos. Este impulso precisa adquirir matéria substancial em torno de si para existir como um ser humano verdadeiramente atuante. O recém-nascido, com sua consciência rudimentar, precisa aprender o que pode usar como corpo, faculdades e posses - segunda Casa -, depois, quais são as limitações que podem ser impostas a esse uso pelo ambiente, e as oportunidades que também lhe proporcionam - terceira Casa. Só então pode a consciência, o *eu*, tornar-se plenamente organizada e estável como "pessoa".

As experiências da quarta Casa dizem respeito ao processo de integração e estabilização. No nível básico da consciência biológica e psicocultural, a integração é teoricamente alcançada, ou deveria sê-lo, dentro de um lar e em termos de uma tradição definida e estável. A pessoa normal, satisfatoriamente integrada, é um espécime sadio de um tipo familiar, bem como de um ideal coletivo de cultura e comportamento social. Como pessoa verdadeiramente individualizada, ela se torna centrada no ritmo e no poder exclusivos de sua existência e destino individuais. Em nível ainda mais elevado, essa individualidade se torna consciente e totalmente afinada com as necessidades da humanidade, e a pessoa se toma uma "personagem" incumbida de alguma missão como agente do Homem ou de Deus. O caráter astrológico da quarta Casa e os planetas que se pode localizar nesse setor do mapa devem ajudar a descobrir o melhor meio de

atingir um estado de integração e de adquirir uma base sólida e efetiva para a personalidade.

A personalidade, como esse termo é aqui empregado, é mais do que um simples organismo biopsíquico capaz de funcionar eficazmente entre outros organismos; ela pode ser considerada *um motor* capaz de liberar força para algum tipo de trabalho. Aliás, todo organismo é, na verdade, um motor por meio do qual a energia vital opera. A integração funcional das partes dentro de um todo vivo gera poder. Esse poder precisa ser usado de alguma forma, e as experiências relacionadas a esse uso pertencem ao campo da quinta Casa, que, portanto, se chama *área de expressão pessoal*.

O eixo vertical de um mapa astrológico se relaciona com o poder; o horizontal, com a consciência. O tipo de poder relacionado com a quarta Casa é privativo, no sentido de ser produzido pelo todo biopsíquico a que chamamos pessoa individual. É o poder de uma manifestação particularizada do tipo de vida caracterizado em geral pela espécie humana, o *homo sapiens*. É o poder implícito no fato de "ser uma pessoa". Essa pessoa, na maioria dos casos, é basicamente condicionada, se não inteiramente determinada, pela família ancestral e pelos modelos sócio-culturais. É um motor principalmente à base da produção em massa de linhas de montagem que chamamos tradição, família, escola e ambiente. Entretanto, em alguns casos, e hoje em número cada vez maior, essas pessoas produzidas culturalmente em massa deixam a fábrica para sofrer um tratamento especial, não só para adquirir características individuais - mesmo motores produzidos em massa não operam exatamente da mesma forma - mas para tornar-se independentes e auto-realizadas. Uma pessoa então não é mais um mero espécime biossocial, mas verdadeiramente individualizada, o que quer dizer que um poder que opera em outro nível que não a vida assume o controle, a princípio, talvez, de modo muito hesitante e incompleto, do motor da personalidade. Esse poder, podemos chamá-lo Espírito, Alma, Ser ou mesmo Deus, de acordo com o tipo de metafísica que se aceite. Ele opera *através* da mente, que por sua vez afeta o organismo biológico, mas não é mente no sentido corriqueiro da palavra. Alguns filósofos e psicólogos falam em "vontade", mas aqui precisamos novamente diferenciar aquilo que com mais freqüência se chama de vontade e que só diz respeito ao plano dos impulsos biológicos e desejos emocionais, e a Vontade espiritual, que é a única que pode ser realmente individualizada.

A vontade é um poder pronto para a expressão concreta. É o que torna realidade o que até então era apenas potencialidade. O Ascendente

se relaciona com o potencial do ser. Ele é simbolicamente "o Verbo que era no princípio", o *logos*. Mas um verbo é só *uma imagem potencialmente capaz de mobilizar força*: por si mesmo ele nada pode fazer até que suscite um sentimento num organismo real, concreto. Depois, o poder inerente a esse organismo é movido pelo sentimento, do qual resulta uma ação. O Ascendente dá o verbo; o nadir e a quarta Casa se relacionam ao organismo e à sua capacidade de ser movido por uma imagem, um verbo, e em geral pelo tipo de sentimento que espontaneamente mobiliza e dirige as energias do organismo humano, seja em nível puramente fisiológico ou psicológico-intelectual.

Podemos dizer que a quarta Casa se relaciona, portanto, à função psíquica básica que Carl Jung chamou de *sentimento*. A primeira Casa se relaciona à *intuição* de Jung, que realmente significa uma sensibilidade definida para diretivas suprapessoais ou para imagens-símbolos que revelam de imediato o caráter e o significado de uma situação complexa em seu todo. Tanto a intuição como o sentimento, como a astrologia os define, são essencialmente pessoais, no sentido de que produzem experiências íntimas e incontroversas concernentes ao indivíduo e refletem seu estágio de desenvolvimento.

Esse estágio de desenvolvimento é expresso na segunda Casa pelos bens do indivíduo - bens de todos os níveis, é claro - e, na terceira Casa, pelo modo como o indivíduo se avém com seu ambiente, reage a ele e acumula, formulando assim informação para si próprio. Podemos alimentar um computador com uma multidão de dados; da mesma forma, o ambiente da família, a sociedade, os programas de TV, os jornais e alguns anos de faculdade podem alimentar o cérebro em desenvolvimento da criança e do adolescente com uma grande quantidade de informação - tudo isso são experiências da terceira Casa. Essas experiências são inúteis e, com efeito, podem se tornar psicologicamente tóxicas, a não ser que sejam coordenadas, integradas, assimiladas e, portanto, relacionadas ao ser e à sua capacidade específica de *centralizar a consciência* - o Ascendente, simbolicamente. Assim, pois, há uma ocasião no fim do período dominado pela terceira Casa - teoricamente o final da adolescência numa vida normal - em que é preciso saber parar de ingerir mais e mais dados e, em vez disso, trabalhar no processo de estabilização e de limitações auto-impostas. Antigamente, era essa a ocasião do matrimônio e da construção de um lar, isto é, de definir com precisão onde se decidiu - ou se foi levado a - ficar, e de "criar raízes" no lugar que lhe coube por destino. O conceito de lar e de

constituição de família perdeu, obviamente, muito de seu sentido em nossa sociedade tecnológica de viajantes sem raízes e de intelectos ávidos por mais e mais informação e excitação. Mas, independente da associação de experiências da terceira e da quarta Casas com um período específico da vida, o fato é que a paixão por novas experiências e pelo acúmulo de informação não tem sentido se nós, como pessoas individuais, *não* assimilarmos cuidadosamente essas coisas e não as convertermos em pedras de nossa própria "Casa da personalidade". O Ascendente pode nos dizer *quem* somos, mas o nadir indica o *que* somos, ao menos potencialmente, e onde nos encontramos.

O conhecimento da terceira Casa deve transformar-se em poder da quarta Casa. É possível parar de buscar mais conhecimento muito cedo, e então a integração pessoal e o poder de efetuar atos individuais podem ficar excessivamente reduzidos e ordinários. Também é possível continuar adquirindo dados que não possam ser construtiva e significativamente integrados em nosso sistema de vida e em nossa perspectiva do universo, e isso pode levar a vários tipos de catástrofe. Toda nossa sociedade ocidental está seguindo este último caminho e pode atingir um estágio em que se sufocará com uma grande mole de dados inassimiláveis, e com a compulsão neurótica no sentido de ter e de conhecer cada vez mais tudo aquilo que já não pode integrar numa filosofia de vida sadia e harmoniosa.

No setor do mapa astrológico que começa com a quarta Casa - geralmente mencionado como setor *noroeste* devido ao caráter bidimensional do mapa -, tudo depende das indicações relacionadas com a quarta Casa e sobretudo com a sua cúspide - o *Imum Coeli*, ou nadir. As experiências da quarta Casa dizem basicamente o que o ser humano é como pessoa concreta, real. Esses fundamentos pessoais condicionam o que o *indivíduo será capaz de* exprimir, amar ou odiar, procriar ou criar. Todas essas atividades terão um caráter sólido ou hesitante, uma qualidade de criatividade harmoniosa ou desequilibrada - ou nenhuma criatividade. E isso, por sua vez, levará à colheita da messe - ou a colheita nenhuma - no tipo de experiências com que a sexta Casa está relacionada.

A Quinta Casa

Na quinta Casa, o que foi assimilado, estabilizado, integrado ou construído na quarta Casa produz energia potencial. O poder torna-se disponível para uso. No nível biológico, esta não é só a energia necessária aos intercâmbios intercelulares e ao ajuste do corpo a alterações de calor, umidade ou magnetismo que ocorrem no ambiente físico, mas energia nervosa e muscular, necessária para obter alimento, vencer obstáculos e inimizades e satisfazer necessidades fisiológicas básicas como, por exemplo, a necessidade da espécie de se reproduzir mediante o casamento. Num indivíduo mental e emocionalmente desenvolvido, o poder pessoal está disponível, em menor ou maior grau, para a auto-expressão em termos de valores sociais ou culturais.

A criatividade se relaciona com a quinta Casa porque criar, no sentido humano, é imprimir em nossa comunidade algumas características de nossa personalidade. É fazer nossa própria marca na sociedade ou na humanidade em geral. Obviamente, pode-se fazer isso de muitas maneiras. Ter um filho e criá-lo para se tornar alguém de importância sócio-cultural é um processo biológico. Produzir uma obra de arte ou de literatura, fundar uma instituição cultural, imaginar e desenvolver uma grande invenção que afete o estilo de vida das pessoas, levar a própria pátria a uma admirável realização - todas essas atividades exteriorizam e põem em uso o poder do criador, do inventor ou do líder.

No entanto, em alguns casos, o poder exteriorizado e a visualização projetada originam-se num plano que, na verdade, é suprapessoal. A pessoa torna-se *agente* de alguma grande meta coletiva ou planetária e evolucionária; ela é como uma lente translúcida em perfeito estado, *através* da qual a luz se condensa e entra em foco. Nesse ponto focai o poder opera e a obra pode ser realizada. Essa obra - o ato criativo e seus produtos - é *condicionada*, sem nenhuma dúvida, pela natureza e pelo temperamento da pessoa, mas ainda mais fundamentalmente é *determinada* por fatores que transcendem as idiosincrasias pessoais e mesmo, quem sabe, os desejos pessoais ou as tentativas de controlar o processo criativo ou de dirigi-lo para um fim conscientemente definido.

Precisamos compreender, porém, que quando uma pessoa executa uma obra de importância social em termos de sua profissão e sob a pressão de uma necessidade coletiva, e quando essa obra tem, por assim dizer, o respaldo consciente ou inconsciente de uma instituição social, de uma empresa comercial ou de toda a comunidade, essa realização - por muito que pareça criativa - tanto ou mais se relaciona com a décima primeira Casa como com a quinta. Na quinta Casa, teoricamente, a pessoa atua o mais estritamente possível como indivíduo. Ela não está interessada nos resultados sociais coletivos ou, se está, é apenas na medida em que esses resultados lhe trarão fama, prestígio e satisfação do ego. Na quinta Casa, uma pessoa busca aperfeiçoar sua própria natureza. Ela está mais preocupada em ser "original" do que em originar. Seja ou não reconhecida conscientemente, a questão: "Que poderei lucrar com isso? Como esse ato poderá fazer-me sentir melhor, mais satisfeito, mais feliz, maior?" está sempre por detrás de seus atos. Isto se aplica tanto a nações quanto a pessoas individuais, como bem exemplifica nosso enfoque americano dos assuntos internacionais.

Se a quinta Casa é tradicionalmente considerada como a parte do mapa astrológico ligada às questões amorosas, ao passo que a sétima liga-se ao casamento, é porque, ao menos na sociedade do passado, um caso amoroso era tido como uma simples liberação de tensões emocionais-sexuais e/ou de frustrações e infelicidade pessoal, ou freqüentemente um simples brinquedo ou passatempo, ou então um contato determinado pela ambição pessoal. Por outro lado, um matrimônio ou uma sólida sociedade comercial implicava a união permanente de pessoas que concebiam essa associação como um meio de produzir resultados biológicos, sociais ou culturais - resultados que se consideravam *funcionais*

em termos da comunidade como um todo. O casamento, até bem recentemente, *não* significava a livre busca de união de duas pessoas independentes que nele procuravam uma maior realização pessoal no amor, pois essa união era, na maioria das vezes, arranjada de acordo com a classe e posição financeira dos interessados, *com* o fim de preservar - através da procriação de filhos convenientemente educados para desempenhar esse papel - a raça e os valores de uma determinada cultura e religião, fato que hoje costuma ser mal compreendido ou convenientemente esquecido.

A quinta Casa é a área das experiências que representam essencialmente o resultado de emoções, e devemos ser cuidadosos para distinguir *emoções* de *sentimentos*. Os sentimentos são experimentados na quarta Casa porque constituem as reações espontâneas de *todo um* organismo a uma situação de vida, seja em nível puramente biológico e instintivo, ou em nível psicológico e individualizado. Pode ser uma situação *interna* - como quando uma pessoa sente dor em alguma parte do corpo porque teve um órgão ferido - ou uma situação *externa* provocada pelo encontro com outra pessoa. O sentimento é um processo holista que envolve um estado orgânico de consciência, ou pelo menos de semiconsciência. Esse estado então procura exteriorização, e o processo de exteriorização é *tanto* uma emoção - um "movimento para fora" - no nível psicológico, *quanto*, no nível físico, algum tipo de reação muscular ou química. O detector de mentiras e outros instrumentos análogos têm mostrado conclusivamente que todas as emoções - seja o medo, o amor, a depressão, a alegria ou a cólera - são sincronizadas com alterações orgânicas e movimentos musculares, por mais leves e inconscientes que sejam. São tais reações a confrontos ou a acontecimentos internos - compor imagens mentais durante a meditação pode estar incluído aí que devemos considerar como experiências da quinta Casa.

A quinta Casa tem sido associada ao "jogo" em qualquer de suas formas, desde o jogo do amor até a aceitação de riscos na promoção de empreendimentos artísticos ou financeiros. Tal associação será válida sempre que o jogador seguir estritamente seus palpites ou sua imaginação, ou sucumbir à pressão de alguma decepção ou de algum complexo interior. Mas quando o risco envolvido no empreendimento é discutido com um parceiro ou sócio e se baseia na avaliação intelectual de processos sociais e comerciais, *então* esse risco está relacionado à oitava Casa, *ou em* alguns casos à décima primeira.

Também faz parte da tradição falar da quinta Casa como estando relacionada à procriação e à educação, ao menos em seu primeiro estágio. A razão disso é que a maioria dos pais tende a considerar os filhos com projeções e extensões de sua própria personalidade; costumam esperar que os filhos sejam o que eles não conseguiram ser. Podem procurar dar-lhes oportunidades que eles próprios não tiveram na juventude, ou projetar sobre os filhos seus próprios anseios e ambições, talvez para gozarem indiretamente suas realizações e mesmo seus amores. Os pais também podem achar que é de seu dever transmitir aos filhos, mais ou menos à força, a cultura e os costumes que eles próprios receberam dos seus próprios pais.

A educação, nessas condições, transforma-se num processo de impressão na mente supostamente virgem e na natureza emotiva de uma criança de um conjunto de normas sócio-culturais e de modelos de respostas. Compreendido desse modo, o processo educativo pouco leva em consideração a individualidade da criança, sua especificidade e seu destino. Isto, mais do que qualquer outra coisa, é o que tem produzido a rebelião dos jovens de hoje. Essa rebelião é, em parte, resultado do fato de que muitos pais já não estão convictos de que sua tradição cultural e religioso-ética é digna de ser passada adiante, ou de que a mudança de circunstâncias da vida em nossa era tecnológica tornou isso impossível. É também o resultado do grande aumento dos vários tipos de estímulos exteriores - novelas e noticiários de TV, escândalos no lar proporcionados pelos pais, mudança constante de ambiente etc. -, o que gera um desenvolvimento sensorial e intelectual prematuro, ao passo que deixa a natureza emocional sem raízes ou bases de sustentação e sem exemplos de uma integrada e sólida convivência em grupo.

No nível biológico, a quinta Casa ainda pode relacionar-se com os filhos, mesmo em nossa sociedade caótica. Hoje em dia, porém, ela está cada vez mais ligada às tentativas de auto-expressão emocional e de criatividade de homens e mulheres que precisam "aliviar a tensão" enquanto estão empenhados em atividades enfadonhas e automáticas e que precisam encontrar algum tipo de válvula de escape para suas decepções e compulsões neuróticas. Essa Casa, entretanto, é também o campo das experiências que dizem respeito às atividades verdadeiramente criativas de grandes artistas e às admiráveis interpretações de músicos, atores e astros do cinema.

Cada Casa do mapa astrológico relaciona-se com alguma grande prova, porque cada tipo de experiência básica compele o indivíduo em desenvolvimento a encarar-se a si mesmo de uma forma nova e a tratar de uma categoria específica de problemas.* O signo na cúspide de uma Casa e o caráter dos planetas que se encontrem nessa Casa devem dar ao estudioso de astrologia indícios *do melhor modo* de solucionar esses problemas. Nenhum planeta pode ser considerado como indicador decisivo de negatividade em si mesmo, pois todos se relacionam a um tipo de energia essencialmente valiosa, ainda que a pessoa em seu atual estágio de evolução tenda, em muitos casos, a usá-la imperfeitamente ou para produzir efeitos catárticos e talvez desintegradores.

Podemos definir a prova envolvida nas experiências da primeira Casa como de *isolamento*, ou seja, a emergência da massa como indivíduo único. Na segunda Casa, a prova é de *propriedade*. Na terceira Casa, a prova é do *pensamento*, isto é, de como *enfocar de forma consciente* e inteligente os desafios ambientais. Na quarta Casa, a prova é de *estabilidade*. Na quinta Casa, a grande prova envolve a capacidade de exprimir nossa própria natureza íntima em termos de *pureza* de motivo, utilizando de modo "puro" os meios existentes para a liberação de nossas energias.

As palavras *puro* e *pureza* têm sido, lamentavelmente, empregadas de modo incorreto. Ser puro é ser exclusivamente o que se é como indivíduo específico em termos de seu próprio destino. Água pura é a que não contém sedimentos de substâncias químicas estranhas; ela é puramente H₂O. Uma ação pura é a que exterioriza o caráter ou a natureza essencial do agente. Ser puro é desempenhar perfeita e exclusivamente nosso próprio *dharma* - o *Bhagavad-Gita* acrescenta "sem interesse pessoal pelos frutos da ação", pois tal interesse indica um envolvimento do ego naquilo que o ato acarretará para o agente.

Toda ação implica uma liberação e um uso consciente ou inconsciente de força. Do agente flui energia. Ato puro é o que usa a energia de acordo com o caráter e o ritmo intrínsecos dessa energia. Por exemplo: no nível estritamente biológico, a natureza e a função da energia sexual é essencialmente a procriação para perpetuar a espécie. O resultado da procriação — o filho com suas necessidades — acaba exibindo um vasto

* Essas doze provas básicas da existência vêm descritas na Segunda Parte de meu livro *Tríptico astrológico*, intitulada "A travessia" (Ed. Pensamento, São Paulo).

dispêndio de energia e trabalho por parte dos pais. No ato sexual, os organismos *masculino* e *feminino* atuam como portadores do espermatozóide e do óvulo - esta é sua função sexual natural. Eles atuam, portanto como *servos da vida*, e a vida responde à dedicação deles, apesar de inconsciente, *exaltando neles seus ritmos vitais*, o que é o significado do orgasmo. O momento de êxtase parece maravilhoso, e os seres humanos, por conseguinte, querem repeti-lo. Mas repeti-lo sob condições que evitem o propósito da procriação é, *no nível biológico*, burlar a vida; portanto, as instituições religiosas, como a Igreja Católica Romana, que considera os fatores biológicos fundamentos essenciais para os ritos básicos e, em geral, para os valores humanos - quer eles admitam ou não esse fato -, opõem-se às práticas anticoncepcionais.

Mas o homem não funciona só no nível biológico, com que serve à espécie humana; nem opera só no nível sócio-cultural, em que é portador de valores e tradições. Ele pode tornar-se verdadeiramente individualizado, tão logo seu objetivo imediato seja a realização como pessoa integral. O sexo, nesse nível, adquire um sentido totalmente distinto, pois diz respeito principalmente à possibilidade de duas pessoas encontrarem, uma na outra, o que necessitam - isto é, o que lhes falta individualmente - para sua realização pessoal e para sua felicidade criativa. A interpenetração de suas energias biopsíquicas pode ajudar poderosamente a suscitar em cada uma delas um enfoque mais saudável da existência e dos contatos ou dos problemas sociais. Esse é, portanto, o valor psicológico e, secundariamente, social do sexo. Tal valor é negado quando o ato sexual passa a significar nada mais que satisfação própria, uma simples liberação de energias glandulares ou a satisfação de algum objetivo pessoal egocêntrico ou social. Nesse caso, o ato perde a pureza. Ele se adultera.

Para a pessoa para quem as energias ocultas ou forças biopsíquicas sutis são fatores reais e importantes em seu desenvolvimento potencial, a pureza com relação aos atos sexuais pode ter ainda outro sentido. Ela talvez veja no ato sexual um processo de harmonização, e talvez de identificação, com as grandes polaridades da existência cósmica - o *yin* e o *yang* da filosofia chinesa, o *Shiva* e o *Shakti* dos tantras hindus. Se se seguir a sério esse enfoque oculto ou místico, qualquer sentimento ou pensamento pessoal ou condicionado pelo ego durante o ato ritualístico constituirá uma impureza. Nesse sentido, as características pessoais dos parceiros perdem toda significação: o que conta é a capacidade deles de evitar envolver no ato anseios pessoais ou compulsões inconscientes. É muito raro um homem ou

mulher do ocidente ser capaz de conceber e experimentar a atividade sexual dessa maneira, mas bem pode ser que algumas pessoas jovens estejam hoje canhestra e intuitivamente procurando atingir esse nível de experiência sexual.

Tudo quanto ficou dito nesses últimos parágrafos sobre a experiência sexual pode aplicar-se, igualmente bem, ao desempenho de qualquer ação. O ideal cristão medieval de executar qualquer ato, ainda o mais rotineiro, como se na presença de Deus, é outro meio de enunciar a mesma coisa. Qualquer ação pode ser executada por mera necessidade biológica ou social, ou pode ser executada em termos de exigências, paixões, decepções ou caprichos do ego pessoal. Em nível mais elevado, sua prática pode ser totalmente dedicada a Deus, ou - o que vem a dar essencialmente no mesmo - pode ser tão receptiva e afinada com os grandes ritmos do universo que o executante efetivamente se sente como um agente das forças cósmicas, um fio singular da sublime tapeçaria do universo.

A Sexta Casa

A sexta Casa é uma Casa "cadente". Ela é a última das três que têm sua origem simbólica no nadir, isto é, no extremo inferior do eixo vertical de um mapa astrológico, a linha do meridiano. As Casas cadentes são a terceira, a sexta, a nona e a décima segunda, mas há uma diferença básica entre a sexta e a décima segunda Casas, que terminam respectivamente no Descendente e no Ascendente - o ponto ocidental e o oriental do horizonte natalício - e a terceira e nona Casas, que terminam respectivamente com o nadir e o zênite.

O horizonte é um fato iniludível da experiência. Ele separa o que está acima do que está abaixo da superfície da Terra. Nenhuma divisão pode ser mais concreta. A linha vertical do meridiano, porém, não é tão fácil de perceber. As metades oriental e ocidental do céu e de todo o mapa não são separadas por nenhuma partição óbvia. Move-se facilmente da terceira Casa para a quarta Casa, mas a transição da sexta para a sétima, e da décima segunda para a primeira é súbita. Ela, na verdade, implica uma *crise de percepção*, uma "revolução na consciência". A sexta Casa diz respeito a um período de reajustamento pessoal; a décima segunda, a um período de repolarização social e existencial. No entanto, o tipo de experiências da sexta Casa leva naturalmente à sétima, e à proporção que uma pessoa experimenta, na décima segunda Casa, a fase de encerramento de um ciclo

de experiências, ela também está semeando, quer o saiba ou não, as «sementes que produzirão e condicionarão o início de um novo ciclo na primeira Casa.

Por que há experiências de reajustamento da sexta Casa, e o que implica esse reajustamento? Podemos responder a essa pergunta considerando o fato de que a sexta Casa segue a quinta, da auto-expressão e da atividade emocional ou criativa. Surge uma época na vida de toda pessoa em que ela é forçada a compreender que o que faz, sente ou pensa não corresponde ao ideal de comportamento, de realização pessoal e de sucesso que ela se impôs. Até o indivíduo mais satisfeito consigo mesmo tem consciência de alguma deficiência: sua satisfação é, com- muita freqüência, uma tela por trás da qual ele oculta uma reconhecida sensação de inferioridade, incerteza ou de medo de fracasso. Se houvesse realmente alguém completamente satisfeito consigo mesmo, a vida algum dia se incumbiria de lhe provar que seu corpo ou sua mente, suas emoções ou seus nervos não foram capazes de acudir a uma emergência ou a um desafio. Enfermidade, dor, dúvidas íntimas e conflitos são provas características de derrota ou inadequação, ao menos relativas.

Mas quem pode ser inteiramente bem-sucedido na exteriorização e na concretização das potencialidades inerentes à sua personalidade? Uma vez que a obra criativa é completada, o compositor, escritor ou artista costuma ter uma dolorosa consciência de que poderia ter produzido uma obra melhor. O enamorado chega ao ponto em que a maré do amor se escoia ou termina bruscamente, podendo então surgir uma sensação pungente; "Por que não consegui manter essa relação amorosa radiante, satisfatória? Que fiz para perturbar ou para matar o sentimento de comunhão?" E o pai ou educador que se defronta com a rebeldia e talvez com a zombaria ou mesmo inimizade da criança que pretendia educar, não pode ajudar, mas apenas se perguntar o que fez de errado, ou se o ideal que projetou sobre a criança tinha realmente algum valor. Portanto, uma experiência de fracasso surge à medida que os esforços de auto-expressão e de criação encontram reverses e a mente e a alma se sentem vazias e derrotadas pela vida - na verdade, ao menos em certo grau, autoderrotadas.

O verdadeiro problema em tais circunstâncias é o que o indivíduo faz com sua experiência de fracasso e com os resultados de uma derrota pelo menos relativa. Como ele responde à idéia de que lhe falta força, paciência, adaptabilidade, habilidade técnica ou sabedoria, refinamento e a capacidade de amar de forma genuína? Como enfrenta ele a idéia da necessidade de

auto-aperfeiçoamento? Como *deve* enfrentá-la para assegurar os melhores resultados possíveis?

O verdadeiro valor interior de uma pessoa costuma revelar-se quando ela tem de fazer face a experiências de inadequação, carência, frustração ou derrota. Quando ela está à altura das necessidades comuns do dia-a-dia e é capaz de satisfazer com justo equilíbrio ao que a vida e a sociedade - ou sua família - dela requerem, só vemos em ação *suas capacidades*. Quando estas falham ou não estão à altura da tarefa, quando seu corpo cai doente ou sua mente perde a estabilidade normal, então vemos a *própria pessoa*. Mas nós efetivamente passamos a conhecer o ser real dessa pessoa não tanto por aquilo que ela realiza quanto pelo modo como atende a emergências, pela *qualidade de suas respostas* à carência e à derrota.

Se uma pessoa com grandes reservas de vitalidade fica enferma e tem uma recuperação espetacular, se uma nação confrontada com a guerra ou com uma catástrofe se atira eficazmente a *um* programa de enorme produção, isso não revela necessariamente a grandeza do ser interior do indivíduo ou da alma do povo. O que conta espiritualmente é a qualidade do esforço e o que esse esforço cria na pessoa ou na nação. São os resultados da vitória que atestam a qualidade espiritual da vitória. É aquilo que a vitória faz à mente e à alma do vencedor.

Crises são oportunidades para crescimento tanto quanto os desafios, mas há crescimento e "crescimento"! Uma pessoa pode crescer e engordar, enriquecer e tornar-se mais importante para si mesmo. Isso porventura a torna mais capaz de acudir à crise seguinte? Aproxima-a da realização de sua verdade e propósito essencial da vida? Se não o fizer, é porque se trata apenas de um falso tipo de crescimento. Crescer é tornar-se, real e efetivamente, aquilo que se é potencialmente, como ser espiritual, no limiar do nascimento. É realizar o propósito essencial de nossa vida como um todo - o propósito de Deus para nós, como diria a pessoa de inclinação religiosa.

A questão essencial é, portanto, a seguinte: Qual a melhor forma de me orientar para uma crise que se aproxima? Se ela vier sorrateiramente (como uma súbita doença, um acidente ou uma morte), qual seria o poder, a função ou o impulso mais fundamental que eu deveria pôr em ação para acudir à emergência - e, o que é mais importante, para acudir a ela de modo a crescer espiritualmente com o esforço?

A maioria das pessoas, obviamente, não pára para se perguntar essas coisas ou para encontrar as respostas; é bom que assim seja, pelo menos *no princípio*, porque é bom que uma pessoa jovem se ponha à prova, para

conhecer as próprias limitações, graças ao fracasso real. Isto constrói o caráter e promove a compreensão do próprio "ser", mas quando elas ficam mais velhas e percebem que há algo bastante errado com o modo pelo qual abordaram suas crises e pela forma como lidaram com suas enfermidades ou com sua sensação de inferioridade, então chegou o tempo de descobrir mais coisas sobre si mesmas e sobre sua capacidade inata de enfrentar as crises. Ficou provado ser necessário uma reorientação. Talvez seja necessário aprender novas técnicas e, o que é mais fundamental, dar uma nova abordagem ao uso das habilidades que já se possui.

Daí surge a idéia de discipulado. Podemos aprender os "macetes" de um negócio a partir de instruções escritas ou de um discurso impessoal. Podemos memorizar um conjunto de reações para acudir a uma situação crítica - por exemplo, o que fazer num congestionamento de tráfego ao dirigir um carro. Isso é conhecimento técnico; hoje, nos EUA, adoramos esse tipo de conhecimento, mas um motorista tecnicamente habilidoso pode, mesmo assim - por impaciência, descuido emocional ou excesso de fadiga e de tensão nervosa -, provocar um acidente sério. A técnica pode estar ali, adequada para atender à crise, mas o enfoque pessoal, emocional ou fisiológico da possibilidade de crise pode anular a capacidade de usar essa técnica. Em alguns casos, a presença de um desejo subconsciente de fracassar ou de morrer pode tornar essa anulação quase compulsória.

Discipulado, quando adequadamente compreendido, não significa simplesmente aprendizado de uma habilidade. Significa uma pessoa se submeter ao contágio do exemplo de um indivíduo que não só tem essa habilidade, mas é capaz de usá-la plenamente em tempos de crise. Um estudante adquire conhecimento de um professor; um discípulo recebe do seu mestre o poder de transformar sua atitude pessoal com relação à vida, com relação a si próprio e com relação a Deus, de modo que possa usar todo o conhecimento que possui - ou toda inspiração que tiver - de uma forma eficaz e criativa.

Esse poder que o discípulo recebe, no entanto, não vem a ele a *não ser que esteja qualificado para recebê-lo*. Ele precisa descobrir a melhor maneira de se qualificar, e isso implica sempre algum tipo de reorientação preliminar. Antes que o discípulo possa efetivamente receber o poder de experimentar, com a ajuda do mestre, uma verdadeira metamorfose interior, ele precisa desejar mudar e se desenvolver. Precisa estar disposto a servir e a obedecer, pois o serviço sincero e ávido constitui a única cura para a egocentricidade ou o egoísmo. A capacidade de obedecer e de aceitar

orientação é necessária para o discípulo passar eficazmente pelas crises, que implicam um desafio a toda existência de seu ego.

Pelo fato de a sexta Casa representar fundamentalmente tudo quanto diz respeito a *crises pessoais* e ao modo de enfrentá-las, ela revela, mais que qualquer outro fator em todo o campo da astrologia, como um indivíduo pode crescer e se transformar. Ela indica, por seu conteúdo, o tipo ou tipos básicos de desafios que se pode esperar sempre que se apresentarem oportunidades para o crescimento. Essas oportunidades podem ser apresentadas pela própria vida ou pela presença do mestre e guia espiritual, *cuja tarefa é tornar as oportunidades mais definidas e, desse modo, a crise mais focalizada e aguda.*

Nos compêndios tradicionais de astrologia, diz-se que a sexta Casa se relaciona a emprego - ou a servos que empregamos ou a nosso empregador -, a todo trabalho, a todas as formas de treinamento, a assuntos relativos à saúde e à higiene - e, em casos específicos, ao serviço militar. Como sempre, esses significados tradicionais são, por si mesmos, superficiais, limitadores e deixam de revelar o significado básico dessa importantíssima Casa.

Seu significado básico é o do crescimento pessoal. Crescimento significa transformação ou mudança de condição. Essa mudança requer um novo passo à frente, ou, se o movimento for negativo para trás. Em todo novo passo que uma pessoa dá, há um momento durante o qual ela se desequilibra, tendo deixado um estado de equilíbrio (ou estabilidade) anterior e ainda não tendo atingido o estado subsequente. Esse estado de falta de equilíbrio indica uma crise. Todas as crises são transições entre dois estados ou condições de existência ou de consciência. A maioria das transições é difícil ou penosa; dificilmente alguma pessoa as atravessará deliberada e conscientemente, salvo se a fizerem desejar o risco por efeito de uma aguda e pungente compreensão de que lhe falta algum talento; que ela, ao menos em parte, fracassou ou foi derrotada.

A enfermidade pode ser o resultado direto de algum malogro das energias vitais, incapazes de fazer face a um desafio de se fortalecer, ou uma tentativa por parte da alma de imprimir na consciência a necessidade de uma revisão de atitude, ou o sinal normal da desintegração física com o avançar da idade. Pode também ser imposta ao corpo ou à mente pelo impacto violento de alguma grande crise social, guerra ou revolução. Nesse caso, porém, a décima segunda Casa é a principal área de turbulência; a sexta Casa, sua oposta, revela principalmente a reação do indivíduo a uma situação social.

Mas não se deve esquecer que, para o indivíduo, responder ou reagir a uma necessidade social ou nacional é a via normal do crescimento; essa via normal não requer inevitavelmente que ele passe por crises agudas ou por enfermidades. O que é preciso é que ele contribua para a produtividade e para o desenvolvimento de sua comunidade, e essa contribuição normalmente assume a forma de emprego ou de prestação de serviço. Tal contribuição pode incluir uma multidão de pequenas crises ou de esforços determinados para ajustar-se às condições sociais - ainda que seja apenas para viajar diariamente em trens apinhados, ou o esforço para vencer a fadiga todas as manhãs, quando o despertador - o moderno aguilhão dos escravos! - nos sacode de nossa letargia.

Se o relacionamento de um indivíduo com a comunidade for negativo, emprego significa escravidão pura ou mitigada; se nossa sociedade se esfacelar por uma guerra ou revolução, o campo das experiências da sexta Casa significará algum tipo de serviço militar compulsório. As crises se tomam mais agudas então, ainda que sejam menores e repetidas. Entretanto, essas crises ainda podem significar crescimento para o indivíduo - o escravo pode dar demonstrações de crescimento espiritual muito mais acentuado do que seu implacável senhor! O que importa é a atitude assumida e o grau em que o espírito, o ser interior, foi estimulado e tem sido capaz de induzir transformações na personalidade total. Isto deve incluir, ao menos em certo grau, a transformação das respostas do corpo, dos desejos e dos impulsos instintivos.

No limite, a alternativa à transformação é a morte. O processo da morte pode ser muito lento e gradual, ao qual a alma do indivíduo aquiesce e ao qual até induz por causa da fadiga ou do desespero. Crescimento sempre significa algum tipo de transformação. A mensagem da sexta Casa é: Transformai-vos! Ninguém com uma sexta Casa natal enfática deve procurar escapar ou recusar-se a atender a essa convocação para a transformação.

Conformar-se é aceitar uma condição estática; é aceitar como inevitável a cristalização, a degradação da vida no inanimado, na pedra. Todo viver dinâmico subentende transformação - a transformação de nossa própria personalidade e a contribuição criativa para a transformação da sociedade e da civilização. Ser criativo é ser um instrumento de transformação; é usar as crises tão plenamente que elas passem a significar metamorfoses eficazes e bem-sucedidas.

Nascimento, catarse e metamorfose quase sempre significam sofrimento. A grande prova da sexta Casa é a prova do *sofrimento* - também da paciência e da resignação. A capacidade de suportar, adversidade com uma fé vibrante e firme de que a crise levará a um novo tipo de experiência e, portanto, a um novo nascimento ou a uma reinte gração é a segurança do sucesso. Todavia, a fé não torna a dor ou as pressões psíquicas e a ansiedade menos reais; mas ela pode acrescentar-lhe: um sentido construtivo, e o homem pode suportar quase tudo em que veja sentido, a menos que as energias vitais de seu corpo já não possam ativar órgãos desgastados.

Num famoso hino gnóstico dos primeiros séculos do cristianismo atribui-se a Jesus o seguinte discurso: "Se soubésseis sofrer, feríeis o poder de não sofrer". O sofrimento é a via da repolarização ou do renascimento. A Ressurreição implica a Crucificação precedente. Precisamos aprender a enfrentar o fracasso com coragem e raciocínio claro - seja o nosso próprio fracasso ou o de pessoas que nos são próximas ou da sociedade em geral. Precisamos confrontar as causas do fracasso ou frustração *objetiva* e *desapaixonadamente*, como a distância, porém com compaixão e sem sentimento de culpa. Isso é desapego e é também o que realmente significa separação. A separação não exclui empatia: ela cria distância, e a distância é essencial à avaliação do que acabou de acontecer.

Fala-se que o tempo cura todas as feridas, mas isso é porque os múltiplos e sutis laços de sentimentos e lembranças, que ligavam o agente ao seu ato, um a um se quebram e se desvanecem da consciência, à medida que outras experiências se acumulam na mente a todo momento, ano após ano. O agente se dissocia do ato, e o sofrimento é esquecido - até o dia, talvez, em que tenha de enfrentar uma nova prova de sua capacidade para se transformar e para reavaliar e reorientar a liberação da personalidade. Essa prova deve ser enfrentada no próprio lugar no campo de consciência em que outra similar foi antes experimentada. Tudo depende, portanto, da qualidade do processo de cura que se desenvolveu. A cura completa fortalece a função afetada; incompleta, ela pode deixar o organismo enfraquecido e vulnerável.

A sexta Casa está ligada a todas as experiências de cura e ao medo de doenças e de fracasso. Se as raízes da personalidade não forem profundas ou extensas, o indivíduo que busque auto-expressão e realização emocional nas atividades da quinta Casa tem mais probabilidade de falhar em suas tentativas de usar a auto-expressão para mascarar seu anseio de

socorro. O malogro, portanto, leva à autocomiseração. A consciência ferida clama: "Por que isso foi me acontecer?" Aconteceu porque o indivíduo ainda não tinha compreendido seu poder pleno e seu destino essencial.

Normalmente, essa compreensão advém mediante a dedicação a um trabalho. Pode advir com uma prestação de serviço, pois é só servindo que se pode alcançar maestria. O valor mais profundo de um indivíduo se revela em sua capacidade e em sua disposição para servir - o que pode significar sua capacidade para reconhecer grandeza em outrem e para se sentir humilde. A pessoa grandiosa é humilde porque sabe, no mais profundo do seu ser, que poderia ser muito maior. A verdadeira grandeza impede que alguém se sinta satisfeito consigo próprio. Só o grande ser humano pode enxergar além de si mesmo; e essa visão deve trespassar a "sombra" ligada a qualquer realização. Na sexta Casa, o indivíduo pode se defrontar com sua sombra - não o derradeiro "Guardião do Limiar", que pertence mais à décima segunda Casa, mas a sombra de seu desejo de ser grande, nobre, poderoso. Isso pode advir mediante humilhação, doença ou medo incontrolável, quando surge o desafio do destino. Pode ser uma experiência fortemente catártica; pode também ser uma Visitação que exalta e transforma. A qualidade da resposta do *ser total* a essa Visitação determina a qualidade dos relacionamentos verdadeiramente produtivos que o indivíduo pode ter com outros.

A presença de um planeta na sexta Casa de um mapa astrológico não significa que esse planeta esteja em posição desvantajosa. Nada há intrinsecamente negativo ou "mau" nessa Casa natal. Quando um planeta se acha nela localizado, isto significa que a função básica representada pelo planeta *deve ser usada* para mais eficazmente fazer face às experiências relativas ao trabalho, à prestação de serviço, à enfermidade, para a auto-transformação, a reciclagem e a repolarização de nossas energias e do ego que as usou até certo ponto de uma maneira ineficiente. Essas experiências são necessárias ao processo total do crescimento individual. Elas ocorrem em dois ou três níveis, desde o do trabalho material e do cuidado da saúde até o do verdadeiro discipulado em relação a um "mestre de obras". Essas experiências não devem ser evitadas só porque ocasionalmente envolvem tensão e esforço, dor e sofrimento. Como já escrevi alhures, "A dor é a guardiã de nossos tesouros ainda não descobertos... Os homens ainda não são perfeitamente o Homem. Eles estão caminhando rumo à Maestria, o uso certo do poder humano... O sofrimento é o estrado de nossa divindade.

Podemos tropeçar nele e cair para trás, no útero do tempo, para renovar uma vez mais nossa trágica tentativa de metamorfose. Ou podemos subir nele, erguer o rosto, represando a própria corrente de nossas lágrimas, e usar o sofrimento para alcançar as mãos estendidas d'Aquele que é nosso Ser ressurrecto. O sofrimento só pode cessar com a Ressurreição, em qualquer homem verdadeiramente humano. Pois, ser homem é ser sempre cada vez mais o que se é. Até a humanidade se fundir na divindade. Até que o indivíduo se torne Homem. Até que todos os homens vencedores, tendo aprendido a usar adequadamente, em sua plenitude, o poder que é deles *em Deus*, já não necessitem sofrer".*

A Sétima Casa

À medida que alcançamos a sétima Casa, lidamos com experiências resultantes de um tipo de atividade que já não se baseia principalmente no ser individual mas, em vez disso, nas formas confirmadas de relacionamentos com outros seres, formas de relacionamento que implicam um sentido fundamental de cooperação e de comunhão com outras pessoas. Mas não se trata aqui de mera cooperação, pois, em si mesma, a cooperação pode ter apenas um valor superficial e transitório. Os cooperadores devem sentir que sua "operação em comum" serve a uma finalidade dentro de uma unidade de existência maior, normalmente dentro de uma determinada comunidade social, ou, no máximo, dentro da humanidade considerada como organismo planetário. Deve ser uma *participação funcional*. Deve estar subentendida no relacionamento entre duas pessoas ao menos uma obscura percepção da finalidade do relacionamento; e nessa finalidade, cada participante deve portanto ser capaz de descobrir sua própria finalidade individual. Uma vida sem propósito - ou, como diria o índio americano, sem "visão" - dificilmente será digna de viver; não difere muito da de um animal. Mas obviamente os seres humanos podem viver, agir e cooperar tanto consciente como instintivamente, em termos de uma variedade de propósitos.

Essa questão de propósito é muito importante em astrologia - tanto quanto em psicologia e também do ponto de vista social - pois só ela pode

Ver *Tríptico astrológico*.

esclarecer a relação básica entre a primeira, a quarta, a sétima e a décima Casas. Na primeira Casa, a pessoa compreende intuitivamente - e a princípio num sentido instintivo abaixo do limiar daquilo a que chamamos consciência - que é um "eu" individual. Essa compreensão, em termos de existência real e efetiva, leva, na quarta Casa, a um sentimento consciente o mais ou menos estável de ser uma certa pessoa dotada de determinado caráter e com determinadas crenças e valores básicos, com referência aos quais uma pessoa age, se exprime, obtém êxito ou fracassa, aprende e sofre no caminho da autotransformação. Essa autotransformação implica uma mudança de polaridade. O indivíduo passa a compreender que, quer queira quer não, faz parte de uma totalidade maior. Essa compreensão costuma ser desconcertante, o que deixa a pessoa bastante insegura, a braços, por assim dizer, com um grande ponto de interrogação no horizonte da consciência. Que se espera que eu faça? Serei capaz de fazê-lo bem?

A criança com certeza não se preocupa com essas questões, pelo menos não no sentido básico, porque normalmente tem como coisa garantida o fato de pertencer a uma família e a um determinado ambiente. Ela procura se exprimir nele, nele se magoa, aprende etc. É normalmente na puberdade, com o aparecimento das energias sexuais, que surge a sensação de algum poder muito maior que sua consciência limitada. A espécie humana reclama como sua a criança - esta tem de desempenhar uma função especial, ela tem uma finalidade biológica que transcende a própria personalidade. O adolescente é também solicitado cada vez mais por sua sociedade, e vai ao colégio e à universidade. Ele se vê operando num campo de atividade em que não sabe ao certo o que dele se requer, ou se gosta dessas solicitações e consegue se ajustar a elas. Pode estar emocionalmente perdido, pode se rebelar cegamente, pode escapar para um intenso fervor religioso e dedicar-se ao Deus dos devotados - o sublime Tu, que sempre está convenientemente à disposição para ouvir e consolar, contanto que seja adorado com exclusividade.

Na astrologia horária fala-se que a sétima Casa de um mapa levantado em determinada ocasião para responder a um consulente mostra "o resultado da matéria" referente à consulta. A *função* de um organismo é o resultado de sua *identidade* - primeira Casa. Tudo nasce para cumprir uma certa função. Entretanto, a função só pode ser conhecida se a nova entidade estiver relacionada com outras entidades com as quais precisa cooperar. A "vida" produz machos e fêmeas, mas estes não têm nenhum valor para a espécie a não ser que funcionem em conjunto. Cada pessoa aprende aquilo

que ela é, não só biologicamente mas também em termos da comunidade sócio-cultural, *apenas* na medida em que funciona juntamente com outros seres humanos. Essa cooperação funcional acaba produzindo algo de valor para a raça humana, para a sociedade em particular ou para ambas.

Se um nativo da Nova Guiné encontrasse uma velha hélice de avião num descampado, poderia descrevê-la detalhadamente e até construir algum tipo de decoração escultural ao redor dela; ela tem "forma" e é feita de substâncias que podem ser determinadas. É uma entidade; mas o indígena da Nova Guiné não sabe para que *serve*. Só poderia sabê-lo se lhe pudessem ensinar como funciona *em relação* a outros objetos; que tudo junto faz parte de um sistema organizado com um propósito definido: ou seja, voar. Se uma pessoa que nunca deixou a favela das cidades é enviada a uma floresta e se vê atraída pela forma de uma bolota de carvalho abandonada no chão, talvez brinque com ela e até a disseque, mas ela não enxergará a potencialidade de uma grande árvore. Ela não pode conhecer-lhe a função, seu lugar no ciclo vegetal, a menos que de algum modo possa relacioná-la com a árvore. Só em relação com outras entidades, uma entidade em particular tem significado em termos de processos vitais ou das atividades organizadas de um todo comunitário ou nacional.

O mesmo se pode dizer de um ser humano, com algumas diferenças importantes mas talvez não tão essenciais. Podemos saber do que ele é constituído estrutural e biologicamente, mas esse conhecimento é necessariamente incompleto enquanto não o vimos funcionar em relação a outros indivíduos e no campo de atividade sócio-cultural coletivo.

Função sugere propósito, e tanto uma como outra coisa são inerentes e potenciais naquilo que a pessoa é, mas só são revelados à proporção que ela *opera* dentro de um todo maior do qual é uma entidade participante. Teoricamente, o propósito da existência de um indivíduo é atingido na décima Casa, mas essa realização do propósito - positiva ou negativa, parcial ou completa - resulta do que foi estabelecido ou compreendido conscientemente no nível da sétima Casa. A qualidade do relacionamento de uma pessoa com outros no nível funcional representa o fundamento sobre o qual ela alcançará ou deixará de alcançar o propósito de sua existência desde que nasceu, seja qual for e esteja ela consciente ou não desse propósito.

As experiências individuais relacionadas com a sétima Casa devem referir-se a atividades que, ao menos potencialmente, tenham um caráter funcional. A tônica dessas experiências é *participação*; todavia o experi-

mentador pode não ter, a princípio, consciência de estar participando de um todo maior - uma comunidade ou a espécie humana. Ele pode estar enfeitado pelo parceiro e pela emoção da parceria, ou ver-se desconcertado com ela. A maravilhosa experiência de chegar a conhecer e experimentar plenamente outro ser humano com o qual e através do qual se possa atingir a auto-realização afeta poderosamente a fase de lua-de-mel do relacionamento. Mas é quando os parceiros passam ao trabalho cotidiano, envolvidos no relacionamento, que seu sentido funcional se torna claro. O valor de uma cerimônia matrimonial pública e ritualista está em que, no princípio do relacionamento conjugal, seu significado social - como parte de um processo familiar e grupai - é definidamente afirmado e solenizado. A expectativa em relação a um resultado do relacionamento conjugal - filhos ou, pelo menos, alguma forma de realização cooperativa - suplanta a tensão puramente emocional e o êxtase inerente ao relacionamento. É pela mesma razão que um homem, ao ingressar num importante cargo público, passa por uma cerimônia de posse ou de coroação. Ele está ingressando num relacionamento que tem uma função pública definida: relacionamento com novos associados com quem deverá colaborar no desempenho de suas tarefas. Ele está comprometido com um propósito social.

Essa solenidade de comprometer-se com um propósito é inerente a todo tipo de relacionamento próprio da sétima Casa, mesmo - repito - que o indivíduo relacionado esteja pouco consciente das bases da sua associação. Mas é só na oitava Casa que a responsabilidade que tal associação acarreta torna-se visível aos parceiros, talvez vivida e emocionalmente. Dado que pode representar a "morte" de algumas ilusões e a regeneração dos egos dos parceiros, a oitava Casa tem sido chamada de Casa da morte e regeneração.

Hoje, o conceito de casamento mudou tanto que chega a parecer que o relacionamento entre homem e mulher não tem outra função a cumprir senão a de produzir felicidade pessoal, segurança e satisfação emocional aos indivíduos envolvidos, sem nenhuma relação significativa seja com a prole - prestação de serviço à raça -, seja com qualquer tipo de realização sócio-cultural - prestação de serviço à comunidade. Isso, de certo modo, é o resultado do caráter extremamente individualista e analítico de nossa civilização e de sua consciência fragmentária, que considera as partes como se não houvesse a todo em função do qual foram concebidas. Essas partes, porém, são também unidades que, igualmente, constituem-se de muitas partes inter-relacionadas e interdependentes.

Hoje a resposta a isso, considerada, em geral, como coisa garantida, é que um ser humano é um tipo muito especial de todo, que não pertence funcionalmente a nenhuma unidade maior. Do ponto de vista do filósofo que professa o "personalismo", toda pessoa constitui um fim em si mesma, uma espécie de absoluto. Ela se relaciona a outras pessoas, mas esse relacionamento é *essencialmente* personalista, isto é, não faz parte de nenhuma operação cósmica, não é "funcional". A sociedade, a humanidade, o planeta Terra não são "organismos" dos quais os seres humanos possam simbolicamente ser considerados células componentes. Em essência, cada indivíduo está só e é independente, como uma *mônada*. Os contatos estabelecidos com outros indivíduos têm um caráter puramente existencial; eles só têm valor e significado em termos do que acarretam a cada indivíduo *em separado*.

Isso tudo pode parecer demasiado metafísico e de pouco valor para o astrólogo, mas na verdade os parágrafos precedentes apresentam a oposição básica entre os dois métodos de estudo mais importantes do relacionamento entre duas ou mais pessoas, e entre essas pessoas e a comunidade social em que elas vivem e a raça humana como um todo. A adoção de um ou de outro método influirá fundamentalmente no significado do relacionamento humano, do casamento e da sociedade em nossa vida cotidiana. O problema é que as pessoas, hoje em dia, mais ou menos inconscientemente, procuram viver em parte de acordo com um desses enfoques e em parte de acordo com o outro. Nessas condições, uma confusão básica impera em todas as questões do relacionamento humano - que são, todas elas, questões próprias da sétima Casa.

O antigo conceito religioso do relacionamento conjugal, e de qualquer parceria ao menos relativamente permanente no trabalho de caráter social ou cultural, era basicamente funcional. Hoje, esse fundamento funcional está faltando em grande número de casos. Indivíduo encontra-se com indivíduo apenas para o desenvolvimento de suas respectivas personalidades. Isto, claro está, pode ser muito válido e construtivo, mas o relacionamento se transforma num fim em si mesmo, ou, antes, num meio auxiliar da quarta Casa no desenvolvimento de personalidades essencialmente distintas, ou da liberação das energias da quinta Casa. Quando isso ocorrer, será quase inevitável que cedo ou tarde algum tipo de experiência da oitava Casa importará em morte - ou, se tudo correr bem, em renascimento transformador - do relacionamento.

Resumindo: as experiências relacionadas com a sétima Casa - isto é, o casamento e todas as formas de parceria mais ou menos estáveis - podem significar apenas a *cooperação* de indivíduos, ou podem significar *participação num todo maior* ao qual as pessoas relacionadas estão profundamente conscientes de pertencer em termos de um destino comum ou de um propósito sócio-cultural definido. A principal questão nesses relacionamentos não é a de saber se há grande amor, ou o profundo interesse comum de uma parceria ou sociedade no campo dos negócios, mas sim qual é a *qualidade* desse amor ou esse interesse. O casamento pode significar o que os franceses chamam de *égoïsme à deux* - frase difícil de traduzir para o português, mas que significa a união de duas pessoas exclusivamente para sua satisfação mútua e seu desenvolvimento pessoal;* a sociedade nos negócios pode ser estabelecida unicamente para proveito dos dois sócios e sem nenhuma preocupação com suas conseqüências sociais. Por outro lado, o relacionamento pode ser consagrado a uma finalidade mais que pessoal, seja em que nível for.

Nenhum astrólogo pode dizer taxativamente qual dos dois enfoques uma pessoa seguirá em seus relacionamentos íntimos e estáveis, mas o signo zodiacal na cúspide da Casa, a localização e o aspecto do governante desse signo e a natureza dos planetas que se situem na sétima Casa podem dizer muito, que talvez auxilie uma pessoa sincera, ansiosa por participar de um campo maior de existência, a determinar as melhores condições para essa participação, e talvez também a advirta de alguns perigos ou provas nela envolvidos. Isso pode não facilitar o relacionamento, mas pode torná-lo mais significativo e mais profícuo.

O ponto mais importante, do ponto de vista astrológico, subentendido em todo o discurso anterior, é que nunca se deve considerar a sétima Casa - ou seja que Casa for - *isoladamente* ao se interpretar uma questão relacionada com experiências ou com problemas atinentes a essa área da

* Alguns anos atrás, um filme russo, sobre um casal de jovens que estavam lutando em duas frentes de guerra, foi anunciado na revista *Soviet Rússia*, janeiro de 1943. O anúncio apresentava uma carta do rapaz à sua doce camarada, que dizia assim: "Em nosso tempo, o destino do mundo será decidido e esse destino precisa ser decidido por nós. Estamos nos defrontando com uma vida grave e militante e quero partilhar essa vida com você". E como foi importante o rapaz não dizer "partilhar *minha* vida", e sim "partilhar *essa* vida com você". Uma participação a dois numa nova vida: que diferença do *égoïsme à deux!*

existência e da atividade humana. O princípio de relacionabilidade, Descendente, e o princípio de identidade, Ascendente, constituem duas polaridades independentes. O que a pessoa é como ser individual ficará demonstrado no modo pelo qual ela se relaciona com os outros e com o mundo em geral; da mesma forma, os resultados dos relacionamentos proporcionam um *feedback* que influi sobre o que os psicólogos hoje chamam de "auto-imagem".

O modelo de identidade individual - que no nível biológico se manifesta no código genético dentro dos núcleos de todas as células - é um fator permanente no ciclo da existência de um indivíduo. Todos os tipos de relacionamentos concorrem para efetuar a mudança da personalidade. O relacionamento é a resposta criativa - e por vezes destrutiva - ao fato existencial da relacionabilidade. A sétima Casa é, pois, potencialmente, a mais dinâmica de todas. É nesse campo da experiência humana que a pessoa pode ser mais fundamentalmente transformada. É também aqui que a pessoa experimenta sua maior liberdade - a não ser que certos planetas estejam muito próximos do Descendente, planetas que simbolizam pressões do destino que compelem e que, só eles, podem edificar, através da magia do relacionamento, o tipo de bases necessárias à realização de um poderoso propósito inerente à vida do indivíduo. Em tal caso, o indivíduo pode ver-se impulsionado por esse propósito a entrar num certo tipo de relacionamento, ou num relacionamento com certo tipo de pessoa, o que pode proporcionar experiências que talvez sirvam muito bem para dinamizar o propósito do destino, mesmo que seja através de tensão e de esforço, ou mesmo de alguma estratégia.

O casamento, e também outros tipos de parceria, pode representar um campo de tensões não resolvíveis. As experiências derivadas dessas tensões também podem servir ao propósito do crescimento pessoal e levar à realização do destino do indivíduo. O planeta próximo ao Descendente é normalmente um forte indicio da melhor maneira de fazer face a essas experiências. Elas serão enfrentadas em diferentes níveis, de acordo com a fase de crescimento do indivíduo e, poder-se-ia acrescentar, de acordo com a fase de evolução da "alma" que essa vida específica corporifica. Pode-se ver aí em ação um processo dialético, como aliás em toda parte, revelando três níveis básicos de relacionabilidade.

Em nível biológico básico e tribal, todos os relacionamentos servem aos ditames compulsórios da vida e ao bem-estar do grupo comunal. Os relacionamentos têm um propósito definido e são socialmente regulados

por fortes tabus, essencialmente formulados em vista do que é naturalmente valioso e construtivo para o conjunto tribal, embora, com o tempo, outra: preocupações possam perverter o propósito original.

Quando o homem atinge o estágio em que o processo de individualização começa a operar vigorosamente, os relacionamentos; assumem um caráter mais pessoal, mas o relacionamento básico do casamento ainda está sujeito ao imperativo biológico e à necessidade de preservar e transmitir valores culturais e religiosos. Foi só depois que a Revolução Industrial começou a romper os modelos tradicionais de relacionamento - na verdade, não antes do início deste século - que um tipo de individualismo intenso e a revolta das mulheres contra as normas patriarcais transformaram completamente a instituição do casamento. O casamento perdeu muito do seu caráter social e institucional-religioso. Ele deixou de ser, em muitos casos, um assunto determinado pelos pais, pela classe social e pelos valores financeiros. Ele é agora principalmente definido por dois indivíduos que se unem livremente a fim de gozar uma vida mais rica em comum. Assim, os fatores de identidade e de relacionabilidade têm recebido quase toda atenção, e os relacionados com a décima Casa, e mesmo com a quarta, perderam sua importância básica - isso porque a maioria dos casamentos, ao menos nos Estados Unidos, não têm um senso de destino e de propósito social ou transcendente (décima Casa), e praticamente são desprovidos de raízes vitais e sólidas, tanto social quanto geograficamente.

É preciso agora chegar a um terceiro nível, em que talvez tudo o que restou do modelo de casamento será transformado ainda mais. Nesse nível, o relacionamento uma vez mais será dominado por um propósito comum - social e supra-social, espiritual ou planetário. Indivíduos verdadeiramente autônomos e autênticos estarão unindo suas energias, talvez de um modo ritualista, de modo a trabalhar por um objetivo verdadeiramente comum e deliberadamente partilhado - um propósito funcional visualizado em termos de participação na evolução total da humanidade e da Terra.

Parece evidente que esse terceiro nível de relacionamento íntimo e criativo - que também pode ser, mas não precisa ser, procriativo - ainda é inaceitável e talvez inconcebível para a imensa maioria da humanidade. Mas maiores transformações podem ser iminentes, e os países emergentes não-brancos podem encontrar em suas antigas culturas traços que tornem mais fácil para *todo* o mundo a aceitação de um novo tipo de sociedade ou companheirismo profícuo e suprapessoal.

A Oitava Casa

A vida de um indivíduo é como uma elipse, possuindo dois focos, por oposição ao círculo, que só tem um centro. Esses dois pontos focais, princípios ou tendências em torno dos quais gravitam a vida e a consciência de um ser humano são, como vimos, a *identidade* e a *relacionabilidade*, representadas respectivamente pelo Ascendente e pelo Descendente. Visto que a astrologia relaciona todos os seus símbolos e interpretações com o início dos ciclos - o primeiro ponto da existência individualizada, o primeiro alento que relaciona o organismo recém-nascido com um ambiente externo -, as Casas do mapa astrológico são numeradas a partir do Ascendente, de um a doze. Os ciclos da existência, porém, não são círculos fechados; as duas forças derivadas dos princípios de identidade e relacionabilidade dominam um hemicírculo de cada uma. O hemicírculo abaixo do horizonte é dominado pelo impulso de realizar tão plenamente quanto possível as potencialidades inerentes ao indivíduo por ocasião do nascimento; o hemicírculo acima do horizonte, apesar de ainda profundamente afetado por esse processo de auto-realização e pelo impulso para o cumprimento do próprio destino, é poderosamente condicionado pelo caráter e pelos resultados dos relacionamentos que o indivíduo precisa estabelecer para alcançar a completa realização pessoal.

Por tudo isso, embora seja perfeitamente lógico numerar as Casas de um a doze, deve-se também levar em consideração o fato de que no Des-

cedente um novo conjunto de fatores começa a ocupar a atenção da pessoa - fatores relacionados com produção de mudanças e, pelo menos em algum nível, com relacionamentos baseados num propósito. Assim, o Descendente é também, nesse sentido, o ponto de partida de uma série de experiências que requerem relacionamentos produtivos - relacionamentos que também transformam inevitavelmente a perspectiva do indivíduo e sua consciência de uma forma fundamental. A oitava Casa, a começar do Ascendente, deve também ser interpretada como a segunda Casa quando se começa do Descendente. Cada uma das seis Casas acima do horizonte pode, portanto, ser tida como dotada de dois significados fundamentais: um relativo ao Ascendente - princípio de identidade -, e o outro ao Descendente - princípio de relacionalidade. O indivíduo se desdobra e realiza seus poderes através das seis primeiras Casas, e os relacionamentos encontrados nessas seis áreas da existência são experimentados e avaliados principalmente em termos do ser individual.

Da mesma forma, o que se torna realizado e produtivo nas seis Casas que começam com o Descendente é sobretudo aquilo que o indivíduo encontra em termos de relacionamentos que têm um impulso e um poder cada vez mais dominantes - e isto é assim, quer se considerem as relações conjugais ou estritamente sociais. O indivíduo daí em diante focaliza sua atenção menos em seu próprio ser do que naquilo que o relacionamento acarreta para sua vida. Com o tempo, é claro, o que esses relacionamentos acarretaram realimentará seu senso de ser, e um novo ciclo começará num nível mais consciente e maduro - ou, negativamente, num nível de deterioração - da existência pessoal.

Isso *não* quer dizer que em qualquer momento de sua vida uma pessoa tem experiências só na área de uma única Casa. Todas as Casas estão potencialmente envolvidas em todos os instantes da vida - assim como o verão está implicado no inverno, e os gélidos resíduos polares nas selvas tropicais. O que o astrólogo faz quando dá sentidos definidos ao campo de uma Casa, em termos de um processo cíclico de desdobramento da personalidade, é estabelecer categorias básicas de experiência, e sobretudo o *relacionamento* entre essas diferentes categorias, ou seja, o modo pelo qual elas se ajustam umas às outras e como um tipo depende dos outros e os condiciona. Toda experiência está potencialmente ligada a qualquer outra, e cada experiência importante pode relacionar-se a um arquétipo básico. É o relacionamento da experiência com esse arquétipo que lhe confere seu sentido essencial em termos da *totalidade* da vida do indivíduo.

É isso, pelo menos, o que o enfoque holístico da existência afirma. Uma experiência verdadeiramente plena pode ser vivida. Agora, se houver um caráter de verdadeira plenitude na experiência, todo o campo de atividade - todas as Casas - estará envolvido até certo ponto. Não obstante, um campo será acentuado, e é essa tônica, esse foco de atenção da consciência, que influenciará profundamente o significado da experiência e lhe condicionará os resultados.

Quando o astrólogo tradicional fala da oitava Casa como sendo a Casa da morte e da regeneração, sua interpretação baseia-se principalmente na correspondência que com tanta freqüência - e a meu ver inevitavelmente - se acentua entre os signos do zodíaco e as Casas, isto é, a primeira Casa corresponde a Áries, a segunda a Touro, e a oitava a Escorpião. Há alguma validade em estabelecer tais correspondências, mas em geral elas são apenas desconcertantes. Os signos do zodíaco e as Casas representam dois conjuntos de valores fundamentalmente diferentes. Eles se relacionam com diferentes fatores, ainda que os dois conjuntos de valores se relacionem de vários modos - particularmente do ponto de vista numérico. No caso da oitava Casa, não se ganha nada com o estabelecimento dessa correspondência porque Escorpião é um dos signos menos compreendidos do zodíaco e o mais desinteligentemente difamado.

No ciclo sazonal do ano solar, Escorpião se relaciona com os meados do outono. Nos climas temperados, nessa ocasião, a vegetação anual está, de fato, normalmente experimentando a "morte". Mas dentro do processo de desintegração e em meio às folhas que caem também há sementes que não morrem. Identificar a própria consciência com o processo germinal equivale, para o indivíduo, a elevar-se acima da morte cíclica, e talvez sofrer, se não uma mutação transformadora ou uma repolarização fundamental, pelo menos participar do renascimento futuro da vegetação na primavera. Numericamente, e de acordo com a tradição gnóstico-cristã, o oito repetido em três níveis é o número simbólico do Cristo (portanto 888). Girando a *saga* do Cristo em torno da Crucificação e da Ressurreição, esse número 8 se ajusta perfeitamente bem à Casa da morte e da regeneração.

Mas a seqüência cíclica de Casas tem outro significado importante. Ela se relaciona com duas fases básicas do desdobramento da consciência de um indivíduo. A consciência, no sentido ocidental, implica dois pólos opostos: identidade e relacionamento. Como ninguém nasce sozinho ou sem um passado, os resultados dos relacionamentos do passado - o carma

- condicionam o novo ser, que por sua vez se põe à prova, para si mesmo < para o mundo, pelo modo como enfrenta e experimenta novos relacionamentos. Mais tarde, esses relacionamentos condicionam um novo ser.

Por isso, do ponto de vista astrológico, o Descendente deve ser tido como iniciador de um novo processo do qual a sétima Casa representa a primeira fase, e a oitava Casa a segunda. A oitava Casa também está relacionada com posses, mas - salvo talvez na astrologia horária, em que todo conceito simbólico é personalizado e interpretado em termos de acontecimentos isolados - a interpretação tradicional desse tipo de posses da oitava Casa como "posses do parceiro" não é exata. O que ela indica são as posses do *relacionamento*; isto é, a oitava Casa refere-se a toda situação existencial que o *relacionamento* tem de enfrentar a fim de realizar suas potencialidades. Ela revela também o que está à disposição do relacionamento para transformar-se num fator operante na sociedade.

Obviamente, o que o relacionamento "possui" é o que os parceiros lhe dão. Mas não é *apenas* a soma das duas contribuições, pois, no momento em que há um tipo de parceria de sétima Casa, as interações estabilizadas e orientadas para um fim entre os dois parceiros acrescenta valorização adicional a essas contribuições consideradas em separado. A qualidade do relacionamento entre os parceiros torna-se um fator ativo e produtivo - ou inibitório e talvez destrutivo. Esse ponto é muito importante. Por exemplo: se houver um planeta na sétima Casa de uma pessoa, ele afetará não só a capacidade de relacionamento dessa pessoa, como também a fecundidade das questões que afetam a oitava Casa.

De mais a mais, assim como ninguém nasce no vazio, assim também nenhum relacionamento ocorre num espaço vazio. O espaço é tanto a biosfera quanto a sociedade específica a que os parceiros pertencem ou na qual o seu relacionamento se inicia e se desenvolverá. A biosfera proporciona aos parceiros - de acordo com clima, terra e estação - suas necessidades físicas básicas; a sociedade estabeleceu meios pelos quais qualquer parceria deve se pautar. A relação conjugal precisa fazer face a tabus sociais e ético-religiosos, assim como uma sociedade de negócios precisa registrar-se como pessoa jurídica, seguir uma série de regulamentos, pagar impostos etc. O relacionamento precisa *conformar-se com os precedentes válidos em seu ambiente*. A sociedade lhe proporciona muitas oportunidades, mas também muitas restrições. Isso tudo se relaciona com a oitava Casa.

A Casa, sua cúspide e os planetas nela localizados indicam à pessoa

a melhor forma e a forma mais realista de abordar tanto as oportunidades como as restrições envolvidas na tarefa de levar a uma condição profícua o relacionamento por ele iniciado. Proficuidade pode significar dinheiro, desenvolvimento, influência, ou pode significar que, mediante esse relacionamento, o indivíduo experimentará uma valiosa transformação interior e será capaz de atingir profundezas de consciência e de experiência que isoladamente nunca poderia atingir.

O relacionamento não deve ser concebido apenas como a envolver dois parceiros num tipo exclusivista de associação conjugal ou comercial. Vários parceiros, e mesmo um grupo, podem associar-se numa base sólida relativamente estável - certamente tão sólida como é a maioria dos casamentos hoje em dia. Tal grupo pode ter um sentido profissional, mas sua finalidade pode ser religiosa, política ou "oculta". O relacionamento grupal normalmente opera mediante algum tipo de ritual: os negócios modernos são uma longa série de rituais, do escritório e da fábrica até Wall Street e sua Bolsa de Valores; a vida nas forças armadas praticamente não passa de uma aborrecida seqüência de rituais, terminando no campo de batalha. Toda uma cidade, observada de cima durante o dia, apresentaria um espetáculo de rituais de tráfego, congestionamentos e descongestionamentos, luz e escuridão. As organizações religiosas têm seus rituais. A finalidade de todos esses rituais e de todos os festivais coletivos, incluindo concertos, óperas e jogos de futebol, é fortalecer os laços da psique coletiva entre os membros de uma determinada sociedade ou grupo. Em outras palavras, o ritual tem por fim gerar o fator especial *a mais*, que se produz quando o grupo é psíquica e emocionalmente integrado. Há até uma integração física ou eletromagnética que ocorre quando os corpos humanos se tocam e se movimentam juntos de acordo com ritmos partilhados.

Os rituais a que vários grupos ocultistas ou místicos obedecem em suas reuniões, especialmente na perigosa forma de "magia cerimonial", têm o mesmo propósito de quaisquer rituais sociais ou religiosos, exceto que têm, ou deveriam ter para serem eficazes, um propósito ainda mais consciente, deliberado e geralmente poderoso. *Mantras*, encantamentos, gestos tradicionais e o uso de objetos simbólicos podem pôr em foco altamente concentrado sua força de vontade, bem como as emoções dos participantes de um grupo. Os rituais dos índios americanos são típicos de certo nível dessa atividade em grupo; os da franco-maçoneria, de outro. Aliás, toda a sociedade está baseada em rituais.

É só quando o individualismo é demasiado intenso que os modelos

ritualistas das instituições sociais podem entrar em colapso. Mas logo o indivíduo rebelde estabelece um novo tipo de rituais. As necessidades da vida alteram suas formas e procedimentos padronizados < seus aspectos, mas o tipo de experiências da oitava Casa está sempre presente para ser enfrentado. Os rituais sexuais também permanecem embora as modas e a moral possam mudar.

O problema básico é o de saber se esses rituais cotidianos têm um sentido positivo, exaltador ou emocionalmente produtivo, ou são experimentados como uma aborrecida rotina e escravidão. É quando encaramos tal problema que o ideal da Prática da Presença de Deus em todos os momentos do dia adquire sua bela e salutar significação. Todo ritual *podia* evocar o Divino em seus participantes. Ele pode alcançar essa realização apenas quando a *qualidade* do relacionamento entre os participantes torna possível a evocação - e, desse modo, possibilita o renascimento num nível mais elevado de abrangência e de amor não egoísta.

Numa sociedade em que quase tudo é afetado pelo "mundo dos negócios", é realmente estranho que essa expressão não seja mencionada na lista tradicional de assuntos a que as Casas se relacionam. Considerar a segunda Casa de um mapa astrológico como Casa de negócios é perder de vista o que a palavra *negócios* essencialmente implica. A segunda Casa se relaciona ao que um indivíduo possui privativamente e ao que ele pode usar para realizar seu potencial inato - sejam suas posses constituídas por bens tangíveis ou por capacidades psicológicas e espirituais. A oitava Casa diz respeito a negócios propriamente ditos porque qualquer tipo de negócio implica alguma espécie de contrato ou acordo que envolve pelo menos duas pessoas e é mais ou menos juridicamente garantido pela sociedade em geral. O casamento é ou foi um contrato teoricamente válido "para toda a vida", e garantido por sanções legais e religiosas. Compras a prazo, penhora e todas as variedades de troca, envolvam ou não dinheiro, baseiam-se em relacionamentos interpessoais e sociais, e isso significa basicamente *em confiança*.

Há três fatores envolvidos em todos os assuntos que realmente dizem respeito ao campo de experiência próprio da oitava Casa: confiança - que por sua vez subentende honestidade -, administração e responsabilidade. E por trás disso tudo está a ampla atividade do amor da sétima Casa - o amor como capacidade de conferir num sentido construtivo e integrador às relações interpessoais e portanto sociais, logo, como a consubstanciação do

sentido e do valor experimentáveis e concretizados no sentimento de ser parte da humanidade.

Participar de uma atividade ritualista quando não se confia aos participantes pode ser muito perigoso, muito embora seja isso o que se faz constantemente em nossa moderna sociedade, sobretudo nas cidades modernas; e é essa a razão de nossa sociedade dar à oitava Casa um significado principalmente negativo. A política é a negação da confiança; e enquanto o próprio conceito de política não desaparecer do campo das relações sociais e interpessoais, esse sentimento social de ser parte da humanidade precisa ter seus amargos frutos na oitava Casa, bem como alguns exemplos de colheitas abundantes. A política deve ser suplantada por administração no sentido social e profissional da palavra. Ou seja, o resultado de um relacionamento ou de um contrato profissional - e a *valorização adicional* gerada pela cooperação humana - devem ser administrados não só para o bem dos participantes, mas em proveito do próprio relacionamento e do que ele acarreta para a sociedade, para a humanidade e *para a Terra*, o vasto organismo planetário em que a humanidade deve desempenhar uma função definida, assim como o reino vegetal e o animal, os ventos e o mar desempenham as suas.

Se um relacionamento da sétima Casa for verdadeiramente funcional e tiver um propósito, é no campo das experiências relacionadas com a oitava Casa que esse propósito funcional se acha *consubstanciado*. À medida que ele se consubstancia e assume um caráter muito concreto, os parceiros devem assumir a responsabilidade por tudo o que o relacionamento implique para outras pessoas, e em especial para toda a comunidade e para a Terra.

A atividade cooperativa de um casal ou de um grupo produz vários resultados, libera novas energias ou cria novas riquezas. Como utilizar os frutos dessa atividade? Essa é a pergunta básica referente à oitava Casa, porque essa Casa é sucedente e todas as Casas assim - a segunda, a quinta, a oitava e a décima primeira - dizem respeito ao uso do poder posto à nossa disposição pelo que ocorreu nas Casas angulares - primeira, quarta, sétima e décima. Na segunda Casa, o indivíduo usa o que possui, e certo tipo de administração *pessoal* está subentendido. Mas no campo dos negócios, a administração adequada assume um sentido *suprapessoal*, ou seja, o administrador usa os frutos da atividade do grupo não para si mesmo, mas para o relacionamento entre os participantes do grupo - portanto, para a firma, para o governo, para a nação como um todo.

Responsabilidade significa a capacidade de responder. Responder a quê? À situação conjugal ou social criada pelos resultados concretos de um relacionamento cooperativo. Isso significa a capacidade de controlar, gerir < dar um emprego socialmente construtivo aos frutos desse relacionamento.

Essa responsabilidade se aplica a todos os níveis de atividade da sétima Casa - à atividade sexual tanto quanto a lucros provenientes de negócios, ou perdas e prejuízos! O poder é liberado. Pode consubstanciar-se na concepção de um bebê, ou em lucros monetários, como em poluição do ar e das águas por uma empresa industrial. Toda liberação de poder tanto pode ser positiva como negativa - na maioria das vezes, é um pouco ambas as coisas. O negócio é lucrativo? Que é que ele lega para o futuro? E isso significa, acima de tudo, o futuro dos participantes, pois qualquer relacionamento que se estabeleça e todo contrato assinado acarreta um legado aos participantes. Pode significar morte do passado seguida de renascimento, ou o tipo de morte que cerca o futuro com fantasmas cármicos e decepções não resolvidas.

A oitava Casa é muito importante, mas é difícil de interpretar num mapa individual. É em termos dos tipos de experiência relativos à oitava Casa que uma pessoa tem de fazer, talvez, suas escolhas mais profundas e mais vitais. Essas escolhas afetam não só o indivíduo, mas também a sociedade em geral. Nesse sentido, os filósofos existencialistas estão certos em dizer que cada indivíduo é responsável por toda a humanidade.

A Nona Casa

As experiências relacionadas com a nona Casa são essencialmente as que um indivíduo tem durante sua busca de sentido para as coisas. Essa Casa, sendo "cadente", também se refere especificamente a assuntos que permitem aos parceiros e a todo tipo de atividade grupai operar eficazmente e expandir-se dentro do arcabouço de uma certa sociedade e cultura. Isso requer um conhecimento das condições globais, dos procedimentos e das leis que estruturam o estilo de vida de uma determinada sociedade e as possibilidades desse estilo de vida no que toca ao sucesso e à expansão. A nona Casa é, tradicionalmente, a Casa da filosofia e da religião, mas também se relaciona com todos os assuntos jurídicos. Diz respeito, em geral, a tudo quanto expande o campo de atividade de uma pessoa ou o escopo de sua mente: viagens longas, contatos íntimos com outras culturas e com estrangeiros em geral, e aqueles "grandes sonhos" que revelam à consciência aberta que se defronta com os desafios da vida o significado dos acontecimentos do passado, do presente e dos que se pode esperar para o futuro, bem como as tendências do destino individual e coletivo. Experiências com videntes, profetas, ledoras de sorte, estatísticos futurólogos, visionários etc. também se relacionam com a nona Casa.

A nona Casa se opõe à terceira e a complementa. Enquanto a terceira Casa se refere à necessidade de um indivíduo de se haver com seu

ambiente pessoal e íntimo e, desse modo, conhecê-lo e compreendê-lo, a nona Casa é uma área em que ele procura descobrir o significado dos campos mais amplos da existência social que ele talvez não experimente diretamente mas que sua mente pode explorar pelo uso de analogia, generalização e abstração. Essas duas Casas simbolizam as duas polaridades da mente humana, o concreto e o abstrato. Toda mente plenamente desenvolvida opera em termos de uma combinação de ambos os tipos de pensamento, mas quase todo mundo tende a preferir um deles. Em nossa época analítica e empírica, a pessoa de inclinação científica focalizará naturalmente a atenção nas experiências relativas à terceira Casa; Louis Pasteur tipifica essa tendência, já que seu mapa astrológico revela um complexo agregado de planetas na terceira Casa.

Por outro lado, o metafísico ou o filósofo, cuja função é sintetizar dados e descobrir princípios gerais, tem presumivelmente uma nona Casa natal repleta. Tal expectativa, porém, nem sempre se justifica, porque os planetas numa Casa não indicam *necessariamente* que o indivíduo terá experiências notáveis ou produzirá grandes coisas em termos do que a Casa representa. Um planeta numa Casa indica que a função significada por esse planeta *deve ser usada* vantajosamente no trato com experiências a que a Casa se refere; deve ser usada porque surgirão problemas nesse campo de experiência que poderão ser melhor resolvidos desse modo. Quando, porém, não houver grandes problemas nesse campo, porque a pessoa é espontaneamente capaz de gerir o que encontra aí, a Casa bem pode estar vazia. Precisa-se procurar outra indicação no signo zodiacal, na cúspide da Casa ou em seu astro regente. A presença de nódulos lunares pode ser significativa e, como sempre, é preciso considerar todo o mapa, pois às vezes o que parece uma característica notável de uma pessoa é, na realidade, o resultado secundário de algum traço ou faculdade mais fundamental. Um pensador aparentemente grande pode ser na verdade um médium ou um canal pelo qual opera a mente coletiva ou a mente de um parceiro cuja influência pode ou não ser conscientemente reconhecida.

No mapa astrológico de Albert Einstein, Júpiter a 27° de Aquário está na nona Casa em oposição a Urano na terceira, e Plutão está em quadratura com Júpiter. Podemos considerar isso um símbolo notável ou uma profecia. A famosa fórmula de Einstein possibilitou a bomba atômica, uma bomba que usa urânio e plutônio; este último elemento ainda era desconhecido quando Einstein nasceu e mesmo quando estabeleceu sua Teoria da Relatividade. Mas enquanto Júpiter na nona Casa obviamente expandia sua capacidade

para o raciocínio abstrato, e Urano na terceira lhe tornava o intelecto analítico arguto e impaciente com os velhos conceitos, esses planetas também se referem com igual intensidade ao tipo de problemas que ele teve de enfrentar e ao modo de solucioná-los. Esses problemas, é claro, tinham muito a ver com fatores sociais - Júpiter - e com seu ambiente natal, que ele teve de abandonar. Sendo Júpiter o regente de uma décima Casa pisciana muito forte, dinamizada pela presença do Sol, normalmente sugeriria que ele obteria a máxima influência profissional e pública num país estrangeiro.

Em assuntos relativos à mente de um indivíduo, devemos sempre estabelecer uma diferença entre "conhecimento" e "compreensão". O ato de conhecer pertence à terceira Casa, porque implica apenas o contato direto de uma pessoa com algo em seu ambiente. O conhecimento pode originar-se diretamente das sensações ou, em sentido psicológico e místico, de uma percepção interior igualmente direta e incontroversa. O processo da compreensão é muitíssimo mais complexo, porque envolve a síntese de muitos fatores e dados conhecidos. Ela é o resultado de um processo holístico, que, na verdade, subentende como plano de fundo a experiência de um povo e a sua cultura. Não se "conhece", em sentido estrito, o *significado* de alguma coisa; a experiência de significado vem com a compreensão.

Um sinônimo de compreensão é entendimento. Compreender algo é apreender um inter-relacionamento de fatores de que essa coisa depende para sua existência e seu comportamento. Em sentido mais profundo, compreender algo ou alguém é levar em consideração o relacionamento dessa coisa ou dessa pessoa com todo o universo. Você pode "conhecer" o fato de que uma pessoa cometeu um crime, mas você só pode "compreender" essa ação considerando-a em função de um quadro de referência pessoal, social e mesmo cósmico - e, portanto, astrológico. Newton "sabia" que maçãs maduras caem da macieira, mas só "compreendeu" isso quando pôde relacionar tal fato com uma lei universal, a da gravitação dos corpos. A forma mais difícil de compreender, claro está, é a que se refere a uma ação ou a uma pessoa com que o conhecedor está pessoalmente envolvido.

A complexa natureza do processo da compreensão e da busca de significado leva, na maioria dos casos, ao uso de símbolos. A nona Casa é a Casa dos símbolos. Todas as palavras são símbolos. A maioria dos gestos são símbolos representados consciente ou inconscientemente. A dança nupcial de alguns pássaros é um símbolo, bem como os atos humanos e as atitudes do corpo durante o namoro. Todas as artes são simbólicas, mesmo que o artista se recuse a admitir isso em sua preocupação com o que

chama de "objetividade" ou de elementos aleatórios. Essa preocupação em alguns pintores e músicos modernos é em si mesma uma expressão simbólica de uma fase específica numa cultura, e os resultados artísticos; simbolizam tal fase. O clarividente a quem se pede para *resolver o problema* de um cliente normalmente visualiza um objeto ou uma cena simbólica, ou ouve no cérebro palavras, que também constituem símbolos.

Os símbolos precisam ser interpretados. Cada indivíduo interpreta-os em termos do que ele é, do que *sabe* ou do que *sente* - e/ou sentiu pessoalmente no passado - contra o fundo de sua cultura e tradição familiar. Um mapa astrológico também é um símbolo. Ele simboliza a relação complexa existente entre o recém-nascido e o universo. Da mesma forma, todos os conceitos religiosos e visões místicas simbolizam esse tipo de relação *entre indivíduo e universo*. Falar de uma "experiência de Deus" - uma experiência típica da nona Casa - é um modo canhestro de simbolizar numa palavra, Deus, a "sensação" da chamada experiência "unitiva", em que todo o universo se reduz a uma unidade sobre a qual a pessoa projeta a resposta a todas as suas necessidades concebíveis.

Isso *não* quer dizer que Deus não exista! O próprio fato de sabermos que estamos cercados por uma *multiplicidade* de objetos, movimentos e energias torna necessário a nós, ou pelo menos a alguns seres humanos, conceber ou sentir a existência de um fator oposto, a *unidade*. O metafísico pode compreender este fato e suas conseqüências inevitáveis, em termos de conceitos mentais, e ele pode formular uma cosmologia ou uma teologia. O devoto e o místico, talvez de duas formas diferentes, o sentem e o experimentam como uma intuição transformadora da consciência, tão realista que assume forma como algum tipo de Presença. Mas a palavra *unidade* e a Presença corporificada são, não obstante, símbolos. O universo todo, *como o percebemos*, é um símbolo de nosso estágio humano e individual de evolução. Eis a razão por que o filósofo hindu o chama de *maya*, palavra geralmente traduzida - de maneira pouco adequada - como "ilusão". Símbolos não são ilusões! Eles constituem projeções daquilo que somos, genérica, coletiva e individualmente. Mas precisamos deles para operar como seres humanos. Eles representam a expressão *da qualidade do inter-relacionamento humano* em qualquer tempo ou lugar determinados.

Aquilo que chamamos de "lei" também é uma expressão simbólica. As leis de uma sociedade revelam o caráter básico da inter-relação de seus membros - e em geral a qualidade ideal, mais do que real, de um determinado estilo de vida. A realidade social costuma proporcionar o funda-

mento dos ideais corporificados nas leis. No entanto, do ponto de vista de uma operação profissional, ou mesmo de uma relação conjugai, essas leis precisam ser "conhecidas" - a nona Casa é uma terceira Casa a partir do Descendente, princípio do relacionamento -, ainda que para ser burladas. A nona Casa representa o ambiente do relacionamento, assim como a terceira Casa representa o ambiente do ser. O conhecimento das condições de qualquer ambiente nos habilita a funcionar do modo mais eficaz possível.

Nesse sentido, conhecimento é poder, ou, antes, conhecimento é o meio de obter poder. E enquanto o poder em nível pessoal é representado pela quarta Casa, em nível social ele é assunto da décima.

O risco que se corre em termos das experiências da nona Casa é a expansão excessiva provocada pela ambição e pela ânsia de poder ou pelo símbolo de poder social, o dinheiro. A ambição é o aspecto negativo da compreensão, pois implica um enfoque egocêntrico compulsivo das relações humanas. A pessoa ambiciosa egocêntrica *usa os relacionamentos* para expandir seu poder e/ou prestígio; ela torna um relacionamento o seu servo, e aqueles com quem se relaciona, escravos de seus fins. Assim, o relacionamento se perverte e acaba por se tornar, ao menos potencialmente, destrutivo para a harmonia e a saúde do todo maior - a sociedade ou o próprio planeta.

Já disse, anteriormente, que a identidade e a relacionalidade são os dois princípios básicos de toda existência; um viver harmonioso e saudável exige a inter-relação desses dois princípios. Um ser fortalece em certas ocasiões, ao passo que em outras perde vigor, e vice-versa. Mas cada qual precisa conservar sua verdadeira natureza. Quando um deles consegue adular o caráter ou a finalidade essencial do outro, a vida humana assume uma qualidade discordante, tensa e intrinsecamente destrutiva. O processo de desarmonia começa, na maioria dos casos, em termos das experiências da terceira Casa, isto é, por causa dos choques ou das pressões ambientais destrutivas da sensibilidade, do sistema nervoso ou da mente pessoal. Esse processo pode centralizar-se ainda na quarta ou na quinta Casa, à medida que a personalidade do indivíduo em desenvolvimento se paralisa por medo, falta de confiança ou ressentimento, e ele experimenta frustrações repetidas em seus esforços no sentido da auto-expressão. Depois ele aprende, mediante as experiências da sexta Casa, que a alternativa básica que lhe resta é, de um lado, ser um senhor, e, de outro, ser um escravo. Como resultado disso, ele já não pode experimentar amor, comunhão, confiança; portanto, começa a agir em grupos e com os seus parceiros em termos de cobiça;

ele procura amealhar o poder gerado pela sociedade e pela relação grupai. Isso pode significar o acúmulo de uma grande quantidade de capital como meio de atingir o nível mais elevado na sociedade, e implica a burla das leis - tanto das leis naturais como das leis políticas -, de tal modo que elas se convertem em instrumentos de sua ascensão.

Nesses casos, não se trata de compreensão harmoniosa, mas apenas da espécie de conhecimento que serve à ambição do ego. Trata-se de um conhecimento que pode ser usado *contra* a realização harmoniosa do relacionamento, contra o amor. É o conhecimento de uma mente pervertida, ou pode até ser conhecimento adquirido por pesquisadores que buscam conhecimento apenas por amor do conhecimento e, no processo, aumentam a sua fama pessoal. É conhecimento em que não há sabedoria, conhecimento que não considera os resultados finais do que é conhecido e formulado para uso sócio-político geral e indiscriminado. Na verdade, é o tipo de conhecimento que nossa sociedade tem em alta estima porque ela está imbuída do *espírito* competitivo e *ambicioso, cultuando o sucesso e o poder* sem se preocupar com os meios usados nem com o que esses meios tenham feito para a qualidade dos relacionamentos que possibilitaram a ascensão ao poder do indivíduo centralizado em seu próprio ego.

Em tal sociedade, a mente desde logo se torna um instrumento que diz como usar a energia liberada pelo relacionamento grupai e pela cooperação - quase sempre cooperação compulsória - para atingir o sucesso. Essa é a mente do político e também do adepto da magia negra, pois a magia era o meio original em que as energias humanas podiam ser usadas para o propósito de um *grupo*. O propósito pode ser o de curar ou de proporcionar ao grupo o que quer que lhe seja vital à existência ou ao desenvolvimento espiritual. Em casos assim fala-se de "magia branca". Quando, porém, a motivação do uso do poder do grupo advém da ambição do grupo ou da cupidez do líder, quando se baseia no ódio ou está enraizada no medo, então trata-se de "magia negra".

O campo de experiências relativas à oitava Casa testemunha a liberação do poder coletivo do grupo, seja físico ou psíquico - oculto. Na nona Casa, aprendemos as leis e técnicas que tornam essa liberação verdadeiramente eficaz. Na décima Casa, experimenta-se o próprio poder em estado concentrado; ele se tornou uma força social, para o melhor ou para o pior.

A Décima Casa

Na quarta Casa, tendo adquirido uma compreensão ao menos instintiva do que a vida e sua ancestralidade lhe puseram à disposição para utilizar - segunda Casa -, bem como um conhecimento do que seu ambiente lhe confere e lhe dá a oportunidade de fazer - terceira Casa -, o indivíduo aprende a estabilizar e a organizar suas energias em termos do que experimenta como fatores básicos de sua personalidade. Ele descobre seu lugar *no campo exíguo de sua família* e a posição que deve, instintiva ou conscientemente, ocupar como pessoa. Seu caráter assume uma forma definida; das profundezas de seu ser, e em resultado da inter-relação de todas as suas funções orgânicas, ele experimenta poder, ou - se foi condicionado por fraquezas ou por um ambiente amedrontador e caótico - impotência.

Na décima Casa, o indivíduo se defronta com experiências que resultam do fato de ter sido bem-sucedido, ou de ter malogrado na obtenção de uma posição social - isto é, um lugar no complexo ritual das atividades sociais, públicas ou profissionais. Ele está integrado ou deixa de estar integrado na totalidade maior em que aprendeu, ou deixou de aprender, a participar cooperativamente. Ele tem *um lugar*, uma função definida, um *status* público em sua comunidade. Devido a esse *status*, ele possui algum grau de poder social, o que em nossa sociedade implica principalmente

dinheiro, mas em outras pode significar outros fatores também relacionados a poder e a prestígio social ou comunitário. Em seu sentido mais amplo, o termo cargo implica uma função ou um papel que um indivíduo desempenha juntamente com outros. Ele é um "oficiante" num vasto ritual coletivo. É esse "cargo" que define seu lugar na comunidade, assim como o que ele conseguiu realizar como indivíduo.

A décima Casa é a Casa da realização. Um série de desenvolvimentos gradativos, em que as relações da sétima Casa são particularmente importantes, vêm à tona. Esses desenvolvimentos eram potencialidades dentro do impulso original, ou *logos* - "palavra, verbo" -, que o Ascendente simboliza. O potencial da primeira Casa, em teoria, se efetiva plenamente na décima Casa se tudo ocorreu bem durante o processo de efetivação, que está cheio de ardis, obstáculos e possibilidades de perda de rumo.

O indivíduo e a posição social que ele passa a ocupar são, de certo modo, opostos polares, como o são a quarta e a décima Casas. Elas devem se complementar uma à outra, como devem fazer todos os opostos. A combinação da pessoa certa com o cargo para ela mais significativo representa a consumação da existência humana, em todos os níveis de atividade. Essa consumação é bem raramente alcançada em nossa atual sociedade anárquica, o que talvez explique contraste tantas vezes visível entre o valor qualitativo da pessoa e o caráter do cargo por ela ocupado. A pessoa pode encontrar o que chama de sua "vocação" - uma concepção da décima Casa -, mas isso não é garantia de que terá passado satisfatoriamente pelo processo de provas que lhe permita ver, a ela e a outras envolvidas nesse processo, se está ou não preparada para dedicar-se aos deveres do cargo de sua vocação. Na décima Casa, um indivíduo é julgado pelo único teste existencialmente significativo: a prova das obras.

Acaso o indivíduo que acredita ter uma vocação sabe *representar*? Representar é agir através e nos termos de uma forma definida. Um pianista executa uma composição de acordo com o que lhe pede a pauta musical, não só em termos de virtuosidade muscular mas também de maturidade e compreensão psicológica - características da nona Casa. Será o candidato a oficiante (titular do cargo) realmente capaz de preencher significativamente o cargo para o qual sua vocação o impulsionou? Poderá ser investido do poder inerente ao cargo?

Qualquer cargo social - qualquer emprego ou atividade profissional que tenha uma função orgânica e integrada na comunidade - proporciona

poder social a seu titular. A tragédia inerente ao nosso sistema social individualista e supostamente democrático é que o desempenho de uma função social libera seu poder, em grande parte, e em geral exclusivamente, sob a forma de dinheiro, e dinheiro é uma forma abstrata de poder social que pode ser escondida, manipulada, usada para qualquer fim e, portanto, ser usada *inorganicamente*. Os poderes sexual e emocional que são construídos na quarta Casa também podem ser usados inorganicamente e para fins egoístas abstratos e não realistas, mas esse uso egocêntrico glamouroso ou estimulante leva geralmente à saciedade e ao enfado, ou a doenças. O uso do dinheiro praticamente não conhece limites, porque significa o uso do poder - sobretudo poder *sobre* pessoas. E a sede do poder só muito raramente pode ser saciada. É assim com o dinheiro e com o que ele passou a significar na sociedade capitalista.

Um encarregado de alguma função social, especialmente se essa função é indispensável ao bem-estar comunitário, pode *ver-se* confrontado com experiências cruciais. Sobretudo se assumiu essa função sem ter sido realmente testado, não só quanto à sua habilidade intelectual e técnica, *mas quanto à qualidade de suas respostas psicológicas ao tipo de decisão que terá de tomar*, o indivíduo pode não ter o amor e a vontade cooperativa - sétima Casa -, o senso de responsabilidade - oitava Casa -, e a compreensão - nona Casa -, coisas essas necessárias ao desempenho de suas tarefas. Os resultados de uma tal situação costumam ser tragicamente demonstrados pelo comportamento de policiais e soldados das forças armadas, tanto quanto pelo de muitos deputados, senadores e presidentes.

Numa democracia verdadeiramente "orgânica", o mau emprego do poder dado a uma pessoa em virtude de seu cargo deve ser considerado *mais* criminoso do que o mau emprego de energias puramente pessoais, especialmente sob tensão emocional ou privação física, como, por exemplo, a fome. Assim, se um policial, perdendo o autocontrole, trata com brutalidade as pessoas numa demonstração pública, ou se prevalece de sua posição - e do fato de seu testemunho dificilmente ser posto em dúvida perante os tribunais - para chantagear alguém cujos favores deseja, ou para extorquir dinheiro como taxa de "proteção", tal comportamento deve levar não à mera demissão mas à instauração de um processo criminal. Esse é um crime *social* e, portanto, é mais nocivo à saúde e à harmonia da comunidade do que um crime *pessoal* como o de furtar ou ferir alguém por razões puramente pessoais. Da mesma forma, um general que envia suas tropas para morrer num sacrifício inútil, ou que revela clara incapacidade para gerir uma

situação militar deve não só ser rebaixado de posto como ser submetido a processo criminal. Não pode haver escusa para ineficiência repetida e ineficiência emocional ou estúpida no desempenho de alguma função pública, anda que o principal culpado disso, em muitos casos, seja todo o sistema social e seus critérios de promoção.

Nenhuma posição social deveria jamais ser ocupada vitaliciamente por ninguém, independentemente do caráter, valor e eficiência de seu desempenho; a segurança que isso envolve, a proteção contra demissão ou até contra processo judicial por exercício irresponsável do poder ou autoridade é o que transforma as burocracias em tumores *cancerosos* no corpo político de uma nação. Todo representante público bem cedo perderia popularidade se seu desempenho de repente revelasse deterioração, salvo talvez o caso de um ídolo popular já idoso que se transformou numa espécie de figura histórica que as pessoas querem ver antes que desapareça. Entretanto, um mau desempenho *artístico* não fere necessariamente a comunidade; a condução de uma *guerra* ou a reação policial exagerada a uma manifestação pacífica de protesto, sim.

É óbvio que a glorificação do indivíduo como fato exclusivo e independente da existência tem um propósito válido, sobretudo durante certos períodos históricos. Mas ninguém está isolado ou pode obter a plena realização de *seu* potencial sem o concurso da sociedade. O sucesso individual é um mito. Ele pertence à sociedade - e, em última análise, à *humanidade* - através de um indivíduo que desenvolveu poderes da mente ou habilidades que, na verdade, são o resultado do trabalho e dos esforços de um número incontável de gerações que o precederam. Em muitos casos, é verdade, o homem só alcança o poder e o sucesso esmagando e espoliando outros seres humanos.

O indivíduo que obteve certo grau de eficiência em sua atuação social ou profissional pode, com freqüência, experimentar decepção e ver-se alvo de inimizades porque o sistema - a *ordem estabelecida* - recusa transformar-se apesar de óbvias ineficiências e de sua obsolescência. Estruturas e instituições sociais têm uma tremenda inércia, isto é, uma enorme resistência à mudança, e é inevitável a ocorrência de conflitos entre elas e os indivíduos que passaram a sentir, amar, pensar e compreender em termos de um nível novo e mais adequado de relacionamento. Esses conflitos, pois, levam ao tipo de *experiências da décima primeira Casa*.

Quando falei, mais acima, acerca de uma sociedade e de valores sociais, não me referia a *nenhum sistema social, instituição ou modelo*

cultural específicos. Não estávamos discutindo "o sistema" em *si mesmo*, nem nenhum tipo determinado de desempenho, mas a relação entre um indivíduo ou um pequeno grupo e a sociedade em geral. O tipo particular de sistema social em que uma pessoa vive pode ser desumanizante ou arcaico, ou a perversão de um ideal originalmente belo; então a pessoa individual pode ter razões válidas para pretender transformá-lo ou subvertê-lo. Mas nenhum indivíduo pode significativamente aprimorar, reformar ou transformar aquilo em que não esteja pessoal e efetivamente envolvido. No campo de atividades da décima Casa, ele está envolvido, e experimenta os resultados desse envolvimento. E precisa estar envolvido, aceite ou não conscientemente, a realidade disso. Até o iogue que medita numa toca de montanha está envolvido, em geral de forma muito consciente e poderosa, mas às vezes de modo negativo. O budismo do norte zombava dos *Pratyeka Buddhas*, que buscavam alcançar o nirvana isoladamente, sem se preocuparem com o destino da humanidade restante. O que desse modo se pode alcançar é só um nirvana ilusório; num novo ciclo, o desertor será forçado a enfrentar o carma do seu "egoísmo espiritual". Não pode haver nenhuma realização realista que não seja alcançada dentro da humanidade, e essencialmente em termos da evolução humana como um todo.

A cúspide da décima Casa - o Meio-do-céu - é um dos quatro ângulos do mapa astrológico. Como vimos na primeira parte deste livro, o Meio-do-céu do mapa astrológico comum *não* é o zênite; este é um ponto no céu situado diretamente acima da cabeça de uma pessoa de pé sobre a superfície de nosso globo. O Meio-do-céu é, antes, o ponto em que o meridiano - um grande círculo que passa pelo verdadeiro zênite e pelo nadir - corta a eclíptica, isto é, o plano do movimento anual aparente do Sol pelo Céu, de um equinócio da primavera até o seguinte. O Meio-do-céu é, portanto, um fator "solar". Diz respeito a processos vitalistas. Ele representa a consumação de funções orgânicas e comunais. Tem sua importância acentuada em grau máximo em sociedades que operam em termos de valores biológicos e segundo ritmos estritamente naturais, como é o caso típico das sociedades agrícolas.

Quando uma pessoa atinge um estado de verdadeira individualização e é capaz de agir como um ser autônomo e autêntico, sua consciência deve ser capaz não só de funcionar ou de participar numa comunidade orientada para a vida e nas atividades biosféricas, mas de contatar um campo transcendente de experiência de um tipo de energias suprafísicas. De

acordo com o novo nível de simbolismo astrológico, esse campo é o das estrelas - ou seja, do espaço galáctico. Quando uma pessoa fica de pé, sua coluna espinhal torna-se um segmento de reta que, *passando por ela*, liga o centro da Terra e *uma dada estrela* situada exatamente acima de sua cabeça. Essa estrela é potencialmente um grande símbolo; ela representa a identidade espiritual dessa pessoa, seu "lugar" na vasta galáxia.

Hoje em dia não se pode, astronomicamente, identificar essa estrela, e talvez até convenha ser assim, em vista do atual estágio da evolução humana. Além disso, se fôssemos capazes de determinar essa estrela, não saberíamos qual significado simbólico ou qual caráter atribuir-lhe. No entanto, potencialmente a estrela existe. Se considerarmos a galáxia como sendo o "Útero das Almas", como faziam os antigos, sempre haverá nessa *vasta matriz* cósmica uma estreia que representa a nossa "alma" não realizada e não corporificada. Seu "raio" passa por nós quando nos situamos nas alturas de nossa mais íntima identidade. Ela é o símbolo do nosso encargo cósmico e da Maestria que cada indivíduo pode vir a compreender e permitir que encarne em sua pessoa como um todo, transformada.

A Maestria procura aquele que encarne suas qualidades e seu poder na consciência e em feitos transpessoais. O grande encargo procura o titular que tanto realize suas potencialidades natais no desempenho requerido, como, ao mesmo tempo, se tome um agente totalmente autoconsagrado e servidor de seu propósito. Dois movimentos estão presentes na verdadeira consumação de uma pessoa como indivíduo: ela aspira a uma função social - e finalmente planetária e cósmica - e trabalha nesse sentido, dedicando-se consciente e irrevogavelmente a esse propósito. Ao mesmo tempo, uma "descida" complementar e sincrônica do arquétipo - ou Idéia divina - que essa função exprime vai ao encontro da "subida" da pessoa como indivíduo. A Maestria encontra-se com o futuro Mestre, e nesse encontro o céu se une com a Terra, Deus com o homem que, desse modo, torna-se um aspecto imortal do Homem.

Esse é o processo da Transfiguração, sobre o Monte em que o Filho de Deus e o Filho do Homem se unificam. A estrela diretamente acima da pessoa mescla seus raios com o tom do ser dentro do coração humano.

A Décima Primeira Casa

Assim como a quinta Casa se refere à liberação de poderes extraídos da quarta Casa, assim também a décima primeira diz respeito às formas que os poderes que se manifestam na fase da décima Casa podem assumir, à medida que são liberados. As energias e faculdades concentradas na quarta Casa encontram expressão em mecanismos desenvolvidos na quinta: atividades procriativas ou criativas, efusões emocionais do ser, aceitação de riscos e todos os tipos de audácia, gestos dramáticos em que o indivíduo funciona em esplendor solitário ou como um mestre de homens e de condições. A quinta Casa é a Casa do autocrata cósmico, o Sol, que se derrama pelo espaço em glória refulgente e controla com rigor os movimentos de seus planetas.

Na décima primeira Casa, o poder da sociedade, da coletividade ou do grupo é liberado *através* do indivíduo. Mais precisamente, esse poder é liberado através das atividades que o indivíduo desempenha dentro da unidade social - nação, classe, igreja, clube, categoria profissional - a que pertence. À medida que consegue se estabelecer como participante na sociedade, o indivíduo é capaz, subseqüentemente, de operar criativa ou prazenteiramente no ambiente social que seu trabalho ou seu prestígio lhe facultam. A experiência que ele adquiriu na décima Casa lhe possibilita estabelecer novos objetivos sociais ou novas metas profissionais para si

mesmo, ou relaxar na companhia de seus companheiros de trabalho e dos amigos. Se essa experiência da décima Casa for vital e ele a enfrentar com *real poder e verdadeira receptividade* às necessidades da situação com que se defronta, ele desenvolverá uma nova perspectiva, novos ideais e planos concretos de aprimoramento social ou profissional. Se sua participação na vida da sociedade tiver sido superficial, passiva ou puramente baseada no gozo de privilégios, ele provavelmente procurará um ou outro tipo de escape social, desde reuniões para chá até os desvarios dos clubes noturnos, em companhia de amigos a ele mentalmente sintonizados.

Vimos nos capítulos precedentes que o meridiano pode ser considerado o eixo do poder, enquanto o horizonte representa o eixo da *consciência*. Na quarta Casa, o poder é *haurido pelo indivíduo* inconscientemente, ou num estado de consciência puramente subjetivo, da matriz da raça, da família, da tradição ou do ambiente. Daí em diante, ele é elaborado e personalizado pelo indivíduo. É poder que jorra das raízes, do solo, e por fim do centro de nosso globo, que constitui a base de sustentação de toda a humanidade. O poder da décima Casa advém da co-participação que tomou forma na sétima Casa, torna-se produtivo na oitava e alcança, na nona Casa, a profundidade preliminar da compreensão necessária para assegurar um arcabouço válido para a edificação da civilização.

As atividades próprias da décima Casa proporcionam esse arcabouço ou plano-piloto. Na décima Casa, o sistema de castas da Índia, os modelos econômico e mercantil do Império Romano, as organizações sindicais das Cidades Livres de fins da Idade Média, a "sociedade planejada" do futuro são estabelecidos sobre os fundamentos das leis descobertas na nona Casa. Mas um modelo ou uma estrutura precisam ser preenchidos com substância e vitalidade. O poder da personalidade humana, isolada ou em grupos, deve ser liberado nesses e por meio desses planos. A lei e os rituais, por si sós, não fazem uma civilização. A interação de muitos indivíduos mantém funcionando a oficina da civilização. Mas, assim como um lar sem progênie - seja ela biológica ou espiritual - não passa de uma estrutura, assim também uma sociedade sem a visão criativa e os meios de liberar o poder de indivíduos criativos é uma estrutura sem essência que, com o tempo, está fadada a se desintegrar.

Mas qual é a essência dessa visão criativa e de que modo ela se desenvolve nas mentes e nas almas dos indivíduos?

Ao discutir o significado do meridiano e do zênite, dissemos que o primeiro também deve ser considerado como o segmento de reta formado pela *coluna* espinha) de um indivíduo quando este se encontra de pé. Essa espinha ereta é o "eu" tornado concreto e operativo. É a assinatura do poder do ego da pessoa e de seu vigor e de sua responsabilidade individuais. Um dos pólos do meridiano é o centro do globo - e além dele estão todas as forças inconscientes da vida interior. O outro é a estrela que brilha no zênite da vida do indivíduo. Enraizado no centro, com uma estrela na testa, o ser humano individualizado e consciente se torna um agente para a liberação do poder criativo do eixo vertical de toda a vida, raiz e semente.

Na quinta Casa, as forças da raiz estão em atividade. Na décima primeira, a nova semente está sendo formada. E essa nova semente, no reino humano, é mais que mera duplicação da semente do ano anterior. É uma nova semente porque a pessoa tem o poder de sempre ampliar sua visão e sua criação. Todos os anos anteriores podem ser combinados pela pessoa criativa num *novo* amanhã, que não precisa ser a repetição do hoje.

No dizer do conde Korzybski, o reino humano desenvolveu o poder de *ligar o tempo*. O ser humano pode crescer constantemente porque pode recordar. Recordando, ele pode registrar suas experiências e deduções; registrando, pode transferir o que ele obteve às novas gerações, que por sua vez farão o mesmo depois dele. Desse modo, há um constante processo de acumulação e síntese em ação na humanidade, e é isso o que significa civilização. Pode haver periódicas Idades de Trevas, mas mesmo nessas eras relativamente "negras" a civilização é conservada *em semente*. Registros são mantidos - em cavernas, em mosteiros e pela tradição oral. A chama da civilização não se apaga. Nenhuma geração precisa começar do nada. As revoluções destroem a crosta superior da sociedade, mas aqui e ali alguns se lembram e passam seu conhecimento para mentes ávidas de conhecimento. E eis a Rússia, cuja aristocracia e *intelligentsia* foram devastadas, ressurgindo em menos de duas décadas para assombrar o mundo com suas iniciativas na guerra e na paz.

Que significa isso? Significa simbolicamente que as estrelas do zênite continuam a brilhar e a investir em indivíduos criativos que aprenderam, na sétima Casa, o segredo da "co-participação", o poder da celestial Companhia da Semente. A humanidade é uma Totalidade orgânica. Ela vive em sua essência total como um firmamento, como uma galáxia. Os "mortos", tanto quanto os "vivos" - e em certo sentido também os "ainda não-nascidos" - constituem um Exército, um Agente Criativo. O ser humano

é esse Exército. Ele opera através das pessoas e dota de visão os indivíduos limpos e vigorosos, bem como dedicados e fortes o bastante para levar adiante o facho ardente da civilização.

Na décima primeira Casa, *cada* estrela de destino do indivíduo, que brilha no zênite de sua vida, torna-se uma fonte vibrante de poder em operação efetiva. As realizações que ocupam a fase de experiência da décima Casa são, em grande parte, condicionadas pelo que ocorreu durante as fases das sétima, oitava e nona Casas. Quando se atinge o zênite, entretanto, algum novo poder fecunda a soma total dessas referidas fases. Esse novo poder é o poder da coletividade maior, da sociedade humana, da nação, do Todo universal. É, simbolicamente falando, o poder das estrelas. E esse poder desce do alto e coroa o indivíduo que está cumprindo do melhor modo que pode sua função na obra do mundo. É a "língua de fogo" que desceu sobre cada um dos apóstolos por ocasião do Pentecostes. É o Espírito Santo. É o poder celestial - o poder da comunidade, o poder da Igreja, o poder de Deus, quando Deus é concebido como a alma e a totalidade do Todo universal.

Esse poder que desce do alto opera na décima primeira Casa como visão criativa. Aqui, a substância de cada amanhã é amealhada e vivificada pelo poder da constelação no zênite. Aqui, o destino criativo é modelado por mãos corajosas e por mentes que enxergam longe. Aqui está em ação o *e/á vital*, que eternamente gera universos, o poderoso e imprevisível surto da evolução criativa que assinala outros amanhãs em liberdade espiritual e criativa.

Os astrólogos geralmente têm identificado todos os processos criativos com a quinta Casa. Mas nessa Casa, é o indivíduo que cria, estritamente como indivíduo ou como o cabeça de um lar, e sua criação baseia-se essencialmente em fatores biológicos. Na décima primeira Casa, é o Todo que cria através do indivíduo, preenchendo sua função na organização do Todo. É criação não *do* indivíduo, mas *através* dele. Cristo - o Espírito universal - atua então através da transfigurada humanidade de Jesus. Essa ação, portanto, libera o poder do Cristo, o poder do Todo - o poder que, se não houver estagnação e cristalização, precisa periodicamente renovar a substância e a forma do organismo. É ação sem interesse pessoal por seus frutos. É o único tipo de ação verdadeiramente criativo e livre. O indivíduo se torna uma *Sente límpida* que focaliza a Luz e projeta sobre todo sob virgem a imagem do Sol, ou a harmonia celeste da Fraternidade das estrelas.

A astrologia tradicional fala de modo indeciso acerca da décima primeira Casa como sendo a Casa das "esperanças e dos desejos". Que frágil concepção para uma das Casas mais vibrantes! Trata-se de um conceito medieval, pois numa sociedade completamente governada por modelos biológicos e feudais, que outra coisa poderia o indivíduo submerso, o "pecador", fazer além de "esperar e desejar" um futuro melhor? A única via franqueada a uma ação mais criativa era tornar-se membro de uma Fraternidade e, desse modo, participar em segredo dos impulsos criativos da humanidade. Significava bandear-se com amigos, com companheiros inflamados por igual anseio de visão e de uma transformação social ou religiosa criativa.

Ainda significa, hoje em dia, a comunhão dos poucos que juntos constituem a semente de um novo dia. Nessa comunhão há poder, e apenas esse poder constitui garantia de imortalidade, ou da capacidade de se tornar sempre diferente sem deixar de ser o mesmo. Na décima segunda Casa, a semente desempenhará o derradeiro sacrifício para possibilitar um novo mundo. Na décima primeira Casa, ela *concentra* poder em torno de si mesma. Ela traz para dentro de suas paredes o poder universal e criativo da vida. A vida sempre ganha, no final. Entretanto, muitas são as sementes que perecem e se transformam em adubo para o futuro. Sonhar e conceber ideais não basta. A décima primeira Casa é uma Casa de poder ativado e concretizado.

Se agora olharmos para os assuntos referentes à décima primeira Casa de um ponto de vista mais psicológico, veremos que o tipo de experiências que normalmente serão enfrentadas nos termos dessa Casa tem muito a ver com a atitude do indivíduo relativamente à realização e ao sucesso social, ou à falta dessas coisas. Digamos que uma pessoa tenha lutado ansiosa e persistentemente para realizar algo, e conseguiu fazê-lo. Satisfeza sua ambição e foi recompensada por seus esforços com uma posição social, e talvez com prestígio e mesmo fama. Que fará ela com esse sucesso? Ou, se não conseguiu atingir a meta desejada, como se arranjará com o fracasso?

A décima primeira Casa é sucedente e, como vimos, a tônica dessas Casas é o verbo *usar*. O fracasso pode ser usado criativamente tanto quanto o sucesso, e em geral com mais facilidade. O sucesso, tanto quanto o fracasso, deve ser usado sábia, significativa e criativamente. O uso que uma pessoa faz das suas conquistas ou dos seus malogros é o que estabelece seu valor. Se uma pessoa prova, na décima Casa, que pode

ocupar satisfatoriamente uma função pública, ela, na décima primeira Casa, precisa mostrar - para si mesma tanto quanto para os amigos - o que esse sucesso acarretou para seu ser total, para seu modo de viver, sentir e agir em seu círculo social. Ou deve ser capaz de mostrar se tem a coragem e a força de ânimo necessária para aprender com o fracasso e sobrepor-se a ele.

O sucesso e o fracasso só podem ser usados de modo imaginoso e criativo se a pessoa não se identificou inteiramente com a luta pelo sucesso. A "pessoa de ação" comum infelizmente se identifica muito com sua atividade. Se obtém êxito, torna-se prisioneira do modelo social que define o que dela se espera; seus esforços para atingir o topo geralmente a condicionaram a se identificar com o caráter estabelecido de seu papel social ou profissional e com os interesses e estilo de vida de todos os que pertencem a sua classe ou grupo. Ela obteve o que *queria*; encontrou *amigos* nos termos de suas conquistas sociais e profissionais. Talvez tenha entrado para algum clube, aprendido a saborear certos tipos de atividades culturais, pertença a algum partido político ou fraternidade que para ela se abrem por causa de seu sucesso, mas deve sempre estar alerta, pois esse partido ou organização precisa ser cortejado para obter mais, produzir mais, crescer mais e mais.

Se, por outro lado, uma pessoa teve seus esforços frustrados ou se viu derrotada por um sistema que passa a desprezar ou a abominar, encontrará amigos entre homens e mulheres que com ela comungam dessa mesma atitude oriunda de descontentamento e insatisfação. Ela, então, se transforma num rebelde, talvez num ativista e revolucionário. Ou pode simplesmente ser uma pessoa em quem arde a chama de um *zelo* reformista no sentido de uma transformação liberal que espera realizar dentro do quadro de sua profissão ou nos limites das possibilidades legais permitidas por alguma espécie de "constituição" explícita ou implícita.

O tipo de ideais por que um indivíduo trabalha como reformador ou revolucionário pode ter chegado a ser o que é através de diversas experiências - em seu ambiente no início da vida, no lar, com seus entes queridos, num serviço militar nacional, com parceiros e companheiros de trabalho, mediante contatos com outras culturas ou com religiosos inspirados, e ao desempenhar seus deveres sociais e profissionais. Aliás, todas as áreas de atividade - todas as Casas de seu mapa astrológico - podem estar envolvidas nisso. Mas o tipo de experiências relativas à décima primeira Casa diz respeito especificamente à exteriorização dos ideais de

um indivíduo em relação a pessoas que comungam desses mesmos ideais. Essas pessoas se tornam suas companheiras; são "amigos" operando dentro de um quadro sócio-profissional, ou lutando contra ele. Em sentido estrito, é isso o que os amigos são, pois a amizade - ao menos no sentido desta décima primeira Casa - não se baseia tanto em ligações puramente pessoais - tipos de relacionamento da quinta e da sétima Casas - quanto numa orientação partilhada e eficazmente usada que signifique ou a conformidade com os padrões coletivos ou uma revolta contra eles.

Uma atitude rebelde ou um profundo descontentamento com o *status quo* é produto de um problema básico inerente a todas as condições que prevalecem na décima Casa. Em essência, trata-se da dificuldade de conciliar ou de ajustar satisfatoriamente dois fatores opostos em qualquer situação social que se tenha tomado estabilizada ou mesmo cristalizada, dando origem a formalismo, rotina burocrática e privilégios. De um lado, há o valor da liberdade individual, da imaginação e da iniciativa pessoal e, de outro, os requisitos estabelecidos do cargo em si mesmo e do impulso para a perfeição em qualquer desempenho público. O problema pode ser solucionado de uma maneira negativa quando a sociedade *procura* escravizar o indivíduo a seu cargo - transformando-o num dente despersonalizado de uma engrenagem - ou quando o indivíduo passa a considerar o poder e a autoridade de seu cargo como coisa própria, para usar a seu talento. Os resultados dessas soluções negativas dadas a problemas atinentes à décima Casa condicionam as experiências da décima primeira Casa. Podem produzir rebeldia ou abusos de poder e riquezas que, por sua vez, levam à revolta dos menos favorecidos.

Como dissemos, todas as instituições sociais desenvolvem uma poderosa resistência à mudança. Entretanto, precisam mudar, quando seus produtos negativos se tornaram insuportáveis. Esses produtos podem ser insuportáveis física, psicológica ou espiritualmente. Seja como for, um processo universal - a transformação de qualquer tendência exageradamente dominante em sua oposta - não pode ser detido. Surgem homens e mulheres que incorporam tal processo de repolarização radical de valores sociais e, na maioria dos casos, de destruição de instituições e de classes ou grupos privilegiados. Esses homens e mulheres são os espíritos prometéticos que encarnam o poder urânico de incansável metamorfose - um poder assistido pela compaixão de Netuno e pela devastação de catarses plutonianas que não deixam nada intacto, nenhum ídolo de pé. São os iconoclastas, mas são também os grandes sonhadores de mudanças

geralmente prematuras. Costumam sofrer perseguições; podem experimentar o martírio e talvez o renascimento.

A décima primeira Casa é seguida pela décima segunda, e uma vez mais por um novo começo numa experiência de criação da primeira Casa. O absolutamente cheio precisa esvaziar-se antes de haver espaço para novo desenvolvimento, para novos conteúdos. Entretanto, permanece a eterna questão: quanto se poderá resgatar do velho? Qual era o valor do modelo agora cristalizado e rígido quando novo e vital? Como se poderá salvar a semente, o fruto espiritual das experiências do passado? Para responder a isso, é preciso examinar com argúcia, penetração, intensidade e objetividade o valor fundamental de muita coisa que uma sociedade há muito considera indiscutível. O historiador dotado de uma visão holista e de um senso de desenvolvimento estrutural tem de cooperar com o denunciador emocional e apaixonado. Ambos operam em termos da atividade relativa à décima primeira Casa, mas de modos diferentes. Ambos são necessários no encerramento de um ciclo.

Eles são homens e mulheres cuja tarefa é dramatizar a insatisfação e o protesto; alguns deles, sem dúvida, gostam da tragédia e buscam a revolução como meio de vida; poetas e romancistas encontram a fama desnudando tudo o que representa sordidez e decadência, mesmo em si próprios. Essa via também é necessária, pois a inércia da pessoa comum é verdadeiramente estupefacente e precisa ser "abalada" de algum modo. Mas o processo mais profundo, em sentido simbólico, é sempre o de transformar um círculo numa espiral - ou seja, possibilitar à história repetir-se. Um ponto movendo-se em círculo voltará exatamente à sua posição inicial, mas se seguir uma rota em espiral seu retorno ocorrerá em nível mais elevado ou em termos de uma abrangência mais ampla e possivelmente mais harmoniosa. Maior abrangência é um desafio perturbador ao privilégio e à possessão exclusiva; assim sendo, a luta continua. E a grande chave da vitória e do progresso é o domínio do medo. O maior medo pode ser o de perder nossa preciosa identidade como um ego individual. Em todas as Casas "sucedentes", é preciso abandonar o aspecto negativo da vida como um ser relativamente isolado.

O "puro alento" da individualidade potencial, relativo ao Ascendente, aferra-se a sua condição isolada e a sua orgulhosa ânsia de originalidade. Ele deve renunciar ao menos a alguns de seus reclamos quando tiver de usar materiais que uma longa linhagem de ancestrais construiu ou aperfeiçoou - segunda Casa - materiais que, como fator espiritual, sentia ser

inferior e que meramente deviam ser usados a seu talento. Na quinta Casa, a experiência do desejo emocional ou paixão e do cuidado com uma progênie pode significar um abandono do orgulho do ego, a renúncia da segurança, do lar, das suas raízes - assuntos da quarta Casa. No tipo de experiências da oitava Casa, a felicidade da lua-de-mel - sétima Casa - se esmaece à medida que seu exclusivismo e encanto são rudemente desafiados pelos requisitos de cooperação e pelas pressões do mercado.

Finalmente, na décima primeira Casa, a exibição de sucesso, o poder e privilégio especiais da posição - décima Casa -, quando se nutrem de orgulho e de pompa, devem ser abandonados para que o indivíduo encare a realidade e aceite a possibilidade de renascimento. Ele pode conservar sua posição por um tempo longo ou curto, mas tudo quanto se baseie na posse exclusiva, no orgulho e na autoglorificação, através do uso egoísta do poder social, enfrenta inevitavelmente a decadência e a morte - uma morte que, quando chega o tempo, dirigirá uma pesada hoste cármica rumo ao novo nascimento. O momento da escolha se conhece mediante as experiências da décima primeira Casa, mas essa escolha é condicionada por experiências decisivas relacionadas à segunda, à quinta e à oitava Casas. As Casas cadentes, portanto, testemunham os resultados dessas escolhas. Na décima segunda Casa, encontramos o resultado final, a semente de todo o carma futuro.

A Décima Segunda Casa

A décima segunda Casa encerra o ciclo de experiência humana. É o último estágio de um processo que pode se repetir durante toda a vida de um indivíduo, ou terminar com o que chamamos de morte. Nessa Casa, o indivíduo ou consolida seus sucessos transformando-os na semente de um novo ciclo de crescimento, ou enfrenta o resultado acumulado de seus fracassos. Na verdade, praticamente não há indivíduo algum que não tenha obtido algum tipo de sucesso e experimentado derrotas pessoais ou sociais. Na última Casa do ciclo, a pessoa se vê inevitavelmente confrontada por seus sucessos e malogros. Suas lembranças do passado, conscientes ou inconscientes, se acumulam no limiar de *um novo ciclo*. Elas são Anjos de Luz que acenam para o além, ou obscuros Guardiões do Limiar, cujos traços são configurados por suas frustrações, suas negações da vida, seus temores, seus pecados de omissão e de ação. O indivíduo precisa enfrentar essa entidade composta que ele próprio criou. Ele precisa passar por ela, custe o que custar - para ter o direito de ingressar num novo ciclo.

Não obstante, sempre deve haver um novo ciclo, ainda que seja aquele que se segue à perda do corpo físico. Assim, pois, não há como escapar dessa confrontação. Contudo, o ego consciente que se inclina para o começo ou que *está* destinado a começar um novo ciclo de vida no mesmo corpo geralmente passa a acreditar que pode escapar das formas

fantasmagóricas que pululam às portas do renascimento. Ele se debate freneticamente na escuridão, incapaz de aceitar ou de bendizer, de remir ou de vencer. Atormentado pela dor da lembrança de seus fracassos, ou oprimido pelos receios do que o novo ciclo lhe trará, ele clama por socorro e por luz. E o socorro vem - mas geralmente não percebido, pois ele pode estar cego pela escuridão e obcecado pelo bater do relógio do tempo, que parece estar sempre muito atrasado ou adiantado.

Entretanto, essa escuridão pode ser suportada se a pessoa compreender que só abandonando o menor Ihe será possível nascer no maior. Há luz, também, no centro da semente que espera pela promessa da renovação inerente à primavera, mas essa luz é um brilho estranho e desconcertante que faz todas as coisas assumirem formas inesperadas e todos os acontecimentos se tornarem misteriosamente simbólicos. E uma luz muito estranha, porque é filtrada pela névoa do passado acumulado de uma realidade distante. O Universal faz sinais lampejantes para determinada pessoa; o Todo banha a parte num mar de um novo sangue produtor de vida. Sob essa luz, nossos limitados conceitos rebrilham com uma visão todo-abrangente da vida, como rochas escuras transfiguradas por raios ultravioleta em fantasias de cor.

A décima segunda Casa deve ser entendida, sobretudo, como a última fase do semiciclo que começou na sétima Casa. Na décima segunda Casa, o reino do céu termina. É nesse reino acima do horizonte que as experiências do indivíduo se encontram centradas em torno do sentimento de participação na sociedade, ou num universo do Espírito todo-abrangente. A participação no Todo social ou universal estabeleceu-se definida e concretamente na décima Casa, no zênite. A energia produzida por essa participação foi liberada na décima primeira Casa. O poder do grupo fluiu através do indivíduo, à medida que esse indivíduo desempenhou seu trabalho social ou profissional. Se as experiências da décima Casa tiverem sido enfrentadas vital e diretamente, o indivíduo pode gozar os prazeres da cultura e da amizade, ou pode procurar representar novos ideais sociais, novas esperanças por um futuro melhor. Ele pode desfrutar seu presente, e talvez crie novos amanhã para si mesmo e para todos os seres humanos. A fonte desse ato criativo é a visão que nasceu em sua comunhão com a Estrela que brilha no zênite de seu ser, uma comunhão que teve de ser tornada real e concreta através de trabalho constante.

Ao tratar do significado da décima primeira Casa, dissemos que nela o Todo opera através do indivíduo de modo que este possa cumprir sua

função na organização desse Todo; trata-se de criação não *do* indivíduo - como na quinta Casa -, mas de criação *através* dele. Que dizer então dos resultados dessa criação? Eles podem parecer estranhos a nossas mentes, que estão tão fortemente hipnotizadas por nossa idéia separatista do significado de identidade.

Se na décima primeira Casa operamos como agentes criativos, através dos quais o poder da sociedade - ou de nosso grupo social específico - pôde ser liberado à maneira tradicional, segundo o determinismo dos ideais coletivos, da cultura e da religião, nessas condições é muito natural que fôssemos influenciados ou moldados pelo caráter desses ideais. Se vivemos numa sociedade materialista, decadente, e se a deixamos agir através de nós sem lhe questionar a validade, acaso poderemos escapar do destino inevitável dessa sociedade? Se cantamos e dançamos com irresponsável prazer enquanto o mundo caminha para a ruína, não deveremos sentir em nosso subconsciente, se não conscientemente, o impacto dessa ruína?

Para o indivíduo, o impacto do destino coletivo é *fatalidade*. O que ele deve lembrar, entretanto, é que na décima segunda Casa deve enfrentar as conseqüências lógicas e últimas das causas da décima Casa - e, mais distantemente, de fatores causais ligados às Casas angulares precedentes: primeira, quarta e sétima. Na décima Casa, enfrentamos as necessidades da sociedade, ou seja, escolhemos ou fomos levados a escolher uma profissão ou uma posição social de algum tipo. Enfrentamos essas necessidades sociais sob a guia distante - em raros casos próxima - de nossa Estrela no zênite. Estabelecemos nosso lugar na ordem mais ampla das coisas. Daqui em diante, o poder dessa ordem social ou universal mais ampla precisa ser a influência dominante em nossa vida. Ela é dominante, *quer a aceitemos passivamente ou nos rebelamos contra ela; quer participemos do jogo juntamente com nossos concidadãos ou atuemos como reformadores, revolucionários ou criminosos.*

Na décima segunda Casa, enfrentamos os resultados de nosso conformismo passivo ou de nossa rebelião espiritual. Enfrentamos o carma da sociedade de uma maneira subconsciente e cega, ou enfrentamos nosso carma como indivíduos que combateram a sociedade, movidos por nossos próprios interesses egoístas ou guiados pela esperança de criar um mundo melhor. Ou vamos dormir espiritualmente, acatando as tradições e os precedentes comodamente, ou arcamos com o ônus e com as conseqüências de nossos ideais e de nossos esforços por incorporar nossa visão

entre os seres humanos. Em muitas vidas, essas duas possibilidades se encontram simultaneamente em proporções variáveis.

Assim como se pode dizer que a quarta, a quinta e a sexta Casas representam três tipos diferentes de expressão do ego, a décima, a décima primeira e a décima segunda representam vários tipos de *expressão coletiva*. E assim como a sexta Casa denota uma crise na experiência e na transição entre o reino abaixo do horizonte e o reino situado acima do horizonte, assim também a décima segunda Casa denota um estado crítico entre dois mundos. O indivíduo que se viu dominado por necessidades sociais e coletivas está lutando para emergir do *conjunto de condições* que o ataram a uma ordem social ou espiritual e para renascer como um novo indivíduo. Isso, também, significa repolarização e reorientação, mas não do mesmo modo como na sexta Casa, em que ele tem de enfrentar condições pessoais e a necessidade de autodisciplina. Na décima segunda Casa, o que há para enfrentar tem sua fonte nas questões coletivas, no destino nacional ou social, nas pressões da sociedade sobre o indivíduo, e do inconsciente coletivo sobre o ego consciente. Em ambas as Casas, pode-se experimentar muita dor, mas a dor que advém da metamorfose experimentada na décima segunda Casa tem uma pungência e uma qualidade de caráter inevitável que pode torná-la difícil de suportar. Não se tem recurso contra o universo, a não ser o de renascer fora dele.

A décima segunda Casa contém a semente desse renascimento. Isso é revelado simbolicamente no próprio fato de que o horizonte - que é uma linha de demarcação entre a décima segunda Casa e a primeira - é recurvo. Por leve que seja essa curvatura, ela tem um significado, pois inclina a cúspide da primeira Casa para baixo, do ponto de vista da décima segunda Casa. Poderíamos simbolicamente dizer que todo o peso do céu faz pressão sobre o horizonte. O céu imprime sobre o solo a configuração germinal do novo destino, e a semente do futuro ciclo é liberada do passado. De acordo com a tradição antiga da filosofia indiana, o derradeiro pensamento que a pessoa tem por ocasião da morte determina o modelo da sua futura encarnação.

Podemos considerar isso um mero enunciado simbólico, mas sua verdade básica dificilmente pode ser desafiada. Todo nascimento constitui um novo Ato de Deus, mas o solo em que a semente é plantada e a própria substância dessa semente são produtos do passado. O que é novo não é nem o solo nem a substância da semente, mas o poder outorgado por Deus na nova entidade *para modelar, segundo novos fins, essas condições*

herdadas do passado. É esse poder que o Ascendente representa, e que o símbolo do grau de elevação no zodíaco nos ajuda a interpretar. Esse poder é a real Identidade do indivíduo, quando ele consegue alcançar o estado de ser verdadeiramente individualizado. É o Nome místico do recém-nascido.

A Identidade desse indivíduo pode operar ou não. O poder coletivo das lembranças acumuladas na décima segunda Casa - que se chama carma - pode ser tão grande que sufoque a Identidade individual do recém-nascido, ou afogue o Tom do novo ciclo da pessoa que enfrenta a possibilidade de renascer. Se esse for o caso, o novo ciclo tenderá a transformar-se na mera repetição do velho, sob condições apenas levemente alteradas, e o poder do Coletivo desafiará constantemente, e talvez esmague por completo, o espírito *individual que luta por sua identidade*. Mas se as confrontações experimentadas na décima segunda Casa tiverem sido enfrentadas com êxito e o indivíduo tiver absorvido e assimilado a escuridão representada pelo "Guardião do Limiar" - as lembranças e os complexos do Inconsciente pessoal e coletivo -, nesse caso, o Tom do novo ciclo pode soar claro. O indivíduo cômico de sua verdadeira Identidade é capaz de *usar para seu propósito de destino* todas as condições que tenha herdado do seu passado e do passado de sua raça, de seus pais e da humanidade.

É preciso que o indivíduo use o passado para trilhar o caminho da realização criativa. A vida criativa é uma constante síntese do passado e do futuro num radioso presente - uma síntese de lembranças e de metas através de um ato criativo. É uma vida de plenitude e de consagração. Identidade Individual, Personalidade, Amor, e Participação na vida orgânica do Todo - essas são as pedras angulares do templo da masculinidade e da feminilidade realizadas. São os quatro ângulos do mapa astrológico, a gloriosa cruz do viver *humano*.

Uma das características mais estranhas de nossa civilização ocidental tem sido sua recusa em pensar e sentir em termos de processos cíclicos. Tal recusa pode ter se originado numa decisão do Concílio de Constantinopla, no século V d.C, que proibia a crença na reencarnação e em todos os outros processos cíclicos análogos; mas ela é provavelmente intrínseca à ênfase particular que diferencia a sociedade ocidental e sua função essencial no desenvolvimento histórico da humanidade, isto é, uma ênfase numa ruptura definida de todas as tradições das então agonizantes "Eras vitalistas". Nossa civilização sempre enfatizou, muitas vezes com resultados trágicos, a capacidade humana de transcender seu estado bio-

psíquico natural - o estado que domina todas as formas instintivas e tribais de organização social, sobretudo as relacionadas à atividade agrícola e pecuária - e a realização dessa transcendência mediante o uso da análise intelectual e da abstração mental. Isso exige a separação da mente e de seu organizador, o ego, com relação aos instintos naturais e, de certo modo, em relação a todos os processos naturais. Força a mente do ego a se glorificar, *em oposição* às demandas biológicas, e a imaginar-se governante suprema das funções vitais e de seus ritmos cíclicos. Mas só a mente pode resistir a esses impulsos naturais e a essas compulsões biológicas, geralmente glorificadas como "a grande paixão" ou sob outras Imagens míticas; portanto, a religião cristã teve de se tornar sua aliada no esforço de transcender essas funções vitais dominadas por ritmos naturais. Essa aliança deu origem a uma crença implícita na viabilidade de *uma única vida* para se atingir a meta da transcendência espiritual.

Uma curta vida apenas para tamanha realização! Isso significa que todo momento na vida deve ser dirigido para o difícil objetivo; não se pode "perder" tempo, não se pode poupar esforços. Para obter êxito, é preciso controlar sem cessar as energias de nossa natureza interior, tanto quanto as da natureza em geral. Isso tudo inevitavelmente levou a considerar-se a morte como a grande tragédia contra a qual não há recurso. O morrer e o viver fazem parte do processo cíclico natural, mas se a mente e as ambições do ser humano ou sua vontade desesperada podiam em grande parte controlar os processos vitais, o homem parecia impossibilitado de vencer a última e inexorável inimiga, a morte. A morte tinha de ser adiada a todo custo - mesmo ao preço da morte de outrem. Eis aí o propósito básico da "magia negra", e bem assim do tipo de guerras que agora fomentamos, não só contra indivíduos de outras nações ou povos, mas contra a natureza e seu equilíbrio ecológico, que, ao se preservar, não se leva em conta o que precisa morrer e não está particularmente relacionado com a morte *natural*.

Na Índia e no Tibete algumas pessoas também têm sido impelidas pelo desejo de transcender a natureza. Mas as forças naturais que procuraram controlar e transcender eram instintos e desejos *internos às pessoas individuais*. O tipo de mente que estava sendo usado nesse processo de transcendência e em todas as práticas ascéticas não era analítico ou intelectual, mas sobretudo um poder holista, imaginativo e integrador *dentro do indivíduo considerado isoladamente*. Não envolvia funções sociais e a organização da vida comunitária, mas pelo menos o relativo e principalmente interno isolamento do indivíduo em relação à sociedade; nesse isolamento,

ele encontrava felicidade e paz por ver-se em sintonia com os ritmos cíclicos da natureza. Em conseqüência, a morte não era temida, pois era considerada como uma simples fase de todo o processo todo-abrangente da existência. O íogue buscava conscientemente experimentar a morte de tal modo que ela pudesse levar, de imediato ou após uma fase de assimilação espiritual, ao renascimento - como ocorre na natureza. Isto deu origem à crença geral na "reencarnação", que foi *personalizada* para consumo popular, mas cujo significado universalista e transcendente à personalidade foi conservado pelos sábios.

Se a morte não for temida e a crença na viabilidade de "muitas vidas" para a "alma" ou *mônada* em processo gradativo de evolução for aceita, então poder-se-ia idear um processo definido de *preparação consciente para a morte*. Esse processo era tranqüilamente introduzido durante a última fase da vida da pessoa. Viver e morrer eram opostos polares, da mesma forma que o *yang* e o *yin*, e quando a polaridade da vida se reduzia a certo grau, a polaridade da morte ganharia o controle. Esse era o tempo de alguém se preparar para uma morte significativa, pacífica e nobre.

Em astrologia, esse é o significado mais positivo e belo da décima segunda Casa. Ele *pode* relacionar-se às experiências que consciente e pacificamente dizem respeito à tarefa de levar um processo de atividade a um fim significativo e não indevidamente - e sobretudo não antinaturalmente - prolongado. Essa pode ser, e realmente é, uma tarefa difícil, não só quando se trata de morrer, mas sempre que uma pessoa procura dar uma conclusão significativa e convincente a qualquer atividade que tomou a seu cargo empreender.

Qualquer *um* que já teve de improvisar um discurso após um jantar sabe como é difícil dar a essa fala uma conclusão convincente e significativa. Ao aproximar-se do final do discurso, muitos oradores so atrapalham, se repetem, vão do clímax ao anticlímax e, talvez ao fim de uma longa peroração, deixam suas palavras desaparecer de forma esbaforida e sem uma conclusão. A essa altura, os ouvintes estão cansados e suas mentes logo varrem da lembrança tudo quanto pôde tê-las impressionado em algum ponto do discurso. O compositor musical, o dramaturgo e o romancista costumam se deparar com a mesma dificuldade ao se defrontarem com a necessidade óbvia de imprimir uma conclusão às suas obras. É relativamente fácil iniciar alguma coisa; o impulso natural da vida dentro do indivíduo, a ânsia emocional de se exprimir pode encarregar-se desse início - e a atenção das pessoas ainda não está bem concentrada

ou crítica no início. Mas, gradativamente, vão se aquecendo, e se esquecerão de como tudo começou.

Mas a natureza no homem não produzirá uma conclusão significativa e digna de ser lembrada. O fim natural de todas as coisas é a exaustão - fica-se fatigado e também as pessoas em redor. O discurso, ou a própria pessoa, morre de velho, sem significação apreciável. Salvo se o ser, o ser espiritual, assumir o controle e, atando todas as pontas soltas do grande esforço que durou uma vida inteira, reunir os elementos mais essenciais numa conclusão impressionante e reveladora, há o perigo de o grande momento vir a se obscurecer pela sedimentação da poeira da luta.

Tudo quanto veio antes pode ser, em grande parte, esquecido, mas um final assim significativo será inesquecível. Ele imprime sua marca sobre a mente e a alma das pessoas que o estão testemunhando. Como uma semente, ele é o último produto, a consumação da vida anual da planta. A planta morre e sua semente cai na terra, mas ela contém em si o poder de vida sempre renovada. "A não ser que o grão caia na terra e morra, permanecerá solitário; mas se morrer, produzirá muito fruto" (João, 12:24).

Em sentido simbólico, toda conclusão grandiosa e significativa de um prolongado esforço humano pode constituir uma "semente". Cada ciclo de experiência, bem como cada vida humana, pode encerrar-se com a liberação de tal semente. Se não o fizer, o que permanecer será apenas uma lembrança fugidia. A beleza da flor do ciclo pode ser lembrada, as folhas podem ter dado abrigo e alimento a algumas criaturas vivas que viveram mais satisfatoriamente por causa delas; mas, se não houver semente, a essência e a substância do ciclo de experiência, do discurso, da vida *perder-se-ão*.

O corpo morre, mas o valor da vida pode permanecer. Ele permanece em forma social, na lembrança dos amigos ou dos inimigos, se o indivíduo tiver sido capaz de prestar uma valiosa contribuição à sua comunidade. O valor de um Edison resplandece em toda lâmpada elétrica; ele tem suas ressonâncias em toda gravação fonográfica. Mas esse elemento de valor não é apenas um fator social. É um fator pessoal e espiritual também. Ao viver, o homem aumenta o valor de sua alma, pois a alma é o celeiro em que a messe de todos os ciclos de experiência é armazenada: essa messe representa a própria substância da futura imortalidade humana num corpo espiritual. Quando o celeiro está cheio, a pessoa alcança a imortalidade individual. Ela venceu a morte, não por negá-la - um gesto que seria fútil - mas por aprender a morrer de modo significativo: morrer a morte da planta

que é rica de semente fértil e renovadora da vida. A única morte trágica é a que sobrevém à pessoa desprovida de toda significação e completamente fatigada ou aborrecida - isto é, em estado de derrota espiritual.

A arte de levar toda experiência a uma conclusão criativa é a maior de todas as artes - e quiçá a menos praticada em nosso mundo ocidental. O que essa arte requer antes de tudo é a coragem de repudiar os "fantasmas" do passado. É esse repúdio o que também se chama *separação*. Não pode haver verdadeira liberdade no renascimento sem a separação consciente do passado, sem a capacidade de levar todo o passado a uma conclusão significativa e harmoniosa, ou a coragem de dizer "fim" e de abandonar a lembrança do que se deve deixar inacabado, não assimilado, irresolvido, para ingressar na nova vida, no novo ciclo de experiência.

Infelizmente, os fantasmas se apegam com uma tenacidade sutil ao inconsciente - os fantasmas de coisas não realizadas, de palavras não pronunciadas, de pequenos ou grandes gestos que o coração e as mãos não puderam ser levados a praticar. O orador que vê no relógio de parede que seu tempo acabou, que ele precisa concluir a fala, pode de súbito lembrar-se de tudo o que pretendia dizer e não disse. Tentará amontoar tudo numa miscelânea de enunciados de última hora, que deixaria os ouvintes em completa confusão! Os oradores em geral tentam fazer isso, e se prejudicam. É preciso que se tenha a coragem de abandonar as coisas não ditas, os gestos não vividos, o amor não experimentado, e rumar para um fim convincente com base naquilo que foi feito. Isso requer habilidade, é claro; requer, mais ainda, coragem. É um tipo peculiar de coragem, um tipo psicológico, mas é coragem do tipo mais puro e geralmente muito mais difícil de reunir do que a força de morrer bem no auge da batalha. A natureza dessa coragem normalmente não é reconhecida nem é bem compreendida. Não é uma espécie de coragem emocional ou física. Ela é, em parte, mental, mas principalmente representa um ato de vontade espiritual. Assumem-se as perdas e prossegue-se com renovado ânimo, sabendo muito bem que algum dia, em algum lugar, os fantasmas abandonados tornarão a aparecer. Mas se, neste ínterim, a pessoa se desenvolveu o suficiente e se estabeleceu num nível mais elevado de consciência e de poder, ela saberá lidar melhor com os assuntos não concluídos.

Os livros de astrologia repetem que a décima segunda Casa é a Casa do carma e da servidão. Mas é também, potencialmente, o campo da realização e do símbolo da conclusão perfeita, que é o prelúdio de um futuro mais glorioso. O que a décima segunda Casa natal indica é como alguém

pode alcançar a perfeita realização de si mesmo, se é que se pode alcançá-la. Ela não diz se vai ou não alcançá-la. Não revela se o interessado deixará muitos produtos residuais e muitas coisas por concluir no encerramento do ciclo de sua vida ou de alguns ciclos menores. Não revela se ele será ou não capaz de se desvencilhar de seus fantasmas - despedindo-os com uma bênção e de renovar corajosamente sua mente e sua vida. Mas diz algo com relação à natureza e à insistência dos fantasmas com os quais terá de lidar, e dá um quadro geral do subconsciente - o reino dos fantasmas e dos restos dos problemas não resolvidos ou das experiências não efetivadas. Sugere o melhor meio de lidar com nossos fantasmas e com os produtos desintegrados do subconsciente.

A décima segunda Casa fornece indicações tão positivas quanto qualquer outra. Realmente não existem Casas más. Mas há campos de experiência em que efetivamente ocorrem crises, e *devem* ocorrer para o bem de um futuro mais grandioso. Na sexta Casa, enfrentam-se as crises que envolvem a preparação para a vida das relações - o campo da sétima Casa. É preciso enfrentar essas crises eficazmente para se poder experimentar verdadeira parceria e o profundo e vibrante senso de firme companheirismo. Na décima segunda Casa, as crises são o resultado do modo como a pessoa conduziu seus relacionamentos com a comunidade, ou com a cultura e seus respectivos valores. Na décima segunda Casa, uma pessoa enfrenta os resultados de seus fracassos ou decepções sociais e profissionais, mas enfrenta também os resultados de seus sucessos e vitórias. Acima de tudo, ela se defronta com os resultados menos óbvios dos métodos que usou a fim de obter fama e poder, ou da preguiça e inércia que lhe trouxeram a derrota interna ou externa. Muitas realizações produzem, efetivamente, uma sombra tão escura quanto foram espetaculares essas mesmas realizações. O sucesso geralmente produz ressentimentos ou inimizade, ou pode infligir miséria ou até a morte a outros. É preciso que se esteja consciente desses resultados negativos e também dos receios, do sentimento de culpa, do remorso, dos pesadelos que repetem cenas trágicas do passado que não podemos deter - as sombras que nossas ações produziram, direta ou indiretamente, de bom ou de mau grado.

O único meio de lidar com uma sombra é iluminá-la mediante o uso de luzes sobre ela focalizadas de diferentes direções. Não se pode ficar assustado ou paralisado. Os fantasmas e as sombras se desvanecerão quando forem submetidos à luz do entendimento e da compaixão.

A tradição astrológica atribui à quarta Casa o significado do "fim das coisas", portanto, o leitor pode se perguntar como isso se ajusta ao que viemos dizendo acerca da décima segunda Casa. Essa contradição aparente pode ser resolvida se compreendermos que o fim de que falaram os antigos, astrólogos era um fim total, um fim que não implicava um novo começo. Na décima segunda Casa, o indivíduo enfrenta um fim que pode se tomar, e se torna, um outro começo - é uma transição entre dois ciclos. Ele se situa no limiar entre duas condições.

Mas suponhamos que ele tropece nesse limiar e caia; que ao se defrontar com seus fantasmas, seja por eles vencido. Nessas condições, o novo ciclo não representa um renascimento, mas uma descida ao abismo da desintegração final e total. Ele perdeu a oportunidade decisiva de transformação, e desce progressivamente através da primeira, da segunda e da terceira Casas para atingir o fundo, o fim definitivo, na quarta Casa.

Na vida cotidiana, muitas coisas morrem sem nenhum retorno concebível, ao menos na medida em que nossa consciência pessoal seja capaz de percebê-lo. Na astrologia horária, quando uma pessoa inquire acerca de um assunto concreto específico, a quarta Casa da carta horária se refere efetivamente ao *fim* do assunto em questão. Entretanto, o que parece irremediavelmente morto pode deixar fantasmas; nesse caso, os restos do assunto que se supunha terminado retornarão para obsediar o indivíduo em seu subconsciente.

Não se deve permitir que coisa alguma sofra uma morte definitiva; tudo deve ser transformado e transfigurado - transformado na décima primeira Casa e transfigurado na décima segunda. Cada ciclo de atividade, à medida que chega aos estágios da décima primeira e décima segunda Casas, deve teoricamente transfigurar-se num novo começo de atividade em nível mais elevado. Nada chega a um fim definitivo, a não ser que em algum ponto crucial, num tempo de crise, deixou de se transfigurar ou de se traduzir em algo novo e maior. O lugar simbólico em que pode assim traduzir-se é a décima segunda Casa. Só quando essa tradução falhou é que o final definitivo da quarta Casa surge inexoravelmente por estágios progressivos - na primeira, na segunda e na terceira Casas, consideradas em sentido puramente negativo como fases de desintegração. A décima segunda Casa é, portanto, um campo de experiência profundamente importante, com um significado que se estende para muito além do sentido superficial a ela atribuído pela astrologia clássica. Trata-se, realmente, de uma Casa de mistério, pois todos os estágios transicionais estão plenos de elementos

misteriosos e incognoscíveis ou irracionais. Estes também precisam ser enfrentados, qualquer que seja a forma que venham a assumir. Para enfrentá-los, precisamos nos armar com uma compreensão clara de toda a seqüência das experiências passadas, com coragem e fé, e também com compaixão. Tais confrontos constituem em si mesmos promessas de imortalidade.

O Ciclo Tríplice das Experiências Individuais

Neste livro, defini as Casas astrológicas como setores do *espaço* que circundam o *novo organismo humano* no instante em que toma seu primeiro alento, estabelecendo assim sua primeira e básica relação com um ambiente externo, que é o universo. À medida que prosseguimos na interpretação do significado das Casas como campos de experiências, deve no entanto ter ficado claro que o que representamos é, de fato, uma série cíclica de doze fases num processo de desdobramento individual; e qualquer processo implica, é claro, o fator *tempo*. Nessas condições, há certo grau de ambigüidade em meu enfoque. Essa ambigüidade, contudo, simplesmente se refere ao fato mais fundamental da existência: o fato de que leva tempo tomar consciência de todas as implicações da existência no espaço que nos circunda.

Podemos exprimi-lo de um modo diferente, dizendo que o tempo é a medida da incapacidade da consciência de um *indivíduo*, *seja qual* for o nível em que essa consciência opere, de experimentar de uma só vez *tudo* quanto é *possível experimentar*. A consciência de um indivíduo opera em termos da capacidade de uma mente estruturada e de seus instrumentos - o cérebro e todo o sistema nervoso - para perceber, relacionar, integrar e interpretar estímulos de vários tipos. Essa capacidade é limitada; a mente só pode absorver e processar um pouco por vez. São os limites dessa capacidade

que determinam a relação entre espaço e tempo; quanto mais limitada a capacidade mental, tanto mais tempo é necessário para perscrutar todo o espaço em redor e reagir a ele.

Todas as possibilidades de experiência abertas para nós como seres humanos, nascidos num determinado ponto do espaço, são correlacionadas e interagem. Nessas condições, como já ficou dito, um indivíduo pode, teoricamente, reagir à vida em qualquer momento em termos de toda as Casas. Se se precipitar num caso amoroso da quinta Casa ou gerar um filho, a qualidade de sétima Casa desse relacionamento com outro ser humano, suas realizações profissionais, seus amigos e seus sonhos podem estar envolvidos *nos bastidores*, da mesma forma que, é claro, estão a sua auto-imagem - primeira Casa - e suas posses - segunda Casa. Não obstante, seu foco de atenção estará no caso amoroso; sua consciência de ego concentrar-se-á nesse tipo de experiência. Não nos poderíamos concentrar dessa maneira se só tivéssemos três anos de idade, simplesmente porque as funções cerebral e glandular necessárias a esse foco de atenção e o subseqüente aparecimento de energias físicas especializadas não estariam então suficientemente desenvolvidas, muito embora existam em estado latente.

Estamos, pois, a braços com um processo gradativo de auto-realização, isto é, com uma pessoa em crescimento. Esse crescimento ocorre, ou pode ocorrer, em três níveis específicos - embora, aqui também, a distinção entre esses níveis não deve ser muito nítida. Um nível "superior" pode já estar parcialmente refletido sobre um nível inferior iluminando-o.

Em meu livro *The Astrology of Personality* (primeira edição em 1936, página 229 e seguinte),* descrevi com alguns detalhes "o desdobramento do ser individual", e aqui remeto o leitor ao que ali foi dito. O assunto também foi tratado sob um ponto de vista um tanto diferente em *New Mansions for New Men* (1938, Primeira Parte: Prelúdio, páginas de 3 a 11). O que ficou dito nessas obras pode ser aqui resumido em alguns parágrafos, como segue:

As experiências de uma pessoa que alcançou um estado consistente de individualização podem acontecer em três níveis básicos, e o processo natural de desenvolvimento da personalidade - no sentido mais amplo do termo - é cíclico. Como já disse, cada ciclo dura teoricamente 28 anos.

* Publicado em forma de brochura por Doubleday & Company em 1970, e a referência aqui feita é à página 212 e seguintes.

O número 28, como se pode demonstrar, é "a medida do Homem", sobretudo do Homem numa condição individualmente consciente e auto-realizadora da existência - o homem como o imaginamos hoje do ponto de vista do ideal, o homem "arquetípico".

Durante cada ciclo de 28 anos, um ser humano normalmente focaliza sua atenção sucessivamente sobre, e simbolicamente atravessa, cada um dos doze campos de experiência representados por sua Casa natal. Passo a passo ele toma conhecimento, o mais plenamente possível, das possibilidades da experiência inerente a cada Casa-campo, da primeira à décima segunda. A seguir, o processo se repete em nível "superior", da idade de 28 a 56 anos, e, pelo menos potencialmente, num nível ainda mais abrangente e espiritual, dos 56 aos 84 anos. O ciclo de 84 anos é o de Urano, e no simbolismo astrológico o poder de autotransformação é característico da função de Urano. Uma pessoa realmente individualizada, com uma mente relativamente bem desenvolvida, tem em si mesma a possibilidade de transformar seu estado de consciência de modo a deslocar-se de um nível de consciência para outro, e assim continuar repolarizando seu ser interior. O homem em estado mais primitivo e tribal de evolução não era capaz de individualizar ou de transformar sua consciência desse modo - conquanto em casos especiais outro tipo de processo estivesse presumivelmente em ação, mas os resultados eram basicamente diferentes.

Pode-se, pois, falar de três "nascimentos", que representam uma espécie de seqüência dialética - isto é, tese, antítese e síntese. Do ponto de vista astrológico, um homem nasce na *biosfera* deste planeta por ocasião de seu primeiro ciclo respiratório - tese. Ele renasce na *noosfera*, à idade de 28 anos. E, potencialmente, pode nascer de novo no reino espiritual - *pneumosfera* - à idade de 56 anos, contanto que sua consciência tenha realmente se desenvolvido em termos de valores individuais durante Seu período de maturidade, dos 28 aos 56 anos. Se não houver tal desenvolvimento, ou se esse desenvolvimento tiver cessado, então o período que medeia entre os sessenta anos e a morte dificilmente assinalará alguma coisa que não seja alenta desintegração ou atrofia da personalidade.

O primeiro nascimento na matéria é também um nascimento no campo de um tipo específico de consciência racial, cultural e social. Aí são estabelecidas as raízes da personalidade de acordo com uma tradição coletiva tanto quanto com um modelo genético. Esses são os alicerces do templo do indivíduo, alicerces assentados no escuro e coletivo inconsciente.

A pessoa jovem traz o passado a um estado de realização no presente, teoricamente à proporção que se forma nos estudos que a capacitaram a assimilar o passado de sua cultura e, ainda mais profundamente, da humanidade; mas ela também pode se rebelar contra o que considera obsoleto, aprisionante e perverso.

O segundo nascimento é o "nascimento da individualidade". A pessoa ainda jovem, em torno dos 28 anos de idade, pode compreender o que é ou quem é como indivíduo. Ela talvez o compreenda em termos de uma vocação definida dentro de um sistema social aceito, ao qual pode trazer novos elementos, ou pode "dar consigo" às voltas com uma longa luta contra sua tradição. Mas, antes dessa idade, o que o adolescente *e/ou* estudante pode acreditar ser é provavelmente apenas uma forma de protesto motivada por sua insatisfação com os modelos do passado. O protesto aprisiona tanto quanto a subserviência; somos ligados pelo ódio tanto quanto pelo amor. O verdadeiro nascimento para a individualidade só advém quando, *através, para além* da insatisfação e do protesto, a pessoa em processo de amadurecimento toma consciência do tom de seu verdadeiro ser e destino. A revolta negativa deve então ceder lugar à positiva auto-afirmação.

O terceiro "nascimento", se realmente chegar a ocorrer e não se limitar a assumir a forma de um sentimento ou de uma ânsia imprecisa por valores espirituais, deve transcender tanto o passado coletivo da sociedade como as realizações do indivíduo. Mas, nesse mesmo processo de transcendência, *tanto* os fatores individuais *como* os coletivos encontram realização. O indivíduo passa a compreender claramente sua função na comunidade, ou na evolução humana em geral, e a sociedade passa a compreender o valor da contribuição do indivíduo. Mesmo que essa contribuição seja indutora de catarse e algo revolucionária, durante esse período final de 28 anos da vida da pessoa deve haver alguma experiência de reconhecimento e aceitação, pelo menos por um "grupo semente" composto de indivíduos orientados para o futuro. A contribuição tende, portanto, a assumir a forma de "símbolos", que, sendo transferíveis a outras pessoas, asseguram, ao menos por um breve período, a relativa imortalidade do indivíduo que, através deles, concretizou a colheita espiritual de suas experiências. Símbolos, neste caso, podem ser feitos específicos que permanecem na lembrança dos que os presenciaram, bem como obras de arte, livros ou ensinamentos.

Do ponto de vista astrológico, e também em termos de fatos astronômicos, quando alguém concebe um processo de auto-realização através de doze campos básicos de experiências características, visualiza um movimento cíclico do ponto que representa a individualidade essencial de uma pessoa, a saber, o Ascendente. Fique bem entendido que o horizonte - de que o Ascendente é o extremo oriental num mapa astrológico bidimensional - realmente *se move* após o nascimento físico. Esse movimento se deve à rotação da Terra em sentido anti-horário em torno de seu eixo - isto é, da primeira à segunda Casa, à terceira etc. No entanto, como já disse, enquanto aquilo que se vê no céu, no horizonte, pode mudar, o fato de que uma pessoa experimenta um horizonte não se altera. Em toda parte, o indivíduo leva consigo um horizonte e um meridiano; eles constituem os fatores estruturais da individualidade e de sua consciência. Se fôssemos flutuar pelo espaço interestelar, não teríamos a experiência do horizonte.

Muitos astrólogos ainda concebem a série de Casas como uma expressão da rotação diária de nosso globo em torno de seu eixo. De um ponto de vista planetário, este é realmente o caso, e quando escrevi *The Astrology of Personality* segui, em grande parte, esse enfoque, muito embora já me sentisse insatisfeito com algumas de suas aplicações. Nos anos posteriores, passei a compreender que se se concebe um mapa de nascimento como o mapa de um indivíduo e não como o mapa de todo o planeta num momento específico, seria necessário atribuir um lugar essencial ao fator espaço. Em qualquer método astrológico centralizado na pessoa, é preciso aceitar como fato básico que o indivíduo vive na superfície do globo, não em seu centro. O que o mapa astrológico representa é a relação do indivíduo com o universo no instante do nascimento; essa é *sua orientação no espaço*. A pessoa como indivíduo é o seu relacionamento espacial com o universo e com tudo o que nele há naquele momento. Este é o padrão *permanente* dessa identidade individual - ou, poder-se-ia dizer, o projeto do templo de sua identidade, e projetos são fatores espaciais.

Todavia, esses projetos constituem apenas um arquétipo, uma estrutura ideal e potencial. O ideal precisa tornar-se realidade, o projeto deve transformar-se em edifício real, e isto implica um processo de gradual realização. É isto o que o astrólogo quer dizer quando fala de progressões e trânsitos. Mas essas coisas dizem respeito principalmente, se não exclusivamente, aos movimentos dos planetas. Os astrólogos também têm usado o movimento do meridiano natal - portanto, a velocidade da rotação

do globo terrestre - como base para as medições de tempo e as predições, por exemplo nas chamadas direções primárias.

Mas estas dizem respeito aos movimentos reais dos corpos celestes e a sua influência sobre a Terra, portanto, a *mudanças no ambiente do indivíduo*. Quando falo dos períodos de 28 anos, refiro-me a mudanças subjetivas na auto-imagem consciente de uma pessoa - isto é, à atitude que uma pessoa tem para consigo mesma à medida que enfrenta os desafios das experiências do dia-a-dia. A auto-imagem evolui, à proporção que ocorrem mudanças no ritmo e na intensidade das energias do corpo. Em grande parte, a mudança segue o fator idade. A auto-imagem tem normalmente um caráter muito diferente numa criança, numa pessoa de quarenta anos ou num indivíduo já aposentado. Essas mudanças são genéricas, mas profundamente influenciadas por características e acontecimentos pessoais.

Essas mudanças podem ser simbolizadas, em grande parte, se usarmos o seguinte método. Imagine que o Ascendente, ou ponto do Ser, se movimenta em redor de todo o mapa em sentido anti-horário a cada 28 anos; a cada sete anos, ele toca um dos ângulos do mapa Natal. Assim, no sétimo aniversário o nadir natal será atingido; no 14°, o Descendente; no 21°, o zênite ou Meio-do-céu; um novo ciclo começa aos 28; e de novo aos 56 anos.

Este é um quadro do conhecidíssimo ciclo de sete anos tão comentado em trabalhos esotéricos, e eu tenho tratado do significado dessas idades: 7, 14, 21, 28, 35, 42, 49, 56 etc, em *The Astrology of Personality* e em vários artigos. Esse ciclo, repito, afeta todo ser humano mais ou menos profundamente e lhe acrescenta acontecimentos ou mudanças na consciência mais ou menos característicos e decisivos. Mas o *caráter individual* do que ocorre em termos desse ciclo também pode ser *sugerido* - não direi *assegurado* - pelos contatos que o Ponto do Ser mantém com os planetas natais, à proporção que *circula em torno* do relógio da vida representado pelo círculo das Casas astrológicas. Esses contatos, em muitos casos, parecem provocar mudanças na consciência do indivíduo, mas em geral não de maneira óbvia. Essas mudanças podem depender de acontecimentos externos ou com eles relacionar-se, mas nem sempre.

No tocante ao melhor meio de medir o avanço do Ponto do Ser em torno do mapa, surge um problema. Podemos dividir por sete o número de graus do zodíaco entre o horizonte e o meridiano, e assim calcular quantos graus o Ponto cobre num ano. Mas, como os quadrantes nordeste e noroeste de um

mapa astrológico, na maioria das vezes, não contém o mesmo número de graus - e o mesmo se aplica ao sudoeste e ao sudeste -, isso significa que o Ponto do Ser se move com velocidades variáveis. Mas, de acordo com o conceito formulado neste livro, o essencial é o *caráter espacial* das Casas - que se ajusta ao sistema de divisão das Casas de Campano - e *não o fator tempo*, ou seja, o tempo que um grau do zodíaco e os planetas levam para elevar-se do horizonte até o meridiano - sistema de Plácido. Portanto, parece-me lógico dividir o *espaço* em volta do recém-nascido na superfície do globo em partes iguais. Cada Casa representa 30 graus de espaço tendo como centro a pessoa, e o Ponto do Ser move-se por esse espaço a uma velocidade uniforme, de uma cúspide de Casa a outra, à razão de 28 meses por Casa - isto é, 28 anos divididos por 12.

Isso quer dizer que, para verificar com exatidão quando o Ponto do Ser cruza um planeta, é preciso calcular sua posição em termos de espaço da Casa. Esse cálculo é mais complexo, mas uma exatidão rigorosa não é importante nessa técnica, pois estamos mais interessados em mudanças subjetivas na consciência e na atitude psicológica do que em acontecimentos localizados precisamente no tempo. O Ponto do Ser alcança a cúspide da Segunda Casa de um mapa astrológico em 28 meses - dois anos e quatro meses - após o nascimento; a cúspide da terceira Casa em 56 meses - quatro anos e oito meses - após o nascimento, e a cúspide da quarta Casa ou nadir em 84 meses, isto é, sete anos após o nascimento. Se um planeta estiver localizado no ponto médio exato entre as cúspides da terceira e da quarta Casas, então o Ponto do Ser primeiro cruzará esse planeta na idade de 5 anos e 10 meses, e em segundo circuito, 33 anos e 10 meses após o nascimento. Se dividirmos por 28 o número de graus do zodíaco dentro da Casa, o resultado determinará, em termos de graus zodiacais, o espaço que o Ponto do Ser percorre num mês enquanto estiver nessa Casa.

Por exemplo: em meu mapa astrológico, a Lua está situada no 25^o grau de Aquário na segunda Casa, que se estende de 1^o de Aquário a 16^o de Peixes - sistema de Casas de Campano. Portanto, a Casa contém 45 graus. O número 45 dividido por 28 dá 1.6, um pouco mais de um mês e meio por grau do zodíaco. A Lua está 23 graus à frente da longitude zodiacal da cúspide da segunda Casa, o que quer dizer que acabou de passar o ponto médio da segunda Casa. A cúspide da segunda Casa corresponde à idade de 30 anos mais 4 meses e, portanto, o Ponto do Ser cruzou com minha Lua natal quando eu contava 30 anos e 4 meses mais um ano e um

pouco mais de dois meses, ou à idade de 31 anos e meio. Durante esse mês, ouvi uma das muito raras execuções orquestrais de uma obra sinfônica de minha autoria, "*The Surge of Fire*" [O surto do fogo], e foi um sucesso admirável. O Ponto do Ser tocou meu Mercúrio natal a 4^o e meio de Peixes, quando eu contava 33 anos e cerca de 9 meses, e por essa ocasião meu livro *The Rebirth of Hindu Music* foi publicado na Índia e um livro de poemas em Carmel, Califórnia. E, mais importante ainda, durante esse período, comecei a fazer muitas palestras e a definir mais estritamente minha filosofia.

Exatamente na idade de 35 anos - o Ponto do Ser ingressando na quarta Casa -, tomei a decisão que, dois meses depois, me levou a meu primeiro casamento. O Ponto do Ser tinha passado sobre meu Sol natal - terceiro grau de Áries -, quando uma morte e acontecimentos subseqüentes prepararam o cenário para esse casamento. Isso, indiretamente, levou-me a dedicar a maior parte de minha atenção à astrologia e a escrever muito.

Quando o Ponto do Ser passou por uma conjunção tríplice entre Plutão, Marte e Netuno no fim de minha sexta Casa, estive gravemente doente - com a idade de treze para catorze anos -; e, vinte e oito anos depois, uma situação muito menos séria porém difícil se desenvolveu, envolvendo um tipo de crise psicológica. Contatos significativos e mudanças em meu sentido de relacionamento ocorreram quando o Ponto do Ser cruzou com Júpiter em minha sétima Casa pela primeira e pela segunda vezes. Quando o fez pela terceira vez, em 1966, experienciei um grande aumento de interesse público por minhas obras e por meu enfoque da vida. O terceiro cruzamento de minha sexta Casa natal manifestou-se como um vasto aumento de trabalho, em conseqüência do que tive de lutar contra a constante fadiga e precisei dar atenção médica aos processos de envelhecimento do corpo.

Tal exemplo não significa muito por si mesmo. Há casos que revelam correlações muito significativas entre os contatos planetários do Ponto do Ser em movimento e mudanças na consciência; em outros, essas correlações não são claras. Obviamente, muito depende de como uma pessoa reage à possibilidade de transformação interior. Não obstante, pode-se dizer que, em geral, os contatos entre o Ponto do Ser e os planetas tendem a indicar as ocasiões na vida de uma pessoa em que as funções representadas por esses planetas tendem a influir de forma especialmente notável na auto-imagem da pessoa em desenvolvimento, e devem contar com sua atenção. Os contatos do Ponto do Ser com as posições dos

planetas em "progressão", de acordo com as técnicas de progressão secundária, também podem ser significativos. Em alguns casos, verificou-se que eles correspondem mais estritamente aos acontecimentos reais que estimulam a mudança na consciência. O fato intrigante é que muitas vezes não se encontra nenhuma correspondência para mudanças ou crises que se considerem muito fundamentais. Bem pode ser que essas crises sejam, na verdade, o resultado inevitável de pontos críticos anteriores e de decisões individuais que, na ocasião, não pareciam importantes. Aqui nos defrontamos com o mais sério de todos os problemas astrológicos: a determinação de quando alguma coisa *realmente* começa.

Terceira Parte

Os Quatro Ângulos e Suas Polaridades Zodiacais

Nos capítulos anteriores, tratei do significado genérico das doze Casas como campos de experiências relacionados e seqüenciais. O indivíduo precisa passar por eles e absorver o conteúdo desses doze tipos básicos de experiências para efetivar, em termos concretos e sob as condições prevalentes no ambiente terrestre em que ele vive, as potencialidades inerentes a seu momento de nascimento. Definir a sétima Casa como o campo referente a experiências de parceria não é dizer nada sobre o caráter dessas experiências na vida de uma determinada pessoa, nem é dizer como ela tende a abordar seus associados mais próximos e responder a eles. O astrólogo procura compreender esses fatores, e a natureza das ações e reações do indivíduo, considerando: 1) o signo zodiacal e o grau na cúspide da Casa e também o número de graus na Casa e se ela inclui ou não um "signo interceptado"; 2) o regente planetário do signo na cúspide; e 3) se um ou vários planetas estão localizados na Casa natal.

Os manuais de astrologia normalmente nos dizem, em geral com uma espécie muito infeliz de definição, o que se pode *inferir* da presença de cada um dos signos zodiacais na cúspide de cada Casa. Acentuo a palavra "inferir" porque se trata simplesmente de uma inferência, de uma possibilidade, quando muito de uma tendência previsível. Os "manuais" apresentam,

o que é inevitável, um quadro analítico do que cada coisa *pode* significar; e em geral os significados listados sob cada título num manual se referem a assuntos muito diferentes que, à primeira vista, dificilmente poderão relacionar-se entre si. Se as descrições e a listagem forem sólidas haverá, não obstante, uma relação básica entre os traços de caráter ou o tipo de acontecimentos listados. No entanto, uma Casa, por exemplo, em cuja cúspide encontramos o signo "expansivo" de Sagitário, regido por Júpiter, também pode conter Saturno, planeta cuja natureza é limitadora, restritiva e muitas vezes frustrante. O problema básico que se tem de enfrentar ao interpretar um mapa astrológico completo é o de como sintetizar esses significados opostos. Outro problema é decidir o que será melhor dizer à pessoa cujo mapa se está interpretando, considerando sua idade, sua situação atual e a provável capacidade que pode ter de reagir construtivamente ao que se está dizendo. Mas essas são questões que não discutiremos aqui e, em vez disso, remeto o leitor à minha série de livretos sobre astrologia humanística.

Nesses livretos expliquei a diferença entre um enfoque holista e um enfoque estritamente analítico da astrologia, entre o tipo de interpretação "centrado na pessoa" e o "orientado para os acontecimentos". Se menciono aqui essas questões é porque neste capítulo e no seguinte procurarei esclarecer alguns pontos que dizem respeito ao tipo de interpretação analítica comum dos manuais. Fazer isso me pareceu necessário a fim de trazer um certo grau de rigor e um caráter prático aos princípios gerais formulados nos capítulos precedentes.

Ainda que o astrólogo tenha de focalizar a atenção analiticamente num único fator de um mapa, há certos fatos básicos que ele precisa ter sempre em mente. Dentre estes, os mais importantes são: tudo num mapa tem seu oposto polar, e todo fator pode ter um significado negativo tanto quanto positivo, independente de ser costumeiramente classificado como bom ou mau, benéfico ou maléfico. Esse *princípio da polaridade* é a pedra angular de toda interpretação astrológica sólida, e fica particularmente em evidência quando tratamos dos *eixos* de um mapa. O horizonte e o meridiano são eixos; o Ascendente e o Descendente, o zênite e o nadir são os extremos teóricos desses eixos à medida que cruzam a eclíptica. Da mesma forma, o nóculo norte e o nóculo sul da Lua, e de todos os planetas, são os dois extremos dos eixos. Definir o sentido de um extremo *sem incluir na definição o sentido do outro extremo* simplesmente não faz sentido, ao menos quando

se pretenda apresentar um quadro completo de uma situação ou de uma personalidade. No entanto, é isso o que comumente se faz.

O que quero dizer, por exemplo, é que quando se deseja descrever as qualidades características de um Ascendente Leão - isto é, como a auto-imagem da pessoa tem um caráter leonino - é preciso levar em consideração o fato inevitável de que sua abordagem da parceria - Descendente - terá um caráter aquariano, e vice-versa. Não se pode separar o modo como uma pessoa se vê - que significa também o melhor meio de vivenciar a própria individualidade essencial e o próprio destino exclusivo - da maneira como ela aborda as pessoas e entra em vários tipos de parceria. Esses dois fatores na personalidade: identidade e relacionalidade, estão constantemente interagindo porque constituem dois aspectos interdependentes de um impulso fundamental, o impulso para a consciência individualizada plena. Você não pode ser consciente isoladamente, num vácuo; os tipos de relacionamentos implicados na sétima Casa devem envolver algum grau de percepção consciente do próprio ser e da outra pessoa ou pessoas.

Portanto, se um texto de astrologia apresenta uma relação das características atribuíveis a Áries no Ascendente, a lista deve incluir traços que também podem ser relacionados com Libra como signo do Descendente. Isso se faz normalmente, mas sem esclarecer como as características vieram a ser incluídas na descrição do Ascendente, e isso pode levar a confusões. Em muitos casos, porém, o astrólogo não concebe absolutamente o Descendente Libra quando menciona ao cliente seu Ascendente Áries; nesse caso, a interpretação deve permanecer essencialmente incompleta. Indicarei, portanto, em resumo, um modo de abordar uma interpretação bipolar do horizonte natal como um todo, o que inclui tanto o Ascendente como o Descendente. Essa interpretação será em termos dos signos do zodíaco encontrados em *ambos* os extremos: o oriental e o ocidental da linha do horizonte em nossos atuais mapas bidimensionais. Depois farei o mesmo com o eixo meridiano vertical, que liga o zênite e o nadir - ou, em termos de zodíaco, o Meio-do-céu e o *Imum Coeli*.

Agora simplesmente tornarei a dizer que o horizonte se relaciona essencialmente com a consciência, e o meridiano, com o poder. O Ascendente - setor oriental do horizonte - representa a percepção inerente e intuitiva do ser, ou da individualidade. Aqui, um ser humano descobre sua *singularidade*, sua identidade espiritual, o que também significa a tônica

de seu destino. Aqui, também, uma pessoa compreende sua diferença em relação a outras pessoas. Por outro lado, o Descendente - setor ocidental do horizonte - simboliza o modo especial do indivíduo abordar os problemas e as oportunidades decorrentes de relacionamentos interpessoais, e em geral de todos os relacionamentos em que deseje se envolver numa base de igualdade e mutualidade. Aqui, a diferença do indivíduo precisa ajustar-se às diferenças de outras pessoas; isso se torna possível mediante a cooperação e uma disposição para o amor e a comunhão - ou, negativamente, para a inimizade e o conflito.

O meridiano se relaciona com o poder que provém da integração de muitos elementos dentro de um todo existencial organizado e estruturado. Na quarta Casa, o que está envolvido é a integração da personalidade e a estabilidade de suas ações e a abordagem básica da vida, seja essa abordagem determinada pela família, pelas tradições nacionais ou pelo próprio ritmo ôntico da pessoa. A décima Casa indica o melhor meio e o mais natural para o indivíduo poder se integrar num organismo coletivo, isto é, numa comunidade, numa profissão, num estado nacional.

Tendo em mente esses princípios, podemos então passar a uma breve caracterização dos diferentes tipos de horizontes e meridianos natais.*

O PAR ÁRIES-LIBRA

Esses dois signos do zodíaco são equinociais. Durante todo o ciclo solar anual, duas forças interagem, as quais tenho chamado de força do dia e força da noite, e que correspondem às polaridades chinesas *yang* e *yin*. No equinócio da primavera, a força do dia e a força da noite são de igual intensidade, isto é, os dias e as noites têm a mesma duração. Mas a força do dia está em ascendência, cheia de intensidade dinâmica à medida que suplanta a força da noite. No equinócio do outono, as duas forças têm

* O leitor poderá encontrar um estudo psicológico pormenorizado dos doze signos do zodíaco em *The Pulse of Life* (nova edição publicada por Shambala Publications, Berkeley, Califórnia).

novamente intensidades iguais, mas então a força do dia está enfraquecendo, retirando-se, e a força da noite está aumentando avidamente seu poder e seu controle sobre a situação.

Áries representa um movimento da vida em linha reta, no sentido de um estado de existência concreto, tangível e personalizado, porque é da natureza da força do dia buscar manifestação através da diferenciação e da personalização em *qualquer* nível. Portanto, se Áries for o signo em ascensão no horizonte oriental quando o primeiro ato de independência, ao menos relativa, for realizado - a primeira respiração -, a consciência latente da criança será estampada com uma ânsia algo impulsiva e impetuosa de afirmar o caráter ímpar de seu destino - seu *dharma* - e de definir com maior clareza quem ela é, por efeito de assumir a liderança em situações da vida.

Áries é um signo estreitamente relacionado com o espírito da adolescência. Nessa fase, a força do dia está apenas começando a exibir sua intensidade; ainda não tem segurança. Mas sendo insegura, compensa a insegurança procurando parecer agressiva. A pessoa com um Ascendente Áries pode tender a romantizar sua identidade. Pode estar plena de ansiedades e desejos por tudo que reflita seu próprio ser essencial e exclusivo. Os objetos de seus desejos e os reflexos de seu verdadeiro ser tenderão a ter características de Libra, pois Libra será o signo em seu horizonte ocidental, o Descendente, portanto o símbolo do modo como ela enfrentará - ou deveria enfrentar - os relacionamentos interpessoais.

Libra representa o movimento rumo ao desenvolvimento de uma consciência sócio-cultural, a afeição por um "eu" para interagir com um "tu", de modo que, através dessa inter-relação, se possa experimentar uma vida mais grandiosa. Porque o Ascendente Áries estimula a típica ânsia adolescente por auto-expressão e pela afirmação de originalidade, ele requer como força compensadora um senso de valores sociais. Precisa-se ter *algo* em que ou pelo que se possa afirmar como pessoa, mas no nível de Áries isso não será um desafio muito grande; melhor será que assuma a forma de um grupo, de um conjunto coletivo de valores, de um nobre ideal ou talvez de uma fé em algo que permita a Áries dar vazão a seu impulso de auto-realização sob a forma de liberação de energias espirituais impessoais ou transcendentais.

Quando se apresenta a situação inversa, ou seja, quando Libra se eleva e Áries se põe por ocasião do nascimento do indivíduo, este tende a ser um campo de operação para os impulsos coletivos e os ideais de grupo, pois é em termos de atividade grupai, ou pelo menos em termos de uma parceria forte e idealizada, que o indivíduo aprenderá o que e quem ele é. Isso não significa absolutamente que a pessoa será "equilibrada" - o símbolo de Libra, a balança, não é bem compreendido pelos astrólogos* -, mas sim que se preocupará muito com seu papel social ou cultural, com o valor de seus atos de auto-expressão. Não lhe será fácil encontrar a si mesma isoladamente, e ela pode experimentar insegurança e confusão interior até encontrar seu lugar em algum grupo ou sociedade a que sinta intuitivamente que realmente pertence.

Essa pessoa precisará de um parceiro individualista, auto-realizador e emocional para ajudá-la a se encontrar *através* do relacionamento entre eles. Isso pode significar, às vezes, forçar uma parceria à maneira própria dos adolescentes, ou precipitar-se num compromisso devocional com uma pessoa - ou com uma causa personalizada - em relação à qual o indivíduo com o signo de Libra no Ascendente possa demonstrar sua capacidade de organização de grupos e seus pendores para a vida social, cultural ou religiosa. Toda experiência em grupo requer a presença catalisadora de uma visão individualizada ou de uma liberação de energia.

O sentido que se deve atribuir à presença de Áries e de Libra nos dois extremos da linha vertical de um mapa segue os princípios acima enunciados, exceto que agora estamos lidando com a capacidade de organização e de integração tanto em nível privado-pessoal - quarta Casa - como em nível público-profissional - décima Casa. Devemos, pois, pensar na melhor espécie de *poder* que se deve buscar e experimentar nesse processo de integração pessoal e social.

O que importa não é a aparência tradicional dos pratos da balança, mas a razão pela qual eles são usados. Eles servem para pesar a contribuição prestada por *um indivíduo* à sociedade ou a um relacionamento de grupo em termos de algum *modelo de valor coletivamente aceito*. Em Libra, a coletividade estabelece modelos que determinam o valor da participação do indivíduo em todo processo grupai.

Áries na cúspide da quarta Casa acentua a necessidade de atividade bem focalizada e de entusiasmo, ou fé, na busca de fundamentos pessoais e segurança interior. Não é muito provável que se encontre segurança numa subserviência *passiva* à tradição ou ao modelo familiar. Como escreveu um filósofo inglês no início do século XIX: "A única segurança é a não-segurança"; ou, poder-se-ia dizer: a melhor defesa é a ataque. O problema é: onde se deseja ir?

O signo zodiacal no Meio-do-céu deve proporcionar a resposta a essa questão, e esse signo é invariavelmente o signo de Libra. Portanto, a meta deve ser participar de uma atividade social definida e talvez do estabelecimento de novos valores sociais. Esse sentido de participação num empreendimento comunitário pode ser tão intenso a ponto de implicar o sacrifício dos valores ligados a uma vida estritamente pessoal - especialmente num caso em que Sagitário está no Ascendente. Uma devoção assim total a um processo sócio-cultural, talvez um processo profundamente transformador ou até revolucionário, pode esconder um profundo sentido de insegurança pessoal que, por sua vez, pode significar uma abordagem quase adolescente e instável das situações do lar, talvez uma revolta contra a mãe e contra todas as formas de amor possessivo. Deve-se buscar uma solução para os problemas pessoais de integração nesses valores que transcendem a tradição e que uma participação numa comunidade ampla, orientada para o futuro ou espiritual-religiosa pode - esperamos! - revelar à alma que opere em estado crítico entre dois estágios psicológicos e mentais da evolução humana.

Deveríamos discorrer aqui sobre um importante fator, até agora apenas sugerido em minhas análises da parceria entre Áries e Libra - ou seja, a posição dos planetas que regem os signos zodiacais, Áries e Libra, e os aspectos que esses planetas formam com os demais planetas. É impossível, no entanto, dentro dos limites deste livro, tratar desse fator e de todos os problemas por ele suscitados. Hoje, o conceito de "regência planetária" é um tanto ambíguo. Tinha sua razão de ser no velho sistema ptolomaico geocêntrico, pois foi formulado em termos da polaridade Sol-Lua e dos cinco níveis de atividade planetária, cada qual regido por um planeta. Mas como agora também usamos os planetas que estão além de Saturno,

o quadro simétrico apresentado no velho sistema fica comprometido, e a regência deve provavelmente ser interpretada de *um* modo diferente, segundo nosso conceito moderno do sistema solar.

Todavia, mesmo nessa situação incômoda e transicional, um estudo dos planetas que tradicionalmente regiam os quatro ângulos do mapa astrológico pode ser muito significativo, sobretudo em termos da Casa na qual se localizam os regentes dos signos zodiacais nos quatro ângulos. Por exemplo: se Marte - regente de Aries no antigo sistema - se localiza na sétima Casa de uma pessoa, a função marciana que ela deveria usar com mais eficácia para descobrir a própria identidade e o próprio destino está definitivamente envolvida *com* casamento ou parceria. A chave da descoberta do próprio ser está no tipo de relacionamentos que o indivíduo assumirá. Se Marte estivesse na quinta Casa, o indivíduo provavelmente descobriria *quem* ele é no reflexo que suas criações ou seus filhos - ou quaisquer tentativas *dinâmicas de projetar* exteriormente o *que* está ativo dentro dele - lhe apresentassem às percepções intuitivas. Na sexta Casa, o planeta regente do Ascendente sugere que a chave da autodescoberta está no trabalho devotado, na prestação de serviço ou no disciplinado.

A mesma ordem de raciocínio se pode usar com relação aos outros ângulos do mapa astrológico e, possivelmente - mas com muito menor eficácia - pode ser aplicada aos planetas que regem os signos do zodíaco nas cúspides das Casas sucedentes e cadentes. Uma pessoa com o regente do signo no Descendente localizado na segunda Casa pode ver suas relações íntimas estreitamente envolvidas em assuntos financeiros e exigindo uma estrita administração de seus recursos e capacidades inatas; na oitava Casa, poderia referir-se à necessidade de regeneração mediante experiências de renúncia do ego para o casamento efetivar suas potencialidades transformadoras, ou a uma cuidadosa consideração do resultado financeiro de uma parceria para que esta se revele significativa e valiosa.

As possibilidades oferecidas por uma técnica desse tipo são numerosas; elas podem ser usadas particularmente em orientação *vocacional* com respeito à décima Casa e ao regente planetário do signo que culmina no Meio-do-céu. Se esse regente estiver *na* quinta Casa, a

auto-expressão será necessária para a obtenção de sucesso em atividades comunitárias ou na profissão. Se Libra estivesse então no Meio-do-céu - sendo Vênus o regente dessa décima Casa -, a possibilidade de sucesso em alguma ocupação criativa, ou no fato de dar nascimento a uma criança bem-dotada, seria evidente. Mas se esse planeta estiver em relação antagônica e tensa com *outros planetas*, a *efetivação* dessas possibilidades requererá grande esforço e determinação. Uma oposição entre Vênus e Saturno tenderia a retardar o sucesso ou a exigir uma pesquisa muito profunda e talvez uma luta contra modelos estabelecidos de operação social ou contra amigos convencionais, o que, não obstante, pode ser superado com o tempo.

De tudo isso fica claro quão importante é determinar a ordem de Casa de um mapa astrológico com a máxima exatidão possível, e bem assim calcular os ângulos referentes ao momento preciso do primeiro alento da pessoa. Ficou claro também quão incompleto é qualquer sistema de "Casas iguais" que não leve em consideração os dois eixos determinados pelo tempo e lugar de nascimento - ou qualquer sistema que não leve em consideração as Casas.

O PAR TOURO-ESCORPIÃO

Esses dois signos *representam a reação que se segue a ações* iniciadas durante os períodos equinociais. Eles se referem a um processo de coalescência e estabilização dominado por um propósito orgânico definido. Em Touro, o processo opera principalmente em nível biológico e instintivo; em Escorpião, o que está implicado é a identificação com forças que visam à interpenetração de unidades individuais para o propósito de edificar um organismo social ou "oculto" maior - uma interpenetração que, para ser eficiente, precisa alcançar as raízes do ser (daí, a conexão de Escorpião com o sexo). No entanto, Touro é quem simboliza as operações da função sexual natural e biologicamente compulsiva, ao passo que em Escorpião a atividade sexual tem um caráter personalizado. Em Escorpião, *ela* satisfaz às necessidades *humanas* e responde a *anseios* individuais. Suas compulsões são psicológicas, mais que glandulares e instintivas; portanto, é

possessiva no sentido pessoal e sujeita a todo tipo de perversão, mas também sujeita a transmutação. Em Touro, por outro lado, é simplesmente um instinto procriador que visa à produção de prole, ou uma liberação de energias biopsíquicas estritamente natural.

Com Touro no Ascendente, a pessoa, normalmente, descobre sua verdadeira natureza mediante a produtividade, num ou noutro nível. Ela produz e tende a apegar-se a seus produtos. Pode haver uma total identificação tanto com o processo de produção como com a pessoa ou grupo cujas necessidades esse processo satisfará. Pode haver não só uma fixidez de propósito, como também um orgulho de realizações biológicas ou sociais, e, conseqüentemente, uma boa dose de egocentricidade e um horizonte um tanto estreito. Contudo, dentro do campo específico de produção em que o *dharma* do indivíduo operar, pode-se obter grandes resultados. Espiritual ou mesmo psicologicamente, o problema é a pessoa não se tornar demasiado presa pessoalmente aos resultados de sua atividade e permitir que a natureza ou a vida atue *através* dela.

Um Touro no Ascendente implica inevitavelmente um Escorpião Descendente. O indivíduo terá de abandonar, ao menos em parte, seu apego a seus produtos para se relacionar com pessoas dotadas de uma visão mais social ou que precisem experimentar a liberação espontânea e natural de energias orgânicas. Tais relacionamentos fortalecem a parte de sua natureza que busca horizontes mais amplos e em muitos casos um enfoque mais consciente e controlado da produtividade - bem como uma abordagem mais responsável em termos de propósito grupai. O indivíduo pode buscar parceiros com os quais possa tornar-se mais plenamente consciente de questões sociais, morais ou políticas mais amplas.

Na situação inversa, a pessoa com um Escorpião no Ascendente procurará em geral preencher seu papel na sociedade valendo-se do poder de pessoas que lhe sejam muito próximas. Numerosos líderes políticos nasceram com Escorpião como signo no Ascendente: Disraeli, Ghandi, Lênin, Stálin, Mussolini. Essas pessoas apreciam o uso de poder social e a identificação com a necessidade de seu povo de alcançar alguma integração orgânica em nível nacional; mas, ao relacionarem-se com seus parceiros,

tiram deles suas forças vitais e demandam resultados concretos ao longo de diretrizes fixas de atividades.

A fixidez de propósitos e a produtividade orgânica natural do signo de Touro, quando relacionadas com a quarta Casa, acentuam a importância, para o indivíduo, de profundas raízes numa terra específica e numa determinada tradição, e de uma sólida base para o lar. Mas, como em qualquer outro caso, o caráter desse fundamento depende muito de qual signo do zodíaco esteja em ascensão, pois o Ascendente está na origem de tudo o que caracteriza a função essencial do indivíduo *como um indivíduo*, vale dizer, sua identidade como pessoa única. Nas regiões temperadas do hemisfério norte, se Touro estiver no ponto do nadir do mapa pode-se esperar Capricórnio, Aquário ou mesmo Sagitário no Ascendente. O caráter "terreno" de Touro seria fortalecido por um Ascendente Capricórnio, e o Descendente Câncer lhe aumentaria a concentração da produtividade dentro da esfera do lar ou de um bem definido campo de atividade. Creio não ser necessário repetir aqui que toda indicação astrológica relaciona-se com muitas outras - aliás, com todo o mapa - antes de podermos compreender seu significado em termos do caráter e do destino de uma pessoa. A personalidade individual é um conjunto de fatores dinâmicos, e não se pode compreender nenhum fator isolado de todo o contexto do mapa - daí que uma caracterização analítica, como a aqui sugerida, pode ser experimental e só em parte válida; tais caracterizações lidam apenas com princípios gerais.

Touro simboliza, no ciclo anual, a ascensão evolucionária da vida rumo ao Sol, a ascensão da seiva que nutre a planta e culmina em sua florescência. O Meio-do-céu de Escorpião, que polariza essa ascensão, se Touro estiver na cúspide da quarta Casa, representa a florescência da energia vital no organismo da personalidade que esteja ao menos relativamente desenvolvida - daí o encanto de corpos jovens que se enamoram e, mediante abraços sensuais, buscam atingir a experiência da força que se exprime pela união de polaridades vitais. Um ciclo de experiências tardias, por volta dos cinquenta anos de idade, essa satisfação de energias vitais pode ser substituída pela exaltação de conquistas sócio-profissionais. Essas conquistas também implicam uma união com uma realidade supra-

pessoal - um grupo, uma nação, a humanidade - que libere poder social. Isso pode resultar em liderança política, especialmente se o signo de Leão estiver em ascensão - como foi o caso do mapa de Bismarck e de J. P. Morgan, o Velho, o banqueiro internacional que teve muito a ver com a entrada dos Estados Unidos na I Grande Guerra.

Vemos aqui, novamente, a polaridade em ação nos extremos opostos, do meridiano natal, o nadir e o zênite. Na quarta Casa, o produto da fertilidade de Touro é *o próprio indivíduo como pessoa*; na décima Casa, o produto do impulso de Escorpião de comungar em profundidade com outras pessoas deve acarretar *um "cargo" significativo e produtivo*. O detentor do cargo e o cargo dependem um do outro. Os resultados são gerados pela interação entre ambos.

O PAR GÊMEOS-SAGITÁRIO

O signo de Gêmeos se caracteriza por um vivo anseio de estender o âmbito das experiências pessoais por meio de muitos tipos de contatos humanos e da absorção de uma variedade de informação. Gêmeos é o símbolo mais típico da curiosidade intelectual e da mente que, clara e analiticamente, classifica o conhecimento para uso prático e pessoal. O signo oposto, Sagitário, se relaciona com um tipo de conhecimento mais abstrato e maduro, referente à integração de fatores distantemente relacionados, à filosofia, à religião e a qualquer forma que a busca de valores básicos e de compreensão e sabedoria possa assumir. Gêmeos lida com encontros de acesso fácil e com a mente concreta; Sagitário, com tudo que expande o horizonte, tira a pessoa da existência rotineira e a incita a sonhar grandes sonhos. Gêmeos representa o tipo de faculdade mental relativa a controle do ambiente para maior conveniência pessoal e alimento do ego; Sagitário é obcecado por horizontes cada vez mais amplos, pela sede de grandes aventuras além do que lhe é familiar.

Um Ascendente Gêmeos indica em geral uma avidez de conhecimento e a expectativa profunda de que é mediante o conhecimento e uma multiplicidade de sensações e contatos que se descobrirá a própria identidade individual. Na verdade, o uso de processos racionais será muito importante, mas o perigo é a pessoa se ver colhida por uma teia de pequenas preocupações, enunciados lógicos e experimentos, e ficar perdida num

labirinto de informações que, apesar de bem ordenado, pode ser vazio de um sentido mais amplo e alheio a consequências sociais. O Descendente Sagitário sugere que os relacionamentos devem se basear num esquema mais amplo de valores. Sagitário proporciona a Gêmeos seus quadros de referência abstratos, seus conceitos lógicos, sua insatisfação com o que está a seu alcance imediato e temporariamente em moda. Possibilita uma expansão da consciência por meio do relacionamento. A informação pessoalmente assimilada, mesmo a percepção mental de sua própria natureza essencial, deve ser posta em prática em termos da camaradagem humana e da comunhão de valores com mentes superiores.

Quando Sagitário é o signo em ascensão, o indivíduo pode gostar da vida ao ar livre e de viajar - ou, pelo menos, assim reza a tradição! -, mas, muito mais significativo que isto, ele é uma pessoa que passará a compreender o que e quem ele é através do envolvimento com uma grande causa, uma convicção social ou religiosa, uma busca da verdade. Essa verdade buscada pode ser considerada tão importante que o indivíduo procura promovê-la ou propalá-la com um zelo em geral fanático, ou pelo menos com grande dedicação. Ele pode encontrar sua própria verdade e o seu próprio *dharma* através do fato de ensinar a outros aquilo que lhe atinou o entusiasmo; mas ele necessita da influência polarizadora da mente mais precisa, mais empírica e analítica de Gêmeos. Ele deveria, ao menos teoricamente, procurar parcerias que cooperassem com ele ao longo de diretrizes práticas, talvez ao longo de várias modalidades de empreendimentos, de modo que suas generalizações e seu expansionismo possam ser alimentados por uma variedade de dados relevantes e por relacionamentos de muitos níveis.

Gêmeos na cúspide da quarta Casa tende a provocar situações mutáveis, enquanto o processo de integração da personalidade se verifica. A árvore da personalidade pode ser como uma palmeira ou uma sequóia com um emaranhado muito amplo e extenso de raízes não muito abaixo da superfície, em vez de uma só raiz profunda. A concentração em sentimentos fundamentais pode ser um tanto difícil. O indivíduo pode ter uma sensibilidade especial para perceber múltiplos impactos e estímulos de crescimento, mais do que uma sólida e segura compreensão daquilo que ele realmente é e representa como pessoa. O perigo é o de um ego forte e inteligente se desenvolver como um eficiente e talvez orgulhoso organizador de complexas experiências vitais.

Nesse caso, muito depende do signo no Ascendente. Na maioria dos casos, será Aquário ou Peixes; e no extremo Norte poderia ser Capricórnio, uma influência estabilizadora. Um Ascendente Aquário pode acentuar o idealismo e/ou a insatisfação social; um Ascendente Peixes tenderia a dar um toque de transcendência e talvez de instabilidade psíquica ao fundamento geminiano da personalidade. E as posições dos planetas na quarta Casa poderiam modificar e polarizar consideravelmente as características típicas de Gêmeos, ou aumentando-lhe o desassossego ou estabilizando as estruturas intelectuais de que a pessoa depende para sua segurança interior.

Quando a situação se inverte e Sagitário está na cúspide da quarta Casa, conceitos filosóficos, religiosos ou tradicionais devem ser procurados como raízes para a estabilização e fortalecimento da personalidade. Uma ambição pessoal de deixar uma marca bem nítida na sociedade pode ser um fator significativo. O lar inicial pode estar aberto a muitas influências e a muitos visitantes. A mãe pode ter convicções religiosas intensas e imprimi-las sobre a criança em desenvolvimento e adolescente. Pode haver viagens na infância. Mais tarde, em ocasiões de crise, o indivíduo tenderá a renovar seu vigor interno através de vigorosos atos de fé em seu destino e na busca de justificação filosófica ou moral para seus sentimentos e quicá para suas ambições sociais.

Com Gêmeos no Meio-do-céu, as capacidades intelectuais devem ser usadas ao máximo. A orientação de intelectuais, especialistas, pesquisadores será importante na *busca de um* objetivo social ou profissional. Uma mente ágil pode ser muito valiosa para o indivíduo se ajustar às exigências de qualquer situação pública que se apresente. Esse poder de adaptação social e a capacidade de processar informação deve equilibrar a determinação e talvez a presunção de justiça e o proselitismo de Sagitário no nadir do mapa. O mapa de Franklin D. Roosevelt é um exemplo dessa situação, mas os planetas em sua décima Casa e um grupo maciço do signo de Touro foram ainda mais importantes para lhe determinar a personalidade e o destino.

O PAR CÂNCER-CAPRICÓRNIO

Esses dois signos têm sua origem nos solstícios, os momentos em que as duas polaridades do poder solar da vida se encontram numa con-

dição de desequilíbrio máximo. Em Câncer, a força do dia está no auge de seu poder, muito embora a força da noite não esteja de modo algum anulada, e daí em diante aumentará lentamente o seu vigor. Em Capricórnio, a força da noite é tão dominante quanto o pode ser sempre. Nessas condições, as características de uma dessas duas forças são exageradas nesses signos zodiacais. Essa ênfase serve a uma finalidade básica na ordem geral do ciclo zodiacal: uma das duas polaridades é revelada em todas as suas implicações e limitações.

Em Câncer, o Sol, que estava se deslocando para o norte em *declinação* - isto é, os pontos ocorriam por três meses ao norte do oeste exato -, "se detém", o que representa o significado etimológico da palavra "sol-stício". Isso simboliza uma inversão abrupta do processo que esteve decorrendo durante metade do ano. O anseio geminiano de conquistar mais espaço vital e de acumular conhecimento através de todo tipo de experiência pára. Simbolicamente, o jovem que estava espalhando suas energias ao experimentar uma multiplicidade de coisas obtém um emprego, casa-se e se estabelece para se tornar chefe de família. Nesse sentido, Câncer representa o poder estabilizador de um lar. As energias vitais estão sendo *focalizadas*, e um lar pode ser um foco de atenção estreito e exclusivista, preparando o cenário para o nascimento e a educação do filho.

Essa focalização de energia pode operar em vários níveis. Albert Einstein tinha um Ascendente Câncer. Suas idéias levaram à concepção de um universo finito e esférico, e ele estava preocupado em formular um princípio básico que abrangesse todas as conhecidas manifestações de energia. Dado que o tipo de Câncer luta pela concretização da Unidade na raiz de todos os modos de experiência, ele pode ser levado a algum tipo de realizações místicas. O signo de Câncer está, em geral, associado a dotes psíquicos, mas a validade dessa crença depende, em grande parte, do que se entenda por psíquico. A clarividência costuma ser um processo holista em que a essência e o sentido de uma situação *como um todo* são percebidos pelo clarividente como um símbolo ou como uma cena. Característica aqui é a atividade totalizadora do todo. Construir um lar - e não meramente uma casa física - é uma atividade totalizadora. O casal bipolar homem-mulher é, idealmente, um todo reconstituído, potencialmente procriador porque está estabilizado como uma só unidade social e biológica.

Capricórnio também está relacionado com a conquista da integração, mas enquanto Câncer diz respeito à estreita unidade biopsíquica de uma situação *pessoal*, Capricórnio lida com instituições políticas ou adminis-

trativas de grandes proporções de um estado nacional complexo. As nações modernas, na maioria dos casos, não são, em sua origem, compostas de pessoas da mesma raça ou cultura; aliás, o propósito de um estado nacional - ao menos espiritualmente - é o de integrar diferentes raças e culturas. Os problemas que todas as nações ocidentais têm enfrentado, e ainda enfrentam, surgem do fato de se obrigar vários grupos étnicos distintos a interagir e a *cooperar com* a manutenção da ordem estabelecida e sobretudo de uma perfeita união. A França é um caso típico, mas também o é a Grã-Bretanha e, é claro, também o são, em sentido especial, os Estados Unidos.

Um Ascendente Câncer tenderá a fazer a pessoa preocupar-se com metas muito definidas, talvez intelectualmente formuláveis ou funcionais na prática. As questões são nitidamente definíveis e envolvem personalidades individuais. Um Ascendente Capricórnio leva a pessoa a descobrir a própria identidade e o próprio destino essenciais em atividades que envolvam a integração de fatores distantes ou de antagonismos básicos que só se podem integrar mediante sistemas estritamente lógicos ou por meios legais que exijam algum tipo de força policial para fazer valer modelos de ordem.

O que talvez seja ainda mais importante é que a pessoa com Ascendente Câncer confiará mais no uso do poder pessoal e do poder dinâmico do amor, ao passo que a de Ascendente Capricórnio recorrerá a amplos conceitos ou técnicas de organização impessoais ou suprapessoais. Carl Jung tinha um Ascendente Capricórnio e seu sistema de psicologia profunda sublinha a idéia de que o poder dos arquétipos do inconsciente coletivo é, afinal, mais importante do que o dos sentimentos estritamente pessoais ou do que os conceitos intelectuais. De outra parte, Adler, outro psicólogo que também dissentiu da escola de Freud, tinha um Ascendente Câncer, e ele acentuou a importância da reação puramente pessoal a algum tipo de deficiência e a vontade de poder, que compensa os sentimentos de inferioridade exprimindo agressividade.

A pessoa com Câncer no Ascendente também usará esse processo de compensação pessoal, mas principalmente ao estabelecer associações com outras pessoas. Ela receia defrontar-se com elas numa interação de pessoa para pessoa. Pode ocultar-se sob amplos conceitos de generalizações sociais capricornianas. Ela tem de construir uma *persona* social, precisa interpretar um papel em que possa parecer superior aos outros; e a clarividência pode vir a representar um meio admirável para impressionar as pessoas com que entre em contato com sua faculdade de percepção

privilegiada, ao passo que, ao mesmo tempo, a pessoa tem, interiormente, uma dolorosa consciência de sua própria insegurança individual.

Por outro lado, a pessoa com um Ascendente Capricórnio tem necessidade de pessoas com que possa se relacionar individualmente, pois sem esses encontros concretizadores e essa íntima empatia interpessoal ela pode sentir-se pessoalmente muito envolvida em esquemas ambiciosos e em planejamentos sociais de grande escala, ou em realizações místicas e cósmicas. Capricórnio pode relacionar-se a experiências e a faculdades que muitas pessoas chamariam "místicas", mas a relação é antes com o tipo de consciência capaz de operar - ou que deseje intensamente operar - em termos de um tipo de ordem transcendente, de um uso cósmico e - no verdadeiro sentido dessa palavra tão maltratada - oculto de poder. Pode tender a oprimir outras pessoas com esse poder, buscando súditos potenciais a fim de cumprir o que considera seu destino. Pode ser uma espécie catabólica de destino.

Uma quarta Casa com Câncer na cúspide indica um ser humano em que as características arquetípicas associadas ao número 4 - no simbolismo numérico, talvez o mais universal de todos os sistemas simbólicos - são muito fortes. Isso acontece porque Câncer é também o quarto signo do zodíaco. Aliás, a identidade de sentido tão acentuada que os astrólogos atribuem a Câncer e à quarta Casa só se pode justificar em bases numerológicas. O número 4 é o símbolo da incorporação concreta e dos sentimentos mais fundamentais associados com a operação das energias vitais e com suas implicações psíquicas - os impulsos básicos estudados pelos psicólogos. Esse número define o processo de integração quando opera *no nível biopsíquico* dentro da consciência humana. Relaciona-se ao tipo de inteligência que funciona como servo obediente da força vital a fim de proporcionar um fundamento seguro para o crescimento da personalidade - uma inteligência cujas ações são controladas por conveniência, empirismo e adaptação a necessidades orgânicas concretas. Essa inteligência está relacionada com a Lua no simbolismo astrológico, e a Lua é tida como regente do signo de Câncer. Refere-se à mãe só porque é a mãe que cuida do bebê incapaz de satisfazer as próprias necessidades - a necessidade de se alimentar, de se vestir, de se abrigar, de se limpar e também de segurança e amor.

Uma quarta Casa canceriana se relaciona, portanto, à necessidade particularmente forte e provavelmente vitalícia do indivíduo de focalizar muito

de sua atenção em sua capacidade de se adaptar a condições variáveis em sua vida particular. Isso acentua a importância não só da vida do lar mas de tudo quanto se refere ao processo de integração da personalidade. Entretanto, tal concentração sobre o que está próximo, o orgânico, os sentimentos e sobre alguma espécie de imagem materna pode tornar-se opressiva se não for integrada com o que a décima Casa, de Capricórnio, implica; vale dizer, uma preocupação igualmente intensa em estabelecer-se com segurança numa posição social. Essa posição propicia o poder social, o dinheiro, necessário para gerir um lar seguro e satisfatório.

Quando a situação se inverte, e Capricórnio encontra-se no ponto do nadir no mapa, os interesses públicos podem dominar a vida particular de uma pessoa - isto é, se nenhuma "influência" planetária especial atuar na quarta e na décima Casas. No entanto, as atividades profissionais ou sociais tenderão a ser determinadas pelo utilitarismo. Na verdade, a vida pública ou profissional deve ser gerida com um agudo senso de ajustamento aos estados de humor rapidamente cambiantes da comunidade. Se o indivíduo identificar a própria personalidade da quarta Casa com um propósito amplo, social ou cósmico - Capricórnio -, ele necessitará realmente de flexibilidade de resposta, de um senso de oportunidade e de um senso "psíquico" do que é vital e aceitável a seu público para se sair bem. Com essa posição, a pessoa na maioria das vezes obtém um Ascendente Libra. Isso, é claro, acentua a preocupação com as questões e os valores sociais, assim como a capacidade de lidar com grupos - e, fazendo-o, descobrir a própria identidade.

O PAR LEÃO-AQUÁRIO

Os quatro signos cardeais do zodíaco se referem aos quatro tipos de atividade solar mais característicos no que respeita à natureza na biosfera terrestre - os tipos equinocial e solsticial. Esses modos de atividade se tornam "fixos" em Touro, Leão, Escorpião e Aquário. Eles são fixados nos quatro tipos específicos de organismos humanos; são condensados, concentrados e dotados de formas características plenas de tipos específicos de substâncias - e sabemos que substância ou matéria é simplesmente um estado condensado de energia. Quando uma pessoa criativa compõe uma sinfonia ou pinta, ou quando um ator encarna no

teatro a personagem de uma peça, ela projeta sua visão pessoal pelo fato de reunir os materiais estéticos que sua cultura lhe pôs à disposição ou que ela selecionou de seu ambiente natural. Ela "fixa" esse material numa forma que exprime seu caráter pessoal, ou, durante algum período coletivista, o caráter de sua cultura, de sua religião ou do estilo de vida comunitário.

Em Touro, a impulsividade equinocial da força do dia se transubstancia e incorpora por meio do uso de materiais disponíveis na biosfera. Em Leão, as características personalizantes do solstício de verão recebem uma forma individual em que uma espécie de vida e uma pessoa conscientemente desenvolvida se vêem corporificadas e refletidas. No setor oposto do zodíaco, Aquário dá forma a um todo social estabilizado - um grupo étnico ou uma nação - produzindo o que chamamos uma *cultura*. Uma cultura se exprime numa ampla variedade de formas de arte, formas sociais, clubes, recintos para o debate de idéias novas ou velhas etc. Uma cultura só se pode desenvolver onde a vontade social tiver estabelecido seu domínio sobre os heterogêneos desejos e opiniões dos membros separados da comunidade, quando tiver aparecido um "estilo de vida" definido.

O indivíduo com um Ascendente Leão procura descobrir quem é, criando espelhos nos quais possa projetar e revelar à própria consciência qual é o seu potencial inato original, ou as potencialidades de sua alma e de seu *dharma*. Ele procura se encontrar em suas criações, qualquer que seja o nível em que essas criações se incorporem; portanto, a criação pode ser um filho, uma obra de arte, um tipo específico de atuação social etc. Se entendermos bem esse processo, dois fatores se sobressairão claramente. Primeiro, o indivíduo com Ascendente Leão tem de impor seu desejo de autoprojeção sobre todos os materiais que lhe sejam necessários; ele precisa ver que eles estão disponíveis e reagem favoravelmente à projeção de sua *imaginação* e de sua força de vontade - em sânscrito, *Kriyashakti* e *Ichchashakti*. Quando esses "materiais" necessários são outros seres humanos, a pessoa de Leão torna-se aquela que *precisa* liderar e mesmo governar as pessoas ou os projetos sociais. Mas o segundo fator, que não se deve esquecer, é que esse intenso desejo de autoprojeção se enraíza no fato, e é condicionado por ele, de o indivíduo *não estar seguro* do que ele essencialmente é. Ele tende a ser socialmente inseguro porque não está certo acerca de seu *dharma*. Precisa provar a si mesmo, descobrir quem ele é no espelho de suas criações. Seus gestos grandiosos podem, de fato, ser compensações dessa deficiência interior. A todo custo, ele precisa descobrir como as pessoas reagem a ele, e talvez testar sua força com a subser-

viência delas. Para ser capaz de exprimir seu próprio ser, só obscuramente compreendido, ele precisa ser capaz de manipular produtos culturais e, portanto, símbolos, palavras e conceitos aquarianos. Ele se avém com seus parceiros em termos de vastos conceitos - sociais, culturais e ocultos. Esses conceitos são necessários para proporcionar *formas básicas* para sua vontade de expressão. Assim, o Ascendente Leão deve interagir com o Descendente Aquário.

Quando a situação se inverte e o signo de Aquário está em ascensão por ocasião do nascimento da pessoa, esta tende a se identificar, espontânea e intuitivamente, com sua cultura e com todos os benefícios que ela lhe proporciona, ou com grandes sonhos de reforma, desafiando velhas estruturas, agindo como pioneira rumo a uma Nova Era. Então, pelo fato de essas formas culturais poderem ser vazias de verdadeiro sentido vital, salvo sendo personalizadas, o indivíduo buscará parceiros que cooperem com ele - ou parceiros em atividades culturais ou em reformas e talvez em atividades revolucionárias. Essas parcerias podem ter um caráter muito emocional, porque o indivíduo demandará uma cooperação sincera e, em geral, com exclusividade.

Quando o signo de Leão está na cúspide da quarta Casa, a vida doméstica de uma pessoa e o desenvolvimento de sua personalidade podem estar condicionados por um sentimento de orgulho e pelo desejo de viver numa Residência ao menos relativamente suntuosa, que se tornará cenário para sua auto-expressão, ou, quando nada, em sintonia com a necessidade de exteriorização do que a pessoa sente que lhe pertence por direito de destino. Richard Wagner foi um excelente exemplo de tal situação. O processo da quarta Casa para a integração da personalidade pode assumir aspectos dramáticos, talvez beirando, por vezes, o melodrama. A pessoa com Leão no nadir de seu mapa astrológico pode ter uma mãe régia, mas possessiva. Onde quer que esteja, ele quer ser o "senhor do feudo" - e bem pode ser um feudo todo fortificado de muros do ego.

Aquário no zênite normalmente indica confiança da pessoa criativa nos modelos sociais e profissionais como campos para projeção e estabilização de seu poder pessoal. Ela geralmente busca algum campo de ação pública relativamente amplo, e talvez idealista; deseja um palco espaçoso onde possa representar seu papel, um papel em que possa brilhar individualmente. Toda sua comunidade deve ser esse palco, ou ele pode ser

um setor profissional que se relacione com novas invenções ou que lhe proporcione a oportunidade de se tornar líder ou profeta.

Quando Aquário está na cúspide da quarta Casa natal, a busca de integração pessoal deve ser profundamente afetada por questões sociais, e a vida doméstica pode ser inspirada ou até invadida por sonhos idealistas ou revolucionários. Então Leão no Meio-do-céu se manifestará como a tendência a derramar energias de modo emocional e dramático sobre tudo o que possibilite a realização dos ideais de Aquário. Em tal situação, costumamos encontrar um Ascendente Escorpião ou Libra, e isto acentua ainda mais o sentimento de identificação com grupos sociais ou ocultos.

O PAR VIRGEM-PEIXES

O tipo Virgem caracteriza-se pelo temperamento analítico e crítico, e pela necessidade íntima de reorientar ou repolarizar as energias essenciais de sua natureza pessoal-emocional. Virgem é um símbolo de crise psicológica e também pode referir-se a saúde precária ou a um profundo sentimento de que é preciso fazer algo com relação à saúde. Virgem segue Leão, assim como a atribulação normalmente segue a manifestação demasiado pessoal de nossa necessidade íntima de auto-expressão a todo custo. Mas também pode significar progresso rumo a um plano de consciência mais elevado e à metamorfose pessoal.

A pessoa de Ascendente Virgem procurará se distinguir por meio de suas transformações progressivas, de suas conquistas espirituais, de seus rejuvenescimentos físicos. Em alguns casos, ela pode alcançar muito através de um senso de humildade e de uma vontade de servir; em outros, haverá muita crítica ou insistência em realizações técnicas. Pode haver um profundo anseio de pureza e até de santidade, o que pode levar a pessoa a procurar enganar-se a si própria e a assumir atitudes devocionais pouco consistentes.

O tipo de pessoa com o signo de Virgem em ascensão relaciona-se com seus associados mais íntimos de uma maneira própria de Peixes; e, embora crítico como indivíduo, pode facilmente expor-se em demasia a seu par amoroso ou associado. Ele anseia por se perder numa coletividade ou numa causa, apenas porque está procurando alcançar seu *status* individual como alguém que passa por uma metamorfose pessoal. Ele precisa se

devotar a qualquer pessoa ou coisa que lhe pareça incorporar o estado de ser que constitui a meta de sua metamorfose.

Peixes simboliza um estado de crise social coletiva. Na etapa da vida representada por este último signo do zodíaco, o indivíduo se vê açoitado por tormentas sociais contra as quais nada pode fazer. Ele é controlado pelas conseqüências fatais dos "pecados" de seus pais, e de seus ciclos passados como indivíduo. Ele precisa renunciar a todas as coisas sólidas, a todo conforto ou segurança, e perder toda confiança em estruturas sociais, culturais ou religiosas, para renascer em Áries como verdadeiro indivíduo, uma fonte de nova vida. Em Virgem, a pessoa precisa abandonar as limitações pessoais que a amarram. Em Peixes, ela deve renunciar sua lealdade a antigos deuses e a velhas leis e encarar o novo Deus cujo semblante ainda não foi revelado.

O tipo com Ascendente Peixes pode ser altamente receptivo ao inconsciente coletivo - talvez um médium, talvez um verdadeiro vidente. Mas pode também ser um cruzado, um líder de exércitos ou de grupos dedicados a um futuro maior para sua nação ou para a humanidade. Essa mesma receptividade em relação ao desconhecido demandará parcerias de um crítico tipo de Virgem. A pessoa com Ascendente Peixes reclamará de seus entes queridos que experimentem metamorfoses indefinidamente. Ela pode exigir uma disciplina rigorosa e uma conduta imaculada de seus associados. Tendo sua visão absorvida por vastas transformações, ela em geral enfrentará com impaciência e meticuloso cuidado as trivialidades do dia-a-dia. Ela mesma se baseará na própria intuição, mas procurará encontrar em seus parceiros intelectualidade e exatidão técnica, ou exibirá essas características de Virgem em seu trato com outros.

Dado que Virgem e Peixes são signos do zodíaco que se referem a estados críticos da evolução da consciência e da capacidade de usar o poder de forma construtiva, é de esperar que, quando esses signos se encontram no meridiano natal de um indivíduo, este tenda a alcançar o poder e a realizar seu destino em meio a transformações pessoais e sociais. Ele talvez descubra qual lugar deve ocupar no mundo por meio do esforço para enfrentar questões em situações pessoais ou sociais que lhe desafiem o impulso de servir, ou para desempenhar algum papel em levantes revolucionários.

Virgem na cúspide da quarta Casa deve normalmente acarretar muita auto-análise e muita autocrítica no processo de integração da personalidade.

O valor das tradições ancestrais, geralmente acatado sem discussão, pode ser posto em dúvida; pode haver muita preocupação com o aprimoramento da situação do lar. A influência materna pode levar a interesse por dieta e saúde; o filho pode ver-se confuso e transtornado por uma mãe dada a criticar. Se o signo no Ascendente for Câncer, há a possibilidade de haver um forte complexo, induzido pela mãe, contra o qual o adolescente talvez se rebelde mais ou menos eficazmente. Se o Ascendente for Gêmeos, a probabilidade é de haver uma ênfase maior nos processos intelectuais e em métodos analíticos.

Virgem no nadir significa Peixes no zênite. A vida pública e/ou profissional deve estar afeta a grandes questões sociais, sobretudo em termos de uma transformação do *status quo*. Albert Einstein - com o signo de Câncer no Ascendente - é um bom exemplo disso, pois sua obra envolveu-o diretamente em mudanças de espantosa magnitude na condução dos negócios internacionais. Ele enfatizou o uso da intuição mesmo nas descobertas científicas, e suas raízes ancestrais tiveram implicações trágicas. Peixes no Meio-do-céu costuma favorecer uma profissão na esfera musical, como no caso de Richard Strauss, mas um enfoque pisciano de nossa participação na sociedade pode assumir muitas formas. Muito depende, como sempre, de saber se há ou não planetas situados na décima Casa e quais são eles. O grande humorista Will Rogers tinha um Meio-do-céu pisciano. O humor, em certo sentido, se relaciona a situações de crise, porque desafia supostos valores e aparências, em especial com relação a figuras e instituições públicas. Por outro lado, o papa Pio XII, com um Meio-do-céu pisciano e um Ascendente Sagitário, liderou uma organização religiosa numa época de crise.

Se a situação for inversa e Virgem estiver no Meio-do-céu - e Peixes, portanto, na cúspide da quarta Casa -, podemos encontrar uma pessoa que se identifique com amplas tendências sociais numa ocasião em que pode ser seu destino pessoal centralizar forças para uma mudança radical. Isso, por sua vez, força-a a assumir uma abordagem crítica, característica de Virgem, das instituições sociais ou de modelos profissionais estabelecidos. Vemos isso fortemente acentuado no mapa astrológico do grande iconoclasta Nietzsche e no de Benito Mussolini, promotor do fascismo e do estado administrativo. (Mussolini usou até óleo de rícino como instrumento de poder político, pois seus correligionários forçavam os opositores políticos a beber uma grande quantidade desse produto na noite anterior a decisivos pronunciamentos políticos e à votação, com os resultados intestinais que

seriam de esperar para as vítimas!) Lênin foi outro exemplo, com um Ascendente Escorpião sugestivo de uma apaixonada identificação com forças coletivizantes; seu nadir pisciano condizente com uma nação em crise, às portas de uma total transformação.

Ao encerrar este capítulo, devo ainda salientar que o que ficou dito indica tendências que podem ser profundamente modificadas pela presença de planetas nas Casas angulares e por suas relações com outros planetas. De mais a mais, é imprescindível considerar os graus do zodíaco nos quatro ângulos de um mapa. Mas isso já diz respeito a outro campo de estudo, que está pleno de ambigüidade e de afirmações confusas, ainda que muito significativas. Só posso dizer aqui que símbolos de graus podem acrescentar uma nova dimensão à interpretação do *caráter* interno dos ângulos e de todos os planetas. Eles indicam, ao menos hipoteticamente, a qualidade interior da situação básica e a atividade representada pelos ângulos e pelos planetas localizados nesses graus; todo o conjunto de 360 graus, teoricamente, pode associar-se ao conjunto de 64 hexagramas do I Ching. Mas, para fazer isso, a série cíclica de símbolos de graus precisa provar a validade por sua consistência interna e pelas inter-relações estruturais dos símbolos, quando eles são relacionados de vários modos.

O único conjunto que acredito satisfazer esses requisitos é o dos Símbolos dos Sabeus, registrados na década de vinte por Marc Edmund Jones e Elsie Wheeler, e que reproduzi com a permissão de Marc Jones em *Astrology of Personality*. Todavia, quando esse livro foi escrito - 1934-36 -, eu ainda não tinha feito suficiente uso desses símbolos para compreender que sua formulação, e especialmente sua interpretação, precisava de uma profunda revisão. Marc Jones procurou fazer isso em livro posterior, *Sabian Symbols*, mas eu pessoalmente não me dei por satisfeito com os resultados. Uma série de artigos que escrevi para *American Astrology* em 1945-46, *The Wheel of Significance*, também deixa muito por fazer. Ainda assim, mesmo na forma em que estão, esses símbolos podem representar um instrumento importante nas mãos de um intérprete intuitivo que não lhes sobreponha um ponto de vista filosófico ou social, mas deixe todo detalhe da imagem ou cena simbólica falar por si mesmo.

Os Planetas nas Doze Casas

A relação entre um planeta e uma Casa pode ser interpretada de dois modos. Por um lado, o planeta numa Casa indica que o tipo básico de experiências a que a Casa se refere pode ser gerido mais satisfatoriamente pela função fisiológica e em especial pela função psicológica simbolizada pelo planeta. Por outro lado, o fato de um planeta se localizar numa determinada Casa sugere que o caráter das experiências representadas por essa Casa afetará o modo normal de operar da função planetária. Para ilustrar este último ponto, poderíamos dizer que se uma pessoa vive numa região ártica, seu fígado e seu impulso para a realização física operarão de um modo distintamente diverso do que se poderia esperar nos trópicos.

As Casas costumam ser associadas com vários tipos de *circunstâncias* da vida, e essa interpretação é correta até certo ponto. Numa astrologia estritamente centrada na pessoa e humanista, o essencial é a *experiência* do indivíduo sob essas circunstâncias (circunstâncias significa literalmente o que circunda aquele que experimenta); em outras palavras, o aspecto subjetivo das Casas é salientado mais que a situação objetiva que induziu a experiência. Isso parece muito mais importante porque as mesmas circunstâncias externas podem produzir diferentes experiências em diferentes indivíduos, ou mesmo em diferentes períodos na vida de um mesmo indivíduo. O que importa psicológica e holisticamente é a atitude do indivíduo para com o que está ocorrendo.

Um planeta numa Casa indica qual o tipo de atividade funcional *condicionará naturalmente* essa atitude. É "natural" a um gato o desejo de devorar pássaros, mas o gato pode ser adestrado para não caçar pássaros. Em termos do equilíbrio ecológico da natureza, entretanto, é "melhor" que todo organismo vivo aja de acordo com seu instinto, sendo a morte apenas uma fase do vasto processo rítmico da natureza. No *Bhagavad-Gita*, a divina Manifestação, Krishna, ordena a seu discípulo Arjuna que siga seu próprio *dharma*, vale dizer, aquilo que no homem é o *consciente*, equivalente do instinto compulsivo e inconsciente de animais e plantas. Arjuna, chefe da casta dos Guerreiros, é instruído a ferir seus inimigos não sob o impulso do ódio *pessoal*, mas como um agente consagrado da Vontade divina, deixando essa Vontade responder pelos resultados da luta.

Se, portanto, Marte se situar na primeira Casa de uma pessoa, essa pessoa achará "natural" se comportar como alguém dotado de impulsividade marciana; assim fazendo, ela terá "melhores" condições de chegar a compreender sua própria "verdade ôntica" essencial *ou* identidade espiritual. Por outro lado, nessa pessoa, a função marciana tenderá a ser fortemente individualizada, porque seu propósito básico será o de revelar ao indivíduo aquilo que ele realmente é. A função marciana será mais eficiente - cumprirá mais fielmente sua finalidade - quando for usada em termos das questões referentes à primeira Casa, e não, por exemplo, em termos dos amores e filhos da quinta Casa, *ou* da administração de assuntos pessoais ou conjugais própria da segunda e da oitava Casas etc.

Isso, obviamente, não quer dizer que a função de Marte não possa operar em todas as circunstâncias da vida em que ela seja necessária; mas o *caráter típico* dessa operação, no caso mencionado, deve levar a marca de um propósito altamente individualizado e, ao menos em certo sentido, relacionar-se *constantemente com* o problema central da autodescoberta, a fim de ter o máximo valor para a pessoa com Marte na primeira Casa.

Creio que só quando esse enfoque básico dos planetas e de suas posições nas Casas natais for bem compreendido, o estudante de astrologia poderá usar esse instrumento astrológico específico com proveito. A dificuldade de apresentar exemplos específicos é a de que a posição por Casa de um planeta constitui apenas um dentre muitos fatores que interagem constantemente. Fique bem claro, entretanto, que um planeta em qualquer Casa, ou em qualquer signo do zodíaco, sempre conserva seu *caráter funcional* básico. O conceito tradicional de que um planeta é forte ou fraco, ou está em exaltação ou detrimento em certas Casas e posições

dos signos está franqueado a debates; seja como for, força ou fraqueza não muda o caráter funcional *do* planeta. Quando muito, pode apenas indicar se as circunstâncias e a constituição genética são mais ou menos favoráveis para a operação da função. Uma função relativamente fraca pode dominar a *consciência do organismo e talvez* encontrar substitutos para a ação, quando essa ação for essencial à sobrevivência ou ao propósito básico do indivíduo; além do mais, precisamos compreender que os chamados aspectos inarmônicos também podem liberar grande vigor. Não obstante, a posição de um planeta muito próximo a um dos ângulos de um mapa torna sua função um traço proeminente do enfoque básico pelo qual a pessoa encara a vida.

O que se segue deve apenas ser considerado como uma série de enunciados gerais ou diretrizes para interpretação. Repito que muitos fatores podem modificar o que aí se diz, e nenhum astrólogo pode dizer ao certo em que nível a função do planeta operará na vida do indivíduo cujo mapa esteja sendo estudado, a não ser que se conheça ou sinta com profundidade intuitiva o estado de consciência e o nível evolutivo desse indivíduo. Ainda assim, não é possível afirmar nada com absoluta certeza porque o indivíduo, na maioria dos casos, é realmente livre para decidir quanto ao tipo de reação que terá diante de qualquer desafio básico.

O SOL. Em cada Casa, o Sol indica que o tipo de experiência a que se refere a Casa tenderá a demandar uma liberação espontânea e ao menos relativamente poderosa de *energia vital*

Na *primeira Casa*, essa energia deve iluminar e sustentar a busca de identidade e a percepção intuitiva de quem realmente se é, ou da própria auto-imagem. A pessoa com o Sol a ponto de se elevar pode experimentar um entusiasmo interior, um ponto de vista novo, ou simplesmente uma saúde vigorosa que lhe permita mostrar o que ela é de uma maneira distinta e convincente. É nessa busca de identidade e em todos os feitos que exijam auto-afirmação pessoal e intensidade emocional que a função do Sol será requisitada a operar mais eficazmente. O aspecto negativo dessa posição pode ser orgulho e de *"in-solência"*.

Na *segunda Casa*, o Sol tende a estimular a produção de riqueza interior ou exterior, isto é, a transfusão de energias coletivas, ancestrais ou sociais na personalidade; o resultado pode ser que essas energias coletivas - que podem manifestar-se como dinheiro - potenciem exageradamente a individualidade da pessoa, que elas usem, em vez de serem por ela usadas.

Vitalidade pode se tornar possessividade, o "ter" pode suplantar o "ser". Por outro lado, a pessoa pode tornar-se um administrador de riquezas muitíssimo bem-sucedido e cumprir, desse modo, o seu destino individual.

Na *terceira Casa*, a vitalidade solar deve acentuar a faculdade de adaptação ao ambiente, que em seu sentido caracteristicamente humano significa inteligência. As atividades intelectuais atrairão um abundante fluxo de energia. Experiências iluminadoras podem ser obtidas através do poder da mente - uma mente, ao mesmo tempo, analítica e clara, o Sol na terceira Casa não torna necessariamente a pessoa intelectual, no sentido usual dessa palavra. Pode, entretanto, transformá-la numa poderosa força que vitalize tudo quanto a circunda, como Abdul Baha, o filho do grande profeta persa, que, durante quarenta anos de confinamento em Akka, levou a luz e o amor a todos os seus companheiros.

Na *quarta Casa*, o Sol acentua o poder vivificante das experiências interiores de integração pessoal e, em muitos casos, sugere um contato vital com a própria ancestralidade, com o próprio lar e a própria tradição. As raízes da personalidade são fortes, e experimentar-lhes o poder pode levar, natural e espontaneamente, a algum tipo de iluminação. Mas o interesse pelo lar e pela terra pode exigir uma grande difusão de energia. A autoconfiança e uma profunda crença na própria "fonte" são características dessa posição, mas pode significar também que se tem de buscar segurança e lutar para obtê-las.

Na *quinta Casa*, o Sol pode, mas não necessariamente, *revelar* criatividade artística e espontaneidade radiante na auto-expressão. As forças vitais tendem a exprimir-se em ações aventurosas e talvez especulativas, que costumam ser ricas de conteúdo emocional, mas em geral egocêntricas e podem representar meramente um escape de pressões que pareçam intoleráveis. O tema do amor talvez seja dominante - como no caso do duque de Windsor. Também pode haver um forte impulso interior para o uso do poder e talvez para a liderança, sobretudo em situações que requeiram intensa vitalidade. Poder-se-ia citar o exemplo de Franklin D. Roosevelt e o de Lênin.

Na *sexta Casa*, o Sol pode indicar a importância de seguir o caminho da prestação de serviço, da devoção e do discipulado, pois um indivíduo hábil pode iluminar esse caminho. O trabalho intenso ou a concentração mental retirará sua energia de fontes de vigor localizadas no íntimo do próprio indivíduo. As crises e os acontecimentos transformadores serão enfrentados com muito ânimo e fé. Deve ficar claro para a pessoa que esses

acontecimentos críticos precisam e podem ser enfrentados com sucesso. E de se esperar um senso de dedicação a uma tarefa altamente estimulante, mas o Sol na Casa que também se relaciona com saúde e doença pode significar a necessidade de a pessoa usar a própria força de vontade para se curar. *Não* significa baixa vitalidade, mas a concentração de energias vitais para o propósito de vencer alguma debilidade, o karma, ou o resultado de más ações.

Com o Sol na *sétima Casa*, as forças vitais tendem a ser estimuladas principalmente nas inter-relações pessoais. O indivíduo normalmente alcançará a mais clara compreensão da finalidade básica de sua vida, pelo fato de se associar com outros tendo em vista estabelecer um fundamento em que um senso de co-participação para fins sociais possa se basear. O indivíduo pode ser uma luz para os companheiros, ou talvez descubra sua verdadeira vocação ao lidar com assuntos das relações interpessoais - como fez o psicólogo Carl Jung. Num sentido negativo, ele pode ser um autocrata que usa os companheiros para satisfazer seu objetivo de domínio. Seja como for, os relacionamentos interpessoais exigirão e receberão muita atenção; eles terão o melhor do indivíduo, de acordo com o caráter de seu ser e de seu destino.

Na *oitava Casa*, o Sol pode favorecer os resultados de qualquer relacionamento e tudo quanto aumente e ilumine o senso de união íntima e de integração com um processo grupai, com um ritual social ou oculto. Pode estimular a capacidade para a administração de negócios ou para a identificação com qualquer poder ou entidade que pareça capaz de ajudar o indivíduo a trespassar a barreira do conhecido, do familiar e do egocêntrico. Iluminará o uso que a pessoa fizer do poder nascido dos seus relacionamentos e daquilo que o passado recente de sua raça ou sociedade lhe põem à disposição para ser usado; daí a referência a legados, nessa Casa.

Na *nona Casa*, o Sol ilumina o entendimento mas também pode indicar uma ambição devoradora. Ele vitaliza todas as tentativas para expandir o próprio ser ou o grupo. A atração exercida pelo estranho e pelo exótico pode ser grande, como também pelo misticismo. As preocupações religiosas e filosóficas são acentuadas, porquanto o impulso vital é no sentido de descobrir a base em que operam todos os relacionamentos sociais e cósmicos; conseqüentemente, o significado da vida e de todos os acontecimentos. Os "grandes sonhos" devem ser contemplados e estudados. O perigo é ver-se a pessoa exageradamente motivada por ideais de grandeza, ou megalomania, a ponto de perder contato com os fatos do dia-a-dia.

Como a *décima Casa* é o campo da realização e das ações públicas ou profissionais, o Sol nessa Casa pode significar sucesso exterior, liderança, poder e prestígio **social**. **Pode** relacionar-se com o fato de ter um pai ilustre ou a viver numa sociedade autoritária. Pode também significar que a energia básica da natureza do indivíduo será exigida mais ou menos constantemente para o controle de dificuldades, isto é, de situações negativas. Quando um planeta está numa Casa, também podem surgir problemas com relação ao tipo de força que esse planeta representa. Com essa posição solar, costuma-se alcançar proeminência por meio de muito esforço, mas em outros casos pode haver uma radiância natural, espontânea e irreprimível na personalidade, que produz o fascínio dos homens.

O Sol pode se encontrar na *décima primeira Casa* do mapa de nascimento de pessoas cujo ímpeto interior no sentido das reformas sociais ou culturais, ou mesmo de uma revolução, está no seu ponto de maior intensidade, pessoas que podem imprimir uma nova vitalidade em grupos sociais e culturais a que pertencem. A energia dessas pessoas se orientará mais para o futuro do que para a satisfação esperada de modelos tradicionais. Eles podem ser adeptos de uma causa - como o foram George Washington, Sun Yat-sen ou o escritor Upton Sinclair. Mas também podem ser excelentes administradores de bens sociais e acumular amizades ou desenvolver gostos refinados.

O Sol na *décima segunda Casa* tende a lançar sua luz sobre os negócios "não concluídos" do passado. O resgate do carma pode se tornar uma atividade central na vida do indivíduo, o que pode significar a purificação do subconsciente e o repúdio de todos os fantasmas da vida não vivida - seja em termos do conceito de reencarnação ou com relação aos primeiros 28 ou 56 anos desta vida atual. O indivíduo pode precisar de grande energia solar para desempenhar sua tarefa, e sua atenção será atraída repetidamente para ela. A iluminação pessoal pode vir enquanto se está na prisão ou confinado por crises fisiológicas, sociais ou psicológicas. O indivíduo pode receber poder mediante a identificação com alguma grande imagem do inconsciente coletivo, com base na qual pode recomeçar a vida.

A LUA numa Casa escolhe um campo de experiência em que a capacidade de adaptação aos desafios da vida cotidiana tem mais probabilidade de ser exigida. O indivíduo terá de tatear o seu caminho cautelosamente, pronto a aceitar soluções acomodatórias necessárias e a tomar cuidado para não

se deixar dominar por caprichos pessoais ou pelas exigências dos que dependem dele ou dela como orientador ou como "mãe".

Na *primeira Casa*, essa faculdade lunar de adaptação e avaliação instintiva de oportunidades e de perigos opera dentro de uma estrutura individualista mais ou menos bem definida. O indivíduo necessita dessa faculdade - que também pode se manifestar como confiança numa figura materna - para compreender seu caráter exclusivo e seu próprio destino. Experiências de autodescoberta, sob certos aspectos da Lua, podem ser fugidias e irracionais. Num mapa feminino, a experiência da maternidade pode ser decisiva e talvez estruture toda a vida.

Com a Lua na *segunda Casa*, um indivíduo tem de usar todos os seus recursos sem rigidez, e permanecer receptivo ao que cada dia lhe trouxer. Se for uma figura pública, um artista ou escritor, a reação do público condicionará sua situação financeira. Todas as situações econômicas tendem a ser fluidas. Uma pessoa com a Lua na segunda Casa pode ser muito sensível às necessidades da vida e às exigências do inconsciente coletivo.

Uma Lua na *terceira Casa* deve estimular a atividade intelectual e a capacidade de encontrar o próprio caminho no que pode ser um ambiente perturbado ou caótico. Os relacionamentos com irmãos e particularmente com um parente do sexo feminino - ou com mulheres em geral - podem estimular a imaginação e orientar o desenvolvimento de uma inteligência aguda. É preciso objetividade para complementar sentimentos e dissipar humores adversos.

Na *quarta Casa*, a Lua se relaciona, em grande parte, à influência materna e ao sentimento que se tem para *com o lar* e a tradição. O indivíduo pode, muitas vezes, retirar-se para suas bases psíquicas, talvez por medo de confrontações perturbadoras. Uma forte sensibilidade para os sentimentos das pessoas e para a atmosfera psíquica de lugares em que se vive pode ser necessária à sobrevivência ou à paz de espírito; pode também causar problemas em consequência de um enfoque demasiado subjetivo das duras realidades da existência. Um exemplo disso é Helen Keller, que, apesar de surda e cega, tornou-se uma pessoa conhecida e um símbolo de corajosa adaptação como o auxílio de uma notável mulher.

A Lua na *quinta Casa* pode acentuar a *imaginação poética*, mas também uma vida emocional instável, demasiado sujeita a impulsos passionais. No entanto, aí a função da Lua é necessária para atuar como a mãe dos filhos, ou como musa mística que inspira o artista ou músico.

Uma mulher que é mãe deve evitar manter os filhos presos psiquicamente, muito embora eles possam necessitar muito de sua orientação.

Na *sexta Casa*, a Lua pode ocasionar extrema sensibilidade para as necessidades de mudança e de reorientação pessoais. O indivíduo necessita dessa função lunar para se haver com problemas de ajustamento a condições de trabalho, geralmente intenso, ou a saúde precária. Em tempo de tribulação, ele pode ansiar por um tipo materno de proteção, mas deve, em vez disso, depender de sua própria capacidade para se adaptar e achar soluções acomodáticas construtivas, ainda que isso possa parecer mero utilitarismo.

Na *sétima Casa*, a Lua deve proporcionar a sensibilidade necessária para o indivíduo se adaptar às idiosincrasias e exigências de um parceiro. Flexibilidade em matéria de relacionamentos interpessoais, especialmente no casamento, é muito importante. O próprio relacionamento deve ser alimentado, e um cuidado ainda maior deve ser dedicado a ele do que ao parceiro. É preciso selecionar um parceiro que possa responder à própria projeção psíquica da pessoa, especialmente se estiver sendo considerada a *sétima Casa* de um mapa *masculino*.

Na *oitava Casa*, a função lunar pode estar relacionada com a capacidade de prever tendências no campo dos negócios e com a necessidade de uma abordagem sensível dos estados de espírito normais. A Lua nesse campo de experiência pode ser semelhante a um espelho mágico que *reflita* forças invisíveis em ação. Mas, se em aspectos intensos com alguns planetas essa Lua pode acarretar confusão, uma fascinação pelo oculto e uma passividade em relação às forças elementares. Orientação e uma mente analítica e prática devem ser extremamente valiosas.

A Lua na *nona Casa* indica a capacidade potencial de adaptar-se a condições não-familiares e talvez *exóticas* ou transcendentais de existência, ou a novos conceitos e símbolos. Essa é uma valiosa posição lunar para pessoas envolvidas em grandes empreendimentos ou na busca de verdades metafísicas ou de princípios abstratos. Ela tende a capacitar a consciência a refletir o que a mente pode não ser capaz de analisar racionalmente. Em alguns casos, pode produzir a vidência ou uma aguda compreensão de profundas correntes na política, bem como a capacidade de formular relevantes planos de ação.

Na *décima Casa*, a Lua indica uma capacidade de pôr em operação grandes conceitos ou planos sociais quando fazê-lo for prático e acima de tudo conveniente. As necessidades do momento e o estado de espírito do

público em relação aos assuntos sociais ou políticos são competentemente avaliados, e a ação adequada se segue facilmente, a não ser, é claro, que a função da Lua seja perturbada por outros fatores. O presidente Franklin D. Roosevelt é um bom exemplo de uma Lua na *décima Casa*, mas com um vigoroso Marte nas proximidades desafiando sua atividade pública. Gandhi é outro exemplo.

Na *décima primeira Casa*, a Lua pode refletir as realizações de uma sociedade e seu estilo de vida, conferindo ao indivíduo amizades maravilhosas e sentimentos descontraídos, ou pode tornar esse indivíduo agudamente consciente de falhas e injustiças sociais, e concentrar um sentimento coletivo ou descontentamento público e talvez rebelião. No mapa tradicional de Joana d'Arc, a Lua está em conjunção com Júpiter nessa *décima primeira Casa* - situação bastante apropriada para alguém cujas "vozes" levaram ao ressurgimento de seu país invadido e ao nascimento da nação francesa.

Na *décima segunda Casa*, a Lua indica um dote psíquico, ou a capacidade geral de refletir na mente o significado total da transição entre um ciclo que se encerra e o nascimento de outro. Tudo depende do que for feito com essa faculdade. Ela pode ser esmagadora e desconcertante. Pode precipitar o carma, levando a uma espécie de acerto de contas. É preciso ter cuidado com uma atitude passiva ou derrotista, e com uma receptividade demasiada ao *inconsciente* coletivo, ou aos próprios complexos pessoais.

MERCÚRIO numa Casa indica o campo de experiência em que o poder de comunicar informação, de lembrar os resultados e as causas de experiências passadas, de estabelecer relacionamentos entre essas experiências pode operar com a máxima eficiência. O que também é revelado é o tipo de circunstâncias que requererão o uso desse poder de Mercúrio.

Quando esse planeta se encontra na *primeira Casa*, a pessoa tenderá a usar suas faculdades mentais para descobrir a natureza de seu ser e destino essenciais. Ela se verá diferenciada de outras pessoas por seu enfoque intelectual dado a seus próprios problemas. Muito dependerá da circunstância de estar o Sol acima ou abaixo do horizonte. No mapa do místico hindu Ramakrishna, Mercúrio e Júpiter estão na *primeira Casa*, mas por ocasião de seu nascimento o Sol e a Lua estavam em conjunção na *décima segunda Casa*, o que, portanto, polarizou suas energias vitais devocionais.

Na *segunda Casa*, pode haver necessidade de concentração intelectual em problemas administrativos e financeiros, ou nos meios de utilização de instrumentos de pensamento proporcionados por nossa cultura, e talvez para aprimorar produtos naturais ou técnicas de produção ou de aquisição. Pode-se obter dinheiro mediante esforços intelectuais.

Na *terceira Casa*, Mercúrio opera num campo de experiência para o qual é particularmente adequado. A pessoa deve enfatizar as faculdades intelectuais, qualquer processo de aprendizado e as questões relativas à comunicação de informação, ao avaliar o ambiente e ajustar-se a ele. Essa é uma ótima posição para experimentalistas no campo das ciências, como Louis Pasteur e Luther Burbank.

Na *quarta Casa*, Mercúrio deve ser particularmente eficaz como poder de concentração intelectual e também de discriminação em termos do que melhor se poderá usar para proporcionar uma base sólida para segurança pessoal e força de caráter. Em alguns casos, a mente, nessa Casa, é dominada por tradições nacionais e religiosas.

Na *quinta Casa*, Mercúrio pode conferir dotes literários e a capacidade de projetar os próprios impulsos emocionais em formas que possam ser comunicados a outras pessoas. O impulso criativo pode, no entanto, ser demasiado formalista e sistematizado, perdendo parte de sua espontaneidade e franqueza. Por outro lado, a mente pode ser controlada pelas emoções e pelos impulsos do ego.

Na *sexta Casa*, Mercúrio tende a relacionar-se com o trabalhador intelectual, ou, pelo menos, mostra a importância de usar a própria mente quando se está no trabalho, ou quando se está a serviço de uma causa ou de uma grande pessoa a que nos devotamos. Como a sexta Casa se relaciona com situações de crise e com a autotransformação, a mente deve ser flexível, crítica, discriminativa e capaz de imprimir objetividade à vida emocional - dos outros, bem como de nossa própria. Exemplos de Mercúrio na sexta Casa são Carl Jung, Franklin D. Roosevelt e V. I. Lênin.

Mercúrio na *sétima Casa* favorece contatos com intelectuais e todas as atividades que formalizam relacionamentos interpessoais - contratos e acordos intelectuais de todos os tipos. A mente se desenvolverá e amadurecerá por meio dos relacionamentos humanos mais do que pelo estudo dos livros. Deve-se ser objetivo e claro nos relacionamentos.

Na *oitava Casa*, Mercúrio precisa elaborar os pormenores práticos de contratos em todos os níveis. Deve emprestar objetividade a sentimentos de comunhão e à busca do além. Nessa Casa, Mercúrio pode assumir um

caráter transcendental e maior profundidade, como foi o caso da vida de Ralph Waldo Emerson e de Mary Baker Eddy, fundadora do movimento Ciência Cristã.

Na *nona Casa*, Mercúrio é convocado a definir, com a maior clareza possível, conceitos abstratos ou intuições religiosas, ou planejar cuidadosamente viagens distantes e tentativas de expansão em grande escala. Pode ajudar a recordar sonhos e a relacionar experiências não familiares à própria individualidade e propósito.

Na *décima Casa*, Mercúrio tem probabilidade de proporcionar uma base intelectual à vocação do indivíduo. Deve definir claramente a própria participação consciente na comunidade ou na sociedade em geral. A mente tende a ser atraída por problemas sociais e profissionais que necessitem de solução e que o indivíduo sente que pode solucionar.

Na *décima primeira Casa*, Mercúrio pode provocar muitos contatos valiosos com pessoas de elevada estatura intelectual. A mente deve ser usada para estudar e criticar o passado, e para planejar um futuro melhor. Os amigos podem esperar estímulo mental de você, assim como aconselhamento intelectual. É preciso tentar formular com clareza as próprias esperanças e desejos.

Na *décima segunda Casa*, Mercúrio assinala uma vida voltada para o interior, uma vida de meditação talvez dedicada a propósitos transcendentes, ou talvez forçada a retirar-se pela sociedade ou por doença vinda de sua atividade exterior. É preciso dar muita atenção a intuições, palpites ou orientação interior. A mente pode fixar-se no cuidado de crises ou de injustiças sociais, ou do próprio carma pessoal e de impulsos subconscientes.

VÊNUS numa Casa indica o campo de experiência em que o desejo de relações interpessoais e a comunhão de valores tenderão, espontânea e mais eficientemente, a operar, e também o modo como esse tipo de experiência pode liberar o significado pleno da pessoa.

Com Vênus na *primeira Casa*, uma pessoa provavelmente procurará descobrir seu caráter ímpar e seu propósito individual de uma maneira aberta e magneticamente atraente pois sentirá que essa descoberta envolve o relacionamento com outras pessoas. Entretanto, ela tenderá a atribuir a si mesma tudo quanto realizar em associação com outros. Ela quer, acima de tudo, aquilo que experiências amorosas e valores culturais lhe possam

acrescentar. Ela atrai outras pessoas, mas geralmente para possuí-las ou integrá-las em si mesma.

Na *segunda Casa*, o caráter possessivo de Vênus será provavelmente muito forte. O indivíduo pode encontrar em si o florescimento de uma tendência significativa oriunda de sua cultura ou de seu passado ancestral, levando esse passado a uma consumação. Deve extrair dele valor e sentido; quando se relacionar a riquezas, deve deixá-lo operar de maneira harmoniosa e significativa, sem subordinar o amor ou o significado às posses.

Com Vênus na *terceira Casa*, uma pessoa talvez queira comungar valor e amor com pessoas que lhe sejam próximas, parentes e vizinhos. Vênus nessa Casa confere um brilho à necessidade de aproveitar ao máximo o próprio ambiente. Deve-se procurar embelezar, harmonizar, integrar esse ambiente tanto física como psicologicamente, e também imprimir calor ao mero oportunismo intelectual.

Na *quarta Casa*, Vênus tende a levar harmonia à situação do lar e a interpretar o próprio senso de enraizamento numa família, numa terra, numa tradição em termos da própria responsabilidade de levar à fruição os valores que esse enraizamento implica. Um certo grau de introversão pode ser valioso, pois o indivíduo precisa dar sentido a seus sentimentos.

Vênus na *quinta Casa* indica que uma pessoa pode avaliar melhor a vida e compreender o significado de seu próprio caráter quando empreende atividades criativas ou busca alguém que atue como elemento catalisador para a revelação da verdade arquetípica de seu ser. O indivíduo precisa projetar-se exteriormente a fim de ver a própria imagem refletida nos olhos e no amor de alguma outra pessoa. Essa projeção pode ser frustrada repetidamente, mas o desejo permanece. Pode significar autoprojeção no próprio filho; e, se assim for, o que se precisa evitar é apego, e possessividade exagerada.

Na sexta Casa, Vênus lança um brilho de esperança e fé sobre as provas dos períodos de transição, porque o estado crítico entre duas condições pode mais facilmente adquirir sentido em termos de todo o processo da existência. A prestação de serviço pode impregnar-se de amor, a rotina do trabalho por um entendimento mútuo entre empregado e empregador. A vida emocional do discípulo pode concentrar-se no Mestre e de fato render-se a ele, mas isso costuma envolver uma difícil transcendência do ego e repolarização emocional.

Teoricamente, a *sétima Casa* é o campo de experiências em que Vênus pode verdadeiramente radiar, mas Vênus também pode insistir em

que toda relação íntima revele seu significado e valor mais profundos. A qualidade do relacionamento pode ser mais importante que o parceiro como indivíduo, porém, sem relacionamento, a vida pareceria estéril. Não obstante, aspectos discordantes com Vênus podem conferir um traço negativo ou mesmo sádico à necessidade que determina o relacionamento. Adolf Hitler representa um excelente exemplo de um Vênus operando na trilha da destruição, pois era também o regente planetário de seu signo ascendente, Libra. Vênus pode devorar tanto quanto abençoar com amor.

Na *oitava Casa*, Vênus pode levar a bom termo contatos e acordos de negócios. A comunhão com os parceiros é normalmente harmoniosa, mas o dinheiro pode não ser o único fator envolvido. Vênus nessa Casa deve ser usado para aglutinar com amor os membros de um grupo produtivo ou de um grupo de pessoas que busquem realidades transcendentais. Deve ajudar a manter claros e convincentes o sentido e o valor do grupo.

Às experiências típicas da *nona Casa*, Vênus deve acrescentar um senso de valor individual que uma pessoa ambiciosa, ou que esteja tentando escapar para planos de consciência exóticos ou pseudomísticos, pode facilmente perder. Mas Vênus nessa Casa pode acrescentar encanto e emoção a qualquer aventura ou viagem longa. Pode conferir a um artista criativo uma imaginação inspirada por perspectivas religiosas, metafísicas ou cósmicas.

Na *décima Casa*, Vênus pode ser indício de uma vocação artística ou, mais geralmente, da capacidade de organizar e integrar grupos de pessoas - ou materiais - e dar-lhes uma forma significativa. Essa é uma boa posição para uma mulher encantadora e inteligente que queira promover a reunião de pessoas importantes. Ela pode então representar um papel significativo reunindo as pessoas certas para a finalidade adequada - como ela a encare.

Vênus na *décima primeira Casa* pode constituir-se num poderoso ímã, estabelecendo campos de atração em que os seres humanos possam gozar e tirar proveito dos resultados de suas atividades públicas ou profissionais, seja como amigos verdadeiros ou como pessoas que comunguem num mesmo ideal em uma dada cultura. O amor à beleza e às artes, ou um profundo sentimento pelas pessoas esmagadas pela sociedade pode ser experimentado. Vênus nessa Casa é o grande humanitário, bem como a pessoa aprimorada pela cultura. É provável que os valores coletivos sejam mais significativos que os valores pessoais.

Na *décima segunda Casa*, Vênus pode representar dependência a valores tradicionais e lucros de instituições do Estado, ou a tentativa do

indivíduo de sondar o significado tanto das realizações de seu próprio passado como das realizações da sociedade, talvez principalmente para ter uma base significativa para recomeçar. Se mau aspectado, Vênus na décima segunda Casa pode referir-se a complexos emocionais que necessitem ser investigados e vencidos, talvez num lugar de retiro ou em confinamento.

MARTE numa Casa revela o campo de experiência, e portanto as circunstâncias, em que o vigor físico, a iniciativa na busca do que se quer e algum grau de agressividade podem aplicar-se mais eficientemente em termos do destino ou *dharma* individual de uma pessoa.

A energia de Marte na *primeira Casa* pode ser mais bem usada para penetrar através das aparências e forçar o próprio caminho rumo ao centro de nosso próprio ser mais interior. Mais geralmente, a busca de uma auto-imagem pode ser efetuada com maior eficácia mediante formas personalizadas de atividade, envolvendo-se a pessoa totalmente no que pretende fazer. Bom exemplo disso é o presidente Theodore Roosevelt, cuja política do *big stick* deu um forte impulso ao expansionismo americano. Roosevelt foi uma criança debilitada, e provavelmente compensou isso tornando-se um símbolo de agressividade.

Marte na *segunda Casa* não significa falta de dinheiro, como alguns astrólogos afirmam, mas sim uma constante vazão de dinheiro que pode levar à ausência de reservas. Uma pessoa assume riscos na administração de seus recursos e pode talvez obedecer impulsos irracionais. Tudo tem de ser usado e a função de Marte pode, desse modo, tornar-se ultrapersonalizada e envolvida em valores materiais. Uma pessoa com Marte na segunda Casa pode ser um gênio financeiro ou um mero esbanjador.

Marte na *terceira Casa* indica a necessidade de iniciativa e de coragem em assuntos que dizem respeito ao ambiente. Em compensação, pode revelar a influência de um irmão, parente ou vizinho agressivo que desafie uma pessoa a usar a própria capacidade para dar provas de agilidade intelectual e ação rápida. A mente deve ser arguta e analítica, talvez cáustica quando suas crenças são atacadas. Dante, Victor Hugo, Pasteur e Harold Wilson tiveram Marte na terceira Casa.

Na *quarta Casa*, Marte pode relacionar-se à vida do lar em que o indivíduo tem de enfrentar situações que lhe suscitam emoções e lhe causam irritação; essas situações podem desafia-lo a ser positivo. O impulso interior para combater uma tradição pervertida pode ser evidente,

como no caso de Martinho Lutero. O indivíduo pode procurar aprofundar-se cada vez mais para descobrir uma base sólida para suas atividades pessoais, independentemente dos obstáculos ou das pressões da família.

Marte na *quinta Casa*, que se refere à efusão emocional e à auto-expressão, tende a conferir uma força e um ímpeto extraordinários aos desejos de alguém. Pode acentuar o uso da vontade e o valor da sincera projeção de si mesmo e da disposição para assumir riscos. Deve estimular o poder da fé e a imaginação artística. A finalidade para que a vontade e a imaginação estão voltadas depende do nível em que o indivíduo opere. Tanto Lênin como o papa Pio XII tiveram essa posição de Marte em seus mapas.

Marte na *sexta Casa* geralmente indica um pendor natural para suplantiar deficiências pessoais - talvez físicas - e a vontade de transformar-se pelo trabalho, de reciclagem, de prestação de serviços e/ou de disciplinado. Se houver preocupação com saúde precária, será porque a doença é encarada como um estímulo para buscar saúde ou uma forma mais elevada de bem-estar. Mary Baker Eddy teve seu Marte nessa Casa e fundou a Igreja denominada Ciência Cristã, baseada na fé, na vontade e na negação do mal.

Uma pessoa com Marte na *sétima Casa* pode precipitar-se avidamente sobre qualquer forma de associação íntima. Ela deve demonstrar iniciativa nos relacionamentos interpessoais e buscar parceiros em quem possa suscitar a devoção a uma causa que sua imaginação e sua fé possam ter vislumbrado. As dificuldades com relação aos parceiros constituirão estímulos para usar a própria vontade de poder, ou sobreviver.

Na *oitava Casa*, Marte indica a necessidade de assumir uma atitude agressiva, ou pelo menos arrojada, nos negócios e de suscitar o dinamismo num grupo de associados. Nessa posição, Marte é o líder de ritos sociais e ocultos, geralmente impulsivo e imprudente ao conduzir outros a um objetivo.

Na *nona Casa*, evoca a necessidade de avançar com vigor e coragem indômita em todos os assuntos importantes, seja a busca de ouro, de poder, da verdade ou da experiência de Deus. Essa posição deve favorecer autores de processos judiciais e advogados, bem como políticos durante um período de expansão nacional; ela revela o impulso interior que levou Israel a se tornar um símbolo do expansionismo britânico.

As experiências da *décima Casa* podem ser energizadas por Marte, o poder que leva o indivíduo às conquistas públicas e à fama. Pode haver antagonismo a vencer, mas uma boa luta é bem acolhida. O sucesso será alcançado, principalmente por meio de iniciativa, coragem e fé. A energia

da pessoa tenderá a ser mobilizada para fins públicos. Exemplos disso, novamente, são o presidente Franklin D. Roosevelt e o compositor Richard Wagner.

Na *décima primeira Casa*, Marte deve ser usado como força de vontade em toda luta pela realização de nossos ideais. É preciso ser muito positivo no campo da amizade, ou na promoção de objetivos culturais ou espirituais. Isto pode significar problemas e/ou controvérsias intelectuais, que se tomarão muito animadas e emocionantes. Essa é uma boa posição para os reformadores e críticos das injustiças sociais.

Uma pessoa com Marte na *décima segunda Casa* pode levar ao limite máximo a sua revolta contra a sociedade ou contra o que se encontra em seu inconsciente, ou em alguns casos no inconsciente coletivo da humanidade. O poder de Marte pode ser utilizado para penetrar em velhas ilusões ou "depósitos cármicos" - haja vista o caso do grande líder político indiano, iogue e poeta Sri Aurobindo - para remir e transfigurar o passado, ou simplesmente para reclamar o que lhe é devido pelas instituições sociais.

JÚPITER numa Casa não indica necessariamente "boa sorte" em assuntos relacionados a essa Casa. Ele revela qual é o campo de experiência em que o impulso rumo a uma vida maior, mais expansiva e mais plena pode mais significativamente ser focalizado. Júpiter essencialmente simboliza companheirismo humano e o aumento de bem-estar ou de poder que resulta do inter-relacionamento e da cooperação. SATURNO é, em muitos aspectos, o pólo oposto de Júpiter, pois representa o impulso para a autolimitação a fim de assegurar maior segurança e um tipo de atividade mais concentrada; no entanto, visto que o indivíduo é basicamente uma entidade social, a função de Saturno encontra seu verdadeiro campo de ação em conseqüência da atuação da função de Júpiter, isto é, no campo das relações sociais. Saturno toma uma pessoa segura no fato de que sua sociedade o aceita e lhe garante um lugar, um nome, uma marca dentro dela.

Na *primeira Casa*, Júpiter indica que haverá autodescoberta mediante o uso de autoridade pessoal e de poder administrativo. O guru compreende sua "divindade" quando expande a consciência dentro do círculo de seus *cheias* ou discípulos; o administrador necessita de atividades sociais que precisem ser administradas. Há, portanto, uma dependência básica do uso de valores tradicionais que sejam válidos para o grupo.

Por outro lado, Saturno, quando se encontra nessa primeira Casa, revela a necessidade de a pessoa definir *para si mesma* e *por si mesma*

o que ela é. Tende a haver um apego à forma e a tudo que traz concretização às intuições e sugestões internas. Mas esse apego mostra que a sobrevivência ou a sanidade podem depender de definição e focalização claras. Nenhuma posição de Saturno é "má"; Saturno não promove resultados negativos ao tipo de experiências próprias da Casa. Ele apenas diz o que será melhor fazer com tais experiências, e onde o poder auto-projetor e autoconcentrado de Saturno operará de modo mais significativo.

Na *segunda Casa*, Júpiter tende a conferir à experiência de propriedade um senso de abundância, talvez mesmo, às vezes, de saciedade. A função de Júpiter é necessária para administrar riquezas físicas ou psíquicas em termos de seu uso socialmente aceito. O proprietário deve considerar-se depositário dessa riqueza da sociedade, porque o valor de suas posses é de natureza social. O gozo egoísta de privilégios representa o aspecto negativo dessa posição de Júpiter.

Quando Saturno se encontra na segunda Casa, isto não implica ausência de posses, mas sim uma solidificação do conceito e da sensação de propriedade. A inércia de hábitos sociais passados prevalece, porque o indivíduo se sente inseguro. Sua tarefa é concentrar seu senso de propriedade onde possa se sentir seguro, o que pode significar em si mesmo. Não deve buscar expansão para campos cada vez mais vastos mas sim tentar concentrar valores de energias tradicionais em torno de seu próprio centro. O velho avarento é a caricatura desse objetivo.

Na *terceira Casa*, Júpiter deve proporcionar expansividade às experiências relacionadas com esse campo. A inteligência deve usar amplas idéias sociais, morais ou religiosas na busca de uma adaptação às exigências do ambiente não só satisfatória mas também expansiva. Uma pessoa deve enfrentar todas as oportunidades de experimentar, aprender ou comunicar informação com um espírito de cordialidade e de participação social; a mente deve não só coligir mas também integrar dados em amplas classes, para servir de base para generalidades abstratas e princípios de organização.

Ao contrário, Saturno nessa Casa ensina o indivíduo a concentrar-se no essencial e a desenvolver cautela, objetividade e uma economia de meios ao formular ou comunicar conhecimento. O ambiente imediato em que o destino do indivíduo deve se desenvolver pode ser perigoso, ou a pessoa pode ser ultra-sensível a suas pressões. O ego juvenil deve ser isolado ou protegido para permitir um desenvolvimento salutar.

Na *quarta Casa*, Júpiter revela a necessidade de ampliar a base social da personalidade e de socializar a vida doméstica. As experiências relativas ao desenvolvimento da personalidade e a identificação da consciência com algum tipo de tradição ou região adquirirão sua mais alta significação se forem enfocadas com otimismo e confiança na cooperação de todas as pessoas envolvidas. Negativamente, isso pode significar orgulho pelos ancestrais ou pelas propriedades da família, e consumismo exagerado de um ego um tanto inflado; ou, se não por orgulho e pretensão, um anseio de reunir uma corte de admiradores em torno de si mesmo.

Saturno nessa quarta Casa tende a restringir a vida do lar, a atrair as energias de uma pessoa de volta a seu ponto central de origem e a sobre estruturar a consciência, impondo-lhe um código moral estrito ou um modelo de ego gerado pela insegurança ou pelo medo. Mas isso pode ser útil se for necessário viver em termos de um senso de valores seguros e bem ordenados. O indivíduo não deve aventurar-se além de sua própria profundidade e deve cautelosamente tatear o solo debaixo dos pés. Saturno na quarta Casa pode indicar uma condição cármica no lar e enorme pressão por parte de parentes, mas Júpiter pode acarretar ainda mais dificuldades em consequência de uma mente exageradamente otimista e de um anseio profundo por "coisas grandiosas".

Na *quinta Casa*, Júpiter evoca a possibilidade de uma vida amorosa animada e generosa, envolvendo pessoas detentoras de riquezas ou de temperamento expansivo. O indivíduo deve ter fé em seu sucesso final, ainda que passe por tempos difíceis. A educação e o ensino podem ser campos férteis de atividade para ele. Ele pode sentir-se incumbido de uma missão social, e essa crença pode, na verdade, simplesmente servir para magnificar todas as suas tentativas de auto-expressão. A função de Júpiter focalizada na quinta Casa pode implicar um grande anseio de satisfação das próprias ambições e apetites pessoais por meio de outra pessoa, que é encarada apenas como um instrumento para esse fim.

Por outro lado, Saturno restringe o anseio de auto-expressão e de correr riscos no amor, na especulação financeira ou no jogo, porque há um senso inato de perigo e uma insegurança que se manifestam como acanhamento e retraimento social. Todavia, Saturno nessa posição também pode conferir muito maior profundidade à atividade criativa, mesmo que restrinja a produção a um parco número de obras ou a campos muito seletos ou técnicos. As deficiências do indivíduo, entretanto, podem se tornar a

própria base de seu sucesso ou de sua fama - haja vista o caso da surda e cega Helen Keller.

Júpiter na *sexta Casa* pode facilmente trazer para o primeiro plano o relacionamento entre empregador e empregado, ou entre guru e discípulo. Pode produzir compreensão e simpatia sem diminuir o senso de responsabilidade ou a autoridade de quem tem essa responsabilidade. É de se esperar interesse ou envolvimento em problemas trabalhistas ou em todas as formas de cura. O indivíduo em estado de transformação ou crise deve ter esperança e fé; e o que cura ou guia deve dedicar-se totalmente a seu trabalho. Uma sensação de importância pessoal e a exigência de alguma forma de culto devem ser evitadas, ao menos em nossa sociedade ocidental.

Saturno na *sexta Casa* tende a acentuar sensações de deficiência na saúde, no vigor ou na convivência social e, desse modo, indica a necessidade de treinar ou de retreinar, de autodisciplina e de um estilo de vida puro ou reservado. Talvez convenha treinar e exercer a vontade, mas isso pode tornar o caráter rígido e o ego mais forte. Evite transformar a disciplina em dependência rígida a rotinas fixas que não deixem alternativas.

Júpiter na *sétima Casa* revela o valor de uma abordagem expansiva dos relacionamentos interpessoais e um amplo senso de simpatia humana. A experiência de parceria deve ser considerada à luz de uma finalidade sócio-cultural, isto é, como um fundamento de uma participação mais eficiente na própria comunidade ou sociedade. Se o Ascendente da pessoa for Sagitário, ela procurará descobrir sua natureza essencial através do relacionamento. Pode querer relacionar-se com pessoas de vários tipos ou com uma pessoa que lhe ofereça uma profusão de possíveis vias para a comunhão íntima de idéias e energias - exemplo: Carl Jung.

Saturno nessa Casa está ligado a uma sensibilidade restrita, mas talvez muito significativamente voltada para o relacionamento interpessoal. A segurança no relacionamento exigirá obediência a padrões estabelecidos e a ritos tradicionais. Algum tipo de medo ou timidez inato precisa ser vencido por meio de mecanismos sociais que protegem o indivíduo - ou, em alguns casos, por meio de uma dura máscara de agressividade. Pode haver uma transferência da imagem do pai para o marido, ou mesmo para figuras sociais autoritárias, cuja ambição pode exigir rígida obediência mas também proporciona um forte propósito na vida.

Júpiter na *oitava Casa* assinala a necessidade de administrar eficientemente e em termos amplos os frutos de qualquer parceria de que a

pessoa participe. A sociedade pode confiar-lhe responsabilidades como um depositário de riquezas. Como líder de um grupo, ela precisará de compreensão, empatia e um senso de proporção e de justiça. Seu senso social inato buscará situações em que ela possa trabalhar com um grupo e representar um papel controlador em alguma atividade ritualista.

Saturno nessa Casa também pode pôr uma pessoa em relação com um grupo, mas principalmente para o fim de encontrar maior segurança pessoal na partilha de seus problemas e talvez de seus medos com outros, enquanto busca alguma espécie de trabalho ou atuação de natureza social. Procurará, talvez, açambarcar o máximo de poder gerado pelo grupo, mas pode também recusar-se a participar de tudo aquilo em relação a que se sinta seguro, ou que lhe perturbe a imaginação. Se decidir participar, poderá sentir-se solitário e sobrecarregado.

A *nona Casa* se refere a um campo de experiência em que Júpiter pode refulgir em toda a sua glória, seja em termos daquilo que alimenta uma forte ambição social e uma intensa vontade de poder, ou em termos de uma busca ansiosa de compreensão dos processos da existência, seja no nível social, jurídico, histórico, religioso ou cósmico. A mente - e talvez também o ego - procura se expandir em campos cada vez mais amplos para compreender as coisas e reduzi-las a proporções e fórmulas que possam ser administradas. O perigo aí pode ser o fanatismo ou a perda da individualidade em projetos demasiado ambiciosos.

Saturno pode aceitar a idéia de expansão, mas toda etapa do processo tem de ser bem segura. A idéia abstrata ou a experiência mística tem de se concretizar e personalizar. A "experiência de Deus", da alma iluminada, torna-se, nas mãos de seus seguidores, um conjunto institucionalizado de símbolos. A ambição tende a ser limitada pelo ego ao que quer que represente categoria ou posição em termos tradicionais.

Júpiter na *décima Casa* exige que o indivíduo tenha por objetivo papéis grandiosos em que o poder social, político ou religioso seja abertamente demonstrado e aclamado. Ele pode nascer para essa posição social - a rainha Vitória - ou pode adquirir poder e fama com o passar dos anos e por esforço próprio - Victor Hugo, George Gershwin. Ainda que não obtenha reconhecimento público, a meta de ter uma participação significativa no debate de questões humanas comunitárias ou universais deve ser mantida vividamente na consciência do indivíduo como seu destino essencial, embora haja obstáculos pessoais a vencer.

Saturno nessa Casa também impelirá a vida do indivíduo rumo a algum tipo de atividade social, mas os resultados dessa atividade, em muitos casos, servirão principalmente para dar ao ego um senso duradouro de segurança e, talvez, uma posição de força inexpugnável. Em alguns casos, porém, esse Saturno entronizado está ligado ao uso altamente concentrado de poder social ou político para fins que, ao menos a princípio, parecem úteis à comunidade ou nação num estado conturbado e em desintegração. Hitler é um bom exemplo dessa posição de Saturno, como também o é, talvez, Napoleão; também o primeiro-ministro inglês Benjamin Disraeli e o fundador da China moderna Sun Yat-sen. A idéia tradicional de que um Saturno na *décima Casa* significa sucesso político que termina em derrota, por certo, não se aplica necessariamente a todos os casos. De mais a mais, o que importa em astrologia humanista não é o acontecimento, mas sim o estado de consciência do indivíduo. Napoleão, Disraeli e Hitler "conseguiram" tornar-se grandes símbolos na história do mundo ocidental; provavelmente cumpriram o papel que lhes estava destinado.

Júpiter na *décima primeira Casa* indica que o indivíduo deve dirigir suas capacidades para a implementação e a exteriorização de seus ideais e de sua visão dentro da sociedade. Henry Ford é um bom exemplo de sucesso nesse sentido, como o é também o líder mórmon Brigham Young. Mas o ideal pode ser o de desfrutar uma boa vida em companhia de amigos após a aposentadoria, tendo as conquistas profissionais sido concebidas principalmente em função dos resultados financeiros e do conforto que trariam na velhice.

Saturno nessa Casa sublinha o motivo pessoal, o valor dos amigos e dos contatos culturais como promotores de prazer seguro. Ao passo que Júpiter na *décima primeira Casa* pode favorecer alguma importante transformação social - Ford seguramente transformou, por via direta ou indireta, a vida de bilhões de seres humanos -, Saturno tende a indicar um ponto de vista conservador e tradicionalista e, como no caso da rainha Vitória, uma atitude rígida. Mesmo no trato com os amigos, uma pessoa pode sentir a necessidade de apoiar-se em formalismo e em tabus morais, apesar de a função de Saturno poder simplesmente ser usada para dar forma a sonhos ou para simbolizar morte e depressão.

Na *décima segunda Casa*, Júpiter pode ter muitos sentidos, conforme seja ou tenha sido a relação básica de um indivíduo com sua sociedade e com a cultura de seu tempo. Pode trazer riqueza, honra e conforto no final de um ciclo de experiência que testemunhou uma ascensão bem-sucedida a

uma determinada posição social; pode orientar homens e mulheres compassivos e socialmente dedicados a levar conforto e simpatia a pessoas esmagadas por uma sociedade impiedosa; pode tornar algumas personalidades criativas símbolos das grandes realizações do encerramento de um período cultural - como ocorreu com Dante nos fins da era medieval. A vida subconsciente de uma pessoa pode ser reorganizada e seus sonhos ser significativamente integrados, ou então uma existência recolhida em meditação pode abrir a consciência para orientação espiritual - sobretudo em épocas de crises sociais - e talvez para a vontade de sacrifício.

Saturno na *décima segunda Casa* pode levar uma pessoa a dar forma concreta, visual ou audível a imagens subconscientes ou a pressões interiores. Pode haver uma profunda sensação de insegurança psíquica a *reclamar tudo o que possa imprimir ordem e estabilidade* a uma *vida interior* confusa, especialmente se o ambiente social for caótico ou se foi imposta alguma forma de isolamento ou ostracismo. A *décima segunda Casa* tem sido apelidada de "a Casa do carma e da servidão", mas não precisa sê-lo necessariamente. Todavia, Saturno realmente acentua o valor de tratar de "negócios não concluídos" do passado. Isso pode ser *interpretado por* alguns como significando "vidas passadas", seja o que for que se entenda exatamente por essa expressão ambígua.

Como os planetas além da órbita de Saturno permanecem alguns anos num signo do zodíaco, as posições por eles ocupadas nas Casas de um mapa astrológico são de particular importância. Todavia, esses planetas representam processos profundos e radicais de transformação, e o problema do seu intérprete é tentar definir intuitivamente o modo pelo qual uma pessoa pode reagir a esses processos e sobretudo se ela é ou não capaz de reagir positiva e construtivamente.

URANO numa Casa indica o tipo de experiência que permitirá que o poder de transformação e de renovação dentro do mais íntimo do indivíduo opere mais significativamente. Em alguns casos, as possibilidades de transformação radical são exíguas e a pessoa não poderá suportar crises mais radicais; mas uma crise aparentemente superficial pode às vezes ser simplesmente o início de uma metamorfose de maior alcance e mais completa, que esteja ocorrendo abaixo do nível da consciência. O trânsito de Urano pelo Sol natal de uma pessoa, em quase todos os casos com que tenho lidado, é indício de mudança profunda, mas é impossível saber

exatamente como essa mudança se manifestará. Pode ser principalmente uma mudança de consciência e de atitude, ou pode assumir a forma de um choque aparentemente externo e que produz uma crise, quando na verdade o choque acontece *por causa* do modo de desenvolvimento do indivíduo; ou seja, seu destino o provoca. A mesma incerteza predomina quando se procura interpretar o significado da posição de Urano em qualquer Casa. O que se segue, portanto, são apenas indicações muito resumidas.

Na *primeira Casa*, Urano indica que o indivíduo descobrirá sua verdade essencial, ou *dharma*, principalmente através de crises que o desafiem a afirmar, ao menos para si próprio, onde ele se encontra e quais são suas metas. A pessoa pode ir de uma crise para outra, cada uma talvez proporcionando nova iluminação. Nessas condições, a pessoa em questão pode ser um reformador ou líder nato de alguma causa que desafie o *status quo* (Annie Besant, Mary Baker Eddy, Cromwell).

Na *segunda Casa*, acontecimentos repentinos podem alterar a situação financeira da pessoa, ou fatores genéticos podem induzir distúrbios e crises fisiológicos. O indivíduo talvez abandone a fortuna da família e insista em ter independência financeira, repudiando o próprio passado.

Na *terceira Casa*, Urano pode produzir uma mente inquieta e um ambiente sempre em mutação que requeira capacidade para um rápido reajustamento. O indivíduo pode receber de bom grado essas condições de mudança. Exemplo: Mutsu Hito, o imperador japonês que presidiu a conversão de seu país do feudalismo para a indústria moderna.

Na *quarta Casa*, Urano indica a possibilidade de alguém se tornar construtivamente desenraizado, ou de se tornar um instrumento de forças revolucionárias básicas e radicais. O apego a modelos domésticos estáticos ou a um anseio de estabilidade do ego será fútil. Muito depende aqui do que Saturno e a Lua indicam no mapa de nascimento, pois Urano é o grande *inimigo das saturninas* segurança e adaptação normal a um ambiente estável.

Com Urano na *quinta Casa*, uma pessoa pode desenvolver inventividade e originalidade em atividades criativas. Ela não deve depender de padrões ou modos de expressão tradicionais, mas, em vez disso, desenvolver um meio, *eficaz ou não, de liberar suas energias e causar* impacto em sua sociedade. Exemplos: Thomas A. Edison, o poeta e ocultista irlandês William Butler Yeats, Swami Vivekananda, fundador do moderno movimento Vedanta.

Urano na *sexta Casa* acentua a necessidade de enfrentar as crises com fé e determinação. A vontade de transformação é invocada à medida que se experimentam as repercussões do fracasso ou ineficiência do passado. As enfermidades devem ser consideradas como um teste de desenvolvimento. Deve-se servir ao futuro em formação, não a um presente arraigado num passado obsoleto. Exemplo: Richard Wagner, apóstolo da "música do futuro", cuja vida foi uma longa série de crises.

Com *Urano na sétima Casa*, o indivíduo não pode se contentar com nenhum tipo inteiramente normal de relacionamento, inclusive o casamento. Ele pode agir como um psicólogo nos casos de crise em relacionamentos interpessoais - Carl Jung - ou nos casos de colapso dos modelos coletivos de associação - George Washington, Sun Yat-sen. Ele deve imprimir um espírito novo e livre no princípio de atividade cooperativa - Henry Ford e seu sistema de produção de linha de montagem.

Urano na *oitava Casa* exige um novo método de administrar os negócios, uma mente sem grilhões no enfoque da busca do além e no trabalho por meio de grupos. Ele acentua a necessidade de mudanças radicais na operação dos processos sociais - V. I. Lênin, Percy Bysshe Shelley.

Na *nona Casa*, Urano é chamado a revolucionar a mente de uma pessoa e seu enfoque tradicional da lei ou da religião organizada. Pode levar o indivíduo para os caminhos da descoberta física ou espiritual. Nada é demasiado grande ou seguro para ser desafiado, e isso geralmente por métodos nada convencionais - Gandhi, o duque e a duquesa de Windsor.

Na *décima Casa*, Urano indica uma vida pública que deve aceitar resolutamente a mudança ou então despedaçar-se - Stálin e Mussolini, a rainha francesa guilhotinada Maria Antonieta. Devem-se implementar novos conceitos de organização social ou profissional, e eles são necessários ao sucesso. O ímpeto da transformação pode mesmo ser irresistível.

Com Urano na *décima primeira Casa*, o indivíduo se vê tipicamente envolvido com ideais sociais, políticos ou culturais, em alguma reforma ou revolução. Ele deve fazer amizade com pessoas dinâmicas que o estimulem a transformar seus ideais - Victor Hugo, Disraeli.

Na *décima segunda Casa*, o impulso urânico pode voltar-se inteiramente para nossos próprios motivos subconscientes e para qualquer complexo que possa resultar da nossa "vida não vivida". O palco deve ser evacuado e preparado para o renascimento, ainda que isso tenha de se fazer no isolamento ou no amargor de uma aparente derrota. Uma nova

corrente de energia pode inundar a vida interior, uma vez que se abra plenamente para o futuro - Sri Aurobindo, que também teve Marte nessa Casa. A pessoa se torna um instrumento da transformação coletiva.

NETUNO numa casa natal transforma dissolvendo tudo o que resta do passado, mas conserva nessa dissolução e despersonalização o esboço sutil de um futuro mais amplo e abrangente - talvez daquilo que geralmente se chama de utopia.

Como as experiências relativas à *primeira Casa* normalmente giram em torno do que constitui a identidade exclusiva de um indivíduo e sua diferença dos demais, Netuno nessa Casa indica não ser este o meio de atingir a mais alta verdade do nosso ser. A atenção deve de preferência ser dirigida ao todo de que ele é parte; ou sua consciência deve abandonar toda impressão de estar focalizada e, por assim dizer, permitir que o universo entre. Assim, o sentido de ser, ao menos teoricamente, seria universalizado. Negativamente, isto pode levar à mediunidade e a uma auto-imagem nebulosa, e talvez a uma dependência a drogas psicodélicas. Pode levar a uma imensa compaixão pelos desfavorecidos e oprimidos - Victor Hugo, autor de *Os miseráveis* - ou pode indicar a presença de dotes psíquicos valiosos.

Netuno na *segunda Casa* tende a dissolver o sentimento normal de possessividade. A pessoa pode confiar na sociedade ou na vida em geral para lhe suprirem as necessidades. Em outros casos, o indivíduo pode deliberadamente transformar-se num canal pelo qual forças e movimentos coletivos possam atuar sem interferência.

Com Netuno na *terceira Casa*, a pessoa deve permitir que sua mente concreta e suas adaptações ao ambiente sejam iluminadas ou transfiguradas por forças coletivas ou místicas. Ele pode se tornar o porta-voz de revelações capazes de desafiar a qualidade de seu meio ambiente. Para Carl Jung isso significou uma contínua abertura para o inconsciente coletivo durante toda a sua vida.

Na *quarta Casa*, Netuno incita a pessoa a renunciar à sua confiança na tradição e nos modelos familiares - o duque de Windsor - talvez em nome de um maravilhoso ideal ou de uma fascinação pessoal. Mas também pode significar o uso de necessidades coletivas para estabelecer um fundamento de existência mais amplo, ou o incentivo para a pessoa se envolver com um campo mais vasto de experiência. Henry Ford fez isso, ao menos

simbolicamente, e seu carro popular foi responsável pela quebra dos limites do cenário doméstico.

Uma pessoa com Netuno na *quinta Casa* pode ver-se atraída por emocionantes aventuras e riscos insensatos. Pode lutar para impressionar a comunidade dando-lhe aquilo por que ela anseia, em vez de exteriorizar sua verdade existencial individual. Netuno na quinta Casa pode ser indício de dotes dramáticos ou musicais, ou de um fácil manejo de experiências afetivas.

Na *sexta Casa*, Netuno ajuda a dissolver o orgulho egoísta e a nos fazer experimentar, mediante crises pessoais, um profundo senso de catarse. A pessoa deve procurar servir a causas humanitárias, desenvolver compaixão, curar ou permitir que forças curativas atuem nesse sentido. No mapa de Gandhi, ele indicou a prática da não-violência e o uso da "força da Verdade" - *Satyagraha*.

Uma pessoa com Netuno na *sétima Casa* pode achar difícil focalizar a atenção *num* único parceiro. Ela pode dedicar não possuir nem *ser possuída* por ninguém. Novos ideais de relacionamento interpessoal devem iluminar a consciência. Aqui, o humanitarismo é exaltado e a busca de uma união transcendente pode ser muito absorvente - Richard Wagner.

Na *oitava Casa*, Netuno pode ser usado para universalizar o envolvimento em rituais em grupo e a produtividade em massa. Ele tende a fundir a consciência dos participantes numa experiência mística de unicidade suprapessoal. No nível dos negócios, ele sublinha o valor da propaganda e dos "persuasores ocultos". Pode levar a estados paradisíacos ilusórios.

Na *nona Casa*, Netuno é a sedução do misticismo ou das experiências psicodélicas e o anseio de alcançar o "estado unitivo" de consciência cósmica ou teocêntrica. Para um indivíduo com pendores mais prosaicos, pode conduzir a uma profissão relacionada com curas, sobretudo curas espirituais. Pode levar alguns ao mar e a seus vastos horizontes.

Na *décima Casa*, vemos Netuno impregnando a vida pública com uma consciência social que se expande para limites distantes e que busca uma comunidade ideal. No caminho, o indivíduo pode aceitar o socialismo como meio de chegar a determinado fim. O encanto da vida da sociedade também pode ser um atrativo.

Com Netuno na *décima primeira Casa*, a pessoa tende a ter ideais amplos e humanitários e a sonhar com belas utopias. As experiências relacionadas com a música e com as artes em geral que apresentem ideais mais ou menos abstratos e transcendentes devem ser muito valorizadas. O

indivíduo pode se sentir atraído por amigos idealistas ou com perspectivas altamente sociais.

Netuno na *décima segunda Casa* pode proporcionar ao indivíduo a faculdade de dissolver os fantasmas e memórias do passado, ou galardoa-lo com dotes psíquicos e com a capacidade de explorar amplos mas talvez imprecisos mananciais de conhecimento. Imagens subconscientes e impulsos pré-natais podem imiscuir-se na consciência. A compaixão pelos aflitos e pelos que a sociedade deixa que se afastem e pereçam pode *acarretar experiências nobilitantes*.

PLUTÃO pode permanecer num signo zodiacal por muitos anos e, em consequência disso, ele apresenta, antes de tudo, o estilo de vida de um período ou de uma geração. No mapa astrológico de um indivíduo, a posição de Plutão numa Casa tende a indicar em que campo de experiência a pessoa prestará sua maior contribuição a sua sociedade, e, em última análise, à humanidade. Não há muito mais que dizer acerca de sua posição nas Casas, porque as pessoas podem não reagir ao que esse símbolo do tipo de ser humano do século XX significa. Quando eficaz, ele geralmente proporciona experiências irredutíveis e irreprimíveis de alcance profundo. Ele tende a finalizar o processo de transformação iniciado por Urano, mas ao fazê-lo abre a porta para uma nova fase da evolução da consciência. O que passar por essa porta pode ser ofuscante e impressionante para a consciência normal da pessoa egocêntrica.

Em suma, uma pessoa *com* Plutão na *primeira Casa* contribuirá ao máximo com a sociedade acentuando o caráter *sui-generis* da sua individualidade. Ela pode girar em torno de forças coletivas ou espirituais, e deve *procurar* fazê-lo completamente e sem meias medidas. Com Plutão na *segunda Casa*, a pessoa deve contribuir com suas posses e com suas capacidades latentes em seu ser total físico-psíquico. Essas capacidades, herdadas do passado ancestral, podem, através dessa pessoa, adquirir um novo valor para a humanidade. Com Plutão na *terceira Casa*, a capacidade de um indivíduo para lidar significativamente - com o ambiente - sua inteligência e sua capacidade de comunicar informação - constitui o que de melhor ele pode legar aos que o conhecem.

Com Plutão na *quarta Casa* a contribuição mais valiosa de alguém para sua sociedade deve ser a capacidade, que se pode demonstrar na vida pessoal, de integrar diversas energias e impulsos numa personalidade sadia e poderosa. Integração, aqui, implica a exemplificação, numa nova formu-

lação do ser, das tradicionais raízes de uma atitude cultural sólida, ou a descoberta de um centro estritamente individual de onde se extraia vigor e segurança interna. Com Plutão na *quinta Casa*, uma pessoa pode ter um destino criativo a cumprir, se não permitir que objetivos menores lhe distraiam a atenção e a conduzam por vias emocionais transversas. Suas criações serão, portanto, a sua contribuição mais importante. Com Plutão na *sexta Casa*, a capacidade de trabalhar com firmeza e sem se deixar distrair, e a vontade de servir com total dedicação, serão sua maior contribuição, mesmo que o trabalho em si seja pouco importante no sentido absoluto.

Se Plutão estiver na *sétima Casa*, a capacidade que uma pessoa tem de estar relacionada intimamente com seus parceiros - porém em termos de princípios e de propósitos sociais mais do que numa base emocional-pessoal - pode representar a sua maior contribuição. Ela pode dar um novo tom aos contatos humanos e, desse modo, aos processos sociais. Na *oitava Casa*, Plutão pode estar ligado a um ou outro tipo de ritual. Provar que, juntos, os seres humanos podem produzir novos valores e liberar energias transcendentais pode ser a maior contribuição que uma pessoa nascida com Plutão nessa posição pode prestar. Com Plutão na *nona Casa*, uma pessoa pode contribuir inestimavelmente com experiências e compreensões intelectuais ou espirituais que obteve em sua busca de valores e de significados básicos.

Com Plutão na *décima Casa*, a participação característica de uma pessoa nos assuntos de sua comunidade e na "obra do mundo" deve representar sua contribuição mais significativa, pois esse é o seu modo de integrar as duas polaridades da existência, a individual e a coletiva. Plutão na *décima primeira Casa* tende a imprimir um caráter definido e talvez fatal aos ideais de um indivíduo e à sua concepção de melhores coisas por vir, para si mesmo e para os companheiros. Se ele puder ser um exemplo de firme e total interesse e concentração por esses ideais, esse simples fato pode representar uma grande contribuição para o enobrecimento do ser humano. Na *décima segunda Casa*, Plutão põe seu selo sobre os traços terminais de um ciclo de experiências. Aceitar esse "juízo" e encarar suas conseqüências com coragem e sem se desviar é a contribuição mais significativa e criativa para a típica capacidade humana de aprender com suas próprias derrotas, tanto quanto com suas realizações e, com base nisso, prosseguir de ciclo em ciclo.*

* Para um estudo do significado atribuído às posições dos nódulos lunares num mapa astrológico, cf. *The Planetary and Lunar Nodes* (Humanistic Astrology Series, nº5).

Epílogo

Em conclusão a este estudo das doze Casas astrológicas, eu gostaria de tornar a enunciar um ponto que a esta altura considero de importância fundamental, não só com referência à prática astrológica, mas para quase todos os campos da atividade humana.

Sublinhei alhures a diferença que existe entre um enfoque "atomista" e um enfoque "holista" da astrologia, e mostrei que o conflito entre eles e a possibilidade de integrar esses dois enfoques é de importância vital não só para a moderna ciência mas também para todas as disciplinas do pensamento.* A questão de que não podemos nos equivocar é a de saber se a consciência de uma pessoa interpreta suas experiências mais significativamente em relação a um todo, sobre cujas partes essas experiências lançam alguma luz, ou como fatos separados sobre os quais só uma análise demorada pode proporcionar-nos um conhecimento válido. Hoje, está claro, a espécie de conhecimento que nos *dá poder sobre* coisas definidas é que consideramos "válido".

Do ponto de vista astrológico, acaso poderemos realmente compreender um mapa astrológico e a pessoa como um todo, que ele presu-

Cf. *Astrology for New Minds* e *Astrology of Self-Actualization* (Humanistic Astrology Series nºs 1 e 2).

mivelmente representar, se atribuirmos significados definidos a cada planeta - ou a cada signo do zodíaco, a cada Casa, a cada aspecto - considerado como um fator isolado? Deveremos primeiro analisar, e depois tentar integrar os dados, por contraditório que isto seja, ou deveremos abordar o mapa primeiramente como um todo dotado de uma "forma" definida e considerá-la uma "palavra" complexa capaz de nos revelar algum "significado"? Um cuidadoso estudo dos muitos fatores constituintes desse todo - as "letras" que constituem a palavra - ainda seria necessário para compreendermos os pormenores do quadro total. Esse estudo analítico poderia alterar consideravelmente, além de conferir-lhe precisão, nossa primeira percepção "holista" do mapa, mas o que aprendêssemos analiticamente ainda se ajustaria ao quadro geral. A forma total do mapa permaneceria sendo o que é.

Outro modo de enunciar essas duas possibilidades é dizer que podemos examinar qualquer coisa que experimentamos - seja uma situação da vida ou um mapa astrológico - ou em termos de ser isso uma *entidade* claramente definível e persistente - ou seja, relativamente permanente - ou em termos de representar uma fase de um *processo*.

Se empregarmos a primeira abordagem, tenderemos a personalizar tudo o que pareça ser a causa de nossa experiência. Esta é a atitude do homem que chamamos primitivo. Tudo quanto ele vê ou sente considera "espírito". A nuvem, o relâmpago, a estação do ano, a aurora, uma doença etc, recebem nomes e são considerados entidades autônomas ou deuses a quem se pode dirigir preces ou que podem ser aplacados ou controlados mediante cerimônias adequadas e atos específicos. A humanidade ainda está operando muito nesse nível, mesmo em nossa sociedade supostamente muito avançada. Atribuimos à pessoa que conhecemos, um nome e talvez uma alma imortal mesmo que ela altere a sua aparência, passando de criança a adulto, ainda falamos dela como de um mesmo indivíduo. Falamos da ira como se ela fosse uma entidade absolutamente distinta da compaixão. Falamos da enfermidade denominada artrite, e o médico prescreve medicamentos que se destinam unicamente a eliminar os sintomas dessa doença. Falamos de átomos como entidades separadas dotadas de um caráter permanente, que pode ser alterado por outras entidades específicas que sobre eles atuem. Concebemos Deus, na maioria dos casos, como uma Entidade Suprema ou como uma Pessoa absoluta.

É claro que há exceções a isso, e hoje elas se multiplicam rapidamente. Os cientistas, agora, nos apresentam um quadro do universo

em que não só todas as coisas se transformam como ademais não podem ser definidas demasiado estritamente. O átomo se tornou um campo de energias e, para muitos psicólogos, o indivíduo já não é uma unidade irreduzível mas um complexo de fatores biopsíquicos em constante transformação. Além disso, o indivíduo e o ambiente são tidos como em estado de constante interação transformadora. Isto *não* quer dizer que não possamos falar de átomos, ou de pessoas com doenças específicas e de estações do ano, de descargas elétricas durante as tempestades ou de nuvens. Quer dizer, isto sim, que todas essas entidades podem e devem ser consideradas como manifestações temporárias e seqüenciais *de processos* que, no sentido mais amplo do termo, são cíclicos e incluem muitas fases diferentes.

Um processo, quando o encaramos como um todo, pode ser chamado de entidade; mas é uma entidade no sentido de que tem uma estrutura temporal, um começo e um fim. Quando vemos uma lagarta, sabemos que ela se transformará numa crisálida e numa borboleta ou mariposa. A forma da lagarta apenas representa uma fase de um processo que inclui as outras formas. De resto, se quisermos *compreender* o processo biológico de que essa lagarta é uma fase, precisaremos considerar sua relação com as p/antas em seu ambiente, *com* as estações, as condições do ar em torno dela etc.

A mudança do conceito de "entidade permanente" para o de "processo" foi provavelmente provocada pelos ensinamentos de Gautama, o Buda, há mais de vinte e cinco séculos. O Buda especificamente procurou *des-coisificar* o enfoque dado pelo homem ao próprio homem; ele fez isso ao negar que se pudesse falar de um ser humano como uma *entidade* permanente e reencarnante, que conservasse um caráter absoluto. A seus olhos, uma pessoa era a integração de muitos fatores em constante mutação e o resultado de causas e efeitos dentro de um processo mais extenso - a "roda da existência" - dotada de um padrão cíclico. O processo era real; a pessoa submetida à prova em qualquer tempo devia ser considerada apenas como uma fase dentro de um processo, que não obstante não a fazia menos "real" para quem quer que também estivesse envolvido no processo.

Em física atômica, diz-se que o elétron, em certas condições, pode ser considerado como partícula; em outras, como onda - uma "onda de possibilidades". Essa concepção tem parecido muito ambígua e insatisfatória para muita gente; todavia, pode e deve ser aplicada a todas as experiências

humanas. Também devia ser aplicada à astrologia e ao estudo das Casas de um mapa astrológico - como já assinalai.

Uma Casa astrológica - como a defino - é um setor de 30 graus do espaço em volta de um recém-nascido, mas não do zodíaco. É, portanto, uma das doze partes do seu universo - isto é, da *possibilidade total de experiência viável para ele*. Pode-se dividir essa possibilidade total em doze categorias básicas e, como o recém-nascido está no centro do espaço, as doze categorias *estão ali* em torno dele. Mas elas estão lá *no espaço* e só como possibilidades. O próprio recém-nascido também está lá no espaço como organismo total, mas esse organismo precisa se desenvolver *no tempo* a fim de desdobrar todas as suas possibilidades. À medida que o faz, as doze categorias básicas de experiência humana se abrem, uma a uma, para a expansão da consciência.

Nesse sentido, portanto, o termo "espaço" se refere unicamente ao que se poderia chamar de potencialidades arquetípicas da existência. Na verdade, é isso o que espaço significa sempre, pois estendendo-se pelo espaço e - se puder fazer isso - movimentando-se através do espaço, o ser humano tem a possibilidade de ter novas experiências. O espaço "está ali", agora, mas as experiências que ele nos oferece são *apenas potenciais*. Precisamos de tempo para alcançar essas experiências, à proporção que nos movimentamos no espaço, seja por nossos próprios esforços, seja à medida que a Terra nos leve a cada momento para uma nova região do espaço galáctico. Esse movimento da Terra pode bem ser o fator fundamental de toda evolução, assim como as estações do ano são o fator básico no cultivo anual das plantas, e a alternância de dias e noites e, conseqüentemente, dos estados de vigília e de sono - provavelmente muito mais do que pensamos! - é o fator básico do desenvolvimento da personalidade do indivíduo.

Mas, voltando às Casas astrológicas: elas existem no espaço como doze categorias arquetípicas de experiências individuais, mas essas experiências requerem o passar do tempo para serem plenamente efetivadas. Da mesma forma, os conceitos clássicos de "eras planetárias" e de "horas planetárias" também dizem respeito à realização de potencialidades. Todos os planetas sempre "estão ali", mas em certas épocas e em certos momentos do dia, podemos experimentar *mais concentradamente* os tipos funcionais de atividades a que eles se referem no simbolismo astrológico. Podemos conceber os planetas como entidades que nos enviam "raios" que de algum modo nos afetam sobre a Terra, mas também podemos concebê-los como fases ligadas a um processo que

estabelece a relação cíclica de uma pessoa com todo o sistema solar através dos dias e anos de sua existência como um todo orgânico.

Isso implica uma abordagem holista da experiência e mesmo do fato da existência em si. Não há dúvida de que também podemos representar e interpretar o universo e a nós próprios em termos de "ser", mas isso significa inevitavelmente em termos de *potencialidade de experiência*. Se tratamos de *experiências reais* e dos problemas que resultam do desenvolvimento pessoal do indivíduo num ambiente real e específico - e é com isso que os psicólogos e psicoterapeutas têm de lidar -, então temos de traduzir as categorias arquetípicas do "ser" nos fatos do "existir". Temos de lidar com circunstâncias e experiências - ou com a recusa da experiência! - uma após outra, como fases seqüenciais de um processo. A esse *processo podemos atribuir significado e propósito* e, ao fazê-lo, podemos mudar totalmente o significado e o propósito de cada experiência.

É essa abordagem psicológica ou psicoterapêutica que tenho adotado em todos os meus trabalhos sobre astrologia e filosofia. Nesse sentido, poderão me chamar de "existencialista", mas infelizmente essa palavra adquiriu ultimamente um sentido muito especial, referindo-se a uma atitude muito especial para com a vida e da qual discordo por inteiro e que considero, ao mesmo tempo, sem nenhuma lógica e muito deprimente. Convém repetir que falar de "processo" não implica a inexistência de "potencialidade arquetípica de ser". Temos de falar de espaço tanto quanto de tempo. Por ocasião do nascimento de qualquer organismo, o espaço existe, mas o espaço específico que circunda esse novo nascimento só tem significação para o recém-nascido em termos do tempo que esse organismo terá para realizar ou concretizar as potencialidades de experiência e de consciência contidas nesse fator espacial. Com o tempo teremos de considerar a velocidade de reação do organismo, que presumivelmente está relacionado com a velocidade de transmissão de dados dos sentidos - isto é, de "informação" - ao longo dos nervos do organismo.

Assim, cada organismo vivo - ou, antes, cada *unidade existencial* como um todo, pois isso deve incluir tanto os átomos como as galáxias - tem seu próprio espaço e tempo, ou *pelo menos* o espaço e o tempo das espécies de vida ou do nível cósmico de experiência a que pertence; tem uma velocidade específica de reação ao impacto exterior e a mudanças interiores. Presume-se que a velocidade da luz talvez constitua a "velocidade da reação" característica do cosmos - uma velocidade muitíssimo maior que a necessária para a transmissão de informações de

alguma parte do corpo humano até o cérebro e, no sentido inverso, para os órgãos de ação, simplesmente porque o tempo de duração da vida de um ser humano é muitíssimo menor que o de uma galáxia.

Por ocasião do nascimento de alguém, o espaço existe; por conseguinte, é perfeitamente válido discutir o sentido dos signos do zodíaco e das Casas - os dois arcabouços fundamentais da astrologia - em termos de relações geométricas e de polígonos inscritos num círculo, como até agora tem sido a prática mais usual. Mas eu tenho seguido o enfoque seqüencial ou rítmico porque, a meu ver, ele nunca foi plenamente explicado ou enfatizado e porque hoje, num momento decisivo da história humana, que impõe experiências geradoras de crises para o desenvolvimento das pessoas, a questão mais importante é a de saber como lidar construtivamente com essas experiências. E eu acredito que o melhor meio de tratá-las, de lhes dar sentido e propósito, e de as utilizar, é considerando-as como fases transitórias do vasto processo da existência humana.

Leia também

TRÍPTICO ASTROLÓGICO

Dane Rudhyar

Neste novo livro, Dane Rudhyar extrai da Astrologia uma grande riqueza de caráter psicológico e espiritual. São apresentadas novas interpretações dos signos zodiacais, das Casas e dos planetas, esclarecendo as três fases básicas do grande ritual que constitui o desenvolvimento espiritual do ser humano:

Tornar-se íntegro, mediante a assimilação daquilo que completa a personalidade; compreender que a existência individual resulta da iteração de determinado número de condições típicas que testam a nossa força, a nossa elasticidade e a nossa fé; e, tendo compreendido isso, vencer a tendência negativa com que nos deparamos a cada passo do caminho.

Tríptico astrológico é um livro para ser lido e relido. Cada capítulo vale por si mesmo, ainda que seja uma parte apenas da grande sinfonia de valores revelados e de metáforas inspiradas.

* * *

"Na minha opinião, o novo livro de Dane Rudhyar, *Tríptico astrológico*, representa, em outra linguagem, toda a psicossíntese em seu maior e mais elevado sentido espiritual."

ROBERTO ASSAGIOLI

"Seria difícil exagerar o entusiasmo que sinto pelo seu livro pois, embora eu conheça bem pouco de Astrologia, posso reconhecer logo um pensamento verdadeiro, profundo e original."

CLAUDE BRADGON

"Dane Rudhyar é único em seu poder de sintetizar todos os elementos e de incluir todo o pensamento moderno e os novos pontos de vista na Astrologia."

ANAIS NIN

"Quem quiser saber exatamente qual o propósito da Astrologia — quem quiser fazer uma 'experiência' — deve ler Dane Rudhyar."

HENRY MILLER

Outras obras do autor:

UM ESTUDO ASTROLÓGICO DOS
COMPLEXOS PSICOLÓGICOS
TRÍPTICO ASTROLÓGICO
A ASTROLOGIA DA
TRANSFORMAÇÃO
A PRÁTICA DA ASTROLOGIA
O CICLO DE LUNAÇÃO
A ASTROLOGIA E A PSIQUE
MODERNA

Outras obras de interesse:

MANUAL PRÁTICO DE
ASTROLOGIA
Bel-Adar
PLANETAS RETRÓGRADOS E
REENCARNAÇÃO
Donald H. Yott
TRIANGULAÇÃO DE SATURNO —
JÚPITER — MERCÚRIO
Donald H. Yott
JÚPITER E SATURNO — UMA NOVA
VISÃO DA ASTROLOGIA MODERNA
Liz Greene & Stephen Arroyo
ASTROLOGIA — PRÁTICA E PROFISSÃO
Stephen Arroyo
RELACIONAMENTOS E CICLOS
DA VIDA
Stephen Arroyo
A ASTROLOGIA DO DESTINO
Liz Greene
OS PLANETAS EXTERIORES E
SEUS CICLOS
Liz Greene

OS ASPECTOS ASTROLÓGICOS
Charles E. O. Carter
UM GUIA ASTROLÓGICO PARA O
CONHECIMENTO DE SI MESMO
Donna Cunningham
ASTROLOGIA LUNAR
Alexandre Volguine
JÚPITER — O SENHOR DO FUTURO
Alan Leo
SATURNO — O CONSTRUTOR DE
UNIVERSOS
Alan Leo
MANUAL DE ASTROLOGIA
MÉDICA
G.B.de Surany
INICIAÇÃO BÁSICA À
ASTROLOGIA ESOTÉRICA
R. Camaysar
ASTROLOGIA E
RELACIONAMENTO HUMANO
Lois H. Sargent
APRENDA ASTROLOGIA —
MÉTODO PRÁTICO E FÁCIL (3 vols.)
Marion D. March & Joan McEvers
OS ASTROS GOVERNAM NOSSAS
VIDAS
Diversos
OS NODOS LUNARES NA
ASTROLOGIA
Donna Van Toen
PLUTÃO
Puiggros

Peça catálogo gratuito à
EDITORA PENSAMENTO

AS CASAS ASTROLÓGICAS

Dane Rudhyar

Todos os aspectos da Astrologia abordados por Dane Rudhyar, em seus inúmeros livros, são pretexto para um mergulho na história do homem e do universo de que faz parte. *As Casas Astrológicas* não foge à regra. Se, por um lado, o objetivo é responder a perguntas tais como: O que são as Casas astrológicas? Para que servem? De onde nasceu o conceito de Casas e que uso faz dele a Astrologia Moderna? — por outro, esse objetivo se completa através de considerações históricas e de reflexões ponderadas sobre o aproveitamento da Astrologia na experiência humana.

Mais do que setores do espaço que circundam o ser humano no instante do seu primeiro alento, cada Casa astrológica representa um tipo básico de experiência humana, e indica a espécie de energia de que a pessoa deve valer-se para realizar satisfatoriamente esse tipo de experiência. Dentro desta abordagem, que se insere na visão humanista que tem Rudhyar da Astrologia, o conhecimento das Casas é fundamental para que se alcance a compreensão do mapa astrológico e, assim, a realização do próprio destino. Este estudo das doze Casas astrológicas é, sem dúvida, um guia claro e seguro na busca desse entendimento, que nos permitirá cumprir a grande experiência da vida ou, como nos lembra o autor, desse ato de renascimento permanente.

EDITORA PENSAMENTO